OBRAS PSICOLÓGICAS DE SIGMUND FREUD

Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente

1911-1915

1915-1920 VOLUME 2

1923-1938



SIGMUND Freud

O Inconsciente (1915)

Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos (1917)

Luto e Melancolia (1917)

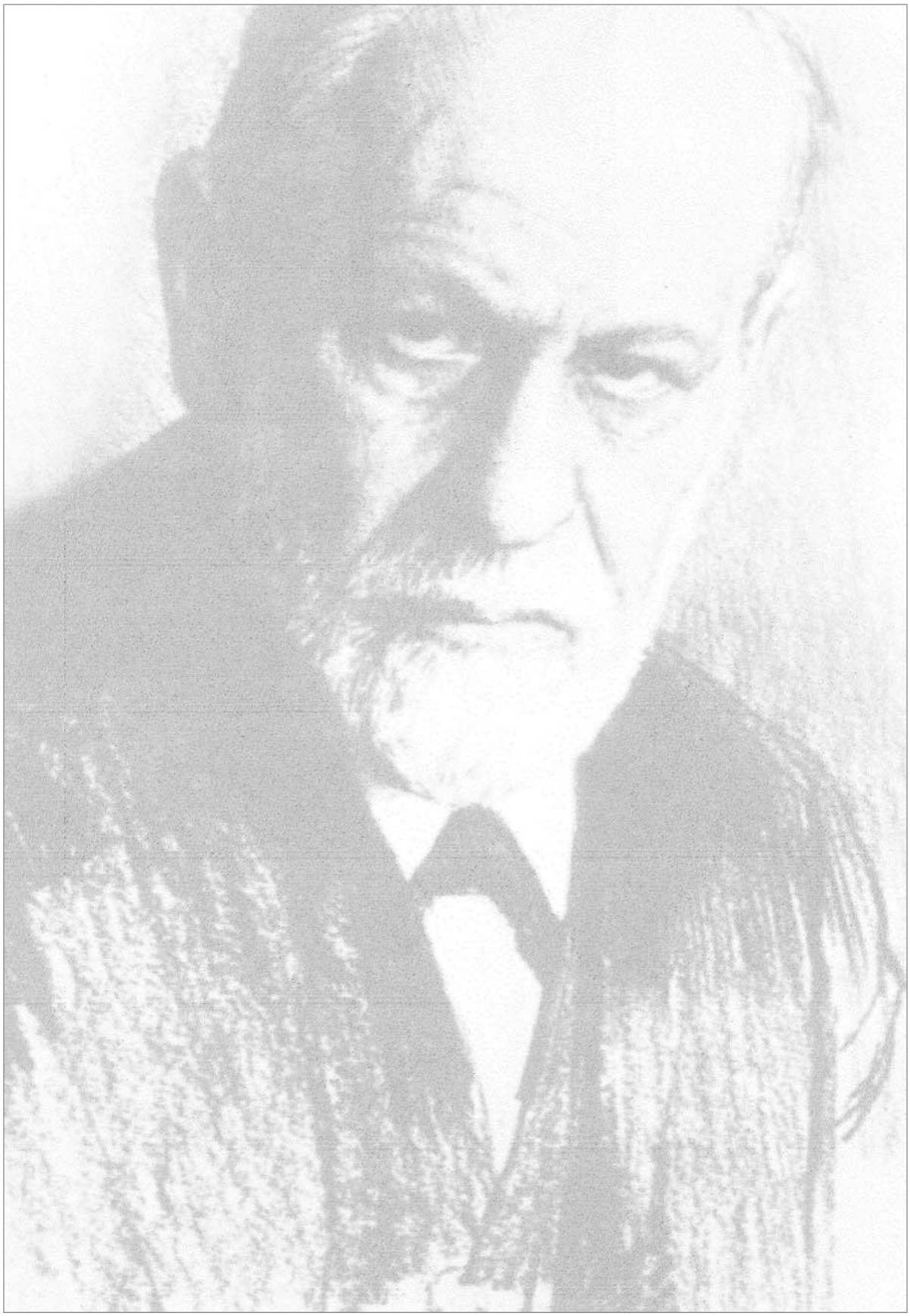
Além do Princípio de Prazer (1920)

IMAGO

OBRAS PSICOLÓGICAS DE

SIGMUND FREUD

Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente



COORDENAÇÃO GERAL DA TRADUÇÃO:

Luiz Alberto Hanns

1915-1920 VOLUME II

OBRAS PSICOLÓGICAS DE



SIGMUND FREUD

Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente

O Inconsciente (1915)

Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos (1917)

Luto e Melancolia (1917)

Além do Princípio de Prazer (1920)



Os títulos originais dos diversos trabalhos do presente volume estão referidos nas Notas do Editor Inglês (James Strachey), que os precedem.

Copyright under the International and Pan American Conventions.

© Portuguese Translation by IMAGO EDITORA 1969 — All rights reserved.
© James Strachey — Annotations, editorial matter and arrangements 1969.

Projeto Gráfico:
LUCIANA MELLO E MONIKA MAYER

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

F942e Freud, Sigmund, 1856-1939
v. 2 Escritos sobre a psicologia do inconsciente, volume II: 1915-1920 / Sigmund Freud; [coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns; tradutores Claudia Dornbusch… [et al.]; colaboradores das notas Binet, Bion, Griesinger e Lacan, Luiz Carlos Junqueira, Chaim Katz e Sonia Alberti; consultores da teoria da tradução João Azenha Jr. E Susana Kampff Lages]. — Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006.
232 pp. (Obras psicológicas de Sigmund Freud; v. 2)

Conteúdo: O inconsciente (1915) — Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos (1917) — Luto e melancolia (1917) — Além do princípio de prazer (1920)
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-312-1107-2
ISBN da Coleção 978-85-312-1105-8

1. Psicanálise. 2. Inconsciente (Psicologia).
I. Hanns, Luiz Alberto. II. Título. III. Série.

05-2833. CDD — 150.1952
CDU — 159.964.2

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo foto-mecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Editora.

2006

IMAGO EDITORA
Rua da Quitanda, 52/8º andar — Centro
20011-030 — Rio de Janeiro-RJ
Tel.: (21) 2242-0627 — Fax: (21) 2224-8359
E-mail: imago@imagoeditora.com.br
www.imagoeditora.com.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Coordenação geral da tradução:
Luiz Alberto Hanns

Tradutores:
Claudia Dornbusch, Helga Araujo,
Maria Rita Salzano e Luiz Alberto Hanns

Consultores para teoria da tradução:
João Azenha Jr. e Susana Kampff Lages

Sumário

Observações Preliminares

Abreviações Bibliográficas

Abreviações identificadoras das notas de fim de capítulo

Abreviações utilizadas nas notas de fim de capítulo

■ **O Inconsciente** 1915

Comentários editoriais da *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*

■ **Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos** 1917

Comentários editoriais da *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*

■ **Luto e Melancolia** 1917

Comentários editoriais da *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*

■ **Além do Princípio de Prazer** 1920

Comentários editoriais da *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*

“Suplementos à Teoria dos Sonhos”

Comentários do Editor Brasileiro

Bibliografia

Índice de Autores e Assuntos

Observações Preliminares

A polêmica em torno da tradução de Freud há muito deixou de ser tema exclusivo de especialistas. A maioria dos atuais leitores de Freud está ciente de que há concepções de tradução diversas, cada uma produzindo importantes diferenças de leitura. Assim, espera-se que o tradutor contemporâneo apresente sua concepção de tradução e justifique as opções terminológicas, e para tal remetemos os interessados ao volume I (“Os Critérios de Tradução Adotados”, pp. 15-60).

Alguns dos termos fundamentais da psicanálise que poderão ser encontrados neste volume não foram traduzidos por uma única palavra, mas por diversas palavras empregadas alternadamente.

Assim, por exemplo, dependendo do contexto, *Vorstellung* foi traduzida por “representação”, “idéia”, “noção”, “concepção” e “imagem”, entre outras alternativas — todas, sempre que necessário, seguidas do termo alemão entre colchetes. No caso específico de *Vorstellung*, constata-se que, por vezes, a acepção de “representação” se refere a uma única representação simples, por outras, a um complexo de representações simples que compõem uma frase ou idéia.

Consideramos importante manter a riqueza e as variações de sentido da palavra e evitar que se falseie sua leitura como se se tratasse de um conceito psicanalítico bem-acabado e definido. No texto de Freud, uma mesma palavra é com freqüência empregada no sentido corrente (sem carga conceitual) e, em outros contextos, numa acepção mais rigorosa e conceitual (ver nossas observações sobre “trama semântico-conceitual” no vol. I, pp. 15-24).

Também outros termos que nas últimas décadas têm sido traduzidos sempre por uma mesma palavra em português, por exemplo, *Genuss* (“gozo”), *Abfuhr* (“descarga”), *Bedürfnis* (“necessidade”), na presente tradução poderão aparecer, respectivamente, como “fruição” ou “deleite” [*Genuss*], “esvaziamento” ou “remoção” [*Abfuhr*] e “carência” ou “falta” [*Bedürfnis*], todos, quando necessário, seguidos de seu correspondente alemão entre colchetes.

Optamos não só por alterar a tradução de alguns termos já tradicionais na literatura psicanalítica brasileira, como também por restaurar os usos polissêmicos que Freud fazia dos termos, pois, em diversas ocasiões, ele explicitou que optava por determinadas palavras para designar um conceito justamente pelo fato de os vários sentidos e a riqueza semântica da palavra contribuírem para elucidar o conceito em questão. Assim, além de buscarmos circular por essa polissemia, também apresentamos aos interessados notas de fim de capítulo, identificadas pela letra T (tradutor), adicionando comentários semânticos relevantes.

Também é preciso lembrar que é próprio do estilo de Freud ora diferenciar dois conceitos, por exemplo, *Verdrängung* [“recalque”] e *Unterdrückung* [“repressão” ou “supressão”], ora tratá-los como sinônimos. Apesar de sua insistência no rigor, Freud sempre se declarou avesso ao engessamento conceitual — ver, por exemplo, os comentários do próprio Freud em “À Guisa de Introdução ao Narcisismo” (vol. I, p. 100) e “Pulsões e Destinos da Pulsão” (vol. I, p. 145).

Assim, em vez de privilegiarmos uma ilusória simetria dos significantes entre idiomas, cujas redes semânticas na verdade são tão diferentes, e de forçarmos uma conceptualização que Freud nunca tratou com intransigência, optamos por integrar as considerações conceituais às variações semânticas (ver vol. I, pp. 24-6).

Sabemos que as variações terminológicas que introduzimos em alguns termos exigem uma readaptação do leitor; entretanto, pensamos que vale a pena, pois o reaproximará do estilo freudiano

e enriquecerá em muito a leitura dos textos, plenos de aberturas e superposições.

Luiz Alberto Hanns

■ Abreviações Bibliográficas

Almanach 1928	*Almanach für das Jahr 1928*, Internationaler Psychoanalytischer Verlag, Viena, 1927.
Collected Papers	S. Freud, *Collected Papers* (5 volumes), Londres, 1924-50.
Conditio humana	Coleção *Conditio humana, Ergebnisse aus den Wissenschaften vom Menschen*, S. Fischer Verlag, Frankfurt sobre o Meno, 1969-75.
DCAF	Hanns, L., *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*, IMAGO Editora, Rio de Janeiro, 1996.
ESB	*Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud,* IMAGO Editora, Rio de Janeiro, 1974-87.
ESPI	S. Freud, *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (3 volumes), IMAGO Editora, Rio de Janeiro, 2004-2006.
G. S.	S. Freud, *Gesammelte Schriften* (12 volumes), Internationaler Psychoanalytischer Verlag, Viena, 1924-34.
G. W.	S. Freud, *Gesammelte Werke* (18 volumes e um volume complementar não numerado), volumes 1-17, Londres, 1940-52; volume 18, Frankfurt sobre o Meno, 1968; volume complementar, Frankfurt sobre o Meno, 1987. A edição completa é desde 1960 a da S. Fischer Verlag, Frankfurt sobre o Meno.
S. K. S. N.	S. Freud, *Sammlung kleiner Schriften zur*

	Neurosenlehre (5 volumes), Viena, 1906-22.
SE	*The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (24 volumes), The Institute of Psycho-Analysis, Hogarth Press, Londres, 1953-74.
Studienausgabe	S. Freud, *Studienausgabe* [Edição de Estudos], (10 volumes e um volume complementar não numerado), S. Fischer Verlag, Frankfurt sobre o Meno, 1969-75.

■ Abreviações identificadoras das notas de fim de capítulo

F	Notas redigidas pelo próprio Freud
SE	Notas da *Standard Edition*
T	Notas dos tradutores brasileiros

■ Abreviações utilizadas nas notas de fim de capítulo

Alt.	Alternativas terminológicas
Sign.	Significados da palavra
Conot.	Conotações
Obs.	Observações

O Inconsciente
1915

DAS UNBEWUSSTE

Edições alemãs:
1915 • *Int. Z. ärztl Psychoanal.*, 3 (4), 189-203 e (5), 257-69.
1918 • *S. K. S. N.*, 4, 294-338. (1922, 2ª ed.)
1924 • *G. S.*, 5, 480-519.
1924 • *Technik und Metapsychol.*, 202-41.
1931 • *Theoretische Schriften*, 98-140.
1946 • *G.W.*, 10, 264-303.

■ Comentários editoriais da *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*

A presente tradução inglesa, embora baseada na de 1925, foi amplamente reescrita.

Parece que este artigo levou menos de três semanas para ser escrito — de 4 a 23 de abril de 1915. Posteriormente, no mesmo ano, foi publicado no *Internationale Zeitschrift* em duas partes, a primeira contendo as Seções I-IV e a segunda, as Seções V-VII. Nas edições anteriores a 1924, o artigo não foi dividido em seções, mas o que agora constitui os títulos foi impresso como subtítulos na margem. A única exceção a isso é que a expressão "o ponto de vista tópico", que agora faz parte do título da Seção II, se encontra originalmente na margem, no início do segundo parágrafo da seção, à altura das palavras "Mas passemos agora (…)" (p. 25). Algumas pequenas alterações também foram feitas no texto da edição de 1924.

Se a série "Artigos sobre Metapsicologia" talvez sejam os mais importantes de todos os escritos teóricos de Freud, não há dúvida alguma de que este ensaio sobre "O Inconsciente" constitui seu ponto culminante.

O conceito segundo o qual existem processos mentais inconscientes é, naturalmente, fundamental para a teoria psicanalítica. Freud nunca se cansou de insistir nos argumentos que o apóiam e de combater as objeções levantadas contra ele. Na realidade, até mesmo a última parte não concluída de seus escritos teóricos, o texto escrito por ele em 1938, a que deu o título, em inglês, de "Some Elementary Lessons in Psycho-Analysis" (1940*b*), constitui uma nova justificação desse conceito.

Contudo, deve-se esclarecer de imediato que o interesse de Freud por essa suposição jamais foi de natureza filosófica — embora, sem dúvida, problemas filosóficos se encontrassem inevitavelmente próximos. Seu interesse era antes *prático*. Ele achava que, sem fazer

essa suposição, era incapaz de explicar ou mesmo de descrever a grande variedade de fenômenos com que se defrontava. Por outro lado, ao proceder assim, abriu o caminho para uma região imensamente fértil em novos conhecimentos.

Naquele período, e em seu ambiente mais próximo, não houve grande resistência a essa idéia. Seus professores diretos — Meynert, por exemplo —, na medida em que se interessavam pela psicologia, orientavam-se principalmente pelos conceitos de J. F. Herbart (1776-1841), e parece que um livro didático contendo os princípios herbartianos era usado na escola secundária freqüentada por Freud (Jones, 1953, pp. 409 e segs.). O reconhecimento da existência de processos mentais inconscientes desempenhou um papel essencial no sistema de Herbart. Apesar disso, Freud não adotou imediatamente essa hipótese nas primeiras fases de suas pesquisas psicopatológicas. É verdade que, desde o início, ele parece ter sentido a força do argumento a que dá tanta ênfase nas páginas iniciais do presente artigo — isto é, que a tentativa de restringir os fatos mentais aos que são conscientes e entremeá-los de fatos puramente físicos e neurais rompe "as continuidades psíquicas" e introduz lacunas ininteligíveis na cadeia de fenômenos observados. Havia, no entanto, duas formas pelas quais essa dificuldade poderia ser superada. Poderíamos desprezar os fatos físicos e adotar a hipótese de que as lacunas são preenchidas com eventos mentais inconscientes; ou poderíamos desprezar os fatos mentais conscientes e estruturar uma cadeia puramente física, ininterrupta, que abrangeria todos os eventos da observação. Para Freud, cuja carreira científica, no princípio, fora inteiramente voltada para a fisiologia, essa segunda possibilidade exerceu de início uma atração irresistível. Essa atração foi sem dúvida fortalecida pelos conceitos de Hughlings Jackson, por cuja obra ele revelou admiração em sua monografia sobre as afasias (1891*b*). (Um trecho dessa monografia é reproduzido adiante, no Anexo B, p. 53.) Conseqüentemente, Freud começou por adotar o método neurológico de descrição dos fenômenos psicopatológicos. Todos os seus escritos do período de Breuer baseiam-se confessadamente nesse método. Ele ficou intelectualmente fascinado pela possibilidade de construir uma "psicologia" a partir de ingredientes puramente neurológicos, tendo

dedicado vários meses do ano de 1895 à realização dessa tarefa. Assim, a 27 de abril daquele ano (Freud, 1950*a*, Carta 23), escrevia ele a Fliess: “Estou tão profundamente mergulhado na ‘Psicologia para Neurologistas’, que ela me consome por inteiro, a ponto de me ver obrigado a interromper minhas atividades por excesso de trabalho. Jamais estive tão intensamente preocupado com alguma coisa. E será que isso redundará em alguma coisa? Espero que sim, mas a caminhada é árdua e lenta”. Isso redundou em alguma coisa muitos meses depois — a obra incompleta que conhecemos como “Projeto para uma Psicologia”, encaminhada a Fliess em setembro e outubro de 1895. Essa surpreendente produção visa a descrever e explicar toda a gama do comportamento humano, normal e patológico, por meio de uma manipulação complicada de duas entidades materiais — o neurônio e a “quantidade numa condição de fluxo”, uma energia física ou química não especificada. A necessidade de postular quaisquer processos mentais inconscientes foi, dessa forma, inteiramente evitada: a cadeia de eventos físicos era ininterrupta e completa.

Sem dúvida, muitas razões contribuíram para que o “Projeto” jamais tenha sido concluído e para que toda a linha de raciocínio por trás dele fosse logo abandonada. O motivo principal, porém, foi que Freud, o neurologista, fora superado e deslocado por Freud, o psicólogo: tornara-se cada vez mais evidente que até mesmo o elaborado mecanismo dos sistemas de neurônios era canhestro e grosseiro demais para explicar as sutilezas que estavam sendo trazidas à luz pela “análise psicológica”, sutilezas que só poderiam ser explicadas na linguagem dos processos mentais. De fato, vinha ocorrendo muito gradativamente um deslocamento do interesse de Freud. Por ocasião da publicação da monografia sobre as afasias, seu tratamento do caso de Frau Emmy von N. já datava de dois ou três anos, e sua anamnese fora escrita mais de um ano antes do “Projeto”. É numa nota de rodapé a essa anamnese (*Edição* Standard *Brasileira*, vol. II, p. 120, IMAGO Editora, 1974) que se encontra publicado pela primeira vez o termo “o inconsciente”; e, embora a teoria ostensiva subjacente à participação de Freud nos *Estudos sobre a Histeria* (1895*d*) pudesse ser neurológica, a psicologia — e com ela a necessidade de pressupor processos

mentais inconscientes — já se insinuava firmemente. Na realidade, toda a base da teoria de repressão na histeria e do método catártico de tratamento clamava inequivocamente por uma explanação psicológica, e só através dos mais penosos esforços ela foi explicada neurologicamente na Parte II do "Projeto". Alguns anos depois, em *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), ocorrera uma estranha transformação: não só o relato neurológico da psicologia desaparecera completamente, como também grande parte do que Freud escrevera no "Projeto" em termos de sistema nervoso se tornara agora válido, e muito mais inteligível, ao ser traduzido em termos mentais. Estabeleceu-se o inconsciente de uma vez por todas.

Porém, deve-se repetir que Freud não estabeleceu uma mera entidade metafísica. O que ele fez no Capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos* foi, por assim dizer, dotar a entidade metafísica de carne e sangue. Pela primeira vez, revelou o inconsciente tal como era, como funcionava, como diferia de outras partes da mente, e quais eram suas relações recíprocas com elas. No artigo que se segue, ele retoma essas descobertas, ampliando-as e aprofundando-as.

Numa fase anterior, todavia, tornara-se evidente que o termo "inconsciente" era ambíguo. Três anos antes, no artigo que escreveu em inglês para a Sociedade de Pesquisas Psíquicas (1912*g*), e que, sob muitos aspectos, é preliminar ao presente artigo, Freud investigara cuidadosamente essa ambigüidade e estabelecera diferenças entre os empregos "descritivo", "dinâmico" e "sistemático" da palavra. Ele repete as distinções na Seção II deste artigo (pp. 24 e segs.), embora de forma ligeiramente diversa, tendo novamente voltado a elas no Capítulo I de *O Eu e o Id* (1923*b*) e, numa extensão ainda maior, na Conferência XXXI das *Novas Conferências Introdutórias* (1933*a*). A maneira desordenada pela qual o contraste entre "consciente" e "inconsciente" se ajusta às diferenças entre os vários sistemas da mente já é mencionada claramente adiante (p. 42); mas a posição em seu todo só ficou nítida quando, em *O Eu e o Id*, Freud introduziu um novo quadro estrutural do aparato psíquico. Apesar da atuação insatisfatória do critério "consciente ou inconsciente?", Freud sempre insistiu em dizer (como o faz também no presente artigo, e novamente em *O Eu e o Id* e nas *Novas*

Conferências Introdutórias) que esse critério “é, em última instância, o nosso único farol nas trevas da psicologia profunda”.*

Por estranho que pareça, foi Breuer, em sua contribuição teórica aos *Estudos*, o primeiro a fazer uma defesa das idéias inconscientes (*Edição* Standard *Brasileira*, vol. II, IMAGO Editora, 1974).

Palavras finais do Capítulo I de *O Eu e o Id*. Para os leitores de língua inglesa, deve-se observar que existe, ainda, outra ambigüidade em *unconscious* (“inconsciente”) que quase não aparece em alemão. As palavras alemãs *bewusst* e *unbewusst* têm a forma gramatical de particípios passados, e seu sentido usual é algo como “conscientemente conhecido” e “não conscientemente conhecido”. O inglês *conscious* (“consciente”), embora possa ser usado da mesma maneira, é também empregado, e talvez mais comumente, num sentido ativo: “ele estava consciente do som” e “ele jazia ali inconsciente”. Os termos alemães muitas vezes não possuem esse significado ativo, sendo importante ter em mente que, em tudo o que se segue, “consciente” deve, em geral, ser compreendido num sentido passivo. Por outro lado, a palavra alemã *Bewusstsein* (aqui traduzida por “consciência”), tem um sentido ativo. Assim, Freud fala de um ato psíquico que se torna “um objeto da consciência”; mais uma vez, no último parágrafo da primeira seção do artigo (p. 24), ele se refere à percepção [dos processos mentais] por meio da consciência”; e, em geral, quando emprega expressões como “nossa consciência”, está-se referindo à nossa consciência de alguma coisa. Quando deseja mencionar a consciência de um estado mental no sentido passivo, emprega o termo *Bewusstheit*, aqui traduzido por “o atributo de ser consciente”, “o fato de ser consciente” ou simplesmente “ser consciente” onde o inglês *conscious*” (“consciente”), como quase sempre nestes artigos, deve ser considerado no sentido passivo.

A experiência psicanalítica nos mostra que a essência do recalque[T.1] não reside em suspender ou aniquilar a idéia[T.2] [*Vorstellung*] que representa uma pulsão, mas em impedir que a idéia se torne consciente. Nesses casos, dizemos que a idéia está recalcada e se encontra em estado “inconsciente”. Contudo, temos fortes evidências de que mesmo permanecendo inconsciente a idéia recalcada é capaz de continuar a produzir efeitos sobre a psique e de que alguns dos seus efeitos acabam por alçar-se à consciência do sujeito. Embora tudo o que foi recalcado precise permanecer inconsciente, esclareçamos de antemão que o recalcado não abarca todo o inconsciente.[T.3] Ou seja: o inconsciente tem maior abrangência que o recalcado, este é apenas uma parte do inconsciente.

E como poderíamos chegar a conhecer o inconsciente? Evidentemente, isso só é possível quando ele sofre uma transposição ou tradução para o consciente.[T.4] Embora o trabalho psicanalítico nos proporcione diariamente a experiência de que tal tradução é possível, para que isso ocorra é preciso que o analisando supere resistências que ao rechaçarem do seu consciente determinados conteúdos os transformaram em material recalcado.

■ I

O que justifica afirmar a existência do inconsciente

Nosso direito de supor a existência de um psiquismo[T.5] inconsciente e de trabalhar cientificamente com essa suposição tem sido contestado por muitos. Podemos responder que a suposição do inconsciente é *necessária* e *legítima* e que dispomos de numerosas *provas* de sua existência. Ela é necessária, porque os dados da consciência[T.6] têm muitas lacunas. Tanto em pessoas sadias quanto em doentes ocorrem com freqüência atos[T.7] psíquicos que, para serem explicados, pressupõem a existência de outros atos para os quais, no entanto, a consciência não fornece evidências. E estamos nos referindo aqui não apenas aos atos falhos e aos sonhos das pessoas sadias, mas a todos os chamados sintomas psíquicos e manifestações obsessivas[T.8] nos doentes. Além disso, por meio da nossa experiência cotidiana mais pessoal, todos nós entramos em contato com idéias que nos ocorrem súbita e espontanemente, e cuja origem desconhecemos, e também com produtos de pensamento cujo processo de elaboração nos permanece oculto. Todos esses atos conscientes permaneceriam incoerentes e incompreensíveis se insistíssemos na alegação de que só por intermédio da consciência podemos experienciar os atos psíquicos que ocorrem dentro de nós. Entretanto, se pudermos inferir a existência de atos inconscientes e interpolarmos entre esses atos conscientes os atos inconscientes, então tudo isso que antes parecia incompreensível adquirirá um novo ordenamento compreensível e demonstrável. Ora, tal ganho de sentido e coerência por si só justificaria que avançássemos além da experiência imediata. Mas, se, além disso, pudermos construir um procedimento — fundado na suposição de um inconsciente — capaz de influenciar eficazmente o curso dos processos conscientes, teremos então uma prova irrefutável da existência do inconsciente. Uma prova assim não só nos permitiria refutar o argumento de que tudo que ocorre na psique necessariamente é do conhecimento do nosso consciente, como também afirmar que essa exigência não passa de uma *pretensão insustentável e arrogante*.

Mas a suposição da existência de um estado psíquico inconsciente nos permitiria ir ainda mais longe e dizer que a cada momento a consciência só abarca um conteúdo psíquico pequeno, de modo que a maior parte daquilo que chamamos de conhecimento consciente se encontra necessariamente e por longos períodos em estado de latência, ou seja, num estado de inconsciência psíquica.[T.9] Assim, se levarmos em conta as nossas lembranças em estado latente, a oposição à nossa hipótese da existência do inconsciente tornar-se-ia totalmente insustentável. Contudo, neste ponto sabemos que iremos nos deparar com a conhecida objeção de que essas lembranças latentes não podem mais ser qualificadas como psíquicas, e sim que correspondem a resíduos de processos somáticos, a partir dos quais poderá surgir novamente o psíquico. A esta objeção é fácil retrucar: a lembrança latente é, pelo contrário, um resquício indubitável de um processo psíquico. No entanto, mais importante do que vencer um argumento é nos darmos conta de que essa objeção se baseia em uma equivalência não explícita, mas estabelecida de antemão, entre o conceito de consciente e de psíquico. Essa equivalência é uma *petitio principii* — que nem sequer permite que se questione se todo o psíquico necessariamente tem de ser consciente — ou uma questão de convenção, de nomenclatura. Neste último caso, como toda convenção, ela seria obviamente irrefutável e restaria saber se ela se mostraria tão adequada e útil a ponto de justificar sua adoção. Na realidade, estamos em condições de demonstrar que convencionar uma equivalência entre o psíquico e o consciente é algo totalmente sem sentido. Essa equivalência desfaz as continuidades psíquicas e lança-nos nas já conhecidas dificuldades insolúveis do paralelismo psicofísico.[SE.10] Tal equivalência também merece outra crítica: a de que superestima o papel da consciência sem apresentar argumentação consistente alguma. Por fim, cabe ainda dizer que ela nos forçaria a abandonar prematuramente o campo da pesquisa psicológica sem ser capaz de nos compensar com conhecimentos oriundos de outras áreas.

Penso que ficou claro que a questão sobre se devemos conceber os irrefutá-veis estados latentes da vida psíquica como fenômenos psíquicos inconscientes ou como fenômenos físicos pode acabar no terreno da disputa terminológica. Portanto, para avançarmos nessa

questão, é recomendável que nos concentremos naquilo que conhecemos com segurança acerca da natureza desses estados tão controversos. No que tange às suas características físicas, eles nos são totalmente inacessíveis; não há conceito fisiológico nem processo químico que nos possam dar a menor noção acerca de sua natureza. Por outro lado, do ponto de vista psíquico, sabemos com segurança que eles têm abundantes pontos de contato com os processos psíquicos conscientes. Também sabemos que, com certo empenho, esses estados latentes podem ser transformados em processos psíquicos conscientes ou até substituídos por eles. Além disso, esses estados latentes podem ser descritos com as mesmas categorias que utilizamos para nos referirmos aos atos psíquicos conscientes: podemos designá-los como idéias ou como representações [*Vorstellungen*], anseios [*Strebungen*],[T.11] resoluções e outros termos semelhantes. A respeito de alguns desses estados latentes, pode-se afirmar que a única coisa que os distingue dos estados conscientes é justamente a ausência de consciência. Portanto, não há por que não tratá-los como objetos de pesquisa psicológica e em estreita relação com os atos psíquicos conscientes.

Na realidade, a recusa obstinada daqueles que não querem enxergar um caráter psíquico nos atos psíquicos latentes deve-se ao fato de que a maioria dos fenômenos que examinamos não se tornou objeto de estudos fora do âmbito da psicanálise. Para desconsiderar a existência de atividades psíquicas inconscientes, é preciso desconhecer os fatos da patologia e tomar os atos falhos das pessoas normais por meros acasos, além, é claro, de se dar por satisfeito com o velho adágio de que “sonhos nada significam”;[T.12] enfim, é preciso passar ao largo de diversos dos enigmas da psicologia da consciência. Aliás, cabe acrescentar que já antes da época da psicanálise[SE.13] as experiências hipnóticas, em especial a sugestão pós-hipnótica, demonstraram de forma convincente a existência e o modo de ação do inconsciente psíquico.

Mas, além de necessária e demonstrável, a suposição da existência do inconsciente é também — como já havíamos afirmado — totalmente *legítima*, pois, como demonstraremos a seguir, ao postulá-la, estamos reproduzindo exatamente o modo como nossa psique opera e lida com essas questões. Para demonstrarmos este

ponto, iniciemos por mencionar que a consciência transmite a cada um de nós tão-somente o conhecimento a respeito dos nossos próprios estados psíquicos. A dedução de que outras pessoas também possuem uma consciência só visa a tornar os comportamentos dos outros mais compreensíveis para nós, e chegamos a ela somente *per analogiam*, isto é, partindo das manifestações e ações que percebemos nos semelhantes. (Do ponto de vista psicológico, seria mais correto dizer que atribuímos automaticamente — e sem refletir — às outras pessoas a mesma constituição e a mesma consciência que percebemos em nós, e que essa identificação é de fato o pré-requisito para a nossa compreensão do outro.) Primitivamente, essa dedução — ou essa identificação — era inferida do Eu para as outras pessoas, animais, plantas, coisas inanimadas e para a totalidade do mundo. Contudo, ela era utilizável somente enquanto a semelhança com o Eu individual parecia ser muito grande, mas ao longo da história humana tal semelhança foi sendo considerada cada vez menos confiável à medida que se percebia que esses outros elementos se diferenciavam do próprio Eu. Atualmente, nossa capacidade crítica nos deixa inseguros até mesmo da existência de uma consciência nos animais; quanto às plantas não lhes atribuímos consciência alguma, e no que tange à crença em uma consciência das coisas inanimadas, nós a consideramos puro misticismo. Mas mesmo nos casos em que essa nossa tendência primitiva à identificação com o outro nos parece plausível, isto é, quando se trata de outro ser humano, é preciso lembrar que a suposição de uma consciência no outro se baseia num processo dedutivo e não compartilha a certeza imediata provida pela percepção interna que temos de nossa própria consciência.

Ora, o que a psicanálise reivindica é apenas que esse mesmo processo dedutivo seja aplicado também à própria pessoa. No entanto — ao contrário do que ocorre com nossa tendência a nos identificarmos com nossos semelhantes —, por natureza não estamos inclinados a aplicarmos a nós mesmos de forma automática esse procedimento reverso. Para procedermos dessa forma reversa, é preciso que tomemos todos aqueles atos e manifestações que percebemos em nós mesmos — mas que nos parecem inexplicáveis

por não se correlacionarem com o que sabemos de nossa própria vida psíquica — e busquemos explicá-los de modo análogo ao que faríamos se tais atos pertencessem a outra pessoa. Mas a experiência nos mostra que, quando se trata de outras pessoas, o ser humano sabe interpretar os atos latentes muito bem e consegue inseri-los perfeitamente no encadeamento do mundo psíquico alheio; quando se trata de si mesmo, o indivíduo resiste e nem sequer admite a existência psíquica desses atos. Portanto, neste ponto, a pesquisa, quando dirigida ao próprio funcionamento íntimo da pessoa, é desviada de seu rumo por um viés específico situado no próprio sujeito que o impede, assim, de vir a se compreender.

Em decorrência da dificuldade de admitirmos um inconsciente em nós mesmos, sempre que tentamos aplicar esse procedimento dedutivo a nós mesmos, provocamos uma oposição interna que não nos permite desvelar a existência do nosso próprio inconsciente. Ao contrário: é possível que nos leve à suposição aparentemente lógica de uma segunda consciência, que estaria amalgamada à consciência que já nos é conhecida. Entretanto, tal hipótese não se sustenta ante o senso crítico e merece diversas objeções. A primeira objeção é que uma suposta consciência da qual o próprio portador nada saberia ainda é de outra natureza do que uma consciência alheia e, portanto, não pode ser comparada àquela; ademais, não parece adequado discutir uma segunda consciência se ela nem sequer possui o caráter mais importante que a distinguiria, isto é, o caráter de se fazer presente à consciência. Além disso, alguém que resista à hipótese de que exista um conteúdo psíquico inconsciente não deveria dar-se por satisfeito em trocá-la pela hipótese de uma *consciência inconsciente*. A segunda objeção residiria no argumento de que a psicanálise nos mostrou que cada um dos processos psíquicos latentes que inferimos funciona com um alto grau de independência, como se não estivessem inter-relacionados e nada soubessem uns dos outros. Portanto, rejeitar a hipótese da existência de um inconsciente tornaria necessário supor não apenas uma segunda consciência em nós, mas também uma terceira, uma quarta, talvez uma série infinita de estados de consciência, que seriam desconhecidos por nós e entre si. A terceira objeção traria um argumento ainda mais forte. Refere-se ao fato de que a partir do

exame psicanalítico sabemos que uma parte desses processos latentes possui características e peculiaridades que assumem as formas mais estranhas e até mesmo inacreditáveis que contrariam diretamente as propriedades da consciência por nós conhecidas. Assim, parece ser mais coerente desistirmos da hipótese de uma segunda consciência, pois o que se acabou por comprovar foi justamente a existência de atos psíquicos desprovidos de consciência. E aqui devemos ainda acrescentar que a tentativa de resistir à hipótese da existência do inconsciente utilizando o termo "subconsciente" também não teria sentido, pois o termo não seria adequado para designar nossa descoberta, nos induziria ao erro e está incorreto.[SE.14] Tampouco evocar os conhecidos casos de *"double conscience"* (cisão da consciência) serviria de argumento contra a nossa concepção. Esses casos de cisão podem ser mais adequadamente descritos como casos em que houve uma cisão das atividades psíquicas em dois grupos, e a consciência volta-se alternadamente para um ou outro desses grupos.

Em rigor, do ponto de vista da psicanálise, não nos resta alternativa a não ser considerarmos todos os processos psíquicos em si como inconscientes. Podemos comparar a percepção que a consciência tem desses processos à percepção que os órgãos sensoriais têm do mundo exterior.[SE.15] Aliás, podemos utilizar essa comparação para explicar mais alguns aspectos da relação entre consciente e inconsciente. É verdade que a suposição psicanalítica da existência de uma atividade psíquica inconsciente pode nos parecer, por um lado, análoga a uma expansão do animismo primitivo — que nos espelha e por toda a parte multiplica cópias fiéis da nossa própria consciência —; porém, por outro lado, podemos considerá-la uma extensão análoga à retificação que Kant propôs para a percepção do mundo externo. Ou seja, assim como Kant nos alertou para que não nos esquecêssemos das contingências subjetivas de nossa percepção e para que não tomássemos nossa percepção como idêntica ao objeto percebido — objeto perceptível, embora de fato incognoscível —, também a psicanálise nos alerta para que não coloquemos a percepção da consciência no lugar do próprio objeto dessa percepção: o processo psíquico inconsciente. Tal como ocorre na dimensão do que é físico, também o psíquico não

precisa de fato ser o que nos parece. Contudo, apesar da comparação acima, na psicanálise temos a vantagem de a retificação que propomos a respeito do funcionamento da percepção interna não oferecer dificuldades tão grandes quanto a da percepção externa. Além disso, é preciso dizer que no nosso caso o objeto interno é menos incognoscível do que os objetos do mundo exterior.

■ II

Os múltiplos sentidos do inconsciente e o ponto de vista tópico

Antes de prosseguirmos, ressaltemos um fato tão importante quanto dificultador: a inconsciência[T.16] é apenas uma marca distintiva do psíquico, mas tal marca de modo algum é suficiente para uma adequada caracterização dos atos psíquicos. Existem atos psíquicos pertencentes a categorias muitos diversas umas das outras, mas que podem compartilhar a mesma característica de serem inconscientes. Por um lado, o inconsciente abrange atos meramente latentes, isto é, provisoriamente inconscientes, mas que de resto em nada se diferenciam dos conscientes, e, por outro, abrange também processos como, por exemplo, os processos recalcados, que, se fossem tornados conscientes, contrastariam de forma crassa com o restante dos processos conscientes. Certamente acabaríamos com todos os mal-entendidos se na descrição dos diferentes atos psíquicos de agora em diante desconsiderássemos o fato de serem conscientes ou inconscientes, classificando-os e correlacionando-os apenas de acordo com a relação que mantêm com as pulsões [*Triebe*][T.17] e as metas [*Ziele*],[T.18] bem como de acordo com a sua composição, e levando em conta a sua pertinência aos diferentes sistemas psíquicos supra-ordenados. No entanto, por vários motivos isso é impraticável, não temos como escapar da ambigüidade, e teremos de utilizar os termos “consciente” e “inconsciente” ora no sentido descritivo, ora no sistêmico, com os significados de pertinência a determinados sistemas e de posse de certas características. Poderíamos, ainda, tentar evitar a confusão usando outros nomes arbitrariamente escolhidos para designar tais sistemas psíquicos, sem aludirmos à consciência [*Bewusstheit*]. Contudo, ainda assim teríamos de justificar em que se baseia a diferenciação dos sistemas, e aí seria difícil contornarmos a questão da consciência [*Bewusstheit*], uma vez que ela é de fato o ponto de partida de todas as nossas pesquisas.[SE.19] Para facilitarmos, talvez possamos propor, ao menos na escrita, o uso das abreviações *Cs* e

Ics, de modo que, quando nos referimos ao sentido sistêmico, empregamos *Cs* para a consciência [*Bewusstsein*] e *Ics* para o inconsciente [*Unbewusstes*].[SE.20]

Mas passemos agora para definições positivas dos conceitos: a psicanálise afirma que um ato psíquico passa, em geral, por duas fases e que entre ambas há uma espécie de teste (*censura*). Na primeira fase, o ato psíquico se encontra em estado inconsciente e pertence ao sistema *Ics*; se no teste ele for rejeitado pela censura, a passagem para a segunda fase ser-lhe-á interditada;[T.21] nesse caso, ele é designado na psicanálise como "recalcado" e terá de permanecer inconsciente. Mas, caso seja aprovado no teste, ele ingressa na segunda fase e passa a pertencer ao segundo sistema, que chamamos de sistema *Cs*. No entanto, a mera pertinência a esse sistema ainda não define de forma inequívoca a sua relação com a consciência. Esclarecendo: ele pode ainda não se encontrar em estado consciente, mas certamente ser *capaz de tornar-se consciente*,[T.22] (de acordo com a expressão de J. Breuer),[SE.23] isto é, sob certas condições ele agora pode tornar-se objeto da consciência sem ter de enfrentar maiores resistências. Levando em conta essa capacidade de vir a tornar-se consciente, também designamos o sistema *Cs* como *"pré-consciente".* Entretanto, se constatarmos que também o grau de censura determina a transformação ou não do pré-consciente em consciente, então precisaremos diferenciar com maior rigor o sistema *Pcs* do *Cs*. [Cf. p. 41.] Mas por ora deixemos esta questão de lado; basta retermos, neste momento, a noção de que o sistema *Pcs* compartilha as características do sistema *Cs* e que a censura severa cumpre a sua função na transição entre o *Ics* e o *Pcs* (ou *Cs*).

Ao aceitar esses (dois ou três) sistemas psíquicos, a psicanálise distanciou-se mais um passo da psicologia descritiva da consciência, formulando novas perguntas e agregando um novo conteúdo ao nosso acervo de conhecimentos. De fato, até então a psicanálise distinguia-se da psicologia principalmente pela concepção *dinâmica* dos processos psíquicos, mas com esses novos avanços a psicanálise agora também considera a *tópica* psíquica, e pretende ser capaz de indicar em que sistema ou entre que sistemas um ato

psíquico qualquer está ocorrendo. Devido a esse anseio, a psicanálise também mereceu o nome de *psicologia profunda.*[SE.24] Mais adiante mostraremos que ainda há outro importante ponto de vista que se acrescentará à perspectiva psicanalítica.[SE.25]

Se quisermos levar a questão da tópica dos atos psíquicos a sério, devemos voltar nosso interesse para uma relevante dúvida que se impõe. Quando um ato psíquico (e limitemo-nos aqui a atos como as idéias [*Vorstellungen*]) passa do sistema *Ics* para o sistema *Cs* (ou *Pcs*), devemos supor que essa transição implica uma nova fixação, isto é, um processo análogo a um novo segundo registro da referida idéia? Portanto, que também a nova inscrição estaria situada em numa nova localidade psíquica, que a partir de então passaria a existir em paralelo ao antigo registro inconsciente original?[SE.26] Ou devemos supor que a transposição consiste em uma mudança de estado que se aplica ao mesmo material e no mesmo local? Essa questão pode parecer estranha, mas deve ser suscitada se quisermos ter uma concepção mais definida da tópica psíquica e da dimensão psíquica profunda. A questão é difícil, pois transcende o puramente psicológico e aborda as relações do aparato psíquico com a anatomia. Sabemos apenas em linhas muito gerais que tais relações existem. As pesquisas demonstram de modo inquestionável que a atividade psíquica está vinculada à função do cérebro, em um nível de proximidade maior do que a qualquer outro órgão. Mas as pesquisas científicas foram além — embora não saibamos até onde isso nos levará — e puderam estabelecer uma não-equivalência no papel das diversas partes do cérebro em sua relação especial com determinadas partes do corpo e com certas atividades psíquicas. No entanto, todas as tentativas de adivinhar a localização exata dos processos psíquicos, todos os esforços de pensar as idéias como estando arquivadas em células nervosas específicas e de conceber as excitações como transitando sobre determinadas fibras nervosas fracassaram redondamente.[SE.27] Uma teoria que, por exemplo, reconhecesse no córtex a posição anatômica do sistema *Cs* — o da atividade psíquica consciente — e que quisesse transferir os processos inconscientes para as partes subcorticais do cérebro, certamente teria o mesmo destino frustrante.[SE.28] Há aqui um hiato que no momento não temos como preencher, e que também não é

tarefa da psicologia. Nossa tópica psíquica *por enquanto* nada tem a ver com a anatomia; ela se refere a regiões do aparato psíquico, onde quer que elas de fato possam estar localizadas no corpo, e não a localizações anatômicas.

Isto significa que, nesse aspecto, nosso trabalho é livre e que podemos proceder segundo as necessidades que forem se impondo. Contudo, é útil lembrar que, antes de tudo, nossas suposições têm apenas sentido figurado, são esquemas descritivos para que visualizemos melhor os processos. A primeira das duas possibilidades a que havíamos aludido, ou seja, que a fase *Cs* de uma idéia que surge na psique é um novo registro desta, situado em outro local, é, sem dúvida, a mais grosseira, mas também a mais cômoda. A segunda suposição, a de uma mera mudança *funcional* de estado, é de antemão a mais provável, embora menos plástica e mais difícil de manipular. A primeira suposição, que é tópica, implica uma separação tópica dos sistemas *Ics* e *Cs*, bem como a possibilidade de que uma idéia possa estar simultaneamente presente em dois lugares do aparato psíquico; e mais: que essa idéia, sem a inibição imposta pela censura, avance regularmente de uma posição para outra, eventualmente sem perder seu primeiro *locus* ou registro. Isso pode soar estranho, mas de fato apóia-se em experiências da prática psicanalítica.

Quando logramos desvelar uma idéia outrora recalcada pelo paciente e a comunicamos a ele, de início nada muda no estado psíquico dele. Nossa comunicação não levanta o recalque e não reverte suas conseqüências, como talvez esperássemos por termos tornado consciente uma idéia antes inconsciente. Pelo contrário, num primeiro momento, o que conseguimos é provocar uma nova rejeição da idéia recalcada. Mas agora o paciente tem efetivamente a mesma idéia sob duas formas em locais distintos de seu aparato psíquico; em primeiro lugar, ele tem a memória [*Erinnerung*][T.29] consciente das marcas ou do rastro [*Spur*][T.30] auditivo da idéia, o qual foi deixado pela comunicação que recebeu de nós; em segundo lugar, além disso, ele comprovadamente carrega dentro de si a lembrança inconsciente da vivência mantida em sua forma anterior original.[SE.31] Na realidade, o recalque não será levantado antes que tenha ocorrido a superação das resistências que impedem a idéia

consciente de entrar em contato com os rastros [*Spur*] da memória [*Erinnerung*] inconsciente. Apenas quando essa marca se tornar consciente teremos obtido sucesso. Assim, em uma aproximação superficial, poderia parecer adequadamente comprovado que as idéias conscientes e inconscientes são registros diferentes e topicamente separados do mesmo conteúdo. No entanto, a suposta identidade da informação dada ao paciente com a lembrança recalcada é só aparente, pois ter apenas escutado algo ou tê-lo efetivamente vivenciado são duas coisas completamente diferentes do ponto de vista de sua natureza psicológica, embora tenham o mesmo conteúdo.

Portanto, no momento ainda não estamos em condições de decidir se a passagem do inconsciente ao consciente consiste em uma mudança tópica ou funcional. Talvez mais adiante encontremos fatores que possam ser determinantes para optarmos por uma das duas possibilidades. Talvez venhamos a perceber que as perguntas que formulamos até aqui foram insuficientes e que a distinção entre a idéia inconsciente e a consciente ainda deva ser redefinida de forma totalmente diferente.[SE.32]

■ III

Sentimentos inconscientes

Até aqui havíamos limitado nossa discussão à categoria das representações mentais [*Vorstellungen*],[T.33] mas chegou o momento de abordarmos uma nova questão, cuja elucidação certamente irá contribuir para o avanço de nossas concepções teóricas. Dizíamos que há representações mentais conscientes e inconscientes; mas será que também há impulsos pulsionais [*Triebregungen*],[T.34] sentimentos e sensações inconscientes, ou não faz sentido imaginar que existam tais combinações?

Penso que de fato uma oposição entre consciente e inconsciente não se aplica às pulsões. Uma pulsão nunca pode tornar-se objeto da consciência, isto só é possível para a idéia [*Vorstellung*] que representa[T.35] essa pulsão na psique. Mas, em rigor, também no inconsciente essa pulsão só pode ser representada por uma idéia. Ou seja, se a pulsão não aderisse[T.36] a uma idéia ou não se manifestasse como um estado afetivo, dela nada saberíamos. Se, no entanto, mesmo assim utilizamos até aqui expressões como “impulso pulsional inconsciente” ou “impulso pulsional recalcado”, devemos agora esclarecer que, apesar de inofensivas, se trata de expressões imprecisas. É mais do que óbvio que nesses casos estamos nos referindo a um impulso pulsional, cuja representação ideacional é inconsciente, nem poderíamos estar nos referindo a outra coisa.[SE.37]

Talvez muitos agora imaginem que, no que tange às sensações, aos sentimentos e aos afetos inconscientes, a resposta seja tão fácil quanto o foi com relação às pulsões. Afinal, como se sabe, faz parte da natureza de um sentimento o fato de ser sentido, ou seja, de que a consciência tome conhecimento da existência dele. Portanto, uma inconsciência de sentimentos, sensações e afetos não seria possível. Por outro lado, na prática psicanalítica, recorrentemente falamos, por exemplo, em amor, ódio, raiva, etc. inconscientes e achamos inevitável utilizar até mesmo composições estranhas, tais como “consciência inconsciente de culpa” ou um paradoxal “medo inconsciente”. Será que esse nosso uso lingüístico é análogo ao que

constatamos com referência ao sentido de “pulsão inconsciente”, ou ele vai além?

Ora, no caso dos afetos a situação realmente é bem outra. Pode acontecer que, num primeiro momento, uma moção de afeto [*Affektregung*],[T.38] ou uma moção de sentimento [*Gefühlsregung*], embora seja percebida, não seja identificada corretamente. Essa má interpretação ocorre porque a idéia que representa a moção de afeto sofreu um recalque. Assim, uma vez que a representação ideacional foi tirada de cena, a moção, para poder veicular-se, foi obrigada a estabelecer uma nova conexão com outra representação mental, que agora passa a represen-tá-la. Portanto, agora a moção de afeto será considerada pela consciência como a efetiva e fiel expressão dessa nova representação, ou seja, o afeto é tomado como efetivamente pertencente àquela nova representação. Em psicanálise, quando reconhecemos a distorção ocorrida e logramos restabelecer as conexões originais corretas, designamos de “inconsciente” a moção de afeto original, embora na verdade seu afeto jamais tenha sido de fato inconsciente; apenas a idéia que o representava é que sucumbiu ao recalque. Na realidade, a nossa utilização das expressões “afeto inconsciente” e “sentimento inconsciente” refere-se aos destinos que o fator quantitativo contido na moção pulsional [*Triebregung*] poderá ter, como conseqüência de ter sofrido um recalque.[SE.39] Sabemos que esse destino pode ser tríplice: o afeto ou continua existindo como tal, no todo ou em parte, ou transforma-se numa quota de afeto de outra qualidade, principalmente em medo, ou, ainda, é reprimido [*unterdrückt*],[T.40] isto é, seu desencadeamento é impedido. (Essas possibilidades talvez possam ser mais facilmente estudadas na elaboração dos sonhos do que nas neuroses.[SE.41]) Sabemos também que a repressão [*Unterdrückung*] do desencadeamento do afeto é o verdadeiro objetivo do recalque e que seu trabalho permanece inacabado se o objetivo não for alcançado. Em todos os casos em que o recalque consegue impedir que os afetos aflorem, chamamos esses afetos, que logramos reinstalar ao desfazermos o trabalho de recalque, de “afetos inconscientes”. Portanto, não se pode negar a coerência das expressões acima citadas, mas, em comparação com a idéia inconsciente, há uma diferença significativa: a idéia inconsciente continua existindo como formação real no

sistema *Ics* após o recalque, enquanto no mesmo local, em vez do afeto inconsciente, há apenas um ponto de ancoragem potencial[T.42] que não pôde desenvolver-se. Apesar de o uso lingüístico permanecer imaculado, em rigor não existem, portanto, afetos inconscientes, tal como existem idéias inconscientes. Mas no sistema *Cs* pode, sim, haver formações de afeto que venham a se tornar conscientes tal como ocorre com outros tipos de formação que conhecemos. Toda a diferença origina-se no fato de que idéias consistem em cargas investidas — basicamente em traços de lembranças — ao passo que os afetos e sentimentos correspondem a processos de descarga[T.43] [*Abfuhrvorgänge*] cujas manifestações finais são percebidas como sensações. Levando em conta o que hoje sabemos dos afetos e sentimentos, não temos modo mais claro de descrever essa diferença.[SE.44]

De especial interesse para nós é a constatação de que o recalque pode bloquear o processo de transformação da moção pulsional em expressão de afeto. Essa constatação nos mostra que o sistema *Cs* normalmente controla tanto a afetividade quanto o acesso à motricidade. Ela também realça o papel do recalque, mostrando que ele produz não apenas o afastamento da consciência, mas também impede o desencadeamento do afeto e da atividade muscular. Inversamente, também podemos dizer que, enquanto o sistema *Cs* estiver controlando a afetividade e a motricidade, poderemos designar o estado psíquico do indivíduo como normal. No entanto, há uma clara diferença na relação que o sistema dominante mantém com estes dois processos de descarga [*Abfuhr*] tão próximos um do outro.[F.45] Enquanto o controle exercido pelo *Cs* está firmemente alicerçado na motricidade voluntária, resistindo regularmente ao ataque da neurose, só vindo a desmoronar na psicose, o controle do desencadeamento do afeto está menos protegido pelo *Cs*. Mesmo no contexto de uma vida normal, pode-se reconhecer uma luta constante entre os sistemas *Cs* e *Ics* pela primazia sobre a afetividade. Por um lado, estabelecem-se esferas de influência; por outro, ocorrem combinações cruzadas entre as forças atuantes.

Quando se entende a função que o sistema *Cs* (*Pcs*) tem para as vias de acesso à liberação de afetos e à ação, também fica mais claro o papel da idéia substitutiva na formação da doença. Pode

ocorrer que o desencadeamento do afeto parta diretamente do sistema *Ics*; nesse caso, o afeto terá sempre o caráter de medo e acabará assumindo o lugar de todos os outros afetos "recalcados". Mas com freqüência a moção pulsional tem de aguardar até encontrar uma idéia substitutiva no sistema *Cs*. Nesse caso, o desencadeamento do afeto partirá desse substituto consciente e o caráter qualitativo do afeto corresponderá à natureza desse substituto. Afirmamos anteriormente[SE.46] que no processo de recalque o afeto se separa de sua idéia e ambos seguem seus destinos separadamente. Do ponto de vista descritivo, trata-se de um fato indiscutível; no entanto, em geral, o verdadeiro processo é o de que um afeto não se forma enquanto não houver a ruptura para encontrar uma nova substituição no sistema *Cs*.

■ IV

Tópica e dinâmica do recalque

Até este ponto, concluímos que o recalque é essencialmente um processo que ocorre na fronteira entre os sistemas *Ics* e *Pcs* (*Cs*) e que ele opera sobre as idéias [*Vorstellung*] que aí se encontram. Podemos agora tentar descrever esse processo de forma mais detalhada. Trata-se necessariamente de uma retirada da carga de investimento, mas perguntamo-nos em que sistema essa retirada ocorre e a que sistema essa carga retirada pertence.

Como a idéia recalcada ainda mantém no *Ics* sua capacidade de ação, é claro que ela deve ter conservado sua carga de investimento. O que foi retirado deve ser algo diferente.[SE.47] Se tomarmos o recalque propriamente dito (que também designamos ocasionalmente como um calcar *a posteriori*[SE.48] [*Nachdrängen*])[T.49], e examinarmos como ele opera sobre a idéia pré-consciente — ou mesmo sobre uma idéia já tornada consciente —, então o recalque só poderia consistir em uma operação de retirada da carga de investimento (pré-)consciente que estava contida na idéia, ou seja, na retirada de uma carga de investimento pertencente ao sistema *Pcs*. Nesse caso, podemos ter três resultados: a idéia [*Vorstellung*] afica esvaziada de carga, ou recebe uma carga do *Ics*, ou, ainda, mantém a carga *ics* que já possuía antes. Isto é: ou ocorreu uma retirada da carga pré-consciente e a idéia foi esvaziada de sua energia, ou manteve-se a carga de investimento do inconsciente, ou houve uma substituição da carga pré-consciente por uma carga oriunda do inconsciente. Ao lançarmos essas hipóteses, acabamos por inserir implicitamente — quase que de forma involuntária — a suposição de que a passagem do sistema *Ics* para outro situado próximo a ele não se dá por meio de um novo registro ou inscrição,[T.50] mas por uma mudança de estado, uma transformação na carga de investimento. Aqui, a hipótese funcional desbancou facilmente a hipótese tópica.[SE.51]

Entretanto, essa nossa explicação sobre o processo de retirada de libido[SE.52] não é suficiente para tornar compreensível outra

característica do recalque: por que a idéia que conservou sua carga de investimento, ou que foi provida de carga pelo *Ics,* não tenta penetrar de novo no sistema *Pcs*, tal como seria de esperar, uma vez que a idéia está preenchida de cargas de investimento? Afinal, se fosse esse o caso, seria lógico pensar que a retirada de libido teria de se repetir e o mesmo jogo se prolongaria indefinidamente, mas seu resultado não seria o recalque. Contudo, a explicação que demos acima sobre o mecanismo de retirada da carga de investimento pré-consciente nos traz ainda outra dificuldade, a saber, ela coloca em xeque nossa descrição do recalque original, pois, no recalque original já preexiste uma idéia [*Vorstellung*] inconsciente que ainda não recebeu a carga do *Pcs*, de modo que não haveria carga pré-consciente a ser retirada dessa representação.

Precisamos supor aqui a existência de outro processo, que, no caso do recalque secundário — o denominado calcar *a posteriori* —, nos permita assegurar a manutenção do esforço de recalque e que, no caso do recalque original, nos permita explicar sua instalação inicial e sua continuidade: a única hipótese plausível é imaginarmos que exista um *contra-investimento de carga* por meio do qual o sistema *Pcs* se protege da pressão de retorno ao consciente exercida pela idéia [*Vorstellung*]. Veremos a seguir, através de exemplos clínicos, como se manifesta o *contra-investimento de carga*, que opera no sistema *Pcs*. Antes, porém, devemos já adiantar que o dispêndio constante [de energia] que sustenta e garante a durabilidade do recalque original reside justamente nesse contra-investimento de carga; podemos dizer que é ele que representa esse dispêndio. De fato, o recalque original constitui-se tão-somente no mecanismo de contra-investimento de carga, enquanto no recalque propriamente dito (no calcar *a posteriori*) há ainda outro mecanismo a ser acrescentado: a retirada da carga de investimento *pcs*. É bem possível que essa carga de investimento retirada da idéia seja então utilizada para servir de contra-investimento de carga.

Como se pode perceber, introduzimos paulatinamente um terceiro ponto de vista na nossa apresentação dos fenômenos psíquicos. Agora, além do dinâmico e do tópico,[SE.53] destacamos o ponto de vista *econômico*, isto é, uma perspectiva que visa a acompanhar o destino das quantidades de excitação e busca, ao menos

aproximativamente, estimar as magnitudes dessas quantidades. Creio que vale a pena dotar de um nome específico essa tripla forma de compreensão dos fenômenos, pois ela é a consolidação mais plena daquilo que procuramos na pesquisa psicanalítica. Sugiro chamar toda descrição do processo psíquico que envolva as relações *dinâmicas, tópicas* e *econômicas* de descrição *metapsicológica*.[SE.54] Entretanto, posso adiantar que, no atual estágio de nossos estudos, ainda não estamos em condições de atingir plenamente essa meta; em verdade, até este momento só conseguimos formular uma descrição metapsicológica de alguns processos isolados.

Tentemos, pois, dar mais um passo e fazer agora uma primeira descrição metapsicológica do processo de recalque, e tomemos para tal as três neuroses de transferência conhecidas. Nesse contexto, iremos substituir o termo "investimento de carga" por "libido",[SE.55] pois, como se sabe, trata-se aqui dos destinos de pulsões sexuais.

Comecemos pelo quadro de histeria de angústia [*Angsthysterie*].[T.56] Neste caso, há uma primeira fase do processo que freqüentemente passa despercebida, ou até mesmo é desconsiderada, mas que, numa observação mais atenta, podemos discernir claramente. Essa primeira fase caracteriza-se pela manifestação de um medo [*Angst*] que o sujeito não saberia a que atribuir. Aqui cabe a seguinte suposição: o processo começa com uma manifestação de cunho amoroso [*Liebesregung*] que brota no *Ics* e tenta forçar a passagem ao sistema *Pcs*. Contudo, uma correspondente carga de investimento também já existente no *Pcs* estava direcionada à iniciativa amorosa e, ao percebê-la, retraiu-se, numa reação análoga a uma tentativa de fuga. Assim, a carga de investimento libidinal inconsciente contida na idéia que foi rejeitada — por não ter outra idéia que pudesse veiculá-la — acabou tendo de ser descarregada [*Abfuhr*] diretamente, irrompendo na forma de medo.[T.57] Após essa fase inicial, o processo, ao se repetir mais algumas vezes, enseja um primeiro passo para que a psique aprenda a lidar [*Bewältigung*][T.58] com este tão indesejado desencadeamento de medo.[SE.59] O aprendizado ocorreria do

seguinte modo: a carga de investimento [*pcs*] em fuga direcionou-se para uma idéia substitutiva e ocupou-a. Essa idéia substitutiva estava associativamente ligada à idéia rejeitada; entretanto, encontrava-se distante dela o suficiente para poder escapar à ação do recalque (*substituição por deslocamento*);[SE.60] assim, embora o desencadeamento de medo não pudesse ser inibido por essa ação de fuga, ao menos surgia no *Cs* uma idéia ou representação substitutiva que permitia agora racionalizar o motivo do desencadeamento de medo. Por um lado, essa idéia substitutiva passou então a ter para o sistema *Cs* (*Pcs*) o papel de contra-investimento de carga, protegendo-o contra a invasão da idéia recalcada; por outro lado, essa mesma idéia substitutiva tornou-se justamente um ponto de partida que será especialmente propício para uma liberação desimpedida do afeto de medo — que agora, muito mais do antes, se mostra intensificado. Essa idéia chega a comportar-se como se ela mesma fosse o motivo desencadeador do medo. A observação clínica da histeria de angústia [*Angsthysterie*] mostra que a partir dessa fase, por exemplo, uma criança que sofra de fobia de algum animal passará a sentir o medo sob duas circunstâncias: ou quando a moção de amor recalcada se intensifica, ou quando a criança percebe a presença do animal que provoca o medo. No primeiro caso, diremos que a idéia substitutiva está se comportando como um ponto de transição do sistema *Ics* para o sistema *Cs*, e, no segundo, como uma fonte autônoma da liberação do medo. Ocorre então uma progressiva ampliação do domínio do sistema *Cs* que pode ser notada no fato de o papel do objeto fóbico na excitação da idéia substitutiva ir se tornando cada vez mais preponderante, ao passo que a excitabilidade aos estímulos oriundos de fontes internas vai agora passando para um segundo plano. Talvez, ao final, a criança se comporte como se nem possuísse inclinação alguma em relação ao pai, como se tivesse se libertado dele totalmente e como se tivesse mesmo medo do animal. Contudo, apesar de cada vez mais parecer tratar-se somente de medo referente a um animal, esse medo continua a ser alimentado pela fonte pulsional inconsciente. Ele é grande demais e refratário à influência emanada do sistema *Cs* para não se perceber sua origem no sistema *Ics*.

Assim, na segunda fase da histeria de angústia, o contra-investimento de carga proveniente do sistema *Cs* acabou por levar à constituição psíquica de uma formação substitutiva. Contudo, em uma terceira fase, esse mesmo mecanismo logo terá de encontrar uma nova aplicação, pois o processo de recalque, como sabemos, ainda não foi concluído, e sua próxima tarefa será inibir a liberação do medo, que passou a irradiar-se a partir da idéia substitutiva.[SE.61] Essa nova plataforma de irradiação de medo se forma porque há um entorno que está ligado associativamente à idéia substitutiva e que também passa a ser investido de cargas de grande intensidade, de modo que se forma uma zona ampliada de alta excitabilidade. Portanto, basta agora ocorrer uma excitação em um ponto qualquer dessa zona para já dar início a um pequeno desencadeamento de medo. Entra em cena então a nova aplicação do mecanismo de formação de substitutos: esse pequeno desencadeamento de medo passará a ser usado como um sinal para iniciar de imediato a inibição de uma potencial continuação do desencadeamento progressivo de medo, e ocorre então uma nova série de fugas da carga de investimento [*pcs*].[SE.62] Quanto mais os contra-investimentos de carga conseguirem distanciar-se da idéia substitutiva causadora de medo, tanto mais exato e preciso poderá ser o funcionamento desse mecanismo. Em essência, o mecanismo reside em deslocar esses contra-investimentos, sempre sensíveis e alertas. Sua meta é isolar a idéia substitutiva, bem como dela desviar as novas excitações. Evidentemente, esses cuidados só servem de proteção contra as excitações que chegam à idéia substitutiva vindas de fora, pelas vias da percepção, mas nunca são eficazes contra o impulso pulsional, que se origina de dentro e atinge diretamente a idéia substitutiva utilizando-se das vias de ligação desta com a idéia recalcada. E mesmo como defesa contra as excitações externas, essas proteções só funcionam se a idéia substitutiva assumiu a função de representar [*Vertretung*] a idéia recalcada — muito embora se deva dizer que essas proteções nunca se mostrarão muito confiáveis. Na realidade, a cada aumento de excitação pulsional, será preciso deslocar um pouco mais para fora essa muralha protetora formada em torno da idéia substitutiva. Toda essa construção psíquica, que de forma análoga também é produzida nas

outras neuroses, leva o nome de *fobia*. Esse processo de fuga da carga de investimento consciente, evitando a idéia substitutiva, resultará ao final nas conhecidas evitações, renúncias e proibições, a partir das quais caracterizamos uma histeria de angústia (*Angsthysterie*). Numa visão geral de todo o processo, podemos dizer que a terceira fase repetiu o trabalho da segunda em maior extensão. O sistema *Cs* agora se protege contra a ativação da idéia substitutiva realizando um contra-investimento de carga que tomará para si todo o entorno, assim como anteriormente havia se protegido contra o afloramento da idéia recalcada através de um investimento de carga que tomou a idéia substitutiva. Assim, a formação de substitutos continuou a ocorrer por meio desse deslocamento de cargas. Notemos que no início desse processo havia no sistema *Cs* só um pequeno ponto vulnerável — que era constituído pela idéia substitutiva — e pelo qual o impulso recalcado podia penetrar; mais tarde formou-se em torno da idéia substitutiva toda uma extensa zona fóbica que passou a servir de enclave para que o inconsciente exercesse sua influência. Além disso, cabe destacar aqui um aspecto de interesse para nós: o mecanismo de defesa colocado em funcionamento na fobia logrou projetar o perigo pulsional para fora. O Eu, então, comporta-se como se o perigo de desencadeamento de medo não se originasse de um impulso pulsional, mas estivesse sendo veiculado pela percepção de algo externo, e, portanto, pode reagir contra esse perigo externo com as tentativas de fuga típicas das evitações fóbicas. Em um aspecto, esse processo de recalque sempre tem êxito: a liberação de medo pode ser até certo ponto represada, embora com grande sacrifício da liberdade pessoal. Entretanto, de modo geral, quaisquer tentativas de fugir das reivindicações pulsionais costumam ser inúteis, e também no caso da fuga fóbica o resultado acabará sendo insatisfatório.

Grande parte do que encontramos na histeria de angústia vale também para as duas outras neuroses, por isso, ao abordá-las a seguir, poderemos nos limitar a discutir as diferenças, bem como o papel do contra-investimento de carga. Na histeria de conversão, veremos que a carga de investimento pulsional contida na idéia recalcada é convertida na inervação do sintoma. Contudo, em que medida e sob que circunstâncias a carga de investimento que

ocupava a idéia inconsciente foi drenada para a inervação, de modo a permitir que a idéia parasse de exercer pressão sobre o sistema *Cs*, é uma pergunta que deveremos, juntamente com outras questões semelhantes, deixar para outra oportunidade, quando pudermos nos dedicar um exame específico da histeria.[SE.63] Na histeria de conversão, o papel do contra-investimento de carga que parte do sistema *Cs* (*Pcs*) é muito nítido e se mostra na própria formação de sintomas. É o contra-investimento que escolhe sobre que parte do representante pulsional[T.64] [*Triebrepräsentanz*] pode ser concentrada toda a carga de investimento desse mesmo representante. Essa parte do representante escolhida para funcionar como sintoma preenche então a dupla condição de dar expressão tanto à meta desejada [*Wunschziel*][T.65] pelo impulso pulsional quanto ao esforço de defesa — ou de punição — que parte do sistema *Cs.* Portanto, essa parcela do sintoma, além de receber dos dois lados as camadas de investimento que irão se superpor, também é sustentada pelos dois lados de modo análogo ao que ocorreu com a idéia substitutiva na histeria de angústia. Com base nessa situação, pode-se concluir que na histeria de conversão o esforço do sistema *Cs* para sustentar o recalque não precisa ser tão grande quanto a energia investida no sintoma, pois a força do recalque é medida apenas pela carga de contra-investimento despendida, ao passo que o sintoma se apóia não só na carga de contra-investimento recebida do *Cs*, mas também na carga de investimento pulsional oriunda do sistema *Ics* e que nele foi condensada.

Quanto à neurose obsessiva, teríamos apenas de acrescentar às observações que já fizemos no trabalho anterior[SE.66] que aqui — de modo mais evidente do que nas outras neuroses — o contra-investimento do sistema *Cs* se coloca em primeiro plano. Nas neuroses obsessivas, o contra-investimento articula-se como formação reativa e promove um primeiro recalque inicial, e será através dele que mais tarde irromperá e penetrará a idéia recalcada. Assim, a razão pela qual o trabalho de recalque, tanto na histeria de angústia como na neurose obsessiva, parece ter bem menos sucesso que na histeria de conversão talvez possa ser explicada pela predominância do contra-investimento e pela ausência de uma

descarga[SE.67] que caracteriza os recalques dessas duas formas de neurose.

■ V

Características especiais do sistema *Ics*

A distinção que fizemos entre os dois sistemas adquire um novo significado quando se leva em conta algo que ainda não havíamos mencionado: que as características dos processos que ocorrem no *Ics* não mais continuam presentes no sistema que se situa imediatamente acima deste.

Examinemos primeiro o que se passa no *Ics*. O núcleo do *Ics* é composto de representantes pulsionais [*Triebrepräsentanzen*] desejosos de escoar sua carga de investimento — em outras palavras, é composto de impulsos de desejo [*Wunschregungen*]. Contudo, no *Ics* esses impulsos pulsionais [*Triebregungen*][T.68] coexistem coordenados entre si, lado a lado, sem se influenciarem mutuamente, nem se contradizerem. Quando no *Ics* dois impulsos de desejo são ativados ao mesmo tempo — embora seus objetivos nos possam parecer inconciliáveis —, em vez de se distanciarem um do outro ou de se anularem mutuamente, comparecem ambos simultaneamente e formam um objetivo intermediário, um acordo de compromisso.

No âmbito do *Ics* não há lugar para a negação, para a dúvida, nem diferentes graus de certeza. Esse gênero de restrições só se instala a partir do trabalho da censura que ocorre entre o *Ics* e o *Pcs*. Assim, também a negação [*Negation*][T.69] somente entrará em cena em um nível superior, tendo então a função de substituta do recalque.[SE.70] No *Ics*, tudo que podemos encontrar são conteúdos preenchidos com cargas de investimento que podem ser mais ou menos intensas.

Quanto às intensidades de carga de investimento presentes no *Ics*, o quadro é bem diferente, veremos que há uma mobilidade muito maior do que no *Pcs*. Utilizando-se do processo de *deslocamento*, uma idéia ou representação pode passar toda a soma de sua carga de investimento para outra idéia. Além disso, empregando o processo de *condensação*, a idéia ou representação pode apropriar-se da carga de investimento de várias outras idéias. Já sugeri em outra ocasião que se encarasse o deslocamento e a condensação

como as marcas que caracterizam o chamado *processo psíquico primário*. No sistema *Pcs*, diferentemente do que ocorre no *Ics*, diremos que predomina o *processo secundário*.[F.71] Cabe observar que, se tal processo primário operar sobre elementos pertencentes ao sistema *Pcs*, provocar-se-á um efeito cômico e o fenômeno parecerá "engraçado" e provocará riso.[SE.72]

Todavia, atenhamos-nos ainda ao *Ics* e ressaltemos agora que os processos nesse sistema são *atemporais*, eles não são cronologicamente organizados, não são afetados pelo tempo decorrido e não têm nenhuma relação com o tempo. Como veremos, a relação com o tempo é algo estritamente vinculado ao trabalho do sistema *Cs*.[SE.73]

Ainda é preciso acrescentar a respeito do *Ics* que os processos que nele ocorrem não levam em consideração a *realidade*. Eles estão subordinados somente ao princípio de prazer e seu destino dependerá unicamente de sua intensidade e do preenchimento dos requisitos necessários para a regulação do prazer-desprazer.[SE.74]

Resumamos então o que dissemos até aqui sobre o *Ics*: *ausência de contradição*, *processo primário* (mobilidade das cargas de investimento), *atemporalidade* e *substituição da realidade externa pela realidade psíquica.* Essas são as características que podemos esperar encontrar em processos pertencentes ao sistema *Ics*.[F.75]

Mencionemos ainda que os processos inconscientes só são reconhecíveis após os processos vigentes no sistema mais elevado, o *Pcs*, terem sido remetidos — por um processo de rebaixamento (regressão) — de volta a um patamar anterior, isto é, esses processos só são identificáveis quando se encontram nas mesmas condições em que ocorrem o sonho e as neuroses. A questão é que esses processos inconscientes são em si imperceptíveis e também incapazes de existência própria, pois o sistema *Pcs* encobre prematuramente o sistema *Ics* e, tendo se superposto a este, toma para si o controle das vias de acesso à consciência e à motricidade. Assim, a remoção, pelas inervações do corpo, das cargas de investimento acumuladas no sistema *Ics* é, como já mencionamos [pp. 29 e segs.],[SE.76] colocada em xeque pelo *Pcs,* pois essa via de descarga [*Entladung*][T.77] desencadearia uma intensa manifestação

dos afetos.[T.78] Acrescentemos ainda que por si só, e sob condições normais, o sistema *Ics* não conseguiria implementar uma ação muscular capaz de atingir uma meta — à exceção das ações que já estão pré-organizadas como reflexos.

Contudo, a importância dessas características do sistema *Ics* que descrevemos até aqui só poderá ficar plenamente clara se pudermos contrastá-las com as características do sistema *Pcs* e avaliá-las pela ótica do *Pcs*. No entanto, isso nos levaria demasiado longe agora; deixemos tal comparação para quando tivermos examinado mais detidamente o sistema superior, algo neste momento fora do escopo deste trabalho.[SE.79] Limitemo-nos, pois, apenas àquilo que nos parece mais urgente.

Voltando-nos para o sistema *Pcs*, diremos que os processos que nele ocorrem — independentemente de já serem conscientes ou capazes de se tornar conscientes — agem inibindo a tendência de descarga inerente às idéias [*Vorstellungen*]. Assim, quando no *Pcs* um processo transita de uma idéia para outra, a primeira conserva uma parte de sua carga e apenas uma pequena parte da carga de investimento sofre um deslocamento [*Verschiebung*][T.80] em direção à próxima [*Vorstellung*]. Portanto, no *Pcs*, deslocamentos e condensações, tais como ocorrem no processo primário, estão fora de questão ou, são extremamente limitados. Essa circunstância levou J. Breuer a supor que na vida psíquica haveria dois diferentes estados da energia das cargas de investimento: um de atamento e fixação [*gebunden*][T.81] tônica e outro de mobilidade livre, que visa à remoção e ao escoamento das cargas.[SE.82] Essa distinção de estados é o máximo que conseguimos avançar até hoje em nosso entendimento da essência da energia nervosa, e não vejo como alguém poderia não ver as coisas exatamente do mesmo modo. Porém, não há dúvida de que um aprofundamento da discussão sobre este ponto seria algo necessário e urgente para nossa teoria metapsicológica, mas receio que esse seja um empreendimento ainda ousado demais para nossas condições atuais.

Mas voltemos ao *Pcs*. Ao sistema *Pcs* cabe viabilizar o trânsito entre os conteúdos das idéias, de modo que elas possam comunicar-se e influenciar-se mutuamente; também é sua tarefa inserir uma

ordem temporal nos conteúdos ideacionais,[SE.83] introduzir uma censura ou várias censuras e submeter tais conteúdos ao teste de realidade e ao princípio de realidade. O *Pcs* também parece ter um papel relevante na nossa memória consciente.[SE.84] Entretanto, não confundamos a memória consciente com os traços da lembrança [*Erinnerungsspuren*] nos quais se fixam as vivências do *Ics*. É preciso separar ambos os conceitos rigorosamente. A memória [*Gedächtnis*] provavelmente corresponde a um registro especial, tal como o supúnhamos existir na relação entre a idéia consciente e a inconsciente, embora naquele contexto o tenhamos descartado.[SE.85] Esta última distinção nós dará em breve recursos para decidirmos acerca da denominação do sistema superior, que até então, desorientados, chamávamos ora de *Pcs*, ora de *Cs*.

Por fim, cabe aqui uma advertência para que não generalizemos apressadamente o que foi dito a respeito da distribuição das diferentes funções psíquicas entre os dois sistemas. Procuramos até este momento descrever as condições como se manifestam no homem maduro, para o qual o sistema *Ics* em rigor só funciona como uma etapa prévia de uma organização mais elevada. Não temos como inferir de nossa descrição do adulto qual o conteúdo e quais as conexões vigentes nesse sistema durante as diversas fases de desenvolvimento do indivíduo. Também não temos como saber o papel que esses sistemas desempenham na vida psíquica dos animais. Tudo isto terá de ser investigado à parte.[SE.86] No caso do ser humano, deveremos, além disso, estar preparados para encontrar certas condições patológicas capazes de modificar ou até intercambiar os conteúdos e as características dos dois sistemas.

■ VI

O trânsito entre os dois sistemas

Seria um equívoco imaginar que o *Ics* permanece inativo enquanto o trabalho psíquico todo seria realizado pelo *Pcs*, isto é, que o *Ics* seja algo já descartado, um órgão rudimentar, um mero resíduo que restou do processo de desenvolvimento. Também seria errôneo supor que o trânsito entre os dois sistemas se limite ao ato do recalque, pelo qual o *Pcs* lograria jogar no abismo do *Ics* tudo aquilo que lhe parece incômodo. Pelo contrário, o *Ics* tem muita vitalidade, é capaz de evolução e mantém uma série de outras relações com o *Pcs*, entre elas também a de cooperação. Podemos dizer, em síntese, que o *Ics* continua a atuar através de ramificações, os assim chamados derivados,[SE.87] e mais: que ele é suscetível aos efeitos produzidos pela vida, e capaz tanto de influenciar constantemente o *Pcs* como de ser influenciado por este.

Adiantemos aqui que o papel dos derivados do inconsciente no *Ics* frustrará eventuais expectativas de que se possa formular uma distinção clara e bem esquemática entre os dois sistemas psíquicos. Embora isto certamente suscite críticas aos nossos resultados e provavelmente seja usado para levantar dúvidas acerca de nossa hipótese sobre a separação dos processos psíquicos em dois sistemas, não temos outro compromisso senão transformar os resultados de nossas observações em teoria. Não nos obrigamos, numa primeira tentativa, a apresentar uma teoria acabada que se imponha por sua simplicidade. Estamos dispostos a sustentar as complicações de nossa teoria, enquanto elas se mostrarem capazes de corresponder ao que observamos. Temos a expectativa de que justamente essas complicações nos levarão afinal a um conhecimento mais profundo de relações que, na verdade, acabarão por se revelar simples, embora façam jus às complicações da própria realidade.

Voltemos agora aos derivados. Entre os derivados das moções pulsionais *ics* que descrevemos, alguns reúnem características mutuamente opostas. Por um lado, eles são altamente organizados,

coerentes e sem contradições, e podemos dizer que utilizaram as aquisições do sistema *Cs* a tal ponto que mal conseguiríamos distingui-los das outras formações psíquicas oriundas do *Cs*. Por outro lado, esses mesmos derivados são inconscientes e incapazes de se tornar conscientes. Portanto, qualitativamente, eles pertencem ao sistema *Pcs*, mas efetivamente pertencem ao *Ics*. Sua origem é que define seu destino. Podemos comparar os derivados aos mestiços daquelas raças humanas que *grosso modo* já se assemelham aos brancos, mas cuja origem de cor é denunciada por um ou outro traço que chama a atenção e os mantém excluídos da sociedade, impedindo-os de gozar as prerrogativas dos brancos. A formação das fantasias das pessoas normais e dos neuróticos é análoga a essa mestiçagem, nós reconhecemos tais fantasias como etapas prévias da formação tanto de sonhos quanto de sintomas; no entanto, mesmo com sua alta organização, permanecem recalcadas e, como tais, não podem tornar-se conscientes. Ao se aproximarem da consciência, tais fantasias poderão permanecer inalteradas enquanto não tiverem sido investidas de carga intensa, mas serão rechaçadas assim que a intensidade de investimento de carga ultrapassar determinado grau. Igualmente bem organizados são os derivados do *Ics* que denominamos formações substitutivas. Essas formações, porém, logram entrar na esfera da consciência devido a alguma circunstância favorável, como, por exemplo, se puderem somar forças com um contra-investimento de carga do *Pcs*.

Ainda iremos analisar mais detalhadamente em outro trabalho[SE.88] as condições necessárias para que algo se torne consciente, e parte das dificuldades aqui surgidas tornar-se-á solucionável. Contudo, por ora, será mais vantajoso seguirmos outro caminho e contrapormos os fenômenos que vínhamos apresentando sempre a partir do ângulo do *Ics* à perspectiva que se apresenta a partir da consciência. Frente à consciência o conjunto dos processos psíquicos se apresenta como se pertencesse ao campo do pré-consciente. Em verdade, uma parte muito grande desse pré-consciente provém do inconsciente, tem características próprias dos derivados do inconsciente e antes de poder tornar-se consciente tem de submeter-se a uma censura. Por outro lado, existe uma parte do *Pcs* que pode tornar-se consciente sem ter de passar pela censura. Entretanto,

esta nossa nova suposição de haver uma censura entre o *Pcs* e o *Cs* nos coloca em contradição com uma suposição anterior. Explico: ao discutirmos o recalque, vimo-nos obrigados a situar a censura entre os sistemas *Ics* e *Pcs*.[SE.89] Todavia, essa censura — que é fundamental para o acesso ao consciente —, agora, afigura-se também entre o *Pcs* e o *Cs*.[SE.90] Contudo, não precisamos encarar essa complicação adicional como uma dificuldade, basta supormos que a cada passagem de um sistema para o imediatamente superior, ou seja, que a cada progresso para um nível maior de organização psíquica, corresponda uma nova censura. Portanto, podemos descartar nossa suposição anterior de uma eventual renovação constante dos registros [*Niederschriften*].[SE.91]

A origem das dificuldades em lidarmos com este assunto deriva do fato de que a qualidade de estar presente na consciência [*Bewusstheit*] é a característica de todos processos psíquicos aos quais temos acesso direto, e essa característica não se presta em absoluto à distinção entre os sistemas.[SE.92] A isto se acrescenta que além do fato de que nem sempre tudo que está no consciente [*das Bewusste*] se encontra em estado consciente — por algum tempo pode encontrar-se em estado latente —, a observação nos ensinou que muitos dos elementos que compartilham as mesmas características do sistema *Pcs* não se tornam conscientes. Como ainda veremos, o processo pelo qual algo se torna consciente depende também de certos focos de atenção do *Pcs*.[SE.93] Portanto, a consciência não mantém uma relação simples nem com os sistemas, nem com o recalque. A verdade é que não apenas o recalcado permanece estranho à consciência, mas também parte das moções que dominam o nosso Eu. Assim, esses elementos que estão no mais forte contraste funcional em relação ao recalcado também permanecem estranhos à consciência. Portanto, se quisermos progredir em direção a uma teoria metapsicológica, teremos de aprender a nos desligar da importância que damos ao sintoma do “estar consciente” [*Bewusstheit*].[SE.94]

Enquanto ainda estivermos presos a esse sintoma, nossas leis gerais serão constantemente desmentidas por exceções. Vemos, por exemplo, que os derivados do *Ics,*[SE.95] após sofrerem grandes

deformações, embora conservando muitas das características que evocaram o recalque, podem tornar-se conscientes constituindo formações substitutivas ou sintomas. Além disso, encontraremos muitas formações pré-conscientes que permanecem inconscientes, embora por sua natureza fosse de esperar que pudessem muito bem tornar-se conscientes. Provavelmente, o que está se evidenciando nesses casos é a força de atração exercida pelo *Ics* sobre essas formações. Assim, os aspectos mais importantes desse processo não devem ser buscados nas diferenças entre o consciente e o pré-consciente, mas nas diferenças entre o pré-consciente e o inconsciente. Se o *Ics* é rechaçado pela censura na fronteira com o *Pcs*, seus derivados podem contornar essa censura. Eles podem organizar-se em alto grau e, no *Pcs,* crescer até atingirem certa intensidade de carga de investimento mas depois, quando tiverem ultrapassado determinado nível de intensidade e quiserem impor-se à consciência, eles serão reconhecidos como derivados do *Ics* e recalcados outra vez na nova barreira da censura situada entre o *Pcs* e o *Cs*. Assim, a primeira censura funciona contra o próprio *Ics*; a segunda, contra os seus derivados *pcs*. É razoável supormos que essa ampliação da censura a um próximo patamar tenha ocorrido no próprio curso do desenvolvimento dos indivíduos.

Seja como for, no tratamento psicanalítico, constatamos de modo irrefutável a existência dessa segunda censura situada entre os sistemas *Pcs* e *Cs*. Em nossa prática, solicitamos ao doente que forme uma quantidade suficiente de derivados do *Ics* e que se comprometa a enfrentar e superar as objeções colocadas pela sua censura interna — que impede essas formações pré-conscientes de se tornarem conscientes. Mas, à medida que vamos conseguindo vencer essa censura, logramos abrir caminho para a suspensão do recalque anteriormente imposto pela censura. Acrescentemos, ainda, que a existência da censura entre o *Pcs* e o *Cs* nos ensina que o processo pelo qual algo se torna consciente não é um mero ato de percepção, mas que provavelmente se trata também da sobreposição de uma camada adicional de carga de investimento, isto é, um sobreinvestimento, algo que podemos considerar um avanço adicional na organização psíquica.

Voltemo-nos agora para o trânsito entre o *Ics* e os outros sistemas, não para constatar algo de novo, mas antes para não nos esquecermos do mais importante. No nascedouro da atividade pulsional, há uma comunicação intensa entre os sistemas, como veremos a seguir. Enquanto parte dos processos aqui evocados passa pelo *Ics* como se estivesse atravessando uma etapa preparatória, para mais adiante alcançar o mais alto desenvolvimento psíquico no *Cs*, parte é retida no *Ics*. Contudo, também o *Ics* é atingido pelas vivências originadas na percepção externa. Em geral, todos os caminhos que vão da percepção ao *Ics* permanecem livres; somente os caminhos que seguem do *Ics* ao *Cs* estão sujeitos ao bloqueio pelo recalque.

Também é relevante mencionar que o *Ics* de uma pessoa pode reagir ao *Ics* de outra contornando o *Cs*. O fato merece uma análise mais aprofundada, especialmente para sabermos se a atividade pré-consciente permanece excluída desse processo, mas, do ponto de vista descritivo, o fato é irrefutável.[SE.96]

Os conteúdos do sistema *Pcs* (ou *Cs*) derivam, em parte, da vida pulsional (pela mediação do *Ics*), em parte, dos influxos da percepção. Não sabemos em que medida os processos do sistema *Pcs* (ou *Cs*) podem exercer uma influência direta sobre o *Ics*; o exame de casos patológicos muitas vezes nos revela que o *Ics* possui uma incrível autonomia e que é pouco suscetível a ser influenciado. Afinal, a característica do estar doente reside no fato de que na psique do doente ocorre uma total divergência entre os diversos anseios [*Strebungen*] da pessoa, bem como uma cisão absoluta entre os dois sistemas. Não obstante, o tratamento psicanalítico funda-se na influência do *Cs* sobre o *Ics* e mostra que, por mais trabalhosa que esta seja, não é tarefa impossível. Os derivados do *Ics* são os mediadores entre os dois sistemas, e, conforme já mencionamos,[SE.97] serão justamente eles que abrirão o caminho para nosso trabalho. Mas podemos partir do pressuposto de que uma modificação espontânea no *Ics* oriunda do *Cs* é um processo difícil e lento.

Pode ainda ocorrer outra modalidade de relação entre os sistemas: uma cooperação entre uma moção pré-consciente e uma inconsciente. Mesmo que esteja intensamente recalcada, a moção

[*Regung*] inconsciente pode entrar em cooperação com uma tendência [*Strebung*] dominante se ambas estiverem atuando na mesma direção. Nesse caso, o recalque é suspenso e a atividade recalcada é incluída a título de reforço da ação intencionada pelo Eu. Nessa constelação específica, o inconsciente entra em sintonia com o Eu [*ichgerecht*], sem que nada mais mude no seu recalque. O resultado da contribuição do *Ics* nessa cooperação é evidente; os anseios do indivíduo, agora intensificados pelo acréscimo da atividade inconsciente, comportam-se de maneira bem diversa dos anseios normais; esses anseios reforçados são capazes de um desempenho muito mais pleno e, diante de contradições, revelam ter uma resistência, semelhante à que observamos nos sintomas obsessivos.

Em resumo, poderíamos comparar o conteúdo do *Ics* a uma população psíquica ancestral. Se for verdade que há no homem formações psíquicas herdadas, talvez semelhantes ao instinto [*Instinkt*][T.98] animal, elas seriam o cerne do *Ics*.[SE.99] A esse cerne acrescentam-se mais tarde os conteúdos que foram descartados durante o desenvolvimento infantil como sendo inúteis, mas que por sua natureza não são necessariamente diferentes dos conteúdos herdados. No entanto, uma diferenciação clara e definitiva entre o conteúdo dos dois sistemas, em geral, só se estabelecerá na puberdade.

■ VII

Identificando o inconsciente

Nosso conhecimento do *Ics* de fato não vai além do que dissemos até aqui. Nossa fonte de informações é limitada, restringe-se apenas ao que sabemos da vida onírica e das neuroses de transferência. Isto não é muito, e certamente, em alguns trechos, nossa apresentação pode dar a impressão de conter concepções obscuras e confusas; além disso, não temos o suficiente para poder incluir ou subsumir o *Ics* a algum contexto já conhecido. Somente se ampliarmos nossa investigação e analisarmos um gênero de afecção que denominamos psiconeuroses narcísicas, poderemos avançar e chegar a concepções que tornem mais palpável o enigmático *Ics*.

No que se refere a essas afecções narcísicas, desde um trabalho de Abraham (1908) — que ele conscienciosamente atribuiu ao meu incentivo — estamos tentando caracterizar o quadro que Kraepelin denominou *Dementia praecox* (e Bleuler, esquizofrenia) em função do modo como a psique desses pacientes se comporta diante do Eu e do objeto. Procuramos indicar que ocorre uma oposição entre o Eu e o objeto. No caso das neuroses de transferência (histeria de angústia [*Angsthysterie*], histeria de conversão e neurose obsessiva), nada havia que evidenciasse a existência de tal oposição. Sabia-se, é verdade, que impedir o acesso [*Versagung*] ao objeto acarreta a irrupção da neurose e que a neurose envolve uma efetiva renúncia ao objeto real. Sabia-se também que a libido que foi retirada do objeto real retrocede em direção a um objeto que existe na fantasia e deste dirige-se a um objeto recalcado (introversão).[SE.100] No entanto, o exame mais detalhado do processo de recalque nessas neuroses evidenciou que o investimento de carga no objeto geralmente continua a ser mantido com grande energia, o que nos leva a supor que o investimento de carga no objeto continua a existir no sistema *Ics*, apesar do recalque — ou melhor, como conseqüência dele.[SE.101] A capacidade dos pacientes com esses tipos de afecções de realizar uma transferência — da qual nos servimos em terapia — pressupõe

haver ainda um investimento de carga inalterado e preservado no objeto.

Já no caso da esquizofrenia, ocorre o contrário: podemos supor que, após o processo de recalque, a libido retirada do objeto não mais procura um novo objeto, mas se recolhe para o Eu, ou seja: desiste-se de investir carga no objeto e restabelece-se um estado de narcisismo primitivo, sem objeto. A incapacidade desses pacientes de executar uma transferência — a qual depende da extensão do processo da doença — e a conseqüente falta de resposta à terapia, assim como sua singular rejeição ao mundo externo, os sinais de haver uma camada de sobreinvestimento de carga aplicada ao próprio Eu e, por fim, sua apatia total, todas essas características clínicas parecem reforçar a suposição de que nesses quadros ocorre uma desistência do sujeito de investir no objeto. Quanto à relação entre os dois sistemas psíquicos que vimos discutindo, chama a atenção de todos os observadores que muito dos aspectos que na esquizofrenia se expressam de forma consciente, nas neuroses de transferência só podem ser encontrados através da psicanálise no *Ics*. Contudo, falta-nos ainda estabelecer um nexo inteligível entre a relação Eu-objeto e as relações mantidas pela consciência.

Entretanto, eis que aquilo que estávamos procurando parece ter sido encontrado de um modo que não suspeitávamos: nos esquizofrênicos observam-se — especialmente nos estágios iniciais, tão ricos em ensinamentos — algumas alterações da *fala* que merecem especial atenção. A forma de os esquizofrênicos expressarem-se é muitas vezes objeto de grandes cuidados e torna-se “rebuscada” e “floreada”. Ademais as frases desses pacientes sofrem de uma desorganização específica na sua estrutura, o que nos faz considerar as falas dos doentes desprovidas de sentido. No conteúdo dessas falas, muitas vezes prevalecem referências a uma relação com os órgãos ou com as inervações do corpo. Além disso, nesses sintomas da esquizofrenia, que correspondem às formações substitutivas da histeria ou da neurose obsessiva, a relação entre o substituto e o recalque apresenta peculiaridades que nos causariam estranheza se as encontrássemos nas duas neuroses citadas.

Vejamos algumas observações acerca de uma esquizofrenia incipiente que o Dr. V. Tausk (de Viena) colocou à minha disposição.

Chama atenção o fato de a própria doente querer esclarecer o sentido de suas falas.[SE.102] Ilustrarei agora, a partir de dois dos exemplos por ele apresentados, a concepção que pretendo defender, porém sei que seria fácil a qualquer outro observador também apresentar material abundante sobre o tema.

Uma das doentes de Tausk, uma moça, que após um desentendimento com o seu amado foi levada à clínica, queixa-se:

Os olhos dele não estão certos, eles estão alterados, distorcidos, tortos.[T.103] É ela quem nos esclarece, apresentando uma série de críticas ao amado, em linguagem ordenada. Afirma que "não consegue entendê-lo, cada vez ele tem uma aparência diferente, ele é um hipócrita, um *distorcedor de olhos*, ele torceu e virou os olhos dela, agora é ela quem tem os olhos revirados, distorcidos, não são mais dela aqueles olhos, ela agora vê o mundo com outros olhos".

Os comentários que esses doentes fazem a respeito de suas próprias falas incompreensíveis têm o valor de uma análise, pois expressam um conteúdo equivalente ao da análise; além disso, de maneira compreensível para nós, esclarecem o significado e a gênese da formação de palavras na esquizofrenia. Em conformidade com Tausk, destaco que, neste exemplo, a relação com o órgão (neste caso, com o olho) substitui todo o conteúdo e passa a representar seus pensamentos. A fala esquizofrênica apresenta aqui um traço hipocondríaco; ela se tornou *linguagem dos órgãos*.[SE.104]

Eis uma segunda informação da mesma doente: "Ela está na igreja, de repente sente um solavanco, *precisa se colocar*[T.105] [*stellen*] *em outra posição, como se alguém a colocasse nessa posição, como se ela fosse colocada*."

Segue-se uma análise por meio de uma série de críticas ao amado, "que é ordinário, que a transformou, a ela, moça de família fina, também em uma ordinária. Ele a tornou parecida com ele, fazendo-a acreditar que ele lhe era superior; agora, ela tinha ficado como ele, pois acreditava que se tornaria melhor se fosse igual a ele. Ele a *iludiu* [*sich verstellt*], ela agora é como ele (identificação!), ele a *descolocou* [*sie verstellt*]".[T.106]

O movimento de "se posicionar de forma diferente", observa Tausk, é uma forma de expressar [*Darstellung*][T.107] o termo

“dissimular/colocar em falsa posição” e a identificação com o amado. Eu, por minha vez, destaco em todo esse raciocínio a prevalência de um elemento cujo conteúdo é uma inervação corporal (ou antes, sua sensação). Uma histérica, aliás, teria, no primeiro caso, revirado os olhos convulsivamente e, no segundo, teria de fato executado o solavanco, em vez de ter sentido o impulso ou a sensação dele. Em ambos os casos, uma histérica não teria pensamentos conscientes e tampouco teria sido capaz de expressá-los depois.

Esses dois relatos são testemunho do que chamamos de linguagem hipocondríaca ou dos órgãos. Mas o que nos parece mais importante é que eles também alertam para outro estado de coisas, que pode ser facilmente comprovado, por exemplo, nos casos colhidos na monografia de Bleuler [1911]. Eles podem ser resumidos na seguinte fórmula específica: No caso da esquizofrenia, as *palavras* são submetidas ao mesmo processo que também transforma os pensamentos oníricos latentes em imagens oníricas. Trata-se do que chamamos de *processo psíquico primário*. Neste, as palavras são condensadas [*verdichtet*] e transferem integralmente uma à outra suas cargas de investimento deslocando-as. O processo pode chegar ao ponto de uma única palavra assumir a representação de toda uma cadeia de pensamentos, devido às múltiplas relações que mantém com outros elementos.[SE.108] Os trabalhos de Bleuler, Jung e seus discípulos produziram abundante material que corrobora justamente essa afirmação.[F.109]

Entretanto, antes de chegarmos a uma conclusão, temos de abordar ainda outro aspecto, as diferenças sutis, porém peculiares, entre a formação de substitutos na esquizofrenia, de um lado, e na histeria e na neurose obsessiva, de outro. Um paciente que estou acompanhando atualmente afasta-se de todos os interesses da vida devido ao mau estado da pele de seu rosto. Ele afirma ter cravos e buracos profundos no rosto, perceptíveis a qualquer um. A análise comprova que ele situava o seu complexo de castração na pele. De início, ocupava-se sem remorso de seus cravos, que, espremidos, lhe propiciavam grande satisfação, pois nesse ato, dizia, algo espirrava de dentro para fora. Depois, começou a acreditar que em toda a parte onde havia retirado um cravo havia surgido uma cova profunda, e passou a se criticar duramente, dizendo ter arruinado

sua pele para sempre, por “ficar constantemente futucando-a com a mão”. É evidente que, para ele, espremer o conteúdo dos cravos era um substituto da masturbação. A cova que surge em seguida por sua culpa são os órgãos genitais femininos, i.e., a concretização de uma ameaça de castração incitada pela masturbação (ou uma fantasia que representa essa ameaça). Apesar de seu caráter hipocondríaco, essa formação substitutiva tem muita semelhança com uma conversão histérica; contudo, percebe-se que aqui deve estar ocorrendo algo diferente e que é preciso primeiro elucidarmos em que se baseia essa diferença antes de eventualmente podermos atribuir essa formação substitutiva a uma histeria. Uma cova minúscula como um poro da pele dificilmente será tomada por um histérico como símbolo da vagina, a qual ele normalmente compararia com todos os objetos possíveis que possuam um espaço oco. Acreditamos também que a multiplicidade de covinhas faria com que ele não as utilizasse como substitutos dos órgãos genitais femininos. Algo análogo a esse caso de esquizofrenia também ocorre com um paciente jovem cujo caso há anos Tausk relatou à Sociedade Psicanalítica de Viena. Esse jovem, em geral, comportava-se exatamente como um neurótico obsessivo, levando horas para se arrumar. No entanto, chamava atenção o fato de o paciente saber informar, sem oferecer resistência alguma, o significado de suas inibições. Por exemplo, afirmava que, ao calçar as meias, incomodava-lhe a idéia de ter de esticar o tecido delas, e que, ao fazê-lo, os pontos da malha iam se separando, de modo que pequenos orifícios se abriam, ou seja, pequenos buracos, cada um dos quais simbolizava para ele a abertura genital feminina. Esse tipo de explicação não seria dado por um neurótico obsessivo. Por exemplo, R. Reitler relata-nos o caso de um paciente neurótico obsessivo que demorava longamente para calçar as meias: após superar suas resistências, o paciente afinal chegou à explicação de que o pé era um símbolo do pênis e o ato de calçar as meias, um ato masturbatório, de modo que ele tinha de calçar e tirar as meias seguidas vezes, visando, em parte, a aperfeiçoar a imagem da masturbação, em parte a anular esse ato.

Se nos perguntarmos a que atribuir o caráter de estranheza da formação substitutiva e do sintoma esquizofrênicos, finalmente

entenderemos que é a predominância da relação com a palavra em vez da relação com a coisa [*Sachbezie-hung*]. Entre o espremer de um cravo e a ejaculação do pênis há uma semelhança objetiva relativamente pequena, que é menor ainda entre os inúmeros poros rasos e a vagina; mas, no primeiro caso, nas duas vezes algo espirra para fora, e, no segundo caso, vale literalmente a frase cínica: "buraco é buraco". Foi a equivalência da expressão lingüística, e não a semelhança dos objetos definidos, que determinou a substituição. Portanto, é justamente nos aspectos em que palavra e coisa [*Ding*][T.110] não se equivalem que a formação substitutiva esquizofrênica se diferencia das neuroses de transferência.

Se somarmos esse nosso avanço no entendimento da esquizofrenia à suposição anteriormente expressa — de que na esquizofrenia a pessoa desiste dos investimentos de carga no objeto [*Objekt*] —, teremos agora de reformular essa hipótese anterior, afirmando: na esquizofrenia mantém-se o investimento de carga nas representações mentais das palavras (*Wortvorstellungen*), i.e., nas representações-de-palavra. Aquilo que antes chamávamos de representação mental do objeto ou idéia consciente do objeto, ou seja, representação-de-objeto, agora se subdivide em *representação-de-palavra* [*Wortvorstellung*] e *representação-de-coisa*[SE.111] [*Sachvorstellung*]. Esta última consiste no investimento de cargas — se não nas imagens diretas da lembrança-de-coisa [*Sacherinnerungsbilder*] —, nos traços de lembrança que estão mais distantes e derivam dessas lembranças. Fica agora então claro como uma idéia consciente se diferencia de uma inconsciente. As duas não são, como pensávamos, diferentes registros do mesmo conteúdo situados em locais psíquicos diferentes. Tampouco são diferentes estados funcionais de investimentos de carga aplicados ao mesmo local. Uma representação [*Vorstellung*] consciente abrange a representação-de-coisa [*Sachvorstellung*] acrescida da representação-de-palavra [*Wortvorstellung*] correspondente, ao passo que a representação [*Vorstellung*] inconsciente é somente a representação-de-coisa [*Sachvorstellung*]. O sistema *Ics* contém os investimentos de carga referentes à coisa [*Sache*] que faz parte do objeto; na verdade, estes são os primeiros e verdadeiros investimento de carga no objeto. Quanto ao sistema *Pcs*, este surge

quando essa representação-de-coisa, ao ser vinculada às representações-de-palavra que lhe correspondem, recebe uma camada de sobreinvestimento de carga [*Überbesetzung*]. Assim, podemos supor que são os tais sobreinvestimentos de carga [*Überbesetzun-gen*] o fator que leva a uma organização psíquica mais elevada e possibilita a substituição do processo primário pelo processo secundário dominante no *Pcs*. Agora, também podemos expressar de forma precisa o que nas neuroses de transferência é negado [*verweigert*] pelo recalque: ao rejeitar uma idéia ou representação, ele está recusando-se a aceitar[SE.112] a tradução da representação em palavras, pois essas palavras devem continuar associadas ao objeto. É a representação não revestida de palavras ou o ato psíquico que não esteja sobreinvestido que permanecerá como material recalcado no *Ics*.

Por um momento gostaria de chamar a atenção para quão cedo na verdade já havíamos compreendido o fenômeno que hoje nos permite entender uma das características mais evidentes da esquizofrenia. Nas últimas páginas de *A Interpretação dos Sonhos*, publicada em 1900, explica-se que os processos de pensamento, i.e., os atos de investimento de carga mais distantes das percepções [*Wahrnehmungen*], em si não têm qualidade e são inconscientes, só atingindo sua capacidade de se tornarem conscientes pela união com os resíduos das percepções-de-palavra.[SE.113] Voltemos, contudo, à presente investigação. As representações-de-palavra, por sua vez, provêm da percepção sensorial, como as representações-de-coisa. Poderíamos assim nos perguntar por que as representações-de-objeto não podem tornar-se conscientes por meio de seus próprios resíduos de percepção. Provavelmente, a resposta é que o pensamento se dá em sistemas muito distantes dos resíduos originais de percepção, que não retiveram mais nada de suas qualidades e necessitam de um reforço através de novas qualidades para se tornarem conscientes. Além disso, mesmo aqueles investimentos de carga que correspondem apenas a meras relações entre as representações-de-objeto, e que por isso são incapazes de arrancar alguma qualidade das próprias percepções, podem ser dotados de qualidade ao serem vinculados a palavras. Tais relações, que só se tornaram palpáveis por meio de palavras, são de fato a

parte essencial de nossos processos de pensamento. Entendemos que a vinculação a representações-de-palavra ainda não coincide com o afloramento da consciência, mas apenas possibilita que isso aconteça, ou seja, essa vinculação apenas caracteriza o sistema *Pcs*.[SE.114] No entanto, com essas digressões estamos abandonando nosso tema propriamente dito e adentrando por demais os problemas do pré-consciente e do consciente, de modo que será mais sensato interrompermos esta discussão e deixarmos para retomá-la em outra ocasião, quando então poderemos tratá-la em separado.[SE.115]

No caso da esquizofrenia, que aqui só estamos abordando na medida em que nos parece indispensável para o avanço do entendimento do *Ics* em geral, vemo-nos levados a perguntar se o processo que denominamos recalque ainda tem alguma coisa em comum com o recalque do qual falamos quando discorremos sobre as neuroses de transferência. Certamente a fórmula segundo a qual o recalque é um processo entre o sistema *Ics* e o *Pcs* (ou *Cs*), resultando no afastamento da consciência [ESPI, vol. 1, p. 178], necessita de uma modificação, para que possa abarcar o caso da *Dementia praecox* e outras afecções narcísicas. Contudo, a tentativa de fuga do Eu, que se expressa na retirada do investimento de carga consciente, mantém-se como o elemento comum. Aliás, até mesmo em uma observação mais superficial fica evidente como nas neuroses narcísicas essa fuga — ou tentativa de fuga — do Eu é muito mais exaustiva e profunda.

Contudo, se na esquizofrenia essa fuga consiste na retirada dos investimentos de carga pulsional de todos os locais que estão representando [*repräsentieren*][T.116] na psique a representação-de-objeto *inconsciente*, parece estranho que justamente a parcela dessa mesma representação-de-objeto que pertence ao sistema *Pcs* — ou seja, as representações-de-palavra que lhe correspondem — deva sofrer um investimento mais intenso. Poder-se-ia esperar o contrário, ou seja, já que a parcela pré-consciente da representação-de-objeto é a representação-de-palavra, ela é a que deveria agüentar o primeiro impacto do recalque. Também seria de imaginar que, após o recalque ter chegado às representações-de-coisa inconscientes, a representação-de-palavra devesse tornar-se totalmente impermeável

a investimentos de carga. Em verdade, trata-se aqui de uma dificuldade de compreensão. Cabe esclarecermos que nesses casos o investimento de carga da representação-de-palavra não faz parte do ato de recalcar, mas representa a primeira das tentativas de produção ou cura que predominam tão evidentemente no quadro clínico da esquizofrenia.[SE.117] Esses esforços visam a recuperar os objetos perdidos, e pode bem ser que, nesse intuito, eles sigam o caminho em direção ao objeto por meio da parcela desse objeto composta pela palavra; no entanto, ao seguirem por essa via, terão de se contentar com as palavras em vez das coisas. Nossa atividade psíquica move-se geralmente em duas direções opostas: ou ela parte das pulsões, atravessa o sistema *Ics* e dirige-se para a atividade consciente de pensamento, ou ela parte de um estímulo oriundo de fora e passa pelo sistema do *Cs* e *Pcs* até chegar aos investimentos de carga *ics* do Eu e dos objetos. Entretanto, mesmo quando ocorre um recalque, esse segundo caminho deve continuar aberto e poder ser percorrido, bem como estar acessível a todos esforços da neurose para recuperar os seus objetos. Assim, podemos dizer que, quando se começa a pensar de forma realmente abstrata, corre-se o perigo de menosprezar as relações das palavras com as representações-de-coisa inconscientes, e nesse caso é inegável que também a filosofia poderá adquirir uma indesejável semelhança, em forma e conteúdo com o modo de trabalho mental dos esquizofrênicos. Por outro lado, a partir da forma com que a psique esquizofrênica funciona, podemos concluir que a característica desse modo esquizofrênico de operar consiste em tratar as coisas concretas como se fossem abstratas.

Finalizemos, afirmando que se de fato tivermos conseguido identificar de forma correta o *Ics* e logrado definir a diferença entre uma representação inconsciente e uma pré-consciente, então novas pesquisas que venhamos a aplicar a diferentes aspectos da psique necessariamente confirmarão essa mesma conclusão.

■ ANEXO A

FREUD E EWALD HERING

[O fisiólogo Ewald Hering (1834-1918) estava entre os professores sobre cujos trabalhos Freud se debruçou ao longo de seus anos de estudo. Como ficamos sabendo por Jones (1960, 265), Hering havia oferecido ao jovem um posto de assistente em Praga; isso deve ter sido na época em que Freud ainda trabalhava no Instituto Fisiológico de Brücke, por volta de 1882. Em 1870, Hering tinha ido como catedrático para Praga. Chamou a atenção de Ernst Kris (1956) uma observação que Freud registrou por escrito cerca de cinqüenta anos mais tarde e que poderia aludir ao fato de que Hering exerceu influência nas concepções de Freud sobre o inconsciente. (Cf. atrás, p. 14) Em 1880, Samuel Butler publicara um livro intitulado *Unconscious Memory*, no qual incorporara a tradução de uma palestra proferida por Hering em 1870, "Über das Gedächtnis als eine allgemeine Funktion der organisierten Materie", com cujo conteúdo Butler declarara concordar em linhas gerais. Mais tarde, em 1923, foi publicado na Inglaterra um livro de autoria de Israel Levine, intitulado *The Unconscious*; em 1926, uma tradução alemã dessa obra, organizada por Anna Freud. No entanto, o trecho que se ocupa de Samuel Butler (parte I, § 13) foi pessoalmente traduzido por Freud. É verdade que o autor, Levine, menciona a palestra de Hering, mas demonstra maior interesse por Butler que por Hering, e nesse ponto (cf. pp. 34 e segs. da tradução alemã) Freud acrescenta a seguinte nota de rodapé:]

"O leitor alemão que conhece o brilhantismo e a excelência da palestra de Hering acima mencionada certamente tenderia a colocar as deduções de Butler — inspiradas pela palestra — em um segundo plano. Aliás, é em Hering que encontramos afirmações tão pertinentes e tão precisas que, com base nelas, a psicologia tem todo o direito de supor a existência de uma atividade psíquica inconsciente: 'Quem poderia — caso se restrinja a perseguir os fios desta meada somente no âmbito da consciência — esperar desatar os nós da trama emaranhada que compõe nossa vida interior? (…) Essas correntes inconscientes dos processos neurológicos materiais,

que terminam em um elo associado à percepção consciente, foram denominadas cadeias inconscientes de idéias e de conclusões inconscientes. Do ponto de vista da psicologia, isto se justifica plenamente, pois, se a psicologia não se dispusesse a levar em conta os estados inconscientes, a psique estaria a todo o momento escapando-lhe das mãos'." [Hering, 1870, 11 e 13.][SE.118]

■ ANEXO B

O PARALELISMO PSICOFÍSICO

[Aludimos atrás (p. 14) ao fato de que as primeiras concepções de Freud sobre a relação entre a psique e o sistema nervoso sofreram forte influência de Hughlings Jackson, o que se evidencia especialmente na seguinte passagem de sua monografia sobre as afasias (1891*b*, pp. 56-8). Particularmente elucidativa é uma comparação entre as últimas frases sobre o tema das lembranças latentes e a posição de Freud a respeito deste tema algum tempo mais tarde.]

Após essa digressão, retornamos à concepção da afasia, lembrando que foi do solo fértil das teorias de Meynert que brotou a suposição de que o aparelho lingüístico seria composto por centros corticais distintos, cujas células conteriam as representações-de-palavra [*Wortvorstellungen*]. Esses centros estariam separados por áreas corticais sem função e associadas por fibras brancas (feixes associativos). Podemos, então, perguntar se é correta e aceitável tal suposição, que enclausura as representações em células. Creio que não.

A tendência da medicina em épocas passadas era de considerar que capacidades psíquicas — conforme a nomenclatura psicológica as define — se situassem por inteiro em determinadas regiões do cérebro. Portanto, deve ter parecido tratar-se de um grande avanço quando Wernicke declarou que só os elementos psíquicos mais simples poderiam ser localizados. Dizia que somente seriam localizáveis as representações sensoriais individuais, as quais mais especificamente estariam situadas na terminação central do nervo periférico que recebeu a impressão sensorial. Todavia, em vez de um avanço, não estaríamos cometendo de novo o mesmo erro de princípio? Não estaríamos tão equivocados quanto antes — quando tentávamos localizar um conceito complicado, que engloba toda uma atividade psíquica — ao tentarmos fazê-lo agora com um único elemento psíquico? Justifica-se tomar uma fibra nervosa — que ao longo de todo o seu curso não passa de uma formação fisiológica e

que está sujeita apenas a modificações fisiológicas — e mergulhar sua extremidade no psíquico, dotando-a de uma representação ou de uma imagem de lembrança? Se afinal todos aceitamos que a "vontade", a "inteligência" e termos afins são na verdade palavras psicológicas artificialmente criadas, às quais no mundo fisiológico correspondem condições muito mais complexas, como poderíamos a respeito da "representação sensorial simples" pretender afirmar que se trata de algo diferente, que não seja simplesmente mais uma palavra artificialmente criada? A cadeia dos processos fisiológicos no sistema nervoso provavelmente não mantém um nexo de causalidade em relação aos processos psíquicos. Os processos fisiológicos não cessam assim que começam os psíquicos; pelo contrário, a cadeia fisiológica continua, e só a partir de determinado momento é que a cada elo da corrente (ou a elos isolados) corresponde um fenômeno psíquico. Deste modo, o psíquico é um processo paralelo ao fisiológico ("*a dependent concomitant*").[SE.119]

Sei bem que não posso imputar às pessoas cujas concepções eu aqui contradigo que tenham saltado de modo impensado de um parâmetro científico de observação[SE.120] a outro. Elas aparentemente apenas crêem que a modificação da fibra nervosa — fenômeno pertencente ao âmbito da fisiologia — que ocorre durante a excitação sensorial produz outra modificação na célula nervosa central, que então se transformaria no correspondente fisiológico de uma "representação" [*Vorstellung*]. Como elas sabem muito mais o que dizer sobre a representação do que sobre modificações desconhecidas que nem sequer estão caracterizadas do ponto de vista fisiológico, utilizam-se de expressões elípticas: afirmam que uma representação estaria localizada na célula nervosa. Essa afirmação, por si só, leva a uma confusão imediata entre as duas coisas, que não têm necessariamente semelhanças entre si. Na psicologia, consideramos que a representação simples é algo elementar e conseguimos distingui-la com nitidez de suas ligações [*Verbindungen*] com outras representações. Sendo assim, podemos supor que também o seu correspondente fisiológico, ou seja, a modificação, que parte da fibra nervosa excitada que termina no centro cortical, é algo simples, que pode ser localizado em um determinado ponto. Contudo, tal transposição evidentemente não se

justifica; as características dessa modificação devem ser determinadas por si próprias, sendo independentes de seu correspondente psicológico.[F.121]

O que seria então o correspondente fisiológico da representação simples, ou da representação quando ela se manifesta e aparece? Aparentemente, não é nada em repouso, mas algo da natureza de um processo. Esse processo é compatível com uma localização, ele parte de um determinado ponto do córtex e espalha-se a partir daí por todo o córtex ou ao longo de vias especiais. Depois de transcorrido esse processo, ele deixa uma modificação no córtex por ele afetado, a saber: a possibilidade da lembrança. É altamente questionável se essa modificação corresponde a algo psíquico; nossa consciência não apresenta nada que por parte do psíquico justificasse o nome de “imagem latente da lembrança”. No entanto, toda vez que o mesmo estado do córtex for estimulado, surgirá novamente o psíquico como imagem da lembrança…

■ ANEXO C

PALAVRA E OBJETO

[Parece que o trecho final do tratado de Freud “O Inconsciente” tem suas raízes na monografia sobre as afasias (1891*b*). Portanto, pode ser interessante citar aqui uma passagem desse trabalho, que em si não é de fácil compreensão, mas pode iluminar as suposições que servem de base às concepções posteriores de Freud. Além disso, a passagem é esclarecedora, pois nos apresenta um Freud diferente, que se expressa na linguagem específica da psicologia “acadêmica” do fim do século XIX. Essa passagem aqui citada é precedida de toda uma série de argumentos anatômicos negativos e confirmatórios, que por fim levariam Freud a desenvolver aquele esquema hipotético das produções neurológicas que ele chamaria de “aparelho da linguagem”. No entanto, observamos que há uma diferença importante e causadora de confusão entre a terminologia aqui utilizada e o uso lingüístico em “O Inconsciente”. O que Freud chama aqui de “representação-de-objeto”, em “O Inconsciente” é chamado de “representação-de-coisa”; por outro lado, o que em “O Inconsciente” é chamado de “representação-de-objeto” significa um complexo surgido a partir da combinação entre a “representação-de-coisa” e a “representação-de-palavra”. Na passagem aqui citada, esse complexo ainda não tem nome. O trecho citado encontra-se na edição original, nas pp. 74-81.]

Veremos agora de que hipóteses precisaremos para explicar os distúrbios da fala com base em tal estrutura do aparelho da linguagem. Em outras palavras, veremos o que nos ensina o estudo dos distúrbios da fala sobre a função desse aparelho. Cuidemos de manter a separação entre o lado psicológico e o anatômico do objeto.

Para a psicologia, a unidade da função lingüística é a “palavra”, uma representação [*Vorstellung*] complexa, que revela ser uma combinação de elementos acústicos, visuais e cinestésicos. Sabemos algo sobre essa composição graças à patologia, que nos mostra que nas lesões orgânicas do aparelho da linguagem se

instaura um desmembramento da fala de acordo com essa combinação de elementos. Devemos então esperar que a ausência de um desses elementos da representação-de-palavra revele ser a marca mais importante, que nos permita deduzir onde se localiza a doença. Costumam ser arrolados quatro elementos constitutivos da representação-de-palavra: a “imagem sonora”, a “imagem visual das letras”, a “imagem motora da fala” e a “imagem motora da escrita”. No entanto, essa composição parece mais complexa quando nos detemos no provável processo associativo de cada uma dos dispositivos da fala:

(1) Aprendemos a *falar* associando uma *“imagem sonora da palavra”* a uma *“sensação de inervação da palavra”*. Depois que falamos, temos uma *“representação motora da fala”* (sensações centrípetas dos órgãos da fala), e a “palavra” tem para nós uma dupla determinação motora. Dos dois elementos determinantes, o primeiro, que é o da representação da inervação da palavra, parece ser o de menor valor, e pode-se até questionar se sua ocorrência deve ser considerada como um fator psíquico. Além disso, depois de falarmos, obtemos uma “imagem sonora” da palavra falada. Enquanto não tivermos desenvolvido mais a nossa capacidade da fala, essa segunda imagem sonora precisa apenas estar associada à primeira, e não tem de ser idêntica a ela.[SE.122] Nessa etapa (a do desenvolvimento da fala na criança), servimo-nos de uma linguagem que nós próprios criamos, comportando-nos nesse caso como pessoas com afasia motora, associando diferentes e estranhos sons de palavras a um único som, que nós mesmos produzimos.

(2) Aprendemos a linguagem dos outros quando nos esforçamos por tornar a imagem sonora por nós produzida o mais parecida possível com aquilo que deu origem à inervação da fala. Desta forma, aprendemos a “*repetir*”, a “*falar segundo a outra pessoa*”. Na “*fala coerente*”, encadeamos as palavras, retendo a inervação da próxima palavra até a chegada da imagem sonora ou da representação motora da fala (ou ambas) referente à palavra anterior. Portanto, a segurança de nossa fala parece sobredeterminada, podendo suportar bem a ausência de um ou outro fator determinante. Por outro lado, a ausência dessa correção promovida pela segunda imagem sonora e pela imagem motora da

fala explica várias das peculiaridades da parafasia fisiológica e patológica.

(3) Aprendemos a *soletrar* vinculando as imagens visuais das letras a novas imagens sonoras, que, porém, devem evocar os sons já conhecidos das palavras. Repetimos então imediatamente a imagem sonora que denota a letra, de modo que a letra, por sua vez, nos parecerá estar sendo determinada por duas imagens sonoras que se superpõem, bem como por duas representações motoras que correspondem uma à outra.

(4) Aprendemos a *ler* quando, de acordo com regras determinadas, vinculamos a seqüência das representações da inervação das palavras e das representações motoras das palavras, obtidas ao falarmos cada uma das letras. Dessa vinculação surgem então novas representações motoras de palavras. Assim que estas últimas forem pronunciadas, descobrimos, a partir da imagem sonora dessas novas representações-de-palavra, que as imagens motoras de palavra e as imagens sonoras de palavra que obtivemos, na realidade, já eram nossas conhecidas há muito tempo e são idênticas às utilizadas durante a fala. Então, a essas imagens da fala, obtidas quando soletramos, associamos o significado conferido aos sons primários das palavras. Agora, lemos compreendendo. Se primariamente não falávamos uma linguagem escrita, mas um dialeto, ao soletrarmos, às imagens antigas devemos supra-associar as novas imagens motoras da fala e as imagens sonoras que surgem. Aprendemos assim uma nova linguagem, o que é facilitado pela semelhança entre dialeto e linguagem escrita.

A partir dessa descrição do aprendizado da leitura, percebe-se que se trata de um processo extremamente complexo, ao qual necessariamente corresponde um constante ir e vir ao longo dos trajetos da associação. Além disso, é preciso contar com o fato de que os distúrbios da leitura na afasia ocorrem de maneiras muito diversas. Para haver uma lesão do elemento visual durante a leitura, é necessário que ocorra um *distúrbio na leitura das letras*. A junção das letras para formar uma palavra ocorre durante a transferência para o trajeto da fala e será suspensa no caso da afasia motora. A compreensão daquilo que se leu só se dá a partir das imagens sonoras resultantes das palavras pronunciadas, ou a partir das

imagens motoras das palavras surgidas ao se falar. Fica claro, portanto, que a compreensão do que se lê é uma função que sucumbe não apenas à lesão motora, mas também à lesão acústica; além disso, evidencia-se como sendo uma função independente da execução da leitura. Se observarmos a nós mesmos, facilmente chegaremos à conclusão de que há várias formas de leitura, das quais uma ou outra abdica da compreensão da leitura. Portanto, se me proponho fazer uma revisão das provas para a impressão de um texto, deverei prestar especial atenção às imagens visuais das letras e a outros sinais da escrita e perderei de vista o sentido daquilo que li, de modo que precisarei de mais uma leitura específica para realizar eventuais correções estilísticas. Quando leio um livro que me interessa, por exemplo, um romance, não percebo os erros de impressão e pode também acontecer que eu me lembre apenas de alguns traços difusos dos nomes dos personagens ali presentes, ou que me lembre apenas de que são nomes longos ou curtos e que contêm uma letra diferente, como um *x* ou um *z*. Se tenho de ler um texto em voz alta, devo prestar atenção às imagens sonoras de minhas palavras e aos intervalos entre elas e volto a correr o risco de descuidar do sentido do texto; portanto, se me cansar, passarei a ler de uma forma que as outras pessoas ainda possam me entender, mas eu mesmo não mais saberei o que estou lendo. Estes são fenômenos de atenção dividida, que ocorrem justamente porque a compreensão do que se lê passa por amplos desvios. Não há mais tal compreensão quando o processo de leitura em si estiver oferecendo dificuldades. Isto fica claro a partir de uma analogia que podemos fazer com nosso comportamento durante a aprendizagem da leitura, e devemos tomar cuidado para não tomarmos a ausência dessa compreensão como sinal de estar ocorrendo uma interrupção de trajeto. A leitura em voz alta não deve ser entendida como um processo diferente da leitura silenciosa, com a exceção do fato de que distrai nossa atenção da parte sensorial do processo de leitura.

(5) Aprendemos a *escrever* reproduzindo as imagens visuais das letras a partir de imagens da inervação da mão, até que surjam imagens visuais iguais ou semelhantes. Em geral, as imagens da escrita são apenas semelhantes e supra-associadas[T.123] às imagens da leitura, pois, afinal, aprendemos a ler a escrita impressa, ao passo

que escrevemos à mão. A escrita revela-se um processo relativamente fácil, não sendo tão suscetível a distúrbios quanto a leitura.

(6) Podemos supor também que as funções da fala mais tarde serão executadas seguindo os mesmos caminhos associativos pelos quais as aprendemos. Pode ser que nesse contexto ocorram atalhos e substituições, mas nem sempre será fácil determinar de que natureza. O fato de nos casos de lesão orgânica o aparelho da linguagem provavelmente ter sido prejudicado como um todo, sendo obrigado a retornar às formas primárias, mais seguras e mais complicadas de associação, mostra que a importância desses atalhos e substituições não é tão grande. No caso da leitura realizada por leitores experientes, sem dúvida evidencia-se a importância da "visualização da *imagem da palavra*", de modo que palavras individuais (nomes próprios) também poderão ser lidas sem a necessidade de serem soletradas.

Portanto, a palavra é uma representação complexa, composta pelas imagens aqui arroladas, ou, dito de outro modo, à palavra corresponde um processo associativo complexo engendrado entre os elementos de origem visual, acústica e cinestésica aqui citados.

A palavra, porém, adquire o seu significado através da vinculação com a "representação-de-objeto",[SE.124] ao menos se restringirmos nossa observação aos substantivos. A própria representação-de-objeto, por sua vez, é um complexo associativo composto pelas mais variadas representações visuais, acústicas, táteis, cinestésicas e por diversas outras representações ainda.

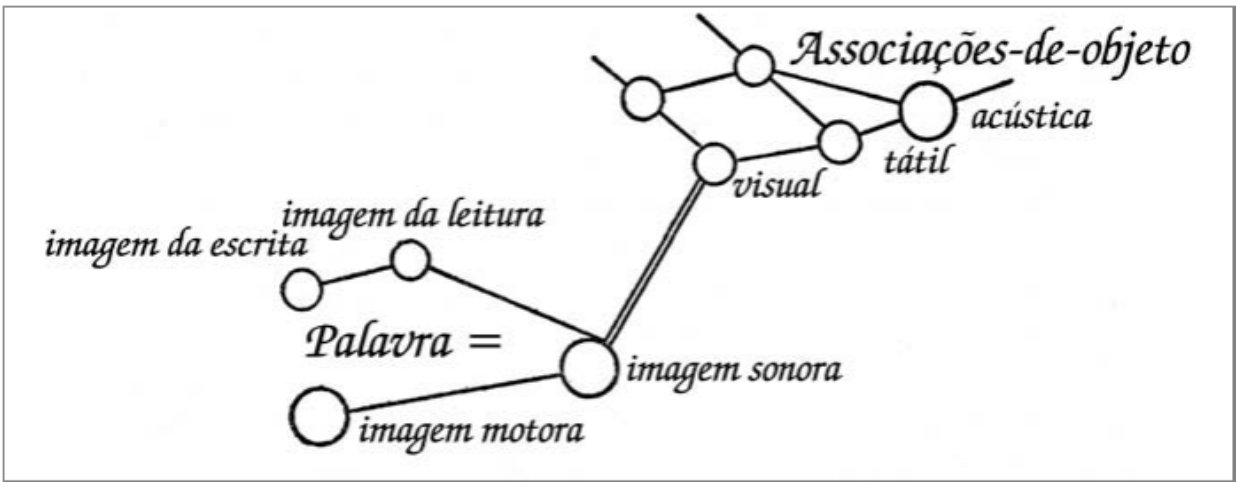


Fig. 8 [do trabalho sobre as afasias]
ESQUEMA PSICOLÓGICO DA REPRESENTAÇÃO-DE-PALAVRA

A representação-de-palavra aparece como um complexo de representações fechado; a representação-de-objeto, por sua vez, aparece como complexo aberto. A representação-de-palavra não se vincula à representação-de-objeto através de todos os seus componentes, mas somente a partir da imagem sonora. Entre as representações-de-objeto, são as visuais que representam o objeto de um modo semelhante àquele pelo qual a imagem sonora representa a palavra. Não foram inseridas aqui as interligações[T.125] [*Verbindungen*] da imagem sonora da palavra com outras associações-de-objeto que não as visuais.

Depreendemos da filosofia que a representação-de-objeto nada mais contém do que isto e também que a aparência de uma "coisa", a favor de cujas "características" as impressões sensoriais dariam testemunho, só é produzida devido ao fato de acrescentarmos à enumeração das impressões sensoriais que já temos de um objeto a possibilidade de haver uma grande seqüência de novas impressões inserida na mesma cadeia associativa (J. S. Mill).[F.126] A representação-de-objeto, portanto, não nos aparece como fechada, tampouco como passível de fechamento, enquanto a representação-de-palavra nos aparece como algo fechado, embora passível de ampliação.

A afirmação que agora faremos com base na patologia dos distúrbios da fala diz que *a representação-de-palavra com sua terminação sensível (por meio das imagens sonoras) está ligada à*

representação-de-objeto. Deste modo, passamos a supor duas categorias de distúrbio da fala: (1) uma afasia de primeira ordem, a *afasia verbal*, na qual há distúrbios apenas nas associações entre os elementos individuais que compõem a representação-de-palavra, e (2) uma afasia de segunda ordem, a *afasia assimbólica*, na qual há distúrbios na associação entre a representação-de-palavra e a representação-de-objeto.

Utilizo o termo *assimbolia* em sentido diverso daquele usado desde Finkelnburg,[F.127] porque me parece que a relação entre a representação-de-palavra e a representação-de-objeto faria mais jus ao nome de relação "simbólica" que aquela entre o objeto e a representação-de-objeto. Quero sugerir aqui que os distúrbios da capacidade de reconhecimento de objetos [*Gegenstände*],[T.128] reunidos por Finkelnburg sob o termo *assimbolismo*, passem a ser chamados de *"agnosia"*. A partir disso, seria possível que distúrbios agnósticos, os quais só ocorrem em lesões corticais disseminadas e bilaterais, também acarretem um distúrbio da fala, uma vez que todos os estímulos para uma fala espontânea partem da região das associações-de-objeto. Eu chamaria tais distúrbios da fala de *afasias de terceira ordem* ou *afasias agnósticas.* A prática clínica de fato nos mostra alguns casos que exigem uma concepção como esta…

NOTAS

F: notas de Freud
***SE*:** notas da *Standard Edition*
T: notas do tradutor brasileiro

■ **T.1** *Verdrängung*, “recalque”; Alt.: “repressão”; Sign.: “desalojado”, “empurrado para o lado”; Conot.: empenho de “abafar” ou “manter afastado” a manifestação de uma idéia incômoda. Obs. 1: Freud combina o verbo *drängen,* “forçar passagem/empurrar”, com os prefixos *ver-*, *nach-* ou *vor-* para descrever os movimentos de “empurrar forçando” na direção do consciente ou do inconsciente. Obs. 2: *drängen* e sua substantivação, *Drang*, contêm um afã ou urgência por alívio; ver DCAF.

■ **T.2** *Vorstellung*, “idéia”, “representação”; Alt.: “representação mental”; Sign.: “imagem”, “noção”, “concepção”; Conot.: implica imaginar ou visualizar uma imagem, um pensar pela via do imaginar. O verbo *vorstellen* significa “conceber mentalmente”, “representar”, “imaginar”. Obs. 1: Implica a reprodução ou ativação de idéias pela utilização de imagens disponíveis na memória. Obs. 2: A pulsão manifesta-se psiquicamente como uma representação (ou imagem ou idéia) que pode referir-se a uma disposição ou a um anelo, portanto, a uma ação visada, ou a um objeto visado, e ao manifestar-se para a consciência também implica um correlato qualitativo de afeto. Freud serve-se do leque semântico do termo, que abarca desde o ato inicial de dar uma representação a um objeto, a uma necessidade, a um desejo, até o imaginar e o pensar mais complexos dirigidos a certas metas. (Ver mais a respeito da relação entre “representação” [*Vorstellung*] e “pulsão” [*Trieb*] no vol. I, pp. 134 e 138-140.) Obs. 3: Embora *Vorstellung* seja empregado na filosofia alemã, não tem a conotação erudita de “representação”; trata-se de um termo corriqueiro. Obs. 4: Nessa frase, e em diversas outras deste artigo, *Vorstellung* foi traduzido por “idéia”, na acepção de “representação mental”, ou de “imagem interna”, sendo de resto traduzido preferencialmente por “representação”. Quando for

traduzido por outro de seus vários sinônimos, advertir-se-á o leitor de que se trata sempre do mesmo termo *Vorstellung*; ver DCAF.

■ **T.3** *Bewusstes*, "consciente"; Sign.: o termo *das Bewusste* designa a instância "o consciente", bem como "aquilo que é consciente/conhecido", isto é, o conjunto dos "conteúdos psíquicos que se encontram em estado consciente". Quando utilizado como substantivo sem artigo, *Bewusstes* tem apenas este último sentido. Freud freqüentemente usa essa porosidade de sentidos entre instância e estado para ressaltar o aspecto dinâmico do termo; ver também nota 6, adiante.

■ **T.4** *Bewusstes*; ver nota 3, acima.

■ **T.5** *Seelisches*, "psiquismo"; Alt.: "psique"; Conot.: no contexto freudiano não se refere à "alma", mas à "psique" ou ao "psiquismo", e é lido em alemão como um termo sem a carga espiritual e mística de "alma", como bem indicam as observações do próprio Freud a respeito e os dicionários da época; ver mais a respeito no DCAF. Obs.: Freud emprega como equivalentes alternativamente *Seele* e *Psyche*; em inglês, o termo *mind* é muito utilizado, pois, diferentemente do português "mente", *mind* tem uma forte carga afetiva.

■ **T.6** *Bewusstsein,* "consciência"; Conot.: substantivo composto por *sein* (estar) e *bewusst* (ciente); não se distingue foneticamente o substantivo *Bewusstsein* (consciência) da composição [verbo + adjetivo] *bewusst sein* ("estar ciente" ou "estar consciente"); o substantivo, que designa a instância, evoca a idéia de um estado provisório e dinâmico. Em diversos textos, como "O Inconsciente" (1915), *O Eu e o Id* (1923) e *A Questão da Análise Leiga* (1926), Freud faz uso desse aspecto dinâmico. Ver, em ESPI, vol. I, "Alguns Comentários sobre o Conceito de Inconsciente" (1912), pp. 83 e segs.; ver também DCAF.

■ **T.7** *Akte*, "atos"; Alt.: "processos"; em inglês, *acts*. Obs.: Ocasionalmente, Freud emprega o termo "processo" [*Vorgang*], mas a palavra *Akte* reforça a idéia de conceber os movimentos psíquicos como ações, algo mais próximo da acepção de "pulsão" [*Trieb*], do que como processos que poderiam ser emanações sem sujeito.

■ **T.8** *Zwangserscheinungen*, “manifestações obsessivo-compulsivas”; Sign.: “fenômenos de coerção” ou “fenômenos de coação”; Conot.: *Zwang* é algo exterior que “obriga” ou “força”, “coação”, “obrigatoriedade”, “coerção”. Obs. 1: Devido às tradições da terminologia médica da época, o termo *Zwang*, que compõe a palavra *Zwangsneurose*, “neurose compulsiva” ou “neurose obsessiva”, foi traduzido preferencialmente por “obsessão” em inglês e “compulsão” em francês”, eventualmente também por “obsessão” em francês; entretanto, em português, os dois termos não correspondem ao sentido alemão de *Zwang*, pois a palavra “compulsão”, em português, remete a uma vontade irrefreável, e a palavra “obsessão” refere-se a uma idéia fixa e persecutória em alemão. Obs. 2: O *Zwang* (“coerção”) ao qual o neurótico é submetido ressalta o conflito entre a vontade do neurótico e uma força avassaladora (*Zwang*) percebida como se fosse “externa” e “alheia” que se impõe ao sujeito; e na qual ele não se reconhece; ver DCAF.

■ **T.9** *Unbewusstheit*. Obs.: Na tradução de Laplanche, utilizou-se *inconsciencialité*, que é o que mais se aproxima do alemão *Unbewusstheit*. Trata-se de uma espécie de estado de inconsciência; ver também comentários da edição inglesa no início deste artigo.

■ **SE.10** [Durante algum tempo, o próprio Freud pareceu tender a aceitar essa teoria, o que inferimos de uma passagem de seu livro sobre as afasias (1891*b*, pp. 56 e segs.); cf. Anexo B, pp. 53-54, adiante.]

■ **T.11** *Strebungen*, “anseios”; Alt.: “tendências”, “vertentes”, “anelos”, “empenhos”; como verbo, *streben*, “aspirar”, “tender a”, “empenhar-se por”, “almejar”, “anelar”, “esforçar-se por alcançar”; Conot.: remete à vivacidade e à autonomia mobilizadas e carregadas de volição; diversamente do termo “tendência”, muito usado em outras traduções, e que expressa uma lei ou uma propensão. Obs.: Também empregado por Freud como “corrente”, “tendência” psíquica (como equivalente à pulsão) que anela ou se esforça por atingir certas metas; ver DCAF.

■ **T.12** No original em alemão, “*Träume sind Schäume*” (literalmente, “Sonhos são espumas”), equiparando os sonhos a bolhas de sabão

(formadas a partir da espuma), que não se sustentam, esvaindo-se.

■ **SE.13** [Em sua última e definitiva abordagem do tema, no ensaio inconcluso “Some Elementary Lessons in Psycho-Analysis” (1940*b*), Freud debruça-se exaustivamente sobre o material comprobatório, dedutível a partir da sugestão pós-hipnótica.]

■ **SE.14** [Em alguns de seus primeiros escritos, o próprio Freud utilizou o termo *“subconscient”*, ou “subconsciente”, como no ensaio escrito em francês sobre as paralisias histéricas (1893*c*) e nos *Estudos sobre a Histeria* (1895*d*). Mas já em *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), *Studienausgabe,* vol. 2, p. 583, desaconselha a utilização do termo. Na 19ª de suas *Conferências Introdutórias* (1916-17), *Studienausgabe,* vol. 1, p. 294, volta a abordar o tema; discute-o mais detidamente no fim do capítulo II da *Questão da Análise Leiga* (1926*e*), *Studienausgabe*, volume complementar, pp. 288-9.]

■ **SE.15** [Uma abordagem detalhada dessa concepção já se encontra no capítulo VII, Seção F, de *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 583-5.]

■ **T.16** *Unbewusstheit*, nota 9, atrás.

■ **T.17** *Trieb*, “pulsão” (do neologismo francês *pulsion*); Alt.: “instinto”; Sign.: termo corriqueiro e polissêmico, designa genericamente uma “força impelente”; resulta da fusão de duas palavras do médio alemão — “o que impele”, *trip,* e “o que é impelido”, *trift* — e abrange um arco de sentidos: o surgimento da necessidade; processos fisiológicos de transmissão; sua tradução para o psíquico; o processamento psíquico e as metas resultantes desses processos (incluindo-se aí os “desejos”); Conot.: algo que espicaça. Obs. 1: Em alemão, o termo descreve as diferentes esferas de circulação dessa força impelente, desde o pólo em que a ação brota e é impelida até o pólo que atrai a ação para si; *Trieb* é a força responsável pelas necessidades, vontades, impulsos e desejos (devido à sua origem como *trip*) e, ao mesmo tempo, é ela mesma a resultante desse processo, isto é, a representação psíquica da necessidade, da vontade, dos impulsos, dos desejos, etc. (devido à sua origem como *trift*). Obs. 2: Coerente com a polissemia alemã de *Trieb*, Freud

emprega o termo para referir-se aos diferentes momentos desse arco de sentidos — por exemplo, para designar um "estímulo pulsional". Ele também chama a "fome" (uma sensação) de *Trieb*, e usa *Trieb* para referir-se a um "impulso" ou "intenção" agressiva, "libido", "sentimento de amor" e "vontade", entre outros tantos termos que alterna na trama enfática de "pulsão" (ver o conceito de tramas enfáticas em ESPI, vol. I, pp. 17-18); contudo, neste texto, diversamente do que ocorre em "Pulsões e Destinos da Pulsão" (1915) (vol. I, pp. 145-62) e em "Além do Princípio de Prazer" (presente volume, pp. 135-182), Freud emprega o termo preferencialmente na esfera representacional, isto é, a pulsão como manifestação psíquica (por vezes designada como "representação", "desejo" ou "pulsão"); ver Comentários do Editor Brasileiro no vol. I, pp. 137-144, e DCAF.

■ **T.18** *Ziele,* "metas"; Alt.: "alvos", "objetivos". Obs.: A meta da pulsão; não equivale a "finalidade", *Zweck*. Ambos, com freqüência, não têm sido diferenciados nas traduções; *Ziel* refere-se ao alvo imediato escolhido para realizar a descarga e ao mecanismo pulsional fisiológico de escoamento ou remoção da energia ou à obtenção psíquica de prazer; *Zweck* refere-se ao sentido ou à finalidade funcional da ação, isto é, se refere à função biológica ou psíquica. Freud retoma esse ponto também em "Pulsões e Destinos da Pulsão" (1915), ESPI, vol. I, p. 147, nota T.14, e p. 148, nota T.22.

■ **SE.19** [Freud retoma a idéia na pp. 41-2, adiante.]

■ **SE.20** [Essas abreviações já foram usadas por Freud em *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*); cf. *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 517 e segs.]

■ **T.21** *Versagt*, "negado"; Alt.: "impedido", "interditado"; também como substantivo, *Versagung*, "obstáculo", "frustração", "impedimento", "bloqueio"; Sign.: do verbo *versagen*, "impedir", "proibir", "negar acesso", "interditar", "bloquear". Obs.: A tendência internacional de traduzir *Versagung* por "frustração" tem causado confusão, com o termo sendo compreendido equivocadamente como "decepção", "devastação emocional", implicando uma alteração da leitura e interpretação de uma ampla rede conceitual a ele interligada. Freud distingue e relaciona as *Versagungen* internas às

externas, sendo este um tema essencial à metapsicologia freudiana; ver também DCAF.

■ **T.22** *Bewusstseinsfähig*, capaz de se tornar consciente. Obs.: Termo compacto que designa a capacidade ou aptidão do material psíquico de se tornar consciente.

■ **SE.23** [Cf. *Estudos sobre a Histeria* (Breuer e Freud, 1895).]

■ **SE.24** [De Bleuler (1914).]

■ **SE.25** [Cf. pp. 32-3.]

■ **SE.26** [A concepção de que na psique uma idéia poderia estar presente em mais de um "registro" foi defendida por Freud pela primeira vez em uma carta a Fliess de 6 de dezembro de 1896 (Freud, 1950*a*, carta nº 52). Ele lança mão dessa suposição no contexto da teoria da memória no Capítulo VII, Seção B de *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 515 e segs., também mencionando-a na Seção F do mesmo capítulo (ibid., p. 578), numa formulação que já insinua a argumentação acima.]

■ **SE.27** [O próprio Freud debruçou-se intensamente sobre a questão da localização das funções cerebrais em seu trabalho sobre as afasias (1891*b*).]

■ **SE.28** [Freud já havia feito essa afirmação no prefácio à sua tradução do texto *De la suggestion,* de Bernheim (Freud, 1888-89).]

■ **T.29** *Erinnerung*, "memória"; Alt.: "recordação" ou "lembrança". Obs.: Aqui Freud se refere à memória não na acepção de função ou capacidade de arquivar informações, mas como "lembrança", isto é, conteúdos, imagens, ou melhor, traços de imagens (visuais, auditivas, olfativas, sensoriais em geral).

■ **T.30** *Spur*, "rastro"; Alt.: "traço", "pista", "vestígio", "marca", "resto".

■ **SE.31** [A diferenciação tópica entre idéias conscientes e inconscientes encontra-se na descrição do caso do "pequeno Hans" feita por Freud (1909*b*), *Studienausgabe,* vol. 8, pp. 103 e segs., e ainda em mais detalhes nos parágrafos finais de seu artigo técnico "Introdução ao Tratamento" (1913*c*), *Studienausgabe*, volume complementar, pp. 200 e segs.]

■ **SE.32** [Esse tema será retomado na p. 49.]

■ **T.33** *Vorstellung*; ver nota 2 acima.

■ **T.34** *Triebregungen* [sobre *Trieb*, ver nota 17], *-regungen,* "impulsos"; Alt.: "moções"; Sign.: brotamento, movimento inicial de irrupção; *Triebregung* é uma "pulsão que acaba de brotar". Obs. 1: As moções ou impulsos pulsionais são manifestações da pulsão quando esta surge ainda pouco carregada (ainda não houve uma estase que a tornasse imperativa, tal como a fome), sua forma equivaleria ao apetite, isto é, a um estado ainda de iniciativa ou comichão. O termo "impulso" não denota aqui algo súbito, ocasional, mas uma corrente inicial, e, portanto, ainda pode sofrer um recalque; ver DCAF.

■ **T.35** *Repräsentanz*, "representante"; Alt.: "representância"; Sign.: elemento que tem a "função de estar no lugar de outro", "enviado", "delegado", "função do substituto". Obs.: Para facilitar a leitura, manteve-se a tradição de traduzir *Repräsentanz* por "representante", embora se refira a uma função, e não ao elemento que excerce a função de representar outrem; ver DCAF.

■ **T.36** *Heften*, "aderir", um sinônimo alemão para "*sich binden an*"; ver nota 81 sobre *binden*.

■ **SE.37** [Cf. Comentários editoriais da edição inglesa de "Pulsões e Destinos da Pulsão, vol. I, pp. 133-7.]

■ **T.38** *Affektregung*: *Affekt*, "afeto" [sobre *-regung,* ver nota 34]; *Affekt*; Conot.: emoção e excitação excessivas; geralmente implica certo descontrole e colapso. Obs.: Embora aqui o termo seja usado na acepção de energia que ao se expressar na consciência adquire uma qualidade (agradável ou aversiva), em alemão, evoca a idéia de "excesso", de descontrole das emoções que transbordam. Neste artigo e ao longo da obra de Freud é empregado com freqüência com essa conotação e ligado à irrupção de medo (*Angst*) na acepção de pavor, fobia, pânico. Contudo, a composição *Affektregung* indica que se trata do brotamento do afeto e está sendo utilizado em um sentido mais livre, como pequena quantidade de energia ou carga que escapou de uma representação recalcada e transita para outra.

■ **SE.39** Ver o ensaio sobre o recalque [EPSI, vol. I, pp. 183 e segs.].

■ **T.40** *Unterdrückt*, “reprimido”; Alt.: “suprimido”; Conot.: reprimir, sufocar. Obs.: Em alguns textos. Por exemplo, na *Interpretação dos Sonhos* (1900) [ESB, vol. V, p. 549, nota 2] Freud diferencia *Unterdrückung* (“repressão”) de *Verdrängung* (“recalque”), o primeiro referindo-se ao esforço consciente de reprimir um sentimento consciente e inadmissível, e o segundo, ao processo pré-consciente de evitar o acesso desses sentimentos à consciência; entretanto, em geral, Freud não diferencia ambos. Nesse trecho, após comentar que se trata do resultado de um recalque já havido, ocorrem três destinos da parcela quantitativa: reaparecer sob outra forma, eclodir como medo, pavor, ou então ficar soterrada (sufocada, reprimida, *unterdrückt*, não utilizado aqui na acepção de conscientemente conter um sentimento). Como se nota, o termo tem aqui uma acepção não técnica, é usado no sentido de “impedir o desencadeamento”; cf. EPSI, vol. I, p. 191, nota 47.

■ **SE.41** [A abordagem mais importante dos afetos encontra-se em *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), no Capítulo VI, Seção H, *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 444-69.]

■ **T.42** *Ansatzmöglichkeit* refere-se à possibilidade de ancorar ou encaixar-se em um determinado ponto para desenvolver-se a partir desse local; é um ponto “possível de articulação”.

■ **T.43** *Abfuhrvorgänge*, termo composto por *Abfuhr* (“descarga”) e *-vorgänge* (“processos”); Alt.: “remoção” ou “retirada”; Conot.: embora a tradução consolidada em português seja “descarga”, esta enfatiza a idéia de um movimento abrupto de “rajada” ou “disparo”, em geral ausente do termo freudiano, que evoca a algo como “conduzir”, “remover”, “reencaminhar para fora”, descrevendo um movimento processual. Obs. 1: Devido à diferença de conotação, preferiu-se empregar geralmente o termo “remoção”; mas nesse trecho optou-se por “descarga” para enfatizar que a “carga” precisa ser removida e reduzir a estase; ademais, Freud fala a seguir de dois tipos de “descarga” *Abfuhr,* uma obtida pela ação muscular e controlada pelo consciente e outra como afloramento da “carga de investimento” na percepção consciente; principalmente neste segundo caso, trata-se, em geral, de uma descarga abrupta, como indicado na nota 38 sobre

Affekte. Obs. 2: Freud contrapõe a remoção interna (*innere Abfuhr*), ligada ao pensamento, à remoção externa (*äussere Abfuhr*), que é motora; outros termos que ele emprega como equivalentes a *Abfuhr* são: *entladen*, "descarregar" na acepção de "esvaziar"; *Ableitung*, "escoamento"; *Dränierung*, "drenagem", ressaltando que há também um importante aspecto processual e gradual da *Abfuhr* na metapsicologia; ver DCAF.

■ **SE.44** [Outra abordagem dessa questão pode ser encontrada no capítulo II de *O Eu e o Id* (1923*b*). Uma apresentação ainda mais clara da essência do que se entende por afeto é feita por Freud na 25ª de suas *Conferências Introdutórias* (1916-17), *Studienausgabe*, vol. 1, pp. 382-3, assim como no capítulo VIII de *Inibição, Sintoma e Medo* (1926*d*), *Studienausgabe*, vol. 6, pp. 273-4.]

■ **F.45** A afetividade expressa-se essencialmente através do investimento motor (secretória, reguladora de vasos) para a alteração (interna) do próprio corpo, sem relação com o mundo exterior, e da motilidade, em ações destinadas à alteração do mundo exterior.

■ **SE.46** [EPSI, vol. I, p. 182.]

■ **SE.47** [cf. adiante, p. 49.]

■ **SE.48** [Vol. I, p. 179.]

■ **T.49** *Nachdrängen*, "calcar *a posteriori*"; Alt.: "pós-calcar"; Sign.: ir acrescentando outros recalques, ir colocando novas camadas de recalque. Obs. 1: Freud por vezes utiliza esse termo para designar o "recalque propriamente dito", isto é, o recalque secundário, vol. I, p. 179. Obs. 2: Freud combina o verbo *drängen,* "forçar passagem/empurrar", com os prefixos *ver-*, *nach-* ou *vor-* para descrever os movimentos de "empurrar forçando" na direção do consciente ou do inconsciente; o núcleo *dräng-* (o mesmo do termo "recalque" [*Verdrängen*], utilizado no parágrafo seguinte, remete a algo que força ou empurra para longe tudo o que é insuportável, quer pertença ao mundo externo, quer interno; esse movimento psíquico de afastamento forçado do que é incômodo é constantemente enfatizado por Freud ao longo de sua obra.

■ **T.50** *Niederschrift*, “registro” ou “inscrição”; Alt.: “notação”.

■ **SE.51** [Cf. atrás, pp. 26-8.]

■ **SE.52** [Quanto à utilização do termo “libido” aqui, cf. três parágrafos abaixo.]

■ **SE.53** [pp. 26-7.]

■ **SE.54** [Freud usou esse termo pela primeira vez aproximadamente 20 anos antes, em uma carta a Fliess de 13 de fevereiro de 1896 (Freud, 1950*a*, carta nº 41). Em obras publicadas por Freud nesse ínterim, ele só aparece uma única vez, mais especificamente em *Psicopatologia do Cotidiano* (1901*b*), Capítulo XII, Seção C. Cf. também algumas outras considerações a esse respeito em “Sobre este volume”, *Studienausgabe*, vol. 3, pp. 9-10.]

■ **SE.55** [Isso já foi feito por Freud três parágrafos acima.]

■ **T.56** *Angsthysterie*, “histeria de angústia”; Alt.: “histeria de ansiedade”; Sign.: *Angst* significa literalmente “medo”; neste sentido, a tradução poderia também ser “histeria de medo”; Conot.: *Angst* evoca uma prontidão reativa ante o perigo. Obs. 1: Em nota no vol. III, *ESB*, p. 113, Strachey menciona que a palavra alemã *Angst* corresponderia a *fear* ou *fright*, mas que adotou em sua tradução o termo *anxiety*, consolidado na psiquiatria inglesa. Em francês, adotou-se um termo também já tradicional na psicopatologia francesa da época, *angoisse*. Em português, seguindo-se a tradição inglesa ou a francesa, utiliza-se habitualmente “ansiedade” ou “angústia”; na presente tradução, por motivos apresentados no capítulo sobre os critérios que nortearam a tradução, vol. I, EPSI, pp. 27-36, será mantida a nomenclatura dos quadros clínicos já consolidada na terminologia psicanalítica brasileira de inspiração francesa; todavia, as ocorrências isoladas da palavra *Angst* serão traduzidas por “medo” quando esse parecer ser o termo mais adequado, sempre informando-se o leitor de que palavra se trata em alemão. Obs. 2: Freud alterna a designação de *Angsthysterie* com *Phobie* (“fobia”); os sintomas que ele descreve nos casos que designava de *Angstneurose* correspondem ao quadro hoje descrito como “síndrome do pânico”; para mais informações sobre a tradução

de *Angst* e seus termos derivados e compostos ver DCAF e, neste volume, “Comentários do Editor Brasileiro”, pp. 125-134.

■ **T.57** Obs.: Neste trecho nota-se como o afeto acumulado em excesso e sem vias de processamento irrompe abruptamente, como comportas de emergência que se abrem para dar vazão a uma pressão acumulada. Para Freud esse processo de descarga abrupta e maciça manifesta-se como uma irrupção ou desencadeamento do afeto de medo intenso.

■ **T.58** *Bewältigung*, substantivação do verbo *bewältigen*, “lidar”; Alt.: “dominar”, “elaborar”; Sign.: “lidar”, “dar conta de”; Conot.: o termo diferencia-se de “dominar”, pois enfatiza algo cuja resolução não é obter o domínio na acepção de controle absoluto, mas a ação de saber “enfrentar” ou “lidar com”, portanto, mais coerente com a concepção de Freud a respeito da impossibilidade de dominar algo tão avassalador como as excitações emanadas das fontes pulsionais; ver DCAF.

■ **SE.59** [Trata-se da “segunda fase” do processo.]

■ **SE.60** [Cf. EPSI, vol. I, p. 184.]

■ **SE.61** [A “terceira fase”.]

■ **SE.62** [A concepção de que a liberação de uma quantia pequena de desprazer sirva como “sinal” para evitar o desenvolvimento de desprazer maior já se encontra no “Esboço” de Freud do ano de 1895 (1950*a*, Parte II, Seção “O Distúrbio de Pensamento Causado pelo Afeto”), e ainda em *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 571-2. Evidentemente, em *Inibição, Sintoma e Medo* (1926*d*) essa concepção é elaborada em mais detalhes, p.ex., no Capítulo XI, Seção A (*b*), *Studienausgabe*, vol. 6, pp. 298 e segs.]

■ **SE.63** [Isso parece apontar para um trabalho metapsicológico perdido sobre a histeria de conversão. — Freud já havia abordado a questão nos *Estudos sobre a Histeria* (1895*d*), mais especificamente no caso da Senhorita Elisabeth von R., no início da seção “Epicrise”.]

■ **T.64** *Triebrepräsentanz* (sobre *Trieb,* ver nota 17, acima) - *repräsentant*, “representante”; Sign.: refere-se ao elemento cuja

função é “estar no lugar de”, ou ser um “substituto”, um “enviado”, ou “que tem a delegação de representar”. Obs.: Freud por vezes não se refere ao elemento que está representando, mas à “função de representação”, na acepção da “função de estar no lugar de”, e emprega o termo *Repräsentanz*, que com freqüência é confundido nos idiomas latinos com “representação”, na acepção de “figuração”, “apresentação”. Em alemão, “figuração” ou “apresentação” corresponde a *Vorstellung* (“imagem”, “idéia”, “noção”, “concepção”, “visualização”). Para evitar a ambigüidade do termo latino, a palavra *Repräsentanz* (“função de estar no lugar de outro”) foi traduzida por “representante”, embora em rigor se refira a uma função, e não ao elemento que excerce a função de representar; a diferença entre *Repräsentant* e *Repräsentanz* não é relevante no contexto freudiano, mas o leitor será sempre advertido de que termo se trata.

■ **T.65** *Wunschziel*, ver nota 18 sobre *-ziel.*

■ **SE.66** [EPSI, vol. I, pp. 185-6.]

■ **SE.67** [Os temas do presente trecho são novamente abordados por Freud em *Inibição, Sintoma e Medo* (1926 *d*). Cf. *Studienausgabe*, vol. 6, em especial pp. 269 e segs., p. 282, notas, e pp. 285-6.]

■ **T.68** Obs.: Note-se que neste parágrafo há um uso livre dos termos e “representantes pulsionais”, “impulsos de desejo” e “impulsos pulsionais” tornam-se equivalentes, ver conceito de “trama enfática” (EPSI, vol. I, pp. 17-18).

■ **T.69** Ver o texto “A Negativa” (1925) *Studienausgabe*, pp. 373-77.

■ **SE.70** [Cf. constatação semelhante no trabalho de Freud “Formulações sobre os dois Princípios do Acontecer Psíquico (1911*b*), vol. I, p. 66, assim como as demais alusões a respeito na nota editorial nº 28, vol. I, p. 75.]

■ **F.71** Cf. as digressões no Capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos* [1900*a*, *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 559 e segs.], que se apóiam nas idéias desenvolvidas por J. Breuer nos *Estudos sobre a Histeria* [Breuer e Freud (1895)].

■ **SE.72** [Mais detalhes a respeito no livro de Freud sobre o *chiste* (1905*c*), especialmente na segunda e terceira seções do Capítulo VII, *Studienausgabe*, vol. 4, pp. 185 e segs.]

■ **SE.73** [Só na edição de 1915 lemos "*Ics*" nesse ponto. — Observações sobre a "atemporalidade" do inconsciente estão disseminadas por toda a obra de Freud. A mais antiga parece ser de uma frase do ano de 1897 (Freud, 1950 *a*, manuscrito M), onde declara: "Desconsiderar o caráter temporal principalmente para diferenciar entre a atividade do pré-consciente e do inconsciente". Encontramos uma menção indireta em *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), *Studienausgabe*, vol. 2, p. 550; mas a primeira afirmação explicitamente impressa parece ser a nota de rodapé acrescida no fim do último capítulo de *Psicopatologia do Cotidiano* (1901*b*) em 1907. Outra leve alusão encontra-se numa nota de rodapé do trabalho sobre o narcisismo (ESPI, vol. I, p. 129, nota 90). Também em escritos posteriores, Freud voltou várias vezes a essa questão, principalmente em *Além do Princípio de Prazer* (1920*g*), adiante, p. 144, assim como na 31ª palestra da *Novas Conferências* (1933*a*).]

■ **SE.74** [Cf. o item 8 "Formulações sobre os Dois Princípios do Acontecer Psíquico" (1911*b*), adiante, pp. 69-70. Encontramos mais detalhes sobre a "o teste de realidade" no trabalho seguinte, pp. 87 e segs., adiante.]

■ **F.75** Deixaremos a menção de outra prerrogativa importante do *Ics* para mais tarde, em outro contexto. [Freud explica o fato em uma carta a Georg Groddeck, datada de 5 de junho de 1917 (contida em Freud, 1960*a*): "Em meu ensaio sobre o *Ics*, que o Sr. menciona, o Sr. encontrará (…) uma nota insignificante: 'Deixaremos a menção de outra prerrogativa importante do *Ics* para mais tarde'. Segredar-lhe-ei o que foi omitido ali: a afirmação de que o ato inconsciente tem uma influência intensa e plástica sobre os processos somáticos, de uma forma que o ato consciente jamais conhecerá."]

■ **SE.76** [pp. 29 e segs.]

■ **T.77** *Entladung*, nota 43.

■ **T.78** *Affekt*, nota 38.

■ **SE.79** [Provavelmente uma alusão ao trabalho perdido sobre a consciência.]

■ **T.80** *Verschiebung*, “deslocamento”; Sign.: do verbo *verschieben*; o substantivo remete a algo que desliza ou é deslizado em outra direção por vias aplainadas, de pouca resistência; Conot.: o deslizamento vai reconfigurando o conjunto, eventualmente deformando-o em seu sentido. Obs.: No contexto freudiano, o termo reforça a idéia de uma rede interligada de pontos ao longo da qual ocorre o deslizamento de pequenas quantidades de energia das cargas de investimento que preenchem ou ocupam as representações; ver DCAF.

■ **T.81** *Gebunden,* “atado”, do verbo *binden*; Alt.: “ligado”; Sign.: “enlaçar”, “amarrar”, “prender”, “atar”. Obs. 1: Não tem a acepção de “interligado”, “vinculado” ou “interconectado” e não se trata de “vínculo”, na acepção de “relacionamento afetivo”, nem de “conexão lógica”. Obs. 2: A energia pulsional ou investimento pode enlaçar-se a uma função, a uma imagem (representação) ou a um afeto; aqui, trata-se da representação. Freud emprega o termo em diversos contextos: para descrever aglomerados em que pulsão-afeto-imagem estão “enlaçados”, formando uma unidade dotada de um sentido básico, bem como para descrever as cadeias ou as redes associativas, nas quais os elementos estão *gebunden* (amarrados entre si) e dotam de sentido mais complexo uma experiência. *Binden* também está envolvido no processo de fixação, por meio da repetição de experiências e do aumento de intensidade — aqui no texto, trata-se de energia “aprisionada” a uma representação; ver DCAF.

■ **SE.82** [Cf. nota 71, acima.]

■ **SE.83** [Uma alusão ao mecanismo pelo qual o *Pcs* possibilita isso pode ser encontrada na “Nota sobre o Bloco Mágico”, de Freud (1925*a*).]

■ **SE.84** [Cf. EPSI, vol. I, p. 114, nota 90 — Apenas na edição de 1915 encontramos o termo *“Cs*” nessa passagem.]

■ **SE.85** [Cf. pp. 26 e segs.]

■ **SE.86** [Uma das poucas observações de Freud sobre a metapsicologia dos animais encontra-se no fim do Capítulo I do estudo *Um Esboço da Psicanálise* (1940*a*): “Esse esquema geral de um aparato psíquico também é válido para os animais superiores, psiquicamente semelhantes ao homem. Haverá um excesso onde houver um tempo maior de dependência infantil no homem. Inevitavelmente, podemos supor uma divisão entre Eu e Id. A psicologia animal ainda não deu início à interessante tarefa que aqui se vislumbra”.]

■ **SE.87** [Cf. “O Recalque” (1915*d*), EPSI, vol. I, p. 180.]

■ **SE.88** [Provavelmente, mais uma referência ao trabalho perdido sobre a consciência.]

■ **SE.89** [Cf. p. 26.]

■ **SE.90** [Ver acima, pp. 25-26. Freud já havia levantado a questão no Capítulo VII, Seção F, de *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 582 e 585. Ela será abordada mais detidamente adiante, na p. 43.]

■ **SE.91** [Cf. pp. 26 e segs.]

■ **SE.92** [Cf. p. 26, atrás.]

■ **SE.93** [O pronome “sua” com grande probabilidade se refere ao *Pcs*. Essa frase um tanto obscura ficaria mais clara se tivéssemos à disposição o trabalho perdido sobre a consciência. A lacuna se faz sentir especialmente, pois podemos supor que a alusão remete a uma abordagem da função da atenção — um tema que nos trabalhos posteriores de Freud quase não é mais abordado. Em *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), encontram-se duas ou três passagens que parecem relevantes nesse contexto: “(…) pelo fato de os processos de moção nele [no pré-consciente] poderem atingir a consciência, sem maiores obstáculos, caso ainda sejam cumpridos determinados pré-requisitos, p. ex., (…) uma certa distribuição da função que devemos chamar de atenção” (*Studienausgabe*, vol. 2, p. 517). “O afloramento da consciência está associado a uma dedicação de determinada função psíquica, ou seja, a da atenção” (ibid., p. 563). “O sistema *Pcs* não apenas trava o acesso à

consciência, mas (…) [também] dispõe da emissão de uma energia móvel de investimento, do qual uma parte nos é conhecida como atenção" (ibid, p. 582). Ao contrário do número reduzido das alusões ao tema nos escritos posteriores de Freud, o "Esboço" de 1895 discorre em detalhes sobre a atenção, apresentando-a como uma das forças de maior efeito no aparelho psíquico. (Freud, 1950*a*, especialmente o primeiro trecho da parte III.) Freud aqui a associa (assim como nas "Formulações sobre os Dois Princípios do Acontecer Psíquico", 1911*b*, EPSI, vol. I, p. 66) à função do "teste de realidade". Cf. Nota Editorial ao "Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos" adiante, pp. 75-7), onde é abordada a relação entre a atenção e o sistema *W*.]

■ **SE.94** [A dificuldade aqui abordada é reforçada ainda mais por Freud no fim do capítulo I de *O Eu e o Id* (1923*b*); no capítulo seguinte do referido trabalho, então, apresentou seu novo modelo estrutural da psique, que tanto lhe facilitaria a descrição de seu funcionamento.]

■ **SE.95** [Em todas as edições alemãs anteriores, lê-se aqui *"Pcs"*. Como se confirmou a partir de um cotejo com o manuscrito original, trata-se de um erro de impressão — o correto é na verdade *"Ics"*.]

■ **SE.96** [Cf., a título de exemplo, "A Disposição para a Neurose Obsessiva" (1913*i*), *Studienausgabe*, vol. 7, pp. 111-2.]

■ **SE.97** [pp. 41-2.]

■ **T.98** *Instinkt*, ver nota 17 e EPSI, vol. I, pp. 137-144.

■ **SE.99** [A questão da hereditariedade de formações psíquicas foi abordada por Freud logo depois, na 23ª de suas *Conferências Introdutórias* (1916-17), *Studienausgabe*, vol. 1, pp. 361-2, assim como no estudo de caso do "homem-lobo" (1918*b*), *Studienausgabe*, vol. 8, pp. 209-10.]

■ **SE.100** [O processo é descrito em detalhes no item *a*) do trabalho de Freud "Sobre os Tipos de Adoecimento Neurótico" (1912*c*), *Studienausgabe*, vol. 6, pp. 219-21.]

■ **SE.101** [Cf. EPSI, vol. I, pp. 179-80.]

■ **SE.102** [Um trabalho que também remete a essa paciente foi publicado posteriormente por Tausk (1919).]

■ **T.103** Jogo de palavras com o termo *drehen* (“virar”, “torcer”) de efeito semelhante às variações de sentido em torno de “torcer” conforme o sufixo e o contexto (“torcer”, “distorcer”).

■ **SE.104** [Cf. a abordagem da hipocondria feita por Freud em seu trabalho sobre o narcisismo (1914*c*), EPSI, vol. I, pp. 104 e segs.]

■ **T.105** Trata-se aqui de um jogo de palavras com o verbo *verstellen*, que, utilizado como reflexivo (*sich verstellen*) tanto pode significar *dissimular*, *disfarçar*, quanto *mudar a si próprio de lugar, de posição*. Quando reflexivo, *sich verstellen*, dá o duplo sentido de dissimulação e mudança de lugar. No entanto, quando utilizado com um objeto significa que uma pessoa mudou a outra de lugar; no caso em questão, alguém a empurrou e ela precisou mudar de posição, depois o namorado a iludiu e por fim fez com que ela tivesse de mudar de posição e não mais fosse quem era antes.

■ **T.106** Nota 105, acima.

■ **T.107** *Darstellung*, “dar expressão a”; Alt.: “representação”; “apresentação”, “figuração”. Obs.: Aqui refere-se ao ato de dar forma apreensível, de dar “figuração”, dar “expressão”; em outros contextos, o termo se alinha com o emprego da palavra *Darstellbarkeit*, que Freud utiliza em *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), *Studienausgabe,* vol. 2, para designar a capacidade de algo ser expresso em imagens oníricas; ver DCAF.

■ **SE.108** [*A Intrepretação dos Sonhos* (1900*a*), *Studienausgabe*, vol. 2, p. 565.]

■ **F.109** Ocasionalmente, o trabalho onírico trata palavras como objetos, criando então falas “esquizofrênicas” muito semelhantes ou neologismos. [Cf. *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 297 e segs. No “Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos”, pp. 84 e segs., adiante, Freud distingue, ao contrário, entre os processos oníricos e os processos na esquizofrenia.]

■ **T.110** *Ding*, “coisa”; Sign.: sinônimo alemão de *Sache* (coisa), *Gegenstand* (objeto) e *Objekt* (objeto). Obs.: Todos esses termos têm uma longa tradição na língua e na filosofia alemãs; no caso de *Ding,* destaca-se o uso na tradição filosófica kantiana como *Ding an sich* (coisa-em-si); entretanto, Freud não usa esses termos de modo muito homogêneo; para o uso específico dos termos neste artigo e nos anexos, ver comentários do editor inglês e notas. Na leitura posterior que Jacques Lacan fez de Freud, o termo *Ding* passou a ser tratado como conceito de natureza filosófica e psicanalítica (ver O Seminário: A Ética da Psicanálise, caps. IV e V).

■ **SE.111** [Em “Luto e Melancolia” (adiante, p. 114), Freud usa o sinônimo [*Dingvorstellung*] para o termo [*Sachvorstellung*] ambos na acepção de “representação-de-coisa”, ele já havia usado o termo antes, em *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), *Studienausgabe*, vol. 2, p. 297, e também em seu livro sobre o chiste (1905*c*), *Studienausgabe*, vol. 4, p. 113. — A distinção entre “representação-de-palavra” e “representação-de-coisa”, portanto, já havia sido executada em sua mente, quando escreveu as primeiras obras; sem dúvida, essa distinção data de seus estudos sobre as afasias. Em sua monografia sobre o tema (1891*b*), detém-se em longas análises a respeito, mas com terminologia um pouco diferente. A passagem decisiva de tal trabalho encontra-se no Anexo C (adiante, pp. 55 e segs.).]

■ **SE.112** [Cf. atrás, pp. 31-2.]

■ **SE.113** [*A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 584 e segs. Cf. também ibid., p. 547. Na verdade, Freud já havia apresentado essa hipótese antes, em seu “Esboço” de 1895 (1950*a*, no início do primeiro trecho da Seção III, apesar de não ter sido publicado). Freud também a menciona em suas “Formulações sobre os Dois Princípios do Acontecer Psíquico” (1911*b*), EPSI, vol. I, pp. 66-7.]

■ **SE.114** [Freud retomou esse tema no início do Capítulo II de *O Eu e o Id* (1923*b*).]

■ **SE.115** [Por sua vez, parece que aqui temos mais uma referência ao trabalho sobre a consciência, que não chegou a ser publicado. No

entanto, cf. adiante, pp. 87 e segs.]

■ **T.116** *Repräsentieren*, “representar”; Sign.: sinônimo de *vertreten,* “substituir”; “representar” na acepção de “substitur”, “estar no lugar de”. Ver nota 64.

■ **SE.117** [Cf. a Seção III da análise que Freud faz de Schreber (1911*c*), *Studienausgabe*, vol. 7, em especial pp. 193 e segs. e 198. — Outra tentativa de produção esquizofrênica será mencionada adiante, na p. 85.]

■ **SE.118** [Em *Além do Princípio de Prazer* (1920*g*), outra alusão a Ewald Hering mostra que suas concepções também influenciaram a teoria de Freud sobre a divisão dualista das pulsões. Cf. abaixo, pp. 171 e segs.]

■ **SE.119** [O termo é de Hughlings Jackson.]

■ **SE.120** [Isto é, da visão fisiológica para a visão psicológica.]

■ **F.121** Hughings Jackson alertou efusivamente sobre o perigo de confundir o físico com o psíquico no ato da fala: “*In all our studies of diseases of the nervous system we must be on our guard against the fallacy, that what are physical states in lower centres fine away into psychical states in higher centres; that for example, vibrations of sensory nerves become sensations, or that somehow or another an idea produces a movement.*” (1878, 306.)

■ **SE.122** [A segunda imagem sonora é aquela da palavra que nós próprios pronunciamos; a primeira imagem sonora (mencionada no início do parágrafo) é aquela da palavra que imitamos.]

■ **T.123** *Überassoziert*, “supra-associadas”; Sign.: associadas umas sobre as outras, superpostas.

■ **SE.124** [A “representação-de-coisa”, no artigo “O Inconsciente” (atrás, pp. 49 e segs.).]

■ **T.125** *Verbindung*, “interligação”; Alt.: “ligação”, “conexão”; Conot.: ressalta a interligação, o contato ou a conexão, de natureza física ou funcional. Obs.: Não confudir com *Bindung* e *gebunden*, nota 81.

■ **F.126** J. St. Mill, *Logik* I, Capítulo III, e *An Examination of Sir William Hamilton’s Philosophy* [1865].

■ **F.127** Segundo Spamer (1876). [O termo foi introduzido por Finkelnburg (1870).]

■ **T.128** *Gegenstände*, ver nota 110 acima.

A possível influência do fisiologista Hering em Freud a esse respeito vem examinada adiante no Anexo A (p. 52).

Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos
1917

METAPSYCHOLOGISCHE ERGÄNZUNG ZUR TRAUMLEHRE

Edições alemãs:
1917 • *Int. Z. ärztl. Psychoanal.,* 4 (6), 277-87.
1918 • *S. K. S. N.,* 4, 339-55. (1922, 2ª ed.)
1924 • *G. S.,* 5, 520-34.
1924 • *Technik und Metapsychol.,* 242-56.
1931 • *Theoretische Schriften,* 141-56.
1946 • *G. W.,* 10, 412-26.

■ Comentários editoriais da *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*

A presente tradução inglesa, embora baseada na de 1925, foi amplamente reescrita.

Este artigo, juntamente com o seguinte (“Luto e Melancolia”), parece ter sido escrito num período de onze dias, entre 23 de abril e 4 de maio de 1915, só tendo sido publicado dois anos depois. Como transparece no título, é essencialmente uma aplicação do esquema teórico recém-formulado de Freud às hipóteses apresentadas no Capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos.* Termina, porém, por se transformar num exame dos efeitos produzidos pelo estado de sono sobre os diferentes “sistemas” da mente. E esse exame, por sua vez, concentra-se principalmente no problema da alucinação e numa investigação do modo como, no estado normal, somos capazes de distinguir entre a fantasia e a realidade.

Freud ocupou-se desse problema desde o início. Muito espaço foi dedicado a ele em seu “Projeto” de 1895 (Freud, 1950*a*, sobretudo na Parte I, Seções 15 e 16, e na Parte III, Seção 1). E a solução por ele proposta, embora enunciada numa terminologia diferente, assemelha-se visivelmente à formulada no presente artigo. Abrangia duas linhas principais de pensamento. Freud argumentava que por si mesmos os “processos psíquicos primários” não estabelecem nenhuma distinção entre uma idéia [*Vorstellung*] e uma percepção; precisam, em primeiro lugar, ser inibidos pelos “processos psíquicos secundários”, que, por sua vez, só podem entrar em ação onde há um “Eu” com reserva suficientemente grande de investimento de carga capaz de suprir a energia necessária para acionar a inibição. A finalidade da inibição consiste em dar tempo para que “indicações de realidade” cheguem do aparelho perceptual. Mas, em segundo lugar, além dessa função inibidora e retardadora, o Eu é também responsável por dirigir os investimentos da “atenção” (ver atrás, p. 42 e nota 93) para o mundo externo, sem os quais as indicações de realidade não poderiam ser observadas.

Em *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), *Edição* Standard *Brasileira*, vol. V, pp. 603 e segs. e 636 e segs., IMAGO Editora, 1972, a função da inibição e da demora voltou a ser objeto de insistência como um fator essencial no processo de julgar se algo é real ou não, tendo sido novamente atribuída ao "processo secundário", embora o Eu já não fosse mencionado como tal. O outro importante exame do assunto por Freud está no artigo "Formulações sobre os Dois Princípios do Acontecer Psíquico" (1911*b*), onde pela primeira vez empregou a expressão "teste de realidade". Mais uma vez, aqui, a característica de retardamento do processo foi ressaltada, embora a função da atenção tenha passado a merecer maior consideração. Foi descrita como um exame periódico do mundo externo e relacionada particularmente com os órgãos dos sentidos e com a consciência. Esta última faceta do problema, o papel desempenhado pelos sistemas *Pcpt* e *Cs*., é especialmente examinada no artigo a seguir.

Contudo, o interesse de Freud pelo assunto de modo algum se esgotou com a presente apreciação. Em *Psicologia de Grupo e Análise do Eu* (1921*c*), por exemplo, atribuiu o trabalho do teste de realidade ao ideal do Eu (*Edição* Standard *Brasileira*, vol. XVIII, p. 114) — uma atribuição que, no entanto, retirou logo depois, numa nota de rodapé no início do Capítulo III de *O Eu e o Id* (1923*b*). E agora, pela primeira vez desde o início do "Projeto", o teste de realidade foi definitivamente atribuído ao Eu. Num exame mais posterior ainda e particularmente interessante do assunto no artigo "A Negativa" (1925*h*), demonstrou que o teste de realidade depende da estreita relação genética do Eu com os instrumentos da percepção sensorial. Nesse artigo, (bem como no final do trabalho quase contemporâneo "Mystic Writing Pad" (1925*a*), havia outras referências ao hábito do Eu de emitir investimentos de carga exploratórios periodicamente para o mundo exterior — sem dúvida uma alusão, em termos diferentes, ao que fora originalmente descrito como "atenção". Mas em "A Negativa" Freud levou ainda mais adiante a análise do teste de realidade e rastreou todo o decorrer do seu desenvolvimento até chegar às relações objetais mais antigas do indivíduo.

O crescente interesse de Freud pela psicologia do Eu em anos ulteriores levou-o a um exame mais detalhado das relações do Eu com o mundo externo. Em dois breves artigos (1924*b* e 1924*e*), publicados logo após a *O Eu e o Id*, examinou a distinção entre a relação do Eu com a realidade em neuroses e psicoses. E no artigo "Fetichismo" (1927*e*) apresentou seu primeiro relato pormenorizado de um método de defesa do ego — "*Verleugnung*" ("repúdio" ou "negação") — que antes não fora claramente diferenciado do recalque, e que referia a reação do Eu a uma realidade externa intolerável. Esse tema foi mais desenvolvido ainda em alguns dos últimos escritos de Freud, em particular no Capítulo VII da obra póstuma *Esboço de Psicanálise* (1940*a* [1938]).

Em nossas pesquisas psicanalíticas, constatamos com freqüência como pode ser vantajoso utilizar certos estados e fenômenos que podemos conceber como *versões normais*, ou *modelos prototípicos,* de estados afetivos — por exemplo, o luto e o apaixonamento, ou o estado de sono e o fenômeno do sonhar — para compará-los com as chamadas afecções patológicas.

Apliquemos, pois este procedimento ao sono e ao sonhar. Geralmente não atentamos para o fato de que todas as noites o ser humano retira os envoltórios com que recobre sua pele, bem como as próteses que utiliza diuturnamente para compensar algumas de suas deficiências, tais como óculos, perucas, dentaduras, etc. Poderíamos acrescentar que, ao preparar-se para dormir, ele lida com sua psique de modo análogo ao que faz com o corpo, despindo-se e abrindo mão da maior parte das suas aquisições psíquicas, de modo que, pelos dois lados, ocorre uma notável restauração da situação original a partir da qual se inicia o desenvolvimento da vida. Referimo-nos ao fato de que o ato de dormir reativa somaticamente as condições encontradas no ventre da mãe, quando havia condições de repouso, calor e isolamento dos estímulos [*Reizabhaltung*][T.1]. Aliás, ao dormirem, muitas pessoas voltam até a ficar em posição fetal. Podemos afirmar que o estado psíquico de quem está dormindo caracteriza-se por uma quase total retirada do mundo que o circunda e pela cessação de todo interesse por ele.

Quando se analisam os estados psiconeuróticos, notam-se em todos eles as assim chamadas *regressões temporais*, ou seja, que há um montante de retrocesso no desenvolvimento peculiar a cada um desses estados. Podemos distinguir duas dessas regressões, a do desenvolvimento do Eu e a do desenvolvimento da libido. No estado de sono, esta última regride até o ponto em que se restaura *um narcisismo primitivo*, e a primeira regride durante o sono até o patamar da *satisfação* [*Befriedigung*][T.2] *alucinatória dos desejos.* [Cf. adiante, p. 83.]

Obviamente, o que sabemos a respeito das características psíquicas do estado do sono foi obtido por meio do estudo dos sonhos. Embora o sonho nos mostre a pessoa acordada,

inevitavelmente ele também nos revela as características do sono em si. Inicialmente, a observação desses fenômenos nos permitiu descobrir algumas peculiaridades do sonho que naquele momento não podíamos compreender, mas que agora podemos formular com mais facilidade. Sabemos que o sonho é absolutamente egoísta[SE.3] e que devemos considerar que o personagem principal das cenas é sempre o próprio sonhador. Isto pode ser facilmente deduzido a partir do narcisismo inerente ao estado de sono. Narcisismo e egoísmo se superpõem; a palavra “narcisismo” apenas enfatiza que o egoísmo também é um fenômeno libidinal, ou, em outras palavras, que o narcisismo é o complemento libidinal do egoísmo.[SE.4] Também podemos hoje compreender em que reside a amplamente reconhecida — e considerada tão enigmática — capacidade “diagnóstica” do sonho que aponta para males físicos ainda incipientes. Sabemos que nos sonhos eles podem ser sentidos mais cedo e mais claramente do que em estado de vigília. É também digno de nota que todas as sensações físicas reais se manifestem exageradamente aumentadas.[SE.5] Podemos afirmar que esse aumento é de natureza hipocondríaca e tem como pressuposto que todo investimento [*Besetzung*][T.6] psíquico antes dirigido ao mundo exterior agora foi recolhido ao próprio Eu, tornando possível a percepção precoce de alterações físicas que durante a vigília permaneceriam despercebidas por mais algum tempo.

Os sonhos nos indicam que algo estava acontecendo durante o sono e pretendia perturbá-lo, e mais: os sonhos permitem-nos compreender de que forma essas perturbações puderam ser desviadas. Notemos que, ao final, a pessoa que estava dormindo acabou por sonhar e conseguiu continuar com seu sono, enquanto a exigência [*Anspruch*][T.7] interna que pretendia chamar sua atenção perturbando seu sono foi substituída e aparece no sonho como se fosse uma vivência externa cujas demandas foram atendidas. Ou seja, um sonho também é uma *projeção*, uma exteriorização de um processo interno. Lembremo-nos de que já em outra ocasião nos deparamos com a projeção como mecanismo de defesa [*Abwehr*][T.8]. Também já havíamos encontrado algo análogo ao estudarmos o mecanismo da fobia histérica que resultava em que, por meio de

tentativas de fuga, o indivíduo afinal conseguia proteger-se de uma ameaça externa que tinha tomado o lugar de uma exigência pulsional [*Triebanspruchs*][T.9] interna.[SE.10] Todavia, não procederemos a uma discussão mais detalhada sobre a projeção, enquanto não tivermos analisado e dissecado a principal das afecções narcísicas, pois nela o mecanismo da projeção tem um papel preponderante,[SE.11] mas infelizmente isto não cabe no escopo desta discussão e por ora terá de ser deixado de lado.

Voltemos, pois, ao fenômeno do sono e nos perguntemos agora em que casos a intenção de dormir é perturbada? A resposta é que a perturbação pode ter origem numa excitação interna ou num estímulo externo. Analisemos em primeiro lugar o caso menos transparente e mais interessante, a perturbação oriunda da excitação interna. A experiência nos mostra que o sonho é incitado por resquícios diurnos, isto é, por cargas de investimento que ocupam pensamentos. Essas cargas não se submeteram ao mesmo movimento de retirada geral que ocorre todas as noites com as outras cargas de investimento; ao contrário, elas retiveram obstinadamente certa quantidade de interesse libidinal ou algum outro tipo de interesse.[SE.12] O narcisismo do sono teve então, logo de saída, de abrir aqui uma exceção, na qual se ancora e inicia a formação do sonho. Na análise dos pacientes, encontramos esses resquícios diurnos como pensamentos oníricos latentes, e temos de considerá-los, tanto por sua natureza quanto pela sua situação, como representações [*Vorstellungen*][T.13] pré-conscientes, isto é, como pertencentes ao sistema *Pcs*.

Contudo, antes de prosseguirmos a discussão sobre a formação dos sonhos, é preciso ultrapassarmos certas dificuldades que se manifestam neste ponto. Havíamos afirmado que o narcisismo do sono implica a retirada das cargas de investimento de todas as representações-de-objeto [*Objektvorstellungen*][T.14], tanto das parcelas inconscientes quanto das parcelas pré-conscientes. Entretanto, se admitirmos que determinados “resquícios diurnos” continuaram retendo seu investimento, é pouco crível que estes sejam capazes de acumular tal quantidade de energia, durante a noite, a ponto de forçarem o consciente a prestar atenção neles.

Seria mais coerente pressupormos que a carga de investimento que neles restou é muito mais fraca do que a presente durante o dia. A análise de pacientes, aqui, nos poupa de maiores especulações, por demonstrar que, para poderem se apresentar como formadores de sonhos, esses resquícios diurnos têm de receber reforço das fontes geradoras de impulsos pulsionais [*Triebregungen*][T.15] inconscientes. Inicialmente, essa suposição parece não apresentar nenhuma dificuldade, pois é de supor que a censura entre o *Pcs* e o *Ics* esteja muito reduzida durante o sono, facilitando a comunicação entre os dois sistemas.[SE.16]

Todavia, há uma dificuldade que não devemos omitir. Se afirmamos que o estado narcísico do sono teve como conseqüência a retirada de todos os investimentos dos sistemas *Ics* e *Pcs*, então não há possibilidade de que os resquícios pré-conscientes do dia recebam reforço das moções pulsionais [*Triebregungen*] inconscientes, as quais também suspenderam seus investimentos no Eu. Como se nota, neste ponto, a teoria da formação do sonho ou tem de ser salva por meio de uma alteração no pressuposto inicial sobre o narcisismo do sono, ou desembocará numa contradição insuperável.

De fato, como também se constatará adiante, um pressuposto mais restritivo a respeito do narcisismo não só se impõe à teoria dos sonhos, como também à teoria sobre a *Dementia praecox*.[SE.17] Ele só pode ser enunciado do seguinte modo: a parcela recalcada [*verdrängte*][T.18] do sistema *Ics* não obedece ao desejo de dormir do Eu — ela é capaz de reter ao todo ou em parte sua carga de investimento —, pois, devido ao processo de recalque, já havia criado para si certa independência em relação ao domínio do Eu. Assim, certo montante da carga de investimento empregada no processo de sustentar o recalque (ou seja, uma parcela do *contra-investimento*) tem de ser mantido em atividade, ao longo da noite, para fazer frente ao perigo pulsional que se mantém ativo. Contudo, o fato de ocorrer uma obstrução noturna que impede o acesso às vias que veiculam e liberam o afeto e a motilidade provavelmente reduz em muito a quantidade de energia necessária para sustentar o contra-investimento.[SE.19] Concebamos então da seguinte maneira

a situação que leva à formação do sonho: o desejo de dormir tenta recolher todas as cargas de investimentos que haviam sido enviadas pelo Eu em direção aos objetos e tenta, assim, produzir à noite um narcisismo absoluto. Isto só pode ser conseguido em parte, pois a parcela recalcada pertinente ao sistema *Ics* não cede ao desejo de dormir. Isto torna necessário manter em atividade uma parte dos contra-investimentos, bem como a censura entre o *Ics* e o *Pcs*, ainda que tal atividade esteja reduzida a um patamar muito abaixo do vigente durante o dia. Assim, podemos afirmar que quanto mais o Eu alcança e domina os sistemas, mais esvaziados eles estão de cargas de investimentos, e, inversamente, quanto mais fortes são os investimentos pulsionais inconscientes, tanto mais frágil é o sono. Em casos extremos, o Eu chega a desistir do desejo de dormir porque se sente incapaz de inibir os impulsos [*Regungen*] recalcados liberados durante o sono, ou, em outras palavras, o Eu renuncia ao sono porque teme os seus sonhos.[SE.20]

Mais adiante,[SE.21] devido às sérias conseqüências que produz, abordaremos a importância de levar em conta o pressuposto da oposição dos impulsos recalcados. Por ora, continuemos a acompanhar a situação em que se dá a formação do sonho.

Temos de enfrentar agora uma segunda ruptura na coerência de nossa teoria sobre o narcisismo do sono:[SE.22] a possibilidade antes mencionada de que também alguns dos pensamentos diurnos pré-conscientes se mostrem resistentes e mantenham durante o sono uma parte de sua carga de investimento. No fundo, os dois casos podem ser considerados idênticos. A resistência dos resquícios diurnos pode ser atribuída a conexões com os impulsos inconscientes — já existentes e ativos durante o estado de vigília. Mas talvez as coisas não ocorram de uma maneira tão simples, e somente durante o sono, graças ao fato de nesse estado a comunicação ente o *Pcs* e o *Ics* ser mais fácil, os resquícios diurnos não totalmente esvaziados logrem estabelecer contato com o material recalcado. Em ambos os casos, ocorrerá então o passo decisivo no processo de formação do sonho: é formado o desejo pré-consciente do sonho, o qual *expressa o impulso inconsciente e é veiculado pelos resquícios diurnos pré-conscientes*. Esse desejo

do sonho deve ser claramente diferenciado dos resquícios diurnos; ele não tem necessariamente de ter existido na vida em vigília, e pode já mostrar o mesmo caráter irracional que qualquer material inconsciente traz consigo ao ser transposto para o consciente. O desejo do sonho não pode ser confundido com os impulsos carregados de desejo [*Wunschregungen*] que possivelmente, mas não necessariamente, se encontravam entre os pensamentos oníricos [*Traumgedanken*][T.23] pré-conscientes (latentes). Se, entretanto, tiver havido tais desejos pré-conscientes, o desejo do sonho é acrescentado a eles como o mais efetivo dos reforços.

Trata-se aqui, então, de discutir os diversos destinos posteriores que esse impulso carregado de desejo terá. Ele em essência representa uma demanda pulsional [*Triebanspruch*] inconsciente, que se constituiu no pré-consciente na forma de um desejo do sonho (isto é, como uma fantasia que realiza o desejo). Podemos facilmente chegar à conclusão de que esse impulso poderia ser liquidado de três modos diferentes: pelo caminho que seria o normal durante a vigília, ou seja, forçando a passagem do *Pcs* ao *Cs*, ou contornando o *Cs* e seguindo um atalho direto para a descarga motora, ou ainda tomando outro caminho inesperado, que de fato pudemos acompanhar pela observação direta. No primeiro caso, ele se transformaria numa *idéia delirante* que tem como conteúdo a realização do desejo, mas isso nunca acontece no sono. (Embora estejamos pouco familiarizados com os pré-requisitos metapsicológicos que embasam os processos psíquicos, talvez possamos deduzir desse fato o princípio de que o total esvaziamento de um sistema o torna pouco suscetível a ser abordado e incitado.) O segundo caso, a descarga [*Abfuhr*][T.24] motora direta, também deveria ser excluído devido ao mesmo princípio,[SE.25] pois o acesso à motilidade geralmente fica ainda um pouco mais afastado da censura consciente, embora às vezes possa ser observado no *sonambulismo*. Todavia, não sabemos que condições tornam o sonambulismo possível, nem por que não ocorre com maior freqüência. O que efetivamente ocorre na formação do sonho é uma decisão peculiar e imprevista. O processo iniciado no *Pcs* e já reforçado no inconsciente toma então o caminho inverso, passando pelo *Ics*, até chegar à percepção que está se

impondo ao consciente. Essa *regressão* é a terceira fase da formação do sonho. Repetimos aqui as outras, para melhor visualização: reforço pelo *Ics* dos resquícios diurnos *pcs* e formação do desejo do sonho.

Denominamos tal regressão de regressão *tópica*, para diferenciá-la da regressão *temporal* ou da de *desenvolvimento*,[SE.26] já mencionada.[SE.27] As duas não têm necessariamente de coincidir, mas o fazem nesse caso. A reversão do curso da excitação do *Pcs* pelo *Ics* até a percepção é ao mesmo tempo um retorno ao estágio primitivo que denominamos satisfação alucinatória do desejo.

Sabemos a partir do que apresentamos em *A Interpretação dos Sonhos* de que maneira, na formação do sonho, ocorre essa regressão dos resíduos diurnos pré-conscientes.[SE.28] O processo pode ser descrito como uma tranformação dos pensamentos em imagens — predominantemente visuais —, ou seja, representações-de-palavra [*Wortvorstellungen*] são remetidas de volta às representações-de-coisa [*Sachvorstellungen*] que lhes correspondem. É como se o processo fosse condicionado pela capacidade de representar em imagens, isto é, dependesse da *figurabilidade* [*Darstellbarkeit*][T.29] ou adequação dos elementos a imaginirizarem-se.[SE.30] Finalizada a regressão, teremos então uma série de cargas investidas no sistema *Ics* que estarão agora depositadas em lembranças-de-coisa [*Sacherinnerungen*][T.31]. É justamente sobre essas lembranças-de-coisa que o processo psíquico primário então atuará. Por meio do mecanismo de condensação e do mecanismo de deslocamento, essas cargas de investimento serão movimentadas entre as lembranças-de-coisa, até que afinal se configure o conteúdo manifesto do sonho. Somente nos casos em que as representações-de-palavra veiculadas pelos resíduos diurnos são resíduos frescos e atualizados das percepções, e não a expressão do pensamento, é que elas são tratadas pela psique como representações-de-coisa e estarão sujeitas à influência da condensação e do deslocamento. Foi a partir dessa constatação que formulamos em *A Interpretação dos Sonhos* a regra, desde então já confirmada por evidências, de que no conteúdo do sonho não são formadas palavras e falas novas; ao

contrário, no sonho aparecem falas que seguem o modelo das falas (ou outras impressões recentes, inclusive de coisas lidas) já vivenciadas durante o dia anterior ao sonho.[SE.32] Também é notável quão pouco o trabalho do sonho se prende às representações-de-palavra; ele está sempre pronto a trocar as palavras umas pelas outras, até encontrar as que expressem do modo mais conveniente a representação plástica.[F.33]

É neste ponto que se mostra a diferença fundamental entre o trabalho do sonho e a esquizofrenia. Na esquizofrenia, são as palavras — utilizadas pelo pensamento pré-consciente para se veicular — que se tornam objeto de modificação pelo processo primário; no sonho, não são as palavras que são objeto de alteração, mas as representações-de-coisa às quais as palavras foram remetidas de volta.[SE.34] No sonho ocorre a regressão tópica, na esquizofrenia não; no sonho as cargas de investimento transitam livremente entre as palavras (*pcs*) e as coisas (*ics*); o contrário ocorre na esquizofrenia, cuja característica reside no fato de esse trânsito estar interditado. Contudo, essa diferença fundamental é atenuada quando interpretamos os sonhos na clínica psicanalítica, pois, ao interpretarmos um sonho, perseguimos a trilha percorrida pelo trabalho do sonho, rastreamos os caminhos que levam dos pensamentos latentes aos elementos do sonho, desvendamos os duplos sentidos de palavras e demonstramos as interligações que as palavras do sonho promovem entre os diversos círculos de materiais, resultando em um quadro que causa uma impressão ora cômica, ora esquizofrênica. Assim, a interpretação dos sonhos acaba por fazer com que esqueçamos que, diferentemente da esquizofrenia, no sonho todas as operações realizadas sobre as palavras são apenas preparativos para a regressão às coisas.

Abordemos agora a finalização do processo onírico. Esta consiste no fato de o conteúdo do pensamento que havia sido regressivamente modificado — e que foi transformado numa fantasia que expressa um desejo [*Wunschphantasie*] — agora tornar-se consciente na forma de uma percepção sensorial. Contudo, cabe mencionar que, como ocorre com qualquer conteúdo perceptivo, também este foi objeto de uma elaboração secundária

[*sekundäre Bearbeitung*][SE.35]. Dizemos nesse caso que o sujeito alucina o desejo do sonho e, por conseqüência, acredita que esse desejo está se realizando de fato. Entretanto, é justamente nesta última parte da formação do sonho que residem as maiores dúvidas e incertezas de nossa investigação, e para esclarecê-las compararemos o sonho com outros estados patológicos que lhe são assemelhados.

As partes essenciais do trabalho onírico, embora não sejam fenômenos exclusivos do sonho, são: a formação de uma fantasia que expressa um desejo e a regressão dessa fantasia até a alucinação. Podemos encontrá-las também em dois estados patológicos: nos estados de confusão alucinatória aguda, a *amência* (de Meinert),[SE.36] e na fase alucinatória da esquizofrenia. O delírio alucinatório da amência é claramente reconhecível como uma fantasia que expressa um desejo, com freqüência tão bem organizada quanto um belo devaneio. Genericamente, trata-se, portanto, de *psicoses alucinatórias de desejo*, que podem ser atribuídas tanto ao fenômeno do sonho quanto ao quadro da amência. Contudo, poderíamos contrapor a isto o fato de também haver sonhos que contêm apenas fantasias que expressam desejos, todas elas ricas em conteúdo e em nada distorcidas.[SE.37] Já a fase alucinatória da esquizofrenia é menos bem estudada, mas, em geral, parece ser composta por vários aspectos, e provavelmente se trata em essência de uma nova tentativa de restituição, um esforço de restituir o investimento libidinal às representações-de-objeto [*Objektvorstellungen*].[SE.38] Nossa comparação entre os estados alucinatórios no sonho e em outras afecções patológicas terá de se restringir à amência e à esquizofrenia, pois infelizmente não tenho experiência própria a respeito das alucinações em outros quadros, nem posso lançar mão da experiência de outros colegas.

Entretanto, neste ponto, ao menos já podemos deixar claro que a psicose alucinatória de desejo — ocorra ela no sonho ou em outras situações — realiza duas operações a serem discriminadas. Não só traz à consciência os desejos escondidos ou recalcados, mas também os apresenta de modo que acreditemos que de fato tivessem se realizado. É importante compreender essa

concomitância. Nosso juízo é perfeitamente capaz de distinguir a diferença entre aquilo que é real e o que são representações mentais [*Vorstellungen*] e desejos, por mais intensos que os dois últimos sejam. Portanto, depois que os desejos inconscientes se tornaram conscientes, a psique não toma esses desejos como se tivessem de fato se realizado. Por outro lado, parece razoável pressupormos que o ser humano atribui o caráter de realidade às coisas a partir da percepção providenciada pelos sentidos. Podemos agora concluir que atribuímos o *status* de realidade à nossa percepção somente nos casos em que um pensamento tenha encontrado o caminho para a regressão, chegado até os resíduos inconscientes da lembrança-do-objeto [*Objekterinnerung*] e daí conseguido alcançar a percepção.[SE.39] A alucinação, portanto, traz consigo a convicção de tratar-se de uma realidade. A questão que então se coloca é qual será o pré-requisito para que surja uma alucinação. Nossa primeira resposta é a de que é preciso que ocorra uma regressão. Substituiremos então a nossa pergunta sobre como se forma a alucinação por outra acerca de como surge o mecanismo da regressão. A resposta a esta nova pergunta, no caso do sonho, é fácil: a regressão dos pensamentos oníricos *pcs* até as imagens referentes às memórias-de-coisa [*Sacherinnerungen*] aparentemente é a conseqüência da atração que os representantes *ics* das pulsões [*Triebrepräsentanzen*] — por exemplo, lembranças [*Erinnerungen*][T.40] recalcadas de experiências — têm sobre os pensamentos expressos pelas palavras.[SE.41] Porém, logo percebemos que estamos na trilha errada. Se o segredo da alucinação não fosse outro senão o da regressão, qualquer regressão suficientemente intensa deveria ter como resultado uma alucinação acompanhada pela crença na sua realidade. Mas conhecemos muito bem aqueles casos em que um pensamento reflexivo regride e traz à consciência imagens mnêmicas visuais muito claras, e mesmo assim em momento algum o pensamento é tomado pelo sujeito como percepção de algo real. Aliás, poderíamos também imaginar perfeitamente que o trabalho onírico chegue até tais imagens mnêmicas ainda inconscientes, as torne conscientes e a seguir nos apresente uma fantasia que expressa desejos — pelos quais sentimos nostalgia — sem que venhamos a confundir essa

fantasia com a realização real dos desejos. A alucinação deve ser, portanto, mais do que a vivificação regressiva das imagens mnêmicas que se encontram em estado inconsciente.

Tenhamos em mente, ainda, que é essencial que a psique tenha a capacidade de distinguir entre percepções e apenas representações, por mais intensamente que estas últimas estejam sendo recordadas. Toda a nossa relação com o mundo externo, com a realidade, depende dessa capacidade. Anteriormente formulamos a ficção[SE.42] de que nem sempre tivemos essa capacidade, e de que, no início da nossa vida psíquica, assim que sentíamos falta [*Bedürfnis*][T.43] de um objeto que nos satisfizesse, nós realmente o alucinavámos. Contudo, na medida em que a satisfação não ocorria, esses repetidos insucessos devem muito rapidamente ter levado a nossa psique a criar um dispositivo por meio do qual uma percepção ilusória podia ser distinguida da satisfação real e também podiam ser evitadas novas confusões no futuro. Em outras palavras, estamos supondo que muito cedo deixamos de lado a satisfação alucinatória do desejo, instituindo algo como um *teste de realidade*.[SE.44] A questão que aí surge é em que consiste esse teste de realidade, e como a psicose alucinatória de desejo — que ocorre no sonho, na amência e em outros quadros — é capaz de suspender o teste de realidade, reconstituindo a antiga modalidade de satisfação.

Para responder a essa questão devemos agora definir com mais detalhes o terceiro dos nossos sistemas psíquicos, o sistema *Cs*, que até o momento não havíamos separado claramente do *Pcs*. Antes, no livro *A Interpretação dos Sonhos*,[SE.45] mostramos ser necessário considerar que nossa percepção consciente é um produto da atividade de um sistema especial. A esse sistema atribuímos, na ocasião, certas características bastante peculiares e temos boas razões para ainda lhe acrescentarmos mais algumas. Esse sistema, que havíamos denominado *Pcpt*, recobre-se e coincide com o sistema *Cs*, de cuja atividade, em geral, depende o tornar-se consciente. Mas, nesse estágio de nossas investigações, ainda não estamos em condições de afirmar se o fato de algo tornar-se consciente (*Bewusstwerden*) se explica apenas pela

pertinência integral desse conteúdo a um sistema, ou se há outros aspectos. Sabemos que, por vezes, podemos ter a percepção sensorial de imagens mnêmicas às quais não é possível atribuir uma localização psíquica específica no sistema *Cs* ou *Pcpt*.

Entretanto, para avançarmos nesta questão da pertinência sistêmica dos conteúdos conscientes, teríamos de ter conseguido investigar mais detalhadamente o sistema *Cs*,[SE.46] algo que não faremos aqui, de modo que teremos de adiar a discussão desta dificuldade particular para outra ocasião. Todavia, nada agora nos impede, para suprirmos as necessidades mais imediatas de nossa discussão atual sobre a alucinação, de adotarmos uma suposição: a de que a alucinação consiste em um investimento do sistema *Cs* (*Pcpt*) que não nos atinge vindo de fora, como seria normal, mas a partir de dentro. Nesse caso, o pré-requisito da alucinação seria que a regressão vinda de dentro tenha logrado atingir diretamente o próprio sistema *Cs* (*Pcpt*) e conseguido, assim, passar ao largo do teste de realidade.[F.47]

Acrescentemos a esta suposição ainda outra idéia que já havíamos formulado em um contexto anterior (“Pulsões e Destinos da Pulsão” [ESPI, vol. 1, pp. 82-3 em cima]): a de que os organismos que ainda estão indefesos e despre-parados se servem de suas percepções para correlacionar as ações dos seus músculos com o “dentro” e o “fora”, desenvolvendo assim uma orientação inicial no mundo. Podemos conceber então esse processo do seguinte modo: uma percepção levada a desaparecer em decorrência de uma ação será reconhecida como externa, isto é, como real; nos casos em que uma ação nada modificou na percepção, indica ao organismo que ela provém do interior do próprio corpo, portanto, passa a ser considerada como sendo não real. É de grande valor para o indivíduo possuir um marcador que identifique o que é real[SE.48] e lhe permita lidar com as dificuldades que se apresentam na realidade. Para o indivíduo, é de suma importância estar dotado de uma capacidade semelhante para atuar contra as exigências freqüentemente implacáveis das suas pulsões. É por esse motivo que ele despende tanto esforço para transpor para fora, para *projetar*[SE.49] aquilo que o oprime internamente.

Vemo-nos então obrigados, após uma dissecção detalhada do aparelho psíquico, a atribuir exclusivamente ao sistema *Cs* (*Pcpt*) o mérito de ter gerado uma capacidade de orientação no mundo a partir da diferenciação entre interno e externo. Temos então de supor que o *Cs* dispõe de uma inervação motora, através da qual constata se é possível fazer uma percepção desaparecer ou se ela permanece resistente. O *teste de realidade* não precisa ser nada mais do que esse dispositivo.[F.50] Isto é, por ora, tudo o que podemos afirmar sobre este ponto, já que a natureza e o modo de funcionamento do sistema *Cs* nos são ainda muito pouco conhecidos. Daremos ao teste de realidade um lugar de destaque entre as grandes *instituições do Eu*. Nós o situaremos entre os sistemas psíquicos e ao lado das *censuras*, que já conhecemos bem. Num futuro próximo, esperamos que a análise das afecções narcísicas nos ajude a trazer à luz ainda outras dessas instituições.[SE.51]

A patologia nos fornece dados a respeito do modo como o teste de realidade é suspenso ou posto fora de ação na psique. Na psicose de desejo encontrada nos quadros de amência, podemos ver isso de maneira ainda mais nítida do que no sonho: a amência é a reação a uma perda que a realidade confirma, mas que o Eu renega [*verleugnet*][T.52], por ser-lhe insuportável constatá-la. Em conseqüência disso, o Eu rompe sua relação com a realidade, retira do sistema de percepções *Cs* a carga de investimento, ou melhor, um investimento determinado cuja natureza ainda poderá vir a ser objeto de uma futura investigação. Assim, ao afastar-se da realidade dessa maneira, o teste de realidade é posto de lado, as fantasias que expressam desejo — não recalcadas e perfeitamente conscientes — podem então avançar para dentro do sistema, sendo aí reconhecidas como uma realidade melhor. Esse recolhimento das cargas de investimento constitui um dos diversos momentos que compõem o processo de recalque. A amência oferece o interessante espetáculo de como o Eu se dissocia de um de seus órgãos, talvez daquele que lhe tenha servido mais fielmente e estado mais intimamente vinculado a ele.[F.53]

O que o “recalque” realiza na amência corresponde ao que é realizado nos sonhos pela renúncia voluntária. O estado de sono nada quer saber do mundo exterior e não se interessa pela realidade, ou somente na medida em que há ameaça de ser despertado por ela. Assim, ele retira as cargas de investimento do sistema *Cs*, como também dos outros sistemas, o *Pcs* e o *Ics*, mas é claro que consegue fazê-lo apenas enquanto as diversas posições ocupadas por cargas de investimento obedecerem ao desejo de dormir. Naturalmente, quando o sistema *Cs* não está mais investido, torna-se inviável realizar o teste de realidade e este é suspenso, de modo que as excitações, que haviam seguido o caminho da regressão de forma autônoma e à revelia do estado do sono, encontrarão agora liberado o caminho até o sistema *Cs*, e, ao atingi-lo, serão percebidas como se fossem uma realidade incontestável.[F.54] A partir das nossas ponderações, fica então claro que podemos inferir que a psicose alucinatória encontrada na *Dementia praecox* não pode estar entre os sintomas de entrada na afecção; ao contrário, a psicose alucinatória, neste caso, só ocorre quando o Eu do doente já se encontra tão desintegrado que o teste de realidade não mais evita a alucinação.

No que diz respeito à psicologia dos processos oníricos, chegamos então ao resultado de que todas as características essenciais do sonho são determinadas pelo estado do sono. O velho Aristóteles tinha toda a razão quando dizia que o sonho é uma atividade psíquica de quem dorme.[SE.55] A isto nós pudemos ainda acrescentar: trata-se de um resto de atividade psíquica, possibilitado pelo fato de que o estado narcísico do sono não conseguiu impor-se totalmente. Embora isso possa não soar muito diferente do que psicólogos e filósofos sempre disseram, estamos nos baseando em concepções totalmente diversas a respeito da estrutura e do funcionamento do aparelho psíquico, que, em relação às concepções anteriores às nossas, têm a vantagem de elucidar todos os detalhes do sonho.

Encerremos agora com o resumo do que uma concepção tópica do processo de recalque agregou à nossa compreensão do mecanismo das perturbações psíquicas: no sonho, a retirada de

cargas de investimento (libido, interesse) atinge todos os sistemas por igual; nas neuroses de transferência, somente o investimento *pcs* é retirado; na esquizofrenia, o investimento de carga é recolhido do *Ics*; e, finalmente, na amência, há uma retirada do investimento do *Cs*.

NOTAS

F: notas de Freud

***SE*:** notas da *Standard Edition*

T: notas do tradutor brasileiro

■ **SE.1** *Reizabhaltung*, “isolamento dos estímulos” Obs. 1: A rigor a tradução mais exata seria “manter os estímulos afastados” ou “impedir que os estimulos se aproximem”, mas o contexto enfatiza que se trata de “manter-se isolado dos estímulos”. Sobre o termo *Reiz*, “estímulo”: Sign.: “estímulo irritante” ou eventualmente “estímulo instigante/provocante”; Conot.: está implícita no uso coloquial de *Reiz* uma relação de intensidades e qualidades; pode referir-se à leve comichão que desperta o apetite, atrai e encanta (quando *Reiz* pode ter a acepção de “encanto”; algo provocante, instigante) ou pode referir-se ao excesso de estimulação, algo dolorido e irritativo (provocativo, espicaçante); Obs. 2: Neste contexto Freud expressa o caráter inerentemente irritante e agressivo que *Reiz* tem no idioma alemão; todos os mecanismos de defesa têm em comum a função de *Reizabhaltung*, isto é: manter os estímulos afastados, impedi-los de chegar; DCAF.

■ **SE.2** -*befriedigung,* satisfação; sobre *Befriedigung* “*satisfação*”; Conot.: “apaziguamento”, “aplacamento” ou mais raramente um “gozo” na acepção de “alívio”, eventualmente pode expressar tal como em português uma “satisfação prazerosa”. Obs.: O termo faz contraponto à cadeia de palavras com freqüência empregadas em associação com pulsão — “necessidade”, “pressão”, “acúmulo” — e expressa mais a sensação de alívio que acompanha o escoamento da tensão de resultante de uma pulsão acumulada do que de prazer; DCAF.

■ **SE.3** [Cf. *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), Cap. V, Seção D, *Studienausgabe,* vol. 2, pp. 271 e segs. Vide, porém, o complemento do ano de 1925 a uma nota de rodapé, ibid., p. 274, nota 2.] [Uma explicação mais detalhada da relação entre

narcisismo e egoísmo aparece na 26ª das *Conferências Introdutórias* (1916-17), *Studienausgabe*, vol. I, pp. 402-3.]

■ **SE.4** [Uma explicação mais detalhada da relação entre narcisismo e egoísmo aparece na 26ª das *Conferências Introdutórias* (1916-17), *Studienausgabe*, vol. I, pp. 402-3.] [Cf. *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), Cap. V, Seção D, *Studienausgabe,* vol. 2, pp. 30 e 59.]

■ **SE.5** [Cf. *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), Cap. V, Seção D, *Studienausgabe,* vol. 2, pp. 30 e 59.]

■ **SE.6** *Besetzung,* "investimento"; Alt.: "catexia", "carga de investimento", "investimento de carga"; Sign.: o verbo *besetzen*, refere-se a ação de "carregar", "preencher", "ocupar", "colocar em", "aplicar sobre"; o substantivo *Besetzung* pode se referir tanto à ação como ao conteúdo que está depositado; Conot.: evoca a reversibilidade e mobilidade da ação e descreve um movimento flexível e reversível de "ocupar" ("invadir"; "preencher";"depositar"); Obs. 1: Neste contexto refere-se ao movimento de alocar energia na direção de representações ligadas ao mundo externo ou às percepções internas; Obs. 2: Utilizou-se neste e em outros artigos deste volume alternadamente os termos "investimento", "investimento de carga" ou "carga de investimento", sempre referindo-se a palavra *Besetzung*; DCAF.

■ **T.7** *Anspruch*, exigência; Sign.: "reivindicação", "pretensão", "demanda"; Obs.: Termo é utilizado correntemente em alemão, bem como por Freud, como sinônimo ocasional de *Trieb* (pulsão), *Strebung* (anelo), *Wunsch* (desejo); ver sobre *Trieb* nota 9.

■ **T.8** *Abwehr*, "defesa"; Sign.: o verbo *abwehren,* bem como o substantivo *Abwehr* referem-se à ação de "rechaçar", "repelir"; Conot.: Enfatiza a idéia de um escudo ou barragem (*Wehr*) que logra repelir para longe os inimigos, neste aspecto reforça os outros termos empregados por Freud para mostrar que as defesas são movimentos que em geral não eliminam as reivindicações pulsionais e os perigos a elas associados, apenas os afastam precariamente exigindo uma continua vigilância em um processo que não se extingue; para tal as defesas se utilizam das mais diversas ações (abafar, distorcer, inverter, arremessar para longe, etc.).

■ **T.9** *Triebanspruchs,* [termo composto por *Trieb* (pulsão) e *anspruch* (reivindicação), sobre *Ansspruch,* nota 7; *Trieb*-, “pulsão” (do neologismo francês *pulsion*); Alt.: “instinto”; Sign.: termo corriqueiro e polissêmico, designa genericamente uma “força impelente”; resulta da fusão de duas palavras do médio alemão — “o que impele”, *trip,* e “o que é impelido”, *trift* — e abrange um arco de sentidos: o surgimento da necessidade; processos fisiológicos de transmissão; a tradução desses processos para o psíquico; o processamento psíquico desta pressão e as metas resultantes desses processos impelentes (incluindo-se aí os “desejos” que atuam como pólos atra-tores); Conot.: algo que espicaça; Obs. 1: em alemão o termo descreve as diferentes esferas de circulação desta força impelente, desde o pólo que brota e impele a ação, ao pólo que atrai a ação para si; *Trieb* é a força responsável pelas necessidades, vontades, impulsos e desejos (devido a sua origem como *trip*) e ao mesmo tempo é ela mesma a resultante deste processo, isto é, a representação psíquica da necessidade, da vontade, dos impulsos, dos desejos, etc (devido a sua origem como *trift*); Obs. 2: Coerente com a polissemia alemã de *Trieb*, Freud emprega o termo para referir-se aos diferentes momentos deste arco de sentidos: portanto, utiliza a palavra *Trieb,* por exemplo, para designar um “estímulo pulsional”, mas também chama a “fome” (uma sensação) de *Trieb*, bem como usa *Trieb* para referir-se a um “impulso” ou a uma “intenção”, à “libido”, ao “sentimento de amor”, e à “vontade”, entre outros tantos termos que Freud alterna na trama enfática de “pulsão” (ver no volume 1, pp. 17-26, ESPI, o conceito de “trama enfática”); Obs. 3: neste texto, diversamente do que ocorre em “ Pulsões e Destinos da Pulsão” (1915) (ESPI, vol. 1) e em “Além do Princípio de Prazer” (último texto do presente volume), Freud emprega o termo preferencialmente na esfera representacional, isto é, a pulsão como manifestação psíquica (alternadamente denominada de “representação’, de “desejo” e de ‘pulsão”); ver “Comentários da Editor Brasileiro”, ESPI, vol. 1, pp. 137-144 e também em DCAF.

■ **SE.10** [Vide o artigo “O Inconsciente” (1915*e*), atrás, pp. 33 e segs.]

■ **SE.11** [Esta é, possivelmente, uma alusão a um artigo extraviado sobre a paranóia.]

■ **SE.12** [Cf. este e o próximo parágrafo com *A Interpretação dos Sonhos*, *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 528-9.]

■ **T.13** *Vorstellung*: "idéia"; "representação"; Alt.: "representação mental" Sign.: "imagem", "noção", "concepção". Conot.: implica imaginar ou visualizar uma imagem, refere-se a um pensar pela via do imaginar, "colocar mentalmente em cena". O verbo *vorstellen,* portanto, refere-se a "conceber mentalmente", "representar", "imaginar"; Obs. 1: implica a reprodução ou ativação de idéias pela utilização de imagens disponíveis na memória; Obs. 2: A pulsão se manifesta psiquicamente como uma representação (ou imagem ou idéia) que pode se referir a uma disposição ou um anelo, portanto, a uma ação visada ou a um objeto visado; Obs. 3: Ao manifestar-se para a consciência também implica um correlato qualitativo de afeto; Freud se serve do leque semântico do termo que abarca desde o ato inicial de dar uma representação (a um objeto, a uma necessidade ou a um desejo) até o imaginar, e o pensar mais complexos dirigidos a certas metas; ver mais a respeito da relação entre "representação" [*Vorstellung*] e "pulsão" [*Trieb*] em ESPI, volume 1, pp. 134 e 138-140; Obs. 4: Embora *Vorstellung* seja empregado na filosofia alemã, não tem a conotação erudita de "representação"; trata-se de um termo corriqueiro; Obs. 5: *Vorstellung*, foi em diversos trechos deste volume, traduzido por "idéia", na acepção de "representação mental", ou de "imagem interna", sendo de resto traduzido preferencialmente por "representação". Quando for traduzido por outro de seus vários sinônimos, advertir-se-á o leitor de que se trata do mesmo termo *Vorstellung*; DCAF.

■ **T.14** *Objektvorstellungen*: "representações-de-objeto", sobre a diferenciação que Freud faz entre este termo e *Sachvorstellungen* (representações-de-coisa) ver notas 110, 111 no artigo anterior "O Inconsciente", p. 73.

■ **T.15** *Triebregungen* sobre *Trieb*, ver nota 9] *-regungen,* "impulsos"; Alt.:*"*moções"; Sign.: brotamento, movimento inicial de irrupção;

Triebregung é uma “pulsão que acaba de brotar”; Obs.: As moções ou impulsos pulsionais são manifestações da pulsão quando esta surge ainda pouco carregada (ainda não houve uma estase que a tornasse imperativa, tal como a fome), sua forma equivaleria ao apetite, isto é, a um estado ainda de iniciativa ou comichão, o termo “impulso” não denota aqui algo súbito, ocasional, mas uma corrente inicial, esta corrente inicial vai se acumulando e ocupando e preenchendo de energia as representações mentais, desejos ou idéias, portanto, reforçando certas imagens que servem para representar as pulsões naquele momento; DCAF.

■ **SE.16** [Ibid., p. 503.]

■ **SE.17** [Não está claro a que isto se refere.]

■ **T.18** *verdrängte* “recalcada”; Alt.: “reprimida”; Sign.: “desalojada”, “empurrada para o lado”; Conot.: “recalcar” em alemão expressa um empenho de “abafar” ou “paralisar” a manifestação de uma idéia incômoda, sem, contudo, eliminá-la. Obs. 1: Freud combina o verbo *drängen,* “forçar passagem/empurrar”, com os prefixos *ver-*, *nach-* ou *vor* para descrever os movimentos de “empurrar forçando” na direção do consciente ou do inconsciente, no caso de *Verdrängung*, “recalque” também ressalta a idéia de que não houve uma eliminação do material que foi afastado, neste sentido Freud se refere recorrentemente ao fato de que se trata de um *estado de recalque*, algo que tem que ser sustentado com dispêndio de esforço psíquico. Obs. 2: neste caso a parcela recalcada do inconsciente estando apenas abafada e desalojada, continua atuante no estado de recalcamento, entretanto, agora funcionando segundo as leis do inconsciente; DCAF.

■ **SE.19** [*A Interpretação dos Sonhos*, *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 540-1. Vide também ESPI, vol. 1, p. 181.]

■ **SE.20** [Ibid., p. 552.]

■ **SE.21** [Também esta referência permanece obscura.]

■ **SE.22** [A primeira é a “rebeldia dos impulsos recalcados”.]

■ **T.23** *Traumgedanken,* “pensamentos do sonho”; Obs.: ver relação entre o “pensado” e “desejado” no artigo “Formulações dos Dois

Princípios do Acontecer Psíquico", ESPI, vol. 1, p. 66 e notas 19 e 21, bem como DCAF.

■ **T.24** *Abfuhr:* "descarga" Alt.:"remoção" ou "retirada"; Conot.: embora a tradução consolidada em português seja "descarga", esta enfatiza a idéia de um movimento abrupto de "rajada" ou "disparo", geralmente ausente do termo *Abfuhr* que evoca a algo como "conduzir", "remover", "reencaminhar para fora", descrevendo um movimento processual; Obs. 1: Devido à diferença de conotação preferiu-se empregar o termo "remoção"; mas nesse trecho optou-se por "descarga" para enfatizar que a "carga" precisa ser removida pela via motora, entretanto, é importante manter em mente que a *Abfuhr,* obtida pela ação muscular, neste caso, é controlada pelo consciente e não se trata de uma catarse ou descarga abrupta; Obs. 2: Ao longo de sua obra Freud com freqüência contrapõe a remoção interna (*innere Abfuhr*) e ligada ao pensamento, à remoção externa (*äussere Abfuhr*), a qual é motora; Obs. 3: Outros termos empregados por Freud como equivalentes a *Abfuhr* são: *entladen*, "descarregar" na acepção de "esvaziar" *Ableitung*, "escoamento"; *Dränierug*, "drenagem", ressaltando que há também um importante aspecto processual e gradual da *Abfuhr* na metapsicologia; DCAF.

■ **SE.25** [O "princípio da não-instigabilidade de sistemas não investidos" (adiante, p. 89, nota 54) parece ressumar também em um ou dois trechos de escritos posteriores de Freud, por exemplo em *Além do Princípio de Prazer* (1920*g*), adiante, p. 154, e quase no final do artigo sobre o "Bloco Mágico" (1925*a*). Em terminologia neurológica, já havia menção ao princípio no "Projeto" de Freud de 1895 (1950*a*). Ali Freud constatou na Parte I, Seção "A Vivência de Satisfação", que uma quantidade de um neurônio passa mais facilmente para um neurônio investido do que para um não-investido. E no trecho "A Análise dos Sonhos" ele transpõe essa hipótese para o problema da descarga motora nos sonhos, do qual trata a passagem acima. Diz ele: "Os sonhos *carecem da descarga motora* como, de forma geral, de quaisquer elementos motores. Nos sonhos, ficamos paralisados. A explicação mais fácil desta característica é a ausência da do pré-investimento espinhal (…). A excitação motora não é capaz de transpor a barreira de neurônios

não-investidos". Alguns parágrafos adiante, ele fala do fluxo "retrógrado" na natureza alucinatória do investimento dos sonhos, o que corresponde, por sua vez, ao que é dito na parte subseqüente do trecho acima.]

■ **SE.26** [Cf. com um trecho acrescentado em 1914 ao Cap. VII de *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), *Studienausgabe,* vol. 2, pp. 523-4 (onde é feita a distinção entre três tipos de regressão), bem como outra análise da regressão na 22ª das *Conferências Introdutórias* (1916-17, *Studienausgabe,* vol. 1, pp. 334 e segs.]

■ **SE.27** [vide pp. 79 e segs.

■ **SE.28** [*Studienausgabe,* vol. 2, pp. 518 e segs.]

■ **T.29** *Darstellbarkeit*: "figurabilidade"; Alt.: "representabilidade"; Sign.: o verbo *darstellen* significa "dar expressão a", ou "dar representação"; "apresentar", "figurar" em geral remetendo a algo que ainda não tem forma apreensível e que é agora dotado de uma forma; neste sentido *Darstellung* é diverso do termo *Vorstellung*, enquanto o primeiro trata de dar forma e expressar algo ainda informe, o segundo se refere a reapresentar internamente uma imagem anteriormente já disponível, algo como "imaginar", "colocar em cena". O substantivo *Darstellbarkeit* refere-se à possibilidade de dar a algo uma forma apreensível (de dar "figuração", dar "expressão"), portanto, a *Darstellbarkeit*, que Freud utiliza também em *A Interpretação dos Sonhos*, (*1900a), Studienausgabe,* vol. 2, designa a capacidade de algo ser expresso em imagens oníricas; mais sobre *Darstellung* e *Vorstellung* em DCAF.

■ **SE.30** [Ibid., p. 523.]

■ **T.31** *Sacherinnerungen* "lembranças-de-coisas"; sobre diferenças entre o uso que Freud faz entre *Objekt* e *Sache*, ver notas 110 e 111 no artigo "O Inconsciente", p. 73; Sobre *Erinnerung*: "lembrança"; Alt.: "memória", "recordação". Obs.: aqui Freud se refere à memória não na acepção de função ou capacidade de arquivar informações, mas como "lembrança" isto é, aos conteúdos, às imagens, ou melhor aos traços de imagens (visuais, auditivas, olfativas, sensoriais em geral).

■ **SE.32** [Ibid., pp. 406 e segs.]

■ **F.33** É a considerações de representabilidade que atribuo, também, o fato salientado por Silberer [1914] de que alguns sonhos permitem duas interpretações corretas mas fundamentalmente diferentes, que Silberer denomina, uma, *analítica* e a outra, *anagógica*. Trata-se sempre de pensamentos de natureza muito abstrata, que com certeza causaram muitas dificuldades para serem representados no sonho. Para fins de comparação, imagine-se a tarefa de substituir por imagens o editorial de um jornal político! Em casos desse tipo, o trabalho do sonho consiste em primeiramente substituir o texto abstrato do pensamento por um mais concreto, o qual está ligado ao anterior por meio de comparações, simbolismos, alusões alegóricas, mas de preferência geneticamente, e que se torna material do trabalho do sonho em lugar do outro. Os pensamentos abstratos proporcionam a assim chamada interpretação anagógica, que interpretamos mais facilmente do que a analítica. Uma observação correta de O. Rank diz que determinados sonhos de pacientes tratados pela psicanálise são os melhores exemplos do conceito dos sonhos com mais de uma interpretação. [Vide também acréscimo de Freud do ano de 1919 sobre *A Interpretação dos Sonhos*, *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 501-2.]

■ **SE.34** Cf. “O Inconsciente” (1915*e*), acima, pp. 46 e segs.]

■ **T.35** *sekundäre Bearbeitung* “elaboração secundária”; sobre *Bearbeitung*, “elaboração”; Alt.: “trabalho”; Sign.: trabalho aplicado sobre um material. Obs. 1: Habitualmente Freud distingue *Bearbeitung* de *Verarbeitung*; este último se refere a um “processamento” (eventualmente *transformação*, *digestão* ou *absorção*) enfatizando alguma incorporação mais profunda, também traduzido às vezes por “elaboração”. Obs. 2: Excepcionalmente aqui, *Bearbeitung* está sendo traduzido por “elaboração”, contudo, deve-se ter em mente que se trata de aplicar uma camada de trabalho sobre um material e não de “elaborá-lo” na acepção de “sofisticá-lo” ou “finalizá-lo” e tampouco de *Verabeitung* (absorção), aqui a *Bearbeitung* (aplicação) refere-se a ir mudando/trabalhando o material. Neste sentido a *sekundäre Bearbeitung* é um trabalho que

faz com que o material psíquico agora esteja adequado a circular no processo secundário cuja natureza é mais consciente e próxima do Eu; DCAF.

■ **SE.36** [Em passagens posteriores deste artigo, o termo “amência” também deve ser compreendido como se referindo a essa condição.]

■ **SE.37** [Cf. *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), *Studienausgabe,* vol. 2, p. 149, nota.]

■ **F.38** Tomamos conhecimento de uma primeira tentativa deste tipo de sobreinvestimento de representações da palavra no artigo sobre o “Inconsciente” [1915*e*] [Cf. acima, pp. 50-1].]

■ **SE.39** Esta observação foi feita por Breuer, vide nota de rodapé relativa à Seção (1) da sua contribuição teórica aos *Estudos sobre a Histeria* (1895, *Taschenbuchausgabe*, p. 152, nota 2). Ele parece atribuir a idéia a Meynert.]

■ **T.40** *Triebrepräsentanzen* (sobre *Trieb* ver nota 9); Obs.: Freud por vezes não se refere ao elemento que está representando, mas à “função de representação”, na acepção da “função de estar no lugar de”, e emprega o termo *Repräsentanz*, que com freqüência é confundido nos idiomas latinos com “representação” na acepção de “figuração”, “apresentação”. Em alemão “figuração” ou “apresentação” corresponde a *Vorstellung* (“imagem”, “idéia”, “noção”, “concepção”, “visualização”, “imaginação”). Para evitar a ambigüidade do termo latino, a palavra *Repräsentanz* (“função de estar no lugar de outro”) foi traduzida por “representante”, embora em rigor se refira a uma função, e não ao elemento que excerce a função de representar; a diferença entre *Repräsentant* e *Repräsentanz* não é relevante no contexto freudiano. Cabe ainda indicar que *Repräsentant*, “representante” refere-se ao elemento cuja a função é “estar no lugar de”, ou que faz o papel de um “substituto”, um “enviado”, ou “que tem a delegação de representar”; DCAF.

■ **SE.41** [*A Interpretação dos Sonhos, Studienausgabe,* vol. 2, pp. 519 e segs.]

■ **SE.42** [Vide Cap. VII, Seção C, de *A Interpretação dos Sonhos*, ibid., pp. 538-9.]

■ **T.43** *Bedürfnis,* "falta" Alt.: "necessidade", "carência"; Sign.: refere-se à necessidade não como dado objetivo, mas como "ter necessidade de", "sentir carência"; implica a presença de um ser que sente falta de algo, portanto, tem também o mesmo caráter impelente de *Trieb* (pulsão), *Reiz* (estímulo), *Drang* (pressão) e *Zwang*,(compulsão/obsessão). Obs.: Também pode significar eventualmente "desejo" ou "vontade", o que é coerente com a polissemia de *Trieb* em alemão; nota 11, DCAF.

■ **T.44** [Cf. "Comentários Editoriais", acima, p. 76.]

■ **SE.45** [Cap. VII, Seção B, *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 510 e segs.]

■ **SE.46** [Provavelmente mais uma referência ao artigo extraviado sobre a consciência.]

■ **F.47** [Acrescento que uma tentativa de explicação da alucinação não deveria começar pela alucinação positiva, mas sim pela negativa.]

■ **SE.48** [Cf. "Os Sinais da Realidade" no "Projeto" (1950*a*), Parte I, Seção "O Reconhecer e o Pensamento Reprodutivo", etc.]

■ **SE.49** [Cf. análise posterior sobre "externo" e "interno" no trabalho escrito muito mais tarde "A Negação" (1925*h*), bem como no Cap. I de *O Mal-Estar na Civilização* (1930*a*), *Studienausgabe,* vol. 9, pp. 198-200.]

■ **F.50** Sobre a distinção entre um teste de atualidade e de realidade ver em outro trecho. [Entretanto, não há em mais nenhum lugar alguma menção do "teste de atualidade", de modo que pode ser novamente referência a um trabalho extraviado.]

■ **SE.51** [Cf. p. 107.]

■ **T.52** *verleugnet* "renegar"; Alt.: "recusar a realidade", "denegar", "desmentir", "negar"; Conot.: mantém a ambigüidade de "desmentir" (não se sabe se o desmentido restabelece a verdade ou instala uma mentira), bem como a ambigüidade de "renegar" (em geral se renega algo que já foi aceito anteriormente). Obs: o termo é

empregado por Freud, ora como mecanismo de defesa acessório da neurose, ora como mecanismo da perversão, ora como defesa da psicose; neste trecho corresponde à idéia de renegar (ou desmentir) algo que se evidencia diante do Eu; DCAF.

■ **F.53** [Partindo daqui, posso aventurar-me à suposição de que também se podem compreender de maneira análoga as alucinoses tóxicas, por exemplo, o delírio alcoólico. A insuportável perda imposta pela realidade seria a do álcool; quando este é fornecido, as alucinações cessam.]

■ **F.54** [O princípio da inexcitabilidade de sistemas não-investidas [cf. p. 83.] parece ficar invalidado para o sistema *Cs (P)*. Mas pode tratar-se de uma invalidação apenas parcial, e teremos de pressupor, especialmente para o sistema de percepção, uma quantidade de pré-requisitos para a excitação que divergem muito da de outros sistemas. — Não pretendo, de forma alguma, encobrir ou atenuar o caráter incerto, tateante dessas explicações metapsicológicas. Somente um aprofundamento maior poderá levar a certo grau de probabilidade.

■ **SE.55** [Citado no início de *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), *Studienausgabe,* vol. 2, p. 30.]

Luto e Melancolia
1917

TRAUER UND MELANCHOLIE

Edições alemãs:
1917 • *Int. Z. ärztl. Psychoanal.,* 4 (6) 288-301.
1918 • *S. K. S. N.,* 4, 356-77. (1922, 2ª ed.)
1924 • *G. S.,* 5, 535-53.
1924 • *Technik und Metapsychol.,* 257-75.
1931 • *Theoretische Schriften,* 157-77.
1946 • *G. W.,* 10, 428-46.

■ Comentários editoriais da *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*

Como sabemos pelo Dr. Ernest Jones (1955, 367-8), Freud lhe expusera o tema do presente artigo em janeiro de 1914, e falou sobre ele perante a Sociedade Psicanalítica de Viena em 30 de dezembro daquele ano. Escreveu um primeiro rascunho do artigo em fevereiro de 1915, tendo-o submetido à apreciação de Abraham, que lhe enviou extensos comentários, entre os quais a importante sugestão de que havia uma ligação entre a melancolia e a fase oral do desenvolvimento libidinal (ver adiante, p. 109). A versão final do artigo foi concluído em 4 de maio de 1915, mas, como o anterior, só foi publicado dois anos depois.

Bem no início (provavelmente em janeiro de 1895), Freud enviara a Fliess uma elaborada tentativa de explicar a melancolia (sob cuja designação ele regularmente incluía o que agora em geral se descreve como estados de depressão) em termos puramente neurológicos (Freud, 1950*a*, Rascunho G).

Essa tentativa não se mostrou particularmente profícua, mas foi logo substituída por uma abordagem psicológica do assunto. Só dois anos depois encontramos um dos exemplos mais notáveis de previsão de Freud num manuscrito, também endereçado a Fliess, e trazendo o título “Notas (III)”. Esse manuscrito, datado de 31 de maio de 1897, é incidentalmente aquele no qual Freud, pela primeira vez, antecipa o complexo de Édipo (Freud, 1950*a*, Rascunho N). O trecho em questão, cujo significado é tão condensado a ponto de ser obscuro em certas passagens, merece ser citado na íntegra:

“Os impulsos hostis contra os pais (o desejo de que morram) são também parte integrante das neuroses. Vêm à luz conscientemente como idéias obsessivas. Na paranóia, o que há de pior nos delírios de perseguição (desconfiança patológica de governantes e monarcas) corresponde a esses impulsos. São reprimidos quando a compaixão pelos pais é ativa — nas ocasiões de sua doença ou morte. Em tais ocasiões, é uma manifestação de luto recriminar-se a si próprio pela morte deles (o que se conhece como melancolia) ou

punir-se a si mesmo de uma maneira histérica (por intermédio da idéia de retribuição) com os mesmos estados [de doença] que tenham tido. A identificação que ocorre aqui, como podemos ver, não passa de uma modalidade de pensar e não nos exime da necessidade de procurar o motivo."

A aplicação à melancolia da linha de pensamento delineada nesse trecho parece ter sido deixada completamente de lado por Freud. Com efeito, ele raras vezes tornou a mencionar essa condição antes do presente artigo, salvo algumas observações num debate sobre o suicídio na Sociedade Psicanalítica de Viena em 1910 (*Edição* Standard *Brasileira*, vol. XI, p. 218, IMAGO Editora, 1970), quando ressaltou a importância de traçar uma comparação entre a melancolia e os estados normais de luto, declarando, contudo, que o problema psicológico em jogo ainda era insolúvel.

O que permitiu a Freud reabrir o assunto foi, naturalmente, a introdução dos conceitos de narcisismo e de ideal do Eu. O presente artigo talvez possa ser considerado um prolongamento do trabalho sobre narcisismo que Freud escrevera um ano antes (1914*c*). Assim como naquele artigo ele havia descrito as atividades do "agente crítico" em casos de paranóia (ver ESPI, vol. I, pp. 113 e segs.), neste ele vê o mesmo agente em atuação na melancolia. Mas as implicações deste artigo estavam destinadas a ser mais importantes do que a explanação do mecanismo de um estado patológico específico, embora essas implicações não se tornassem óbvias de imediato. O material contido aqui levou à consideração ulterior do "agente crítico" que se encontra no Capítulo XI de *Psicologia de Grupo* (1921*c*), *Edição* Standard *Brasileira*, vol. XVIII, pp. 129 e segs.; e isso, por sua vez, levou à hipótese do superego em *O Eu e o Id* (1923*b*) e a uma nova avaliação do sentimento de culpa.

Sob outro aspecto, este artigo exigia um exame de toda a questão da natureza da identificação. Parece que Freud se mostrou inclinado, de início, a considerá-la intimamente associada e, talvez, dependente da fase oral ou canibalística do desenvolvimento libidinal. Assim, em *Totem e Tabu* (1912-13), *Edição* Standard *Brasileira*, vol. XIII, p. 170, IMAGO Editora, 1974, ele havia escrito, sobre a relação entre os filhos e o pai da horda primeva, que "no ato de devorá-lo realizavam sua identificação com ele". E, mais uma

vez, num trecho acrescentado à terceira edição dos *Três Ensaios*, publicado em 1915, mas escrito alguns meses antes do presente artigo, descreveu a fase oral canibalística como "o protótipo de um processo que, sob a forma de *identificação*, irá depois desempenhar um papel psicológico tão importante". No presente artigo (p. 109), fala da identificação como "uma etapa preliminar da escolha objetal (…) a primeira forma pela qual o Eu escolhe um 'objeto'", acrescentando que "o Eu deseja incorporar a si esse objeto, e, em conformidade com a fase oral ou canibalística do desenvolvimento libidinal em que se acha, deseja fazer isso devorando-o".* E na realidade, embora Abraham possa ter sugerido a relevância da fase oral para a melancolia, o próprio Freud já começara a se interessar por ela, como demonstra o exame disso na anamnese do "Homem dos Lobos" (1918*b*), escrita durante o outono de 1914, na qual aquela fase desempenhou um papel proeminente. (Ver *Edição* Standard *Brasileira*, vol. XVII, p. 106.) Alguns anos depois, em *Psicologia de Grupo e Análise do Eu* (1921*c*), *Edição* Standard *Brasileira*, vol. XVIII, pp. 105 e segs., onde o tema da identificação é retomado, explicitamente em continuação ao presente exame, uma modificação do conceito anterior — ou talvez apenas um esclarecimento dele — parece surgir. A identificação, aprendemos ali, é um processo que *antecede* o investimento objetal, sendo distinta dela, embora ele ainda diga que "ela se comporta como um derivado da primeira fase, a *oral* (…)". Esse conceito de identificação é reiteradamente ressaltado em muitos dos escritos ulteriores de Freud, como, por exemplo, no Capítulo III de *O Eu e o Id* (1923*b*), onde ele escreve que a identificação com os pais "aparentemente não é, de início, a conseqüência ou resultado de um investimento objetal; é uma identificação direta e imediata, e se verifica mais cedo do que qualquer investimento objetal".

O que mais tarde Freud parece ter considerado a característica mais significante deste artigo foi, contudo, o relato do processo pelo qual, na melancolia, um investimento objetal é substituído por uma identificação. No Capítulo III de *O Eu e o Id*, argumentou que esse processo não se restringe à melancolia, mas é de ocorrência bastante geral. Essas identificações regressivas, ressaltou ele, são, em grande medida, a base do que descrevemos como o "caráter" de

uma pessoa. Mas, e isso era muito mais importante, ele sugeriu que as mais antigas dessas identificações regressivas — as derivadas da dissolução do complexo de Édipo — vêm ocupar uma posição muito especial, e formam, de fato, o núcleo do supra-Eu.

Após termos utilizado o sonho como protótipo das perturbações psíquicas [*Seelenstörungen*][F.1] narcísicas, iremos agora tentar esclarecer a natureza da melancolia. Para tal iremos comparar a melancolia com o afeto [*Affekt*][T.2] que está envolvido no luto normal. Entretanto, logo de início façamos alguns esclarecimentos a fim de evitar que se espere demais dos resultados a que poderemos chegar. A melancolia, cuja definição conceitual oscila também na psiquiatria descritiva, apresenta-se em formas clínicas tão diversas que ainda não é possível resumi-las com segurança num conjunto único — aliás, algumas formas lembram mais afecções somáticas do que psicogênicas. Além disso, nosso material resume-se apenas a um pequeno número de casos de natureza indubitavelmente psicogênica e a certas observações [*Eindrücke*][SE.3] que qualquer pesquisador pode fazer por si. Assim sendo, temos de abrir mão da ambição de obter resultados que tenham validade geral. Nos consolaremos com a idéia de que com avanço dos meios de pesquisa atuais é quase sempre possível encontrar algo que seja *típico*, se não para toda uma classe de afecções, ao menos para um grupo menor. Passemos, pois, ao nosso objeto.

Optamos por correlacionar a melancolia com o luto, tanto pelas semelhanças do quadro geral dessas duas condições,[F.4] como pelo fato de as circunstâncias da vida que as desencadeiam coincidirem — ao menos até onde é possível observá-las. O luto é, em geral, a reação à perda de uma pessoa amada, ou à perda de abstrações colocadas em seu lugar, tais como pátria, liberdade, um ideal etc. Entretanto, em algumas pessoas — que por isso suspeitamos portadoras de uma disposição patológica — sob as mesmas circunstâncias de perda, surge a melancolia, em vez do luto. Curiosamente, no caso do luto, embora ele implique graves desvios do comportamento normal, nunca nos ocorreria considerá-lo um estado patológico e tampouco encaminharíamos o enlutado ao médico para tratamento, pois confiamos em que, após determinado período, o luto será superado, e considera-se inútil e mesmo prejudicial perturbá-lo.

A melancolia caracteriza-se psiquicamente por um estado de ânimo profundamente doloroso, por uma suspensão do interesse

pelo mundo externo, pela perda da capacidade de amar, pela inibição geral das capacidades de realizar tarefas e pela depreciação do sentimento-de-Si [*Selbstgefühl*][T.5]. Essa depreciação manifesta-se por censuras e insultos a si mesmo, evoluindo de forma crescente até chegar a uma expectativa delirante de ser punido. Entretanto, esse quadro torna-se bem mais compreensível quando comparado com o luto, o qual apresenta os mesmos traços, exceto um, a depreciação do sentimento-de-Si. De fato, afora esse aspecto, todas as outras características são iguais. O luto profundo, isto é, a reação à perda de uma pessoa amada, apresenta o mesmo estado de ânimo doloroso e a mesma perda do interesse pelo mundo exterior, salvo por tudo aquilo que relembra o falecido. Também encontramos no luto a mesma perda da capacidade de escolher qualquer novo objeto de amor — escolha que significaria substituir o objeto do luto — e um desinteresse por qualquer tipo de atividade que não esteja relacionado com a lembrança do falecido. Normalmente, todos nós aceitamos a explicação de que essa inibição e essa limitação do Eu sejam a expressão de uma entrega exclusiva ao luto, e de que, portanto, nada mais restaria disponível para outros propósitos e interesses. Na verdade, só porque sabemos explicar tão bem esse comportamento é que ele não nos parece patológico.

Todos também concordamos de imediato com a denominação “doloroso” — que contém uma referência à dor — e é utilizada para nomear o estado de ânimo do luto. Aliás, mais adiante, quando estivermos em condições de caracterizar a dor sob o prisma da economia psíquica, veremos quanto essa comparação é apropriada e até óbvia.[SE.6]

E no que consiste então o trabalho realizado pelo luto? Acho que não parecerá forçado apresentá-lo da seguinte forma: o teste de realidade mostrou que o objeto amado não mais existe, de modo que o respeito pela realidade passa a exigir a retirada de toda a libido das relações [*Verknüpfungen*][T.7] anteriormente mantidas com esse objeto. Contra isso ergue-se então uma compreensível oposição. Afinal, como se pode observar, de modo geral o ser humano — mesmo quando um substituto já se delineia no horizonte

— nunca abandona de bom grado uma posição libidinal antes ocupada. Eventualmente, essa oposição pode vir a ser tão forte que ocorra uma fuga da realidade e o sujeito se agarre ao objeto por meio de uma psicose alucinatória de desejo (vide o artigo anterior); porém, ao final, o normal é que o respeito pela realidade saia vitorioso. Entretanto, essas exigências da realidade não são atendidas de imediato. Ao contrário, isso só ocorre pouco a pouco e com grande dispêndio de tempo e energia, enquanto, em paralelo, a existência psíquica do objeto perdido continua a ser sustentada. Cada uma das lembranças e expectativas que vinculavam a libido ao objeto é trazida à tona e recebe uma nova camada de carga, isto é, de sobreinvestimento [*Überbesetzung*][T.8]. Em cada um dos vínculos vai se processando então uma paulatina dissolução dos laços de libido.[SE.9] Justificar em termos econômicos por que é tão doloroso cumprir, passo a passo, essas exigências da realidade não é fácil, embora seja curioso que a todos nós pareça tão natural e compreensível que o enlutado deva passar por esse doloroso desprazer. De qualquer modo, o que se constata é que, após completar o trabalho do luto, o Eu se torna efetivamente livre e volta a funcionar sem inibições.[SE.10]

Apliquemos agora ao quadro da melancolia aquilo que sabemos sobre o luto. Numa série de casos, é evidente que também a melancolia pode ser uma reação à perda de um objeto amado. Em outras ocasiões, constata-se que a perda pode ser de natureza mais ideal, o objeto não morreu realmente, mas perdeu-se como objeto de amor (por exemplo, no caso de uma noiva abandonada). Em outros casos, ainda, consideramos razoável supor que tal perda tenha de fato ocorrido, mas não conseguimos saber com clareza o que afinal foi perdido; portanto, temos motivos para achar que também o doente não consegue nem dizer, nem apreender conscientemente o que perdeu. Esse desconhecimento ocorre até mesmo quando a perda desencadeadora da melancolia é conhecida, pois, se o doente sabe *quem* ele perdeu, não sabe dizer *o que se* perdeu com o desaparecimento desse objeto amado. Isto, portanto, nos leva a relacionar a melancolia com uma perda de um objeto que escapa à consciência, diferentemente do processo de luto, no qual tal perda não é em nada inconsciente.

No caso do luto, pudemos explicar perfeitamente a inibição e a falta de interesse a partir do que sabemos sobre o assim denominado trabalho do luto, que absorve o Eu do sujeito. Ora, de modo análogo, embora a perda que vimos ocorrer na melancolia nos seja desconhecida, podemos supor que sua conseqüência será um trabalho interior semelhante ao do luto, e, portanto, a perda explicaria a inibição também presente na melancolia. Entretanto, a inibição melancólica nos parece enigmática, porque não podemos ver o que estaria absorvendo de tal maneira o doente. Além disso, o melancólico nos mostra uma característica ausente no luto: a extraordinária depreciação do sentimento-de-Si, um enorme empobrecimento do Eu. No luto, o mundo tornou-se pobre e vazio; na melancolia, foi o próprio Eu que se empobreceu. O doente nos descreve seu Eu como não tendo valor, como sendo incapaz e moralmente reprovável. Ele faz autocensuras e insulta a si mesmo e espera ser rejeitado e punido. Rebaixa-se perante qualquer outra pessoa e lamenta pelos seus parentes, por estarem ligados a uma pessoa tão indigna como ele. O doente não chega a pensar que uma mudança das circunstâncias de vida se tenha abatido sobre ele; ao contrário, estende sua autocrítica ao passado e afirma, em verdade, nunca ter sido melhor. O quadro desse delírio de insignificância — predominantemente moral — é complementado por insônia, pela recusa em alimentar-se e por um processo que do ponto de vista psicológico é muito peculiar: a pulsão que compele todo ser vivo a apegar-se à vida é subjugada.

Entretanto, seria infrutífero, tanto do ponto de vista terapêutico quanto científico, querer contradizer as acusações desses doentes contra o seu próprio Eu. De alguma maneira, eles devem ter razão e estar descrevendo algo que efetivamente corresponde ao que vêem. E de fato com algumas dessas acusações somos obrigados a concordar sem restrições. Na verdade, o doente está tão desinteressado e tão incapaz de amar e produzir quanto nos diz. Mas, como sabemos, tudo isso é secundário, é apenas a conseqüência do trabalho psíquico que se realiza em seu interior e que consome seu Eu — trabalho que, apesar de nos ser desconhecido, supomos ser semelhante ao do luto. Com relação a algumas outras auto-acusações, notamos que, embora o doente

também pareça ter razão, ele apreende a realidade [*Wahrheit*][T.11] de modo mais intenso e agudo do que os não-melancólicos. Quando esse tipo de doente, em uma autocrítica desmedida, se descreve como um ser humano mesquinho, egoísta, pouco sincero, sem autonomia, que sempre se empenhou em esconder as fraquezas do seu ser, ele pode, ao que sabemos, estar bastante próximo do autoconhecimento, mas nos perguntamos por que é preciso primeiro ficar doente para poder enxergar essa verdade. Sem dúvida, quem chegou a tal avaliação de si mesmo e a revela aos outros — um gênero de avaliação como a que o príncipe Hamlet aplicava a si mesmo e aos outros[F.12] — está doente, quer esteja dizendo a verdade, quer esteja sendo justo ou injusto para consigo mesmo. Também não é difícil perceber que não há correspondência entre a magnitude da autodepreciação e quanto ela é realmente justa. A mulher que antes era virtuosa, capaz e cumpridora dos seus deveres, na melancolia não falará melhor de si do que uma imprestável; aliás, a primeira tem mais probabilidade de ser afetada pela melancolia do que a segunda, a respeito da qual nós mesmos não teríamos nada de positivo a dizer. Por fim, também chama a atenção o fato de o melancólico não se comportar como normalmente o faria alguém que estivesse atormentado pelo profundo arrependimento e pela severa auto-recriminação. Falta ao melancólico, ou pelo menos nele não se faz perceptível, a vergonha diante dos outros, algo que, afinal, tipicamente caracteriza o estado de arrependimento e recriminação que mencionamos. Trata-se quase do contrário, há uma despudorada loquacidade que parece até derivar alguma satisfação de se auto-expor.

Portanto, o essencial não é se o melancólico tem razão, com sua sofrida autodepreciação, isto é, se sua autocrítica coincide ou não com o que as outras pessoas pensam dele. Provavelmente, ele descreve a sua situação psicológica de modo correto. Ele perdeu o auto-respeito e deve ter um bom motivo para isso. Porém, isso nos coloca diante de uma contradição, cujo enigma é difícil de resolver: se partirmos da analogia com o luto, concluiremos que ele sofreu a perda de um objeto; se partirmos do que ele nos diz, afirmaremos que houve uma perda no seu Eu.

Entretanto, antes de nos ocuparmos dessa contradição, detenhamo-nos por um momento no que a afecção do melancólico nos revela sobre a constituição do Eu humano. Nesses casos, vemos que uma parte do Eu do paciente se contrapõe à outra e a avalia de forma crítica, portanto, uma parcela do Eu trata a outra como se fora um objeto. A instância crítica que nesse caso foi capaz de se separar do Eu também será, sob outras condições, capaz de demonstrar sua independência. Aliás, já suspeitávamos disso, e todas as observações subseqüentes acabaram por confirmar nossa suspeita. Assim, de fato temos bons motivos para distinguir essa instância do restante do Eu. Na realidade, o que se nos apresenta aqui é a instância comumente denominada *consciência moral* [*Gewissen*][T.13]. Devemos incluí-la entre as grandes instituições do Eu juntamente com a censura que parte do consciente [*Bewusstseinszensur*][T.14] e com o teste de realidade [*Wahrheit*].[SE.15] Além disso, mais adiante comprovaremos que a consciência moral também pode adoecer isoladamente. O quadro da melancolia ressalta o desagrado moral para com o próprio Eu, e esse aspecto é mais saliente do que todas as insatisfações que o doente possa ter com outros aspectos: deficiências físicas, feiúra, fraqueza, inferioridade social são muito mais raramente objeto da auto-avaliação, exceção feita ao empobrecimento, tópico que se destaca entre os temores afirmados pelo doente.

Na verdade, a contradição anteriormente mencionada entre a perda do objeto e a perda ocorrida no Eu pode ser esclarecida a partir de observações relativamente fáceis de fazer. Ao ouvirmos pacientemente as múltiplas auto-recriminações do melancólico, não temos como evitar a impressão de que as mais graves acusações com freqüência não se encaixam exatamente à própria pessoa, mas que — com insignificantes modificações — se aplicam perfeitamente a uma outra pessoa que o doente ama, amou ou deveria amar. Sempre que se examinam mais a fundo esses conteúdos, o doente acaba por confirmar essa suposição. Assim, tem-se nas mãos a chave para o quadro da doença: as auto-recriminações são recriminações dirigidas a um objeto amado, as quais foram retiradas desse objeto e desviadas para o próprio Eu.

A mulher que aos brados lamenta que seu marido esteja preso a uma pessoa tão incapaz como ela na verdade está acusando o marido de incapaz, seja lá o que for que ela entenda por incapaz. Entretanto, não devemos nos surpreender se encontrarmos, entre as acusações que se voltaram contra o próprio Eu, algumas auto-recriminações genuínas; elas podem estar em primeiro plano apenas para encobrir as outras e tornar impossível identificar o que realmente está em jogo. Essas auto-recriminações têm origem nos prós e contras próprios do conflito amoroso que levou à perda do objeto de amor. Assim, o comportamento desses doentes torna-se agora compreensível: seus lamentos e queixas [*Klagen*] são acusações [*Anklagen*][T.16]. Eles não se envergonham nem se escondem, porque tudo de depreciativo que dizem de si mesmos na verdade estão dizendo de outra pessoa; e nem de longe demonstram a humildade e submissão esperadas de pessoas supostamente tão indignas; ao contrário, comportam-se de modo extremamente incômodo, como se tivessem sido muito ofendidos e sofrido uma grande injustiça. Na verdade, esse comportamento ainda está partindo de uma constelação psíquica de rebelião, a qual, por um determinado processo, se transformou em contrição melancólica.

Podemos então facilmente reconstruir esse processo. Havia ocorrido uma escolha de objeto, isto é, o enlaçamento [*Bindung*][T.17] da libido a uma determinada pessoa. Entretanto, uma *ofensa real ou decepção* proveniente da pessoa amada causou um estremecimento dessa relação com o objeto. O resultado não foi um processo normal de retirada da libido desse objeto e a seguir seu deslocamento[T.18] para outro objeto, mas sim algo diverso, que para ocorrer parece exigir a presença de determinadas condições. O que se seguiu foi que o investimento de carga no objeto se mostrou pouco resistente e firme e foi retirado. A libido então liberada, em vez de ser transferida a outro objeto, foi recolhida para dentro do Eu. Lá essa libido não foi utilizada para uma função qualquer, e sim para produzir uma *identificação* do Eu com o objeto que tinha sido abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu. A partir daí uma instância especial[SE.19] podia julgar esse Eu como se ele

fosse um objeto, a saber: o objeto abandonado. Desta forma, a perda do objeto transformou-se em uma perda de aspectos do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada transformou-se num conflito entre a crítica ao Eu e o Eu modificado pela identificação.

Há alguns aspectos que se podem deduzir das precondições e dos resultados envolvidos em um processo desse tipo. Por um lado, é necessário que tenha havido uma forte fixação [*Fixierung*] no objeto de amor, mas, por outro, e em contradição com esta premissa, é preciso que haja concomitantemente uma fraca resistência e aderência do investimento depositado no objeto. Para que essa contradição se torne possível, parece necessário, conforme o comentário de O. Rank, que a seleção do objeto tenha sido feita numa base narcísica, de forma que — ao se defrontar com obstáculos — o investimento de carga depositado no objeto possa regredir ao narcisismo. A partir daí a identificação narcísica com o objeto torna-se um substituto do investimento amoroso anteriormente depositado, permitindo que — apesar do conflito com o objeto de amor — não mais seja preciso renunciar à relação amorosa em si. Essa substituição do amor depositado no objeto por uma identificação com o objeto é um mecanismo de grande importância nas afecções narcísicas: K. Landauer conseguiu revelá-lo recentemente no processo de cura de uma esquizofrenia (1914). Obviamente, esse mecanismo corresponde a uma *regressão* que parte de um certo tipo de escolha objetal e volta para o narcisismo original. Em outra ocasião, já havíamos demonstrado que a identificação é o estágio que antecede a escolha do objeto. Trata-se de uma primeira etapa — aliás, bastante ambivalente na sua forma de manifestação — de como o Eu escolhe os objetos. O Eu quer incorporar esse objeto e para tal, em conformidade com a fase oral, ou canibalística, do desenvolvimento da libido, deseja devorá-lo.[SE.20] É a esse contexto que Abraham atribui, provavelmente com razão, a causa da recusa em alimentar-se, encontrada em casos graves de melancolia.[SE.21]

Do ponto de vista lógico, a nossa teoria exigiria que chegássemos à conclusão de que a predisposição à afecção melancólica (ou uma parte dela) é derivada da predominância da escolha objetal do tipo

narcísico. Infelizmente, essa conclusão ainda carece de confirmação por meio de investigações mais exaustivas. Como já deixei claro na introdução deste artigo, o material empírico no qual este estudo se baseia não é suficiente. Todavia, se os resultados de observações mais exaustivas vierem a coincidir com nossas atuais conclusões, poderíamos sem hesitação incluir na caracterização da melancolia a idéia de que ocorre uma regressão do investimento de carga depositado no objeto para a fase oral da libido — fase ainda pertencente ao período do narcisismo. Entretanto, na verdade, as identificações com o objeto também são comuns nas neuroses de transferência, elas constituem um mecanismo conhecido da formação dos sintomas, principalmente na histeria. Contudo, podemos ver bem a diferença entre a identificação narcísica e a histérica no fato de que, na narcísica, o investimento de carga no objeto é abandonado, ao passo que na histérica ele continua a existir e exerce um efeito que habitualmente se restringe a determinadas ações e inervações isoladas. De qualquer modo, podemos dizer que também nas neuroses de transferência a identificação é a expressão de uma comunhão que pode significar amor, mas claramente a narcísica é mais antiga que a histérica, e é por intermédio dela que podemos ter uma melhor compreensão da identificação histérica, estudada menos a fundo.[SE.22]

Portanto, a melancolia toma uma parcela de suas características emprestada do luto; a outra parcela ela retira de um processo específico de regressão, o qual parte da escolha objetal de tipo narcísico e retorna ao estado de narcisismo. Assim, a melancolia é, como o luto, uma reação a uma perda real do objeto amado. Mas, além disso, a ela se acrescenta uma condição ausente no luto normal, ou que, quando presente, o transforma em luto patológico: a perda do objeto de amor mostra-se como uma ocasião muito excepcional para que a ambivalência que havia nas relações amorosas agora se manifeste e passe a vigorar.[SE.23] Por isso, também nos casos em que havia uma tendência para uma neurose obsessiva, o conflito da ambivalência inerente às neuroses obsessivas confere ao luto uma forma patológica, obrigando-o [*zwingt*][T.24] a se expressar sob forma de auto-recriminações, e o próprio indivíduo passa a ser culpado da perda do objeto, isto é, de

ter desejado tal perda. Essas depressões neuróticas obsessivas [*zwangsneurotischen*][T.25] oferecem a oportunidade de observar como, após a morte de pessoas amadas, o conflito de ambivalência atua quando não houve o concomitante recolhimento regressivo da libido próprio da melancolia. Mas, ao contrário do luto patológico, o que desencadeia a melancolia geralmente abarca mais do que uma nítida perda ocasionada pela morte. Abrange todas as situações por meio das quais os elementos opostos de amor e ódio se inseriram na relação com o objeto, ou lograram reforçar uma ambivalência já preexistente, por exemplo, situações de ofensa, negligência e decepção. Esse conflito de ambivalência, seja ele de origem mais real, ou mais constitutiva, é um dos importantes pré-requisitos para o surgimento da melancolia. Uma vez tendo de abdicar do objeto, mas não podendo renunciar ao amor pelo objeto, esse amor refugia-se na identificação narcísica, de modo que agora atua como ódio sobre esse objeto substituto, insultando-o, rebaixando-o, fazendo-o sofrer e obtendo desse sofrimento alguma satisfação sádica. A indubitavelmente prazerosa autoflagelação do melancólico expressa, como o fenômeno análogo na neurose obsessiva, a satisfação de tendências sádicas e de ódio.[F.26] Essas tendências são sempre dirigidas a algum objeto, e é por essa via que no caso elas se voltaram contra a própria pessoa. Nas duas afecções, é comum o doente conseguir, pela via indireta da autopunição, vingar-se do objeto original: após ter-se refugiado na enfermidade para não ter de lhe mostrar abertamente sua hostilidade, o sujeito tortura seus entes queridos com sua doença, pois o estado mórbido dirige-se à pessoa que desencadeou o distúrbio nos sentimentos do doente, e esta normalmente se encontra no seu círculo mais próximo. Desta forma, o investimento erótico no objeto do melancólico tem um duplo destino: em parte ele regrediu à identificação, em parte, porém, foi remetido — sob a influência do conflito de ambivalência — ao sadismo, que é o estágio de desenvolvimento mais próximo do conflito de ambivalência.

E é exatamente a presença desse sadismo que nos permite esclarecer um enigma que torna a melancolia tão interessante e tão perigosa: a tendência ao suicídio. Esta nos parecia inexplicável, pois anteriormente havíamos identificado o estado primitivo, de onde

parte a vida pulsional, como sendo constituído por um grande amor do Eu por si mesmo; além disso, também tínhamos considerado que o medo [*Angst*][T.27] que surge quando há uma ameaça à vida corresponderia a uma quantidade de libido narcísica sendo liberada; portanto, em rigor, seria incompreensível como esse mesmo Eu tão vinculado à vida poderia concordar com sua própria autodestruição. Além disso, embora saibamos que as intenções suicidas do neurótico na verdade são impulsos homicidas antes dirigidos a outrem e que posteriormente foram redirecionados ao próprio sujeito, continua a ser incompreensível por que jogo de forças tal intenção consegue transformar-se em ação efetiva. Mas, a partir da análise da melancolia, agora se tornou claro que o Eu somente pode matar a si mesmo se conseguir, através do retorno do investimento objetal, tratar a si próprio como um objeto, isto é, se puder dirigir contra si a hostilidade originalmente destinada a um objeto, hostilidade esta que, em verdade, está no lugar [*vertritt*][T.28] da reação original do Eu contra objetos do mundo externo (vide “Pulsões e Destinos da Pulsão”). Desta forma, embora o objeto da escolha narcísica objetal tivesse sido suprimido [*aufgehoben*][T.29] quando houve a regressão, ao final ele mostrou-se mais poderoso do que o próprio Eu. Acrescentemos que nas duas situações opostas, a paixão extrema e o suicídio, o Eu, embora por vias totalmente diversas, acaba sendo sobrepujado [*überwaltigt*][T.30] pelo objeto.[SE.31]

Também é sugestivo pensarmos que talvez a causa do surgimento do medo de empobrecer, algo tão característico e marcante na melancolia, igualmente resida numa regressão, neste caso num rompimento das relações do erotismo anal arrancado de suas conexões [*Verbindungen*][T.32] anteriores e modificado por via da regressão.

Todavia, a melancolia nos coloca ainda diversas outras questões, cujas respostas em parte nos escapam. Ela tem em comum com o luto o fato de se dissipar, após determinado período, sem deixar maiores alterações verificáveis. Ora, no caso do luto sabemos que esse tempo é necessário para a execução, passo a passo, do processo exigido pelo teste de realidade, e que, uma vez terminado

esse trabalho, o Eu consegue então libertar a sua libido do jugo do objeto perdido. Talvez possamos também, no caso da melancolia, imaginar o Eu ocupado com um trabalho análogo, embora por vezes nos falte a compreensão econômica desse processo. Outro aspecto que chama atenção é a insônia que ocorre na melancolia. Ela provavelmente atesta a rigidez desse estado e a impossibilidade de realizar o recolhimento, tão necessário para o sono, dos investimentos de carga. Podemos dizer que o complexo melancólico se comporta como uma ferida aberta absorvendo de todos os lados a energia de investimento para si (a qual nas neuroses de transferência denominamos “contra-investimento”) e esvazia o Eu até seu total empobrecimento,[SE.33] de modo que o complexo pode então facilmente resistir ao desejo de dormir do Eu. Ainda outra questão é saber se há um fator — provavelmente somático e inexplicável do ponto de vista psicogênico — que faz com que regularmente esse estado se amenize à noite. A essas diversas considerações soma-se ainda outra pergunta: para produzir o quadro da melancolia é suficiente ocorrer um prejuízo de um Eu que ignora o objeto (isto é, basta uma mágoa de natureza puramente narcísica causada ao Eu), ou também algum fator tóxico capaz de causar um empobrecimento na libido do Eu pode produzir diretamente determinadas formas dessa afecção?

A mais curiosa e ainda inexplicada peculiaridade da melancolia é sua tendência de se transformar no estado sintomaticamente oposto da mania. Como se sabe, isto não acontece com todos os casos de melancolia. Alguns casos apresentam recidivas periódicas, com intervalos nos quais não se apresenta nenhuma mania ou só uma nuance muito tênue de mania. Outros apresentam aquela alternância regular de fases melancólicas e maníacas que foi denominada insanidade cíclica. Se o trabalho psicanalítico não tivesse conseguido resolver e influenciar terapeuticamente diversos desses casos patológicos, até poder-se-ia ficar tentado a excluí-los da visão psicogênica; porém, a partir de nossos resultados, não só é permitido, mas mesmo necessário, estender nossa teorização psicanalítica da melancolia também aos casos de mania.

Eu não posso prometer que o resultado dessa ampliação seja plenamente satisfatório, pois, afinal, trata-se de uma primeira tentativa de nos situarmos. Podemos aqui contar com dois pontos de apoio: com as observações psicanalíticas ou com a experiência geral que se tem com a economia psíquica desses casos. Quanto às observações, diversos outros pesquisadores da psicanálise já expressaram que a mania teria o mesmo conteúdo que a melancolia, que as duas afecções lutariam contra o mesmo "complexo", porém, no caso da melancolia, o Eu provavelmente foi subjugado pelo complexo, enquanto na mania o Eu dele se assenhoreou [*bewältigen*][SE.34] ou mesmo o desalojou. Nosso outro ponto de apoio reside na experiência de que todos os estados característicos e prototípicos da mania, tais como a alegria, a exultação e o triunfo, apresentam as mesmas configurações em sua economia psíquica. Do ponto de vista econômico, constata-se que um grande esforço psíquico, que já vem sendo longamente sustentado, ou que é constantemente produzido, em algum momento tornou-se supérfluo, deixando uma quantidade de energia disponível para múltiplas utilizações e para diversas formas de escoamento [*Abfuhr*][T.35]. Por exemplo: quando um pobre-diabo ganha subitamente muito dinheiro e deixa de ter a preocupação crônica com o pão de cada dia, ou quando uma longa e cansativa luta é afinal coroada de êxito, ou ainda quando se logra subitamente eliminar uma compulsão opressiva, ou nos casos em que uma dissimulação longamente mantida se torna desnecessária, enfim, nas mais diversas situações desse tipo. Todas elas se caracterizam por uma excelente disposição de ânimo, por sinais de descarga [*Abfuhr*] da alegria e por uma disposição aumentada para todos os tipos de ações, exatamente como na mania, e em total contraste com a depressão e inibição da melancolia. Pode-se dizer que a mania nada mais é do que um triunfo desse tipo, só que, tal como na melancolia, também fica ocultado do Eu o que ele afinal esse Eu venceu e superou e por que está tão triunfante. A embriaguez alcoólica — desde que uma embriaguez eufórica — pertence ao mesmo tipo de estado e pode ser explicada da mesma forma: provavelmente se trata da suspensão — buscada por meio de um tóxico — do esforço necessário para sustentar um recalque. A

opinião do leigo freqüentemente supõe que nesse estado maníaco se fica tão disposto ao movimento e à atividade porque se está “tão bem-humorado”. É preciso desfazer essa falsa associação. Na realidade, apenas foi preenchida, no âmbito psicológico, a condição econômica acima descrita, e é por isso que se fica tão bem-humorado e tão desinibido no agir.

Em conjunto,[SE.36] a impressão derivada de observações psicanalíticas e a dimensão econômica da psique permitem-nos concluir que na mania o Eu deve ter superado a perda do objeto (ou o luto pela perda, ou talvez o objeto mesmo), tornando então novamente disponível todo o montante de carga de contra-investimento que o doloroso sofrimento da melancolia havia retirado do Eu e enlaçado e fixado. O maníaco nos demonstra de forma nítida sua libertação do objeto que o fazia sofrer, partindo como que esfomeado em busca de novas oportunidades para depositar em outros objetos as cargas de investimento liberadas.

Entretanto, embora essa nossa explicação soe plausível, ela é pouco precisa e remete a outras novas questões e dúvidas às quais não estamos em condições de responder. Apesar disso, não nos furtaremos de ao menos discutir esses pontos, embora não se deva esperar que cheguemos a esclarecer essas perguntas.

Coloquemos então uma primeira questão: no luto normal também se supera a perda do objeto e — enquanto dura o trabalho de luto — todas as energias do Eu também são absorvidas. Por que então, findo o luto, não se cria nada semelhante à condição econômica que encontramos na mania, tão propícia à entrada em uma fase do triunfo? Penso ser impossível neste momento responder a esta questão. Aliás, ela nos mostra que nem ao menos sabemos dizer por que meios econômicos o luto realiza sua tarefa. Todavia, podemos elaborar uma suposição que talvez nos ajude: cada vez que surgem as lembranças e as inúmeras situações de expectativa que mostram quanto a libido ainda está vinculada ao objeto perdido, a realidade logo se apresenta com o veredicto de que o objeto não mais existe; assim, o Eu é por assim dizer confrontado com a questão de se deseja partilhar o destino desse objeto; entretanto, em face das inúmeras satisfações narcísicas que a vida propicia, o

Eu acaba persuadido a ir dissolvendo seus liames [*Bindung*] com o objeto aniquilado. Poderíamos então imaginar, talvez, que esse desligamento [*Lösung*][T.37] do objeto ocorra tão lentamente e tão passo a passo que, com o término do trabalho, toda a energia mobilizada para realizá-lo tenha sido empregada e se dissipado.[F.38]

Seria tentador buscar nessas suposições a respeito do trabalho do luto uma descrição que também sirva para o trabalho melancólico, mas, logo de início, uma questão se coloca: até agora, no caso da melancolia, quase não levamos em consideração o ponto de vista tópico, não nos perguntamos onde se processa o trabalho da melancolia, entre quais sistemas e em qual ou quais deles ele ocorre. Além disso, outra pergunta se impõe: que aspectos do processo psíquico da melancolia continuam a operar tanto sobre os investimentos objetais inconscientes já abandonados, quanto sobre os substitutos constituídos no Eu por via da identificação?

É tão fácil dizer e escrever que “uma representação mental inconsciente (da coisa) do objeto[SE.39] está sendo abandonada pela libido”, que às vezes nos esquecemos de que na verdade essa representação mental é composta de incontáveis impressões isoladas (vestígios inconscientes delas), e de que o processo de recolher a libido não tem como ser algo momentâneo, mas, ao contrário, como no luto, é um processo que só progride paulatinamente. Também não é simples saber se ele começa ao mesmo tempo em diversos pontos, ou se segue uma seqüência determinada, pois nas análises pode-se constatar com freqüência que ora esta, ora aquela lembrança é ativada, e que as queixas, embora pareçam sempre iguais e sejam até cansativas de tão monótonas, na verdade cada vez estão se originando de outra motivação inconsciente. De qualquer modo, quando o objeto não tiver um significado — reforçado por milhares de elos — que o torne tão fundamental para o Eu, sua eventual perda não será suficiente para causar nem luto, nem melancolia. Portanto, devemos atribuir a retirada tão minuciosa de libido, tanto no luto como na melancolia, às mesmas razões, isto é, nos dois casos provavelmente o processo se apóia nas mesmas condições econômicas e serve às mesmas tendências.

A melancolia, porém, como já vimos, contém um elemento a mais do que o luto normal. Nela, a relação com o objeto não é simples, há o elemento complicador que é o conflito da ambivalência. Essa ambivalência ou é constitucional — presente em qualquer relação amorosa que esse Eu venha a ter — ou deriva-se justamente de experiências que implicam uma ameaça de perda do objeto. Por isso as causas da melancolia podem ultrapassar em muito as do luto, que, via de regra, só é desencadeado pela perda real, pela morte do objeto. Portanto, na melancolia, se tece em torno do objeto uma rede de inúmeros embates isolados — nos quais o amor e o ódio se enfrentam —, um para desatar a libido do objeto, o outro para defender essa posição da libido contra o ataque. Só podemos imaginar que esses embates isolados estejam situados no sistema *Ics*, onde reinam os vestígios de lembranças-de-coisa [*sachlichen Erinnerungsspuren*][T.40] (em contraposição aos investimentos depositados nas palavras). É exatamente no *Ics* que também no luto trans-correm as tentativas de desligamento do objeto, embora no luto não haja obstáculos a que esses processos prossigam pela via normal através do *Pcs* até a consciência. Contudo, esse caminho está bloqueado para o trabalho da melancolia, devido a diversas causas, ou à confluência simultânea de todas elas. Sabemos que a ambivalência constitutiva faz parte do recalcado e também que as experiências traumáticas vividas com o objeto podem alcançar vários elementos recalcados. Assim, de qualquer modo, tudo nesses embates ambivalentes permanece fora do alcance da consciência, pelo menos enquanto não ocorrer o desfecho característico da melancolia. Como sabemos, ele consiste em que o investimento de libido que está sendo ameaçado finalmente abandone o objeto, para se retrair ao mesmo local no Eu de onde inicialmente havia partido. Ao fugir para o interior do Eu, o amor pode então escapar de ser suprimido [*aufgehoben*][T.41]. Só após essa regressão da libido é que o processo pode tornar-se consciente e se faz representar na consciência como um conflito entre uma parte do Eu e a instância crítica.

Entretanto, a consciência não tem acesso nem à parte essencial do trabalho da melancolia, nem àquela à qual podemos creditar a influência sobre a resolução do sofrimento. Vemos que o Eu se

autodeprecia e se enfurece consigo mesmo, mas compreendemos tão pouco quanto o doente aonde isso levará e como poderia ser mudado. Na medida em que é fácil encontrar uma analogia essencial entre o trabalho da melancolia e o do luto, poderíamos atribuir esses fenômenos à parte inconsciente do trabalho da melancolia: afinal, da mesma forma que o luto compele o Eu a desistir do objeto, declarando-o morto e oferecendo ao Eu o prêmio de continuar vivo, também cada um dos conflitos de ambivalência afrouxa a fixação da libido ao objeto, desvalorizando-o, rebaixando-o, como que matando-o a pancadas. É possível que o processo chegue ao fim no *Ics*, seja depois de a raiva ter-se esgotado [*ausgetobt*][T.42], seja depois de o objeto ter sido abandonado como não tendo valor. Não sabemos nem qual dessas duas possibilidades mais freqüentemente põe termo à melancolia, nem como esse encerramento influencia o transcorrer posterior do caso. Talvez nesse processo o Eu acabe por desfrutar a satisfação de poder considerar-se melhor e superior ao objeto.

Todavia, ainda que fiquemos com essa concepção do trabalho melancólico, ela não nos propicia a explicação que buscávamos. Nossa expectativa de podermos explicar a precondição econômica que leva ao surgimento da mania logo após o término da melancolia calcava-se na ambivalência que predomina na melancolia. Embora possamos até nos basear em analogias com diversas outras áreas para sustentar nossos argumentos, existe uma objeção à qual temos de nos dobrar. Dos três pré-requisitos da melancolia — perda do objeto, ambivalência e regressão da libido de volta ao Eu —, reencontramos os dois primeiros também nos casos clínicos em que só há algo que compele e obriga [*Zwang*] a auto-recriminações após a morte. Nesses casos, é indubitavelmente a ambivalência que representa a força motora do conflito, e a observação nos mostra que depois da resolução desse tipo de luto não se manterá nada de semelhante ao triunfo de uma disposição maníaca. Assim sendo, somos remetidos ao terceiro fator como sendo o único efetivo. O acúmulo das cargas de investimento inicialmente presas e enlaçadas [*gebunden*], e que são liberadas após o término do trabalho melancólico, certamente está relacionado com a regressão da libido ao narcisismo e deve ser o elemento que torna possível a

mania. O conflito no interior do Eu — que na melancolia substituiu a luta anterior para conquistar o objeto — deve ter um efeito semelhante a uma ferida dolorosa que exige um contra-investimento de carga excepcionalmente alto. Mas, infelizmente, chegou o momento em que teremos de interromper e adiar de novo a discussão sobre a mania, pois, enquanto não tivermos uma melhor compreensão da natureza da economia psíquica da *dor,* tanto na dimensão física como na que lhe é análoga na esfera psíquica,[SE.43] não poderemos prosseguir. Mas, enfim, já estamos acostumados com fato de que o contexto dos intrincados problemas psíquicos com os quais lidamos sempre nos obriga a deixar inconclusas cada uma das nossas investigações e a aguardar até que algum outro novo estudo nos possa fornecer resultados que nos permitam retomá-las.[SE.44]

NOTAS

F: notas de Freud
***SE*:** notas da *Standard Edition*
T: notas do tradutor brasileiro

■ **T.1** *Seelenstörungen*, “perturbações psíquicas; Alt.: “perturbações anímicas”; Obs.: No contexto psicanalítico de época o termo *Seele* não continha aspectos que remetessem de imediato ao sentido de “alma”, seu uso era na acepção de “psique”, Freud empregava o termo e ocasionalmente e mencionava que seu sinônimo era a palavra “psique”, bem como criou termos técnicos tais como *Seelenapparat* e *Seelenstörungen* que equivalem à “aparelho psíquico” e à “transtornos ou perturbações psíquicas” e não à “aparelho d’alma” ou à “transtornos d’alma”; igualmente o termo alemão “*Seelenartzt*” era empregado correntemente como “psiquiatra” e não como “médico d’alma”.

■ **T.2** *Normalaffekt*, “afeto normal”; Obs.: Embora o termo *Affekt* freqüentemente se refira a um excesso de afeto que está fora de controle, aqui se refere uma qualidade de emoção, isto é a “afeto” na acepção mais descritiva e técnica.

■ **T.3** *Eindrücke*, “observações”; Alt.: “impressões”; Obs.: Literalmente se trata de impressões, mas no sentido de impressões obtidas a partir de observações, a tradução literal em português entraria em contradição com a idéia de que são elementos disponíveis e acessíveis a qualquer observador, e não “impressões” na acepção de sensações subjetivas singulares.

■ **F.4** [Abraham, a quem devemos o mais importante dos estudos analíticos sobre a matéria, entre os poucos existentes, também partiu dessa comparação (1912). [O próprio Freud já tinha observado essa correlação em 1910 e mesmo antes. (Cf. Comentário Editorial, pp. 99-102.)]

■ **T.5** *Selbstgefühl, “*sentimento-de-Si”; Alt.: “auto-conceito”, “auto-estima”; Obs.: Preferiu-se aqui a tradução por “sentimento-de-Si”,

pois auto-estima tem um sentido mais estreito; *Selbstgefühl* abarca todo o modo como o sujeito se percebe, talvez mais próximo do termo “autoconceito”, entretanto, o termo alemão também contém a palavra *Gefühl* (sentimento) que ressalta verbo “sentir” e os afetos em jogo.

■ **SE.6** [EPSI, Vol. 1, p. 178 e nota 6.]

■ **T.7** *Verknüpfungen,* “relações”; Alt.: “conexões”, “articulações”; Conot.: refere-se a interligações mediadas por nós (*Knoten*), isto é por “entrelaçamentos” que “articulam” as “relações”; Obs.: Este termo ressalta o modo freudiano de conceber a psique como rede entrelaçada de conexões que se entrecruzam e ao longo da qual transitam e se deslocam as energias, tanto do ponto de vista dinâmico, tópico, econômico, como funcional e material; Obs.: Não confudir com *Bindung* e *gebunden*, nota 17.

■ **T.8** *Überbesetzung*, “sobreinvestimento”; Alt.: “hiper-catexia”, “sobreinvestimento de carga”; “*Über-*“ (sobre/super/supra) e “*-besetzung*” (investimento). A respeito do termo *Besetzung*; Sign. 1: do verbo *besetzen*, refere-se à ação de “carregar”, “preencher”, “ocupar”, “colocar”, “aplicar sobre”; “depositar”; Sign. 2: *Besetzung* pode se referir tanto à ação como ao conteúdo que está sendo depositado; Conot.: evoca a reversibilidade e mobilidade da ação; Obs. 1: alternou-se neste volume a tradução do termo *Besetzung* com os termos “investimento”, “carga de investimento”, “investimento de carga” e eventualmente “carga”; Obs. 2: O termo *Überbesetzung* refere-se a colocação de uma camada de carga adicional por sobre a camada anteriormente já depositada, daí a opção pelo termo “sobreinvestimento”; DCAF.

■ **SE.9** [Esse conceito parece já ter sido expresso em *Estudos sobre a Histeria* (1895*d*): um processo semelhante àquele citado acima é descrito perto do início da “Discussão” do caso “Fräulein Elisabeth v. R.”.]

■ **SE.10** [Os aspectos econômicos desse processo serão examinados adiante, pp. 113-14.]

■ **T.11** *Wahrheit*, “realidade”; Alt.: “verdade”; Conot.: o termo “verdade” em alemão se superpõe ao sentido de “realidade” e neste contexto corresponde mais à “realidade que de fato se constata”, a tradução por “verdade” daria o falso entendimento de que o sujeito apreende algo que estava escondido.

■ **F.12** [“*Use every man after his desert, and who shall’scape whipping?*”, *Hamlet*, Ato II, Cena II.]

■ **T.13** *Gewissen*, “consciência moral”; Obs.: Diferente do termo *Bewusstsein*, “consciência” (na acepção de ter ciência ou estar ciente); DCAF.

■ **T.14** *Bewusstseinszensur*, “censura que parte da consciência”; Alt.: “censura da consciência”

■ **SE.15** [Vide artigo anterior, pp. 87 s.]

■ **T.16** *Anklagen* “acusações”; Obs.: Freud faz aqui um jogo de palavras, algo, que forçando um pouco os termos, em português seria: “suas reclam*ações* são acus*ações”*

■ **T.17** *Bindung*, “enlaçamento”, do verbo *binden*; Alt.: “ligação”; Sign.: “atar”, “amarrar”, “prender”, “atar”. Obs. 1: não tem a acepção de “interligado”, “vinculado”, ou “interconectado” tal como ocorre com *Verbindung* e *Verknüpfungen* (ver notas 7 e 37). Obs. 2: A energia pulsional ou investimento pode se enlaçar a uma função, a uma imagem (representação) ou a um afeto; aqui, trata-se da representação. Freud emprega o termo em diversos contextos: para descrever aglomerados em que pulsão-afeto-imagem estão “enlaçados” formando uma unidade dotada de um sentido básico, bem como para descrever as cadeias ou as redes associativas, nas quais os elementos estão *gebunden* (amarrados entre si) e dotam uma experiência de sentido. *Binden* também está envolvido no processo de fixação, por meio da repetição de experiências e do aumento de intensidade — aqui neste trecho a *Bindung* da libido ressalta a idéia de que a libido é aderida, grudada, atada, enlaçada depositando-se assim em certo objeto, embora em alemão se empregue também *Bindung* como laço ou ligação afetiva que se tenha com outras pessoas, aqui este laço afetivo está explicitado na

sua forma metapsicológica calcando-se em uma energia "aprisionada" a uma representação do objeto; DCAF.

■ **T.18** *Verschiebung*: "deslocamento"; Sign.: do verbo *verschieben*; o substantivo remete a algo que desliza ou é deslizado em outra direção por vias aplainadas, de pouca resistência; Conot.: o deslizamento das partes vai reconfigurando o conjunto, eventualmente deformando-o em seu sentido. Obs.: No contexto freudiano o termo reforça a idéia de uma rede interligada de pontos ao longo da qual ocorre o deslizar de pequenas quantidades de energia das cargas de investimento que preenchem ou ocupam as representações dos objetos, nota 7; DCAF.

■ **SE.19** [Essa palavra não aparece na primeira edição (1917).]

■ **SE.20** [ESPI, vol. 1, p. 161. Cf. também os "Comentários Editoriais", ESPI, vol. 1, pp. 133-5.]

■ **SE.21** [Abraham foi o primeiro a chamar a atenção de Freud para essa suposição, em sua carta de 31 de março de 1915. (Cf. Freud, 1965*a*, p. 208.)]

■ **SE.22** [O tema inteiro da identificação é novamente examinado por Freud no capítulo VII de *Psicologia das Massas* (1921*c*), *Studienausgabe*, vol. 9, p. 98. Um exame anterior da identificação histérica pode ser encontrado em *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 165-6.]

■ **SE.23** [Grande parte do que se segue aqui é exposto mais detalhadamente no capítulo V de *O Eu e o Id* (1923*b*).]

■ **T.24** *zwingt,* "obrigando"; Alt.: "forçando", "coagindo"; Obs.: aqui se ressalta o aspecto de força coercitiva nos quadros de *Zwangsneurose* (neuroses obsessivo-compulsivas), ver nota 25 abaixo.

■ **T.25** *zwangsneurotischen*, (adj.) "neuróticas obsessivas"; Alt.: "neuróticas compulsivas"; Sign.: "neuróticas com caráter de coerção" ou "de coação"; Conot.: *Zwang* é algo que "obriga" ou "força" e é exterior, "coação", "obrigatoriedade", "coerção"; Obs. 1: Devido às tradições da terminologia médica da época o termo *Zwang*, que compõe a palavra *Zwangsneurose*, "neurose compulsiva" ou

“neurose obsessiva”; foi traduzido preferencialmente por “obsessão” em inglês e “compulsão” em francês”, eventualmente também “obsessão” em francês, entretanto, em português os dois termos não correspondem ao sentido alemão de *Zwang*; pois a palavra “compulsão”, em português, remete a uma vontade irrefreável, e a palavra “obsessão” refere-se a uma idéia fixa e persecutória; Obs. 2: em alemão o *Zwang* (“coerção”) ao qual o neurótico é submetido ressalta o conflito entre a vontade do neurótico e uma força avassaladora (*Zwang*) percebida como se fosse [fremd] “externa” e “alheia” ao sujeito e na qual ele não se reconhece percebida como se fosse “externa” e “alheia” que se impõe ao sujeito; DCAF.

■ **F.26** [Quanto à distinção entre os dois, ver o artigo “Pulsões e Destinos da Pulsão” [(1915*c*), ESI, vol. I, pp. 160-2].]

■ **T.27** *Angst*, “medo”; Alt.: “angústia”, “ansiedade”; Sign.: *Angst* significa literalmente “medo”; Conot.: *Angst* evoca uma prontidão reativa ante o perigo. Obs. 1: Strachey em nota no vol III, ESB, p. 113. menciona que a palavra alemã *Angst* corresponderia a *fear* ou *fright*, mas que adotou em sua tradução o termo consolidado na psiquiatria inglesa de *anxiety*. No francês adotou-se um termo também já tradicional na psicopatologia francesa de época, *angoisse*. Em português, seguindo-se a tradição inglesa ou francesa, utiliza-se habitualmente “ansiedade” ou “angústia”; na presente tradução, por motivos apresentados no capítulo sobre os critérios que nortearam a tradução, vol. I, ESPI, pp. 27-36, será mantida a nomenclatura dos quadros clínicos já consolidada na terminologia psicanalítica brasileira de inspiração francesa (por exemplo “histeria de angústia”), todavia as ocorrências isoladas da palavra *Angst*, serão traduzidas por “medo” quando esse parecer ser o termo mais adequado, sempre informando-se o leitor de que palavra se trata no alemão; Obs. 2: Freud alterna a designação de *Angsthysterie* com *Phobie* (“fobia”), os sintomas que Freud descreve nos casos que designava de *Angstneurose* correspondem ao quadro hoje descrito como “síndrome do pânico”, exemplos que ilustram bem a relação de Angst com o medo; mais sobre as discussões de Freud sobre o tema, bem como sobre a tradução de *Angst*, *Furcht* e *Schreck* e dos termos derivados e compostos em

DCAF e nos Comentários do Editor Brasileiro, que antecedem o próximo texto deste volume, pp. 125-134.

■ **T.28** *vertritt,* "está no lugar de"; Alt.: "representa"; Obs.: A tradução de "representação" cria grandes dificuldades de entendimento, pois refere-se a diferentes palavras do alemão que infelizmente têm sido todas traduzidas pelo mesmo termo "representação" para evitar a ambigüidade do termo latino "representar" que em português significa além de "estar no lugar de", também "ilustrar", "corporificar", "apresentar", "reproduzir mentalmente", optou-se por deixar claro que se trata aqui de "substituir", "ficar no lugar de", DCAF.

■ **T.29** *aufgehoben*, "retiradas"; Alt.: "suspensas", "suprimidas", "canceladas", "levantadas"; Obs.: Não se trata do sentido filosófico do termo na dialética hegeliana, mas de algum empecilho que é "levantado", expressa em geral a idéia de uma "suspensão" que poderá ser provisória.

■ **T.30** *überwältigt*, "sobrepuja"; Obs.: Os diversos termos compostos com o radical -*walten* (reinar, exercer soberania, vigiar) reforçam a trama de termos que Freud emprega para descrever os diferentes momentos no conflito psíquico entre as pulsões e os campos tópicos e dinâmicos indicando que nunca há um domínio absoluto ou uma resolução por parte do Eu, mas apenas formas de "lidar" e eventualmente "prevalecer sobre" ou "sobrepujar" os avassaladores (*überwältigenden*) estímulos pulsionais, nota 34.

■ **SE.31** [Reflexões posteriores sobre o tema do suicídio encontram-se em *O Eu e o Id* (1923*b*), capítulo V, bem como nas últimas páginas do artigo "O Problema Econômico do Masoquismo" (1924*c*).]

■ **T.32** *Verbindung*, "conexão"; Alt.: "ligação", "interligação"; Conot.: ressalta a interligação, contato ou conexão, de natureza física ou neste caso principalmente funcional; Obs.: Não confudir com *Bindung* e *gebunden*, nota 17.

■ **SE.33** [Essa comparação com uma ferida aberta já aparece (ilustrada por dois diagramas) na bastante obscura Seção VI das primeiras notas de Freud sobre a melancolia (Freud 1950*a*,

manuscrito G, provavelmente escrito em janeiro de 1895). Ver também os “Comentários Editoriais”, atrás, p. 99.]

■ **T.34** *bewältigen,* “prevalecer”; Alt.: “lidar”, “dominar”, “elaborar”; Sign.: “lidar”, “dar conta de”; Conot.: o termo se diferencia de “dominar” pois enfatiza algo cuja resolução não é obter o domínio na acepção de controle absoluto, mas a ação de saber “enfrentar” ou “lidar com”, portanto, mais coerente com a concepção de Freud a respeito da impossibilidade de se dominar algo tão avassalador como as excitações emanadas das fontes pulsionais, neste trecho significa “obter alguma soberania”, “assenhorar-se”; DCAF.

■ **T.35** *Abfuhr*, “escoamento” Alt.:“descarga”, “remoção” ou “retirada”; Conot.: embora a tradução consolidada em português seja “descarga”, esta enfatiza a idéia de um movimento abrupto de “rajada” ou “disparo”, geralmente ausente do termo freudiano que evoca a algo como “conduzir”, “remover”, “reencaminhar para fora”, descrevendo um movimento processual; Obs. 1: Devido à diferença de conotação preferiu-se empregar geralmente o termo “remoção”; mas nesse trecho optou-se por “escoamento” e a seguir “descarga”, Freud fala a seguir de diversos tipos de “descarga” *Abfuhr,* em geral elas são uma combinação da remoção interna (*innere Abfuhr*) ligada ao processamento psíquico e pensamento com a remoção externa (*äussere Abfuhr*), que é motora (mímica, fala, gestos, etc.) que pode ou não ser abrupta. Obs. 2: Outros termos empregados por Freud como equivalentes a *Abfuhr* são: *entladen*, “descarregar” na acepção de “esvaziar” *Ableitung*, “escoamento”; *Dränierug*, “drenagem”, ressaltando que há também um importante aspecto processual e gradual da *Abfuhr* na metapsicologia; DCAF.

■ **SE.36** [A “impressão psicanalítica” e a “experiência econômica geral”.]

■ **T.37** *Lösung*, “desligamento”; Alt.: “dissolução dos liames”; Obs.: Trata-se de um termo que Freud ocasionalmente emprega como equivalente a *Entbindung*, “liberação”, “desligamento”. Obs.: *Entbindung* é antônimo de *Bindung* (ligação ou aprisionamento), nota 17.

■ **F.38** [Até agora, o aspecto econômico recebeu pouca atenção nos escritos psicanalíticos. Saliente-se como exceção o artigo de V. Tausk “Desvalorização do Motivo do Recalque por Meio de Recompensa” (1913).] T. Sobre a “representação-de-coisa-do-objeto”, ver notas 112 e 113, p. 73 e pp. 49 e 50.

■ **SE.39** [Cf. “O Insconsciente” (1915*e*), p. 49 e nota 111.]

■ **T.40** *sachlichen Erinnerungsspuren*, “vestígios de lembranças-de-coisa”; Sobre *Spur*, “vestígios” Alt.: “traço”, “pista”, “rastro”, “marca”, “resto”; Sobre *Erinnerung*, “lembrança” Alt.: “recordação” ou “memória”. Obs.: aqui Freud se refere a “lembrança” isto é, aos conteúdos, às imagens, ou melhor aos traços de imagens (visuais, auditivas, olfativas, sensoriais em geral); *Sache*, “coisa”; sobre o sentido de Sache em Freud ver neste volume, nota 110, no artigo “O Inconsciente”.

■ **T.41** *aufgehoben*, ver nota 29 sobre *aufheben*, quanto ao termo “suprimido”, não se trata do termo utilizado freqüentemente como tradução de *unterdrückt*, para o qual nesta tradução foi adotado “reprimir”, ver a respeito, nota 40, p. 66.

■ **T.42** *ausgetobt*, “exaurido”; Obs.: Literalmente significa deixar crianças ou animais se cansarem de tanto pular, espernear, brincar, enfim manifestarem-se louca e intensamente. Poderia também ter sido traduzido por “descarregado”, contudo, na acepção de ter gasto toda energia. Freud também se refere às vezes à transferência do neurótico como um *playground* onde as neuroses podem gastar toda sua energia.

■ **SE.43** [Vide ESPI, vol. I, p. 178 e nota 6.]

■ **SE.44** [Nota acrescentada em 1925: Ver a continuação do problema da mania em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921*c*) [*Studienausgabe*, vol. 9, pp. 121-4].]

O termo “introjeção” não aparece neste artigo, embora Freud já o tivesse empregado, numa conexão diferente, no primeiro desses artigos metapsicológicos (ESPI, vol. 1, p. 158) acima. Quando voltou ao tópico da identificação, no capítulo de *Psicologia de Grupo* mencionado no texto, utilizou a palavra “introjeção” em vários

pontos, e ela reaparece, embora não com muita freqüência, em seus escritos subseqüentes.

Além do Princípio de Prazer
1920

JENSEITS DES LUSTPRINZIPS

Edições alemãs:

1920 • Leipzig, Viena e Zurique: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 60 pp.

1921 • 2ª ed. Mesmos editores, 64 pp.

1923 • 3ª ed. Mesmos editores, 94 pp.

1925 • *G. S.,* 6, 189-257.

1931 • *Theoretische Schriften,* 178-247.

1940 • *G. W.,* 13, 1-69.

■ Comentários editoriais da *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*

Freud fez uma série de acréscimos à segunda edição desta obra, mas as alterações subseqüentes foram desprezíveis. A presente tradução inglesa é uma versão um tanto modificada da publicada em 1950.

Como a correspondência de Freud demonstra, ele começou a trabalhar num primeiro rascunho de *Além do Princípio de Prazer* em março de 1919 e informou que esse rascunho estava terminado em maio seguinte. No mesmo mês, completou seu artigo “O Sinistro” (1919*h*), que inclui um parágrafo que, em poucas frases, apresenta grande parte da essência da presente obra. Nesse parágrafo, refere-se à “compulsão à repetição” como sendo um fenômeno apresentado no comportamento das crianças e no tratamento psicanalítico; sugere que essa compulsão é derivada da natureza mais íntima das pulsões e a declara suficientemente poderosa para desprezar o princípio de prazer. Não há, contudo, alusão às “pulsões de morte”. Acrescenta que já terminou uma exposição pormenorizada do assunto. O artigo “O Sinistro”, que contém esse resumo, foi publicado no outono de 1919, mas Freud reteve *Além do Princípio de Prazer* por um ano ainda. No início de 1920, ainda trabalhava nele, e então — pela primeira vez, aparentemente — surge uma referência às “pulsões de morte”, numa carta a Eitingon, de 20 de fevereiro. Ele ainda estava revisando a obra em maio e junho, e ela foi por fim concluída em meados de julho de 1920. Em 9 de setembro, fez uma comunicação ao Congresso Psicanalítico Internacional de Haia, com o título de “Suplementos à Teoria dos Sonhos”, na qual anunciou a publicação próxima do livro; este foi lançado pouco depois. Um “resumo do autor” da comunicação apareceu no *Int. Z. Psychoanal.,* 6 (1920), 397-8 (uma tradução dele foi publicada no *Int. J. Psycho-Anal.,* 1, 354). Não se tem certeza se esse resumo foi de fato escrito por Freud, mas pode ser interessante reproduzi-lo aqui (em nova tradução).

■ “Suplementos à Teoria dos Sonhos”

“O orador tratou, em suas breves observações, de três pontos referentes à teoria dos sonhos. Os dois primeiros relacionaram-se à tese de que os sonhos são realizações de desejo e apresentaram algumas modificações necessárias dela. O terceiro referiu-se a um material que trouxe confirmação completa de sua rejeição dos alegados intuitos ‘previdentes’ dos sonhos.

“Explicou o orador que, juntamente com os familiares sonhos de desejo e os sonhos de ansiedade, que podiam ser facilmente incluídos na teoria, existiam fundamentos para reconhecer a existência de uma terceira categoria, à qual deu o nome de ‘sonhos de punição’. Se levarmos em conta a justificável suposição da existência no Eu de um órgão especial auto-observador e crítico (ideal do Eu, censor, consciência), também esses sonhos de punição devem ser classificados na teoria da realização de desejo, porque representariam a realização de um desejo por parte desse órgão crítico. Tais sonhos, disse ele, possuem aproximadamente a mesma relação com os sonhos de desejo comuns que os sintomas da neurose obsessiva, surgidos na formação reativa, têm com os da histeria.

“Outra classe de sonhos, no entanto, pareceu ao orador apresentar uma exceção mais séria à regra de que os sonhos são realizações de desejo. Trata-se dos chamados sonhos ‘traumáticos’, que ocorrem em pacientes que sofreram acidentes, mas que aparecem também durante a psicanálise de neuróticos, trazendo-lhes de volta traumas esquecidos da infância. Em conexão com o problema de ajustar esses sonhos à teoria da realização de desejo, o orador referiu-se a uma obra a ser publicada dentro em breve, sob o título de *Além do Princípio de Prazer*.

“O terceiro ponto da comunicação do orador referiu-se a uma investigação que ainda não foi publicada, feita pelo Dr. Varendonck, de Ghent. Esse autor conseguiu trazer à sua observação consciente a produção de fantasias inconscientes em ampla escala, num estado de semi-adormecimento, processo que descreveu como ‘pensamento autístico’. Essa investigação revelou que a consideração das possibilidades do dia seguinte, a preparação de

esforços de soluções e adaptações, etc., jazem inteiramente dentro do campo dessa atividade pré-consciente, que também cria pensamentos oníricos latentes e que, como o orador sempre sustentou, nada tem a ver com a elaboração onírica."

Na série dos trabalhos metapsicológicos de Freud, *Além do Princípio de Prazer* pode ser considerado uma introdução à fase final de suas concepções. Já havia chamado a atenção para a "compulsão à repetição" como fenômeno clínico, mas lhe atribui aqui as características de uma pulsão; também aqui, pela primeira vez, apresenta a nova dicotomia entre Eros e as pulsões de morte, que iria encontrar sua plena elaboração em *O Eu e o Id* (1923*b*). Em *Além do Princípio de Prazer*, também podemos ver sinais do novo quadro da estrutura anatômica da mente que viria a dominar todos os últimos trabalhos de Freud. Por fim, o problema da destrutividade, que desempenhou papel cada vez mais importante em suas obras teóricas, faz seu primeiro aparecimento explícito. A derivação de diversos elementos do presente estudo a partir de suas obras metapsicológicas anteriores — tais como "Formulações sobre os Dois Princípios do Acontecer Psíquico" (1911*b*), "À Guisa de Introdução ao Narcisismo" (1914*c*) e "Pulsões e Destinos da Pulsão" (1915*c*) — será óbvia. Particularmente notável, porém, é a proximidade com que algumas das primeiras partes do presente trabalho acompanham o "Projeto para uma Psicologia" (1950*a*), esboçado por Freud vinte e cinco anos antes, em 1895.

■ Comentários do Editor Brasileiro

Entre os diversos temas presentes neste texto se destaca o polêmico conceito de “pulsão de morte”. Entretanto, o termo *Trieb* (pulsão) já foi objeto de detalhados comentários editoriais que antecedem o artigo “Pulsões e Destinos da Pulsão”, do volume anterior [ESPI, vol. 1, pp. 137-44], de modo que remetemos o leitor interessado àquele volume. Embora a incidência da “pulsão” na forma específica de “pulsão de morte” merecesse comentários a parte, tratam-se de questões teórico-clínicas que não apresentam dificuldades ligadas à tradução. Por outro lado, aparece neste artigo outro termo que, embora não ocupe um papel central neste texto, mereceu de Freud certo detalhamento: referimo-nos à palavra *Angst,* por nós traduzida como “medo”, mas habitualmente traduzida no Brasil por “angústia” (seguindo *angoisse*, da tradição francesa) ou por “ansiedade” (seguindo *anxiety*, da tradição inglesa). Ocorre que, na p. 139 do presente artigo, Freud aborda a famosa distinção entre *Schreck* (susto), *Angst* (medo) e *Furcht* (receio/temor), também retomada em “Inibição, Sintoma e Medo” (1926) e que exige alguns esclarecimentos. No comentário que segue, restringiremos a discussão à distinção entre *Angst*, *Furcht*, “ansiedade”, “angústia” e “medo”, que tanta celeuma tem causado no meio psicanalítico, deixando de lado o termo *Schreck* (susto), que não causa maiores dificuldades. Quanto a outros diversos termos cuja tradução poderia merecer maiores comentários, ficarão restritos às notas de fim de capítulo, para não sobrecarregar o leitor.

Iniciemos a discussão sobre a tradução de *Angst* com uma pergunta: se afinal psiquiátrica e psicanaliticamente *Angst* (medo), *angoisse* (angústia) e *anxiety* (ansiedade) se equivalem como “termos técnicos” para designar os mesmos quadros psicopatológicos, por que dever-se-ia dedicar importância às diferenças entre essas palavras do ponto de vista semântico? Em manuais médicos, como o CID-10 ou o DSM-IV, usados internacionalmente, os quadros psiquiátricos são classificados em sistemas descritivos associados a códigos, que visam justamente a dirimir a confusão de sentidos e conotações com que a

nomenclatura baseada nas tradições lingüísticas locais contaminam os conceitos diagnósticos. Além disso, nem sempre é possível diferenciar os termos “medo”, “ansiedade” e “angústia” entre si; portanto, conforme o contexto, tanto *Angst* (“medo”) como *Furcht* (“temor”, palavra também ocasionalmente empregada por Freud) podem corresponder a “ansiedade” e mais raramente a “angústia”. Será que faz sentido buscar um maior rigor diferenciando esses termos tão imbricados um no outro? Poderíamos então proceder do mesmo modo no contexto psicanalítico e considerar que *Angst*, *angoisse* e *anxiety*, a despeito das diferenças semânticas, são traduções do mesmo fenômeno clínico, isto é, que *Angstneurose*, “neurose de angústia” e “neurose de ansiedade” se refiram ao mesmo quadro, ou que “ansiedade de castração”, “angústia de castração” e *Kastrationsangst* descrevam o mesmo fenômeno? Ademais, se do ponto de vista conceitual a psicanálise vai além dos sentidos imediatamente semânticos, agregando considerações de ordem clínica e teórica, por que debater a semântica desses termos?

Ocorre que, às vezes num mesmo parágrafo, Freud transita de um uso coloquial para um uso técnico, bem como freqüentemente emprega os termos de modo a permitir uma dupla leitura (ora como designação nosológica, ora como afeto). Além disso, Freud transcende o enquadre estrito da nosologia psiquiátrica, abarcando psicanaliticamente dimensões ligadas à língua viva, e insiste em que *Angst* é um afeto cuja natureza é fundamental para a compreensão psicodinâmica dos quadros de *Angst*. Ora, qual é o afeto que Freud liga à *Angstneurose* (neurose de angústia/neurose de ansiedade)? Quando ele fala em *Angst*, está se referindo a “medo”, a “angústia” ou a “ansiedade”? Aos defensores da tradução por “angústia”, que comentam que a ausência de bons termos alemães justificaria imaginarmos que Freud quisesse na realidade falar de “angústia” e apenas não encontrou um termo adequado, permanecendo com o tradicional *Angst*, cabe retrucar que ele não só é considerado um dos maiores estilistas da língua alemã, tendo ganhado o prêmio literário “Goethe”, como também era um exímio criador e inovador de termos e não se inibia de comentar palavras que lhe parecessem problemáticas utilizando, quando necessário, termos estrangeiros,

como fez com “libido” em vez de *Lust*. Ora, nem *Angst* nem *Furcht* correspondem em alemão a “ansiedade” ou a “angústia” e embora em alemão não haja bons equivalentes para “ansiedade”, há alternativas habitualmente utilizadas. Em geral, empregam-se termos como *Unruhe* (inquietude), *ängstliche Erwartung* (expectativa medrosa), *Bange* (ansiedade, medo), *Sorge* (preocupação por algo), que permitem retratar o fenômeno. No caso de “angústia”, também não há bons sinônimos, mas podem-se empregar palavras como *Beklommenheit* (aperto, angústia), *Bedrängnis* (apuro, aflição), para descrever a sensação de angústia. Ademais, não seria de esperar que Freud empregasse *Angst,* cujo sentido é tão afastado de “angústia”, para designar o “afeto de angústia” e não se desse ao trabalho de ao menos comentar esse uso tão incomum que estaria fazendo do termo *Angst*. Na realidade, os fenômenos emocionais que esses três termos designam nos respectivos idiomas são diferentes entre si, bem como os desdobramentos teórico-clínicos que cada um desses afetos implica. Remetemos o leitor ao capítulo metodológico do “Dicionário Comentado do Alemão de Freud” (1996) no qual se discute o imbricamento entre semântica e conceitos na obra de Freud e o nível de autonomia de uma em relação à outra. Passemos então à discussão semântico-conceitual de *Angst*.

Em dicionários alemães encontra-se a seguinte distinção entre *Angst* e *Furcht*:

1 — (*Angst*) Significa medo. Em geral, indica um sentimento de grande inquietude perante uma ameaça real ou imaginária de dano. A gradação pode variar de “receio” e “temor” até “pânico” ou “pavor”. Refere-se tanto a ameaças específicas (*Angst vor*, medo de) como inespecíficas (*Angst*, medo). *Tenho medo de ser mal interpretado* (recear). *Tenho medo de cães. Morro de medo de vampiros* (pavor). *Sinto medo durante a noite* (inespecífico).

2 — (*Furcht*) Significa medo no sentido de receio, temor. Refere-se a objetos específicos. *Tenho medo de ser mal interpretado* (recear). *Temo cães grandes e pretos, pois já tive uma experiência traumática com um cão assim.* A palavra *Furcht* (receio, temor) não abarca o pânico ou o pavor imediato.

Portanto, *Angst* pode referir-se a objetos específicos ou inespecíficos. Diferentemente de *Angst, Furcht* sempre se refere a objetos específicos. Ambos podem referir-se a temores de ameaças ainda distantes.

Assim, perante o predador, o animal perseguido sente *Angst*, não *Furcht*. A *Furcht* liga-se freqüentemente à preocupação. *Angst* pode ser mais visceral e imediata, indica uma reação intensa em face de uma ameaça de aniquilação ou dano (seja ela real ou imaginária, específica ou inespecífica). *Furcht* tem um caráter mais antecipatório e corresponde mais à simulação do pensamento, algo próprio do processo secundário, que opera com baixas cargas de investimento e permite antecipar, simular e planejar utilizando-se uma carga de afeto "controlável". *Angst* pode ter esse sentido de *Furcht*, mas o contrário não vale: *Furcht* não tem o caráter reativo e intenso que *Angst* pode ter.

Sendo em geral uma reação intensa, *Angst* evoca algo que se externaliza claramente (expressão facial, suor, voz, etc.) e desencadeia uma ação (de ataque ou fuga), ou, mais raramente, algo que causa tanto pavor que paralisa o sujeito. Ao contrário de *Furcht*, *Angst* liga-se a uma prontidão reativa ante o perigo e é utilizado no contexto de "ataques", "irrupções" e "descontroles". A palavra *Angst* é também empregada por Freud em composição com termos como "ataque-de-medo", "irrupção-de-medo", etc. Descreve reações que se exteriorizam fortemente, embora possam estar ligadas ao Eu na medida em que este reconhece perigos. Freud não cessa de destacar que *Angst* expressa o estado de transbordamento de um excesso de *Reiz* (estímulos) que causam *Affekte* (em alemão, "afeto" tende a ser um excesso descontrolado). Já com relação a *Furcht*, em alemão não há expressões como "ataque-de-*Furcht*" (temor).

Strachey explica ter optado por traduzir *Angst* por *anxiety* devido à tradição psiquiátrica inglesa, a qual havia consolidado o termo técnico *anxiety* desde o século XVII. Nas suas palavras:

> "O termo universalmente e talvez *infelizmente* adotado para esse fim foi '*anxiety*' — infelizmente, já que *anxiety* tem apenas *uma remota conexão com*

qualquer dos usos de Angst em alemão". [*O termo* Angst *e sua tradução inglesa*, *ESB*, vol. III, p. 113] (itálicos do tradutor).

De acordo com Strachey, coloquialmente *Angst* pode ser traduzido para o inglês por *fear, fright* e *alarm.* O debate sobre a tradução de *Angst,* contudo, complica-se quando se leva em conta que o próprio Freud respeitou as equivalências do jargão técnico-psiquiátrico e empregou em francês as palavras *angoisse* e *anxieté*, e as traduziu para o alemão por *Angst*.

Já muito antes de Freud, havia uma equiparação nas traduções psiquiátricas que tendia a alinhar *Angst* (alemão)*, angoisse* (francês) e *anxiety* (inglês). Publicado em 1906, o *Lexicum Medicum Polyglotum*, traduz o termo *Angst* de diversas maneiras: a *Angstneurose* do alemão aparece em inglês como *anxiety neurosis* e em francês como *nevróse d'angoisse.* O termo *Angstäquivalent* é traduzido por *phobic equivalent* e *équivalent phobique.* A *frei flottierende Angst* (medo livremente flutuante) é equiparada a *generalized anxiety* e *angoisse generalisée*. No mesmo *Lexicum*, a palavra *Angst* é traduzida para o inglês como *anxiety, fear, terror* e *phobia;* e para o francês, como *angoisse, peur, phobie* e *anxieté.*

Fora do campo médico, nos próprios dicionários de língua alemã do século XIX, nos quais o equivalente em latim sempre figurava ao lado do termo germânico, a palavra *Angst* é traduzida por lingüistas alemães por *angustus* ou *anxius (DW,359)*. Além disso, *Angst, ansiedade* e *angústia* possuem uma raiz indo-européia comum, *angh*-. *Angst* deriva dessa raiz indo-européia, *angh*-, referindo-se a "apertado", "apertar", "pressionar", "amarrar" (no alemão atual, *eng*, significa apertado). Ligadas à mesma raiz estão as palavras *ágchein,* do grego (estrangular), *angina*, do latim (sensação de sufocamento, aperto), e mais tarde *angustiae,* no latim (aperto), e *amhas*-, no antigo indiano (medo, angústia). No antigo alto-alemão, assume a forma *angust*, e no médio alto-alemão, *angest*. A etimologia de *Furcht* não está bem estabelecida. Entretanto, o fato de os termos *Angst, anxiety*, *angoisse*, "ansiedade" e "angústia" terem todos uma mesma raiz indo-européia comum, *angh* (apertar, comprimir), não implica os sentidos e conotações originais terem se mantido. Diferenças importantes de ênfase entre os três termos

foram se instalando nos idiomas do século XVI em diante e se refletem plenamente no português atual. De qualquer maneira, pode-se dizer que os dicionários médicos que ainda no século XX faziam equivaler entre os idiomas o termo “medo” (*Angst*) e as palavras “ansiedade” ou “angústia”, na realidade tinham por base tradições mais antigas de equivalências já existentes no âmbito da língua corrente. Por outro lado, apesar de atualmente o termo *Angst* ter-se consolidado nas traduções psicanalíticas para o português como “angústia” ou “ansiedade”, é útil distingui-los.

Os sentidos do termo “angústia” em português corrente são:

1 — (angústia) Aflição intensa, inquietação, sofrimento por não poder agir, ansiedade. *Estava angustiado de estar preso na cadeia, sem poder ajudar seus amigos. A mãe ficava angustiada de não poder já abraçar o filho*.

2 — (angústia) Sofrimento, tormenta. *É indescritível a angústia vivida pela família após a perda de todos os bens.* (Em alemão se usaria, por exemplo, a palavra *Kummer*.)

3 — (angústia) Sensação de sufocamento, agonia. *Fico angustiado em elevadores*. (Em alemão se usaria *sich beklommen fühlen*.)

Conotativamente, a “angústia” como afeto refere-se a algo mais próximo de uma “condição existencial”, trata-se de um “sofrimento” de algo que se “volta para o próprio sujeito” (uma pessoa angustiada pode significar uma pessoa sofrida). O dicionário *Aurélio* (1994, p. 123) define “angustiado” como “aflito”, “agoniado”, “atormentado”, “atribulado”. Ao contrário das palavras utilizadas para definir “ansiedade”, mais centradas na expectativa do que virá (desejar, anelar, etc.), as palavras utilizadas para definir “angústia” centram-se no sofrimento do sujeito e descrevem esse sofrimento. A “angústia” pode ter causas bem diversas do “medo”, por exemplo, pela impossibilidade de reagir (“estou angustiado de estar preso e não poder me vingar dos meus detratores”). Emprega-se o termo sem e com objeto específico (sentir-se angustiado, ou estar angustiado com algo).

Em geral, “angústia” é empregado em português corrente de maneira diversa de “medo”; entretanto, por influência da linguagem

psicanalítica, têm-se generalizado para a língua certos usos do termo como equivalente a “medo” e a “ansiedade”: “angústia perante os lobos”, “angústia diante da ameaça de castração”, etc. Conotativamente, esses usos do termo “angústia” evocam mais fortemente a imagem de “aflição” e “agonia”, enquanto em alemão *Angst* evoca uma reação de “pavor”.

Os sentidos do termo “ansiedade” em português corrente são:

1 — (ansiedade) Expectativa sofrida. *A expectativa da nota da prova deixava-o ansioso.*

2 — (ansiedade) Expectativa alegre. *Estou ansioso por sair logo de férias e conhecer as ilhas gregas.*

3 — (ansiedade) Espera afobada, inquietação. *Fico ansioso sempre que ela fala, pois é prolixa demais.*

Conotativamente, “ansiedade” refere-se à “expectativa” — uma “expectativa inquieta” por algo que ocorrerá. Pode ser a expectativa de uma alegria vindoura (estou ansioso para receber logo meu presente), de uma ameaça (estou ansioso com o resultado dos exames médicos), ou simplesmente impaciência pelo desenlace de algo (fico ansioso em filas demoradas). No dicionário *Aurélio* (1994, p. 127), “ansiedade” aparece como um sentimento de “ânsia” na acepção de sentir-se “oprimido”, “angustiado”; “anelar”, “almejar”; “desejar com veêmencia”. É só no emprego da linguagem médica que o dicionário o define como “receio sem objeto”. Em geral emprega-se “ansiedade” sem e com objeto específico. No uso em português, “medo” e “ansiedade” são dois sentimentos demarcados como diversos e de conotações diferenciadas, mas que podem bordejar-se ou superpor-se em determinadas circunstâncias. Nem sempre é possível diferenciá-los com exatidão. A “ansiedade”, mesmo quando ligada ao “medo”, refere-se a uma inquietação medrosa perante um perigo sem resolução, é uma ameaça que ainda não é imediata, o “medo” é geralmente uma reação a algo mais imediato.

Quanto aos usos do termo “medo” em português, são bastante paralelos ao termo alemão *Angst*. Tal como a *Angst,* o “medo” abarca o sentido de “temor” e “receio” e os sentidos de “pânico” e

“pavor”. Pode referir-se a um objeto específico (“tenho medo de”), ou a um objeto inespecífico, designando um estado (“estou com medo”, “sou medroso”, “vivo com medo”, etc.). Embora o termo português “medo” possa ser empregado na acepção de “receio” e “temor” e significar “preocupação” ou “ansiedade” por algo que poderá acontecer, em geral “medo” refere-se a uma reação a um perigo real ou imaginário mais imediato.

Na presente tradução, por motivos apresentados no capítulo sobre os critérios que nortearam a tradução, ESPI, vol. 1, pp. 27-36, será mantida a nomenclatura dos quadros clínicos já consolidada na terminologia psicanalítica brasileira de inspiração francesa, “neurose de angústia” e “histeria de angústia”, embora do ponto de vista semântico, sem dúvida, o termo “ansiedade” seja mais próximo de “medo” [*Angst*] do que a palavra “angústia”; neste sentido, “neurose de ansiedade” e “histeria de ansiedade” seriam mais precisos. As ocorrências isoladas da palavra *Angst* serão traduzidas por “medo” quando este parecer ser o termo mais adequado, sempre informando-se o leitor de qual palavra se trata em alemão.

O uso da palavra *Angst* por Freud fica mais claro para o leitor não-alemão quando se nota que ele ora designa o mesmo quadro como *Angsthysterie*, ora como *Phobie* (“fobia”). Além disso, os sintomas que Freud descreve nos casos que designava como *Angstneurose* correspondem ao quadro hoje descrito como “síndrome do pânico”, e ele mesmo por vezes esclarece que se trata de pavor; assim, esse quadro poderia ser traduzido como “neurose de medo ou de pavor”.

No trecho do presente artigo (pp. 139-40), o próprio Freud nos esclarece a respeito do termo *Angst* (itálicos do tradutor):

> “Susto [*Schreck*], receio [*Furcht*], medo [*Angst*] são usados injustamente como expressões sinônimas; podemos distingui-las de fato em sua relação com o perigo. Medo [*Angst*] denomina um certo estado, como o de expectativa diante do perigo e preparação para ele, *mesmo* que ele seja desconhecido; receio [*Furcht*] requer um objeto determinado *do qual se tem medo* [*Angst*]; susto [*Schreck*], porém, nomeia o estado em que se entra quando se corre perigo sem se estar preparado para ele, e acentua o fator da surpresa. Não acredito que o medo [*Angst*] possa provocar uma neurose traumática; no medo [*Angst*]

> há algo que protege contra o susto [*Schreck*] e, portanto, também contra a neurose traumática."

Como se pode notar nesta diferenciação que Freud faz entre *Furcht* e *Angst* é a especificidade do objeto e não o tipo de emoção envolvida, tanto que ele define *Furcht* como uma *Angst* com um objeto determinado (embora, como já mencionado, a intensidade possa diferenciá-los). Quanto a *Angst,* ainda que haja uma regra gramatical que afirme que *Angst* não necessita de objeto, o próprio Freud nessa frase indica que isso é apenas uma eventualidade, "*mesmo* que ele [o objeto] seja desconhecido". Como se nota ao longo de toda a sua obra, Freud emprega o termo *Angst* constantemente acompanhado de objetos específicos (*Angst vor* = *medo de*). Aliás, em português, ocorre fenômeno idêntico com os termos "receio/temor" e "medo": dizemos que "receamos algo"/"tememos algo" — uma frase sem objeto ficaria sem sentido (por exemplo, "receio" ou "temo") —; para expressarmos um estado sem definir o objeto, teríamos de utilizar um adjetivo: "estou receoso" ou "estou temeroso". Com o termo "medo" é diferente, pois existe a possibilidade gramatical e semântica de dizermos "estou com medo" descrevendo um estado, sem definirmos de que objeto temos medo (muito embora a pergunta "Você está com medo de quê?" certamente nos ocorra). De fato, a famosa distinção entre *Angst* e *Furcht* gerou bastante celeuma entre não-falantes do alemão, e enfatizou-se demais a idéia de que, não havendo objeto, tratar-se-ia de "angústia"; contudo, em português, o termo "angústia", a exemplo de "medo", pode ou não ser utilizado com um objeto específico, de modo que a presença ou não de objeto não é um critério para distinguir os dois termos em português.

Conforme já mencionado, em nosso idioma, o que distingue "medo" de "angústia" não é tanto o objeto quanto o afeto envolvido, uma vez que "medo" se refere à prontidão reativa diante do perigo (conhecido ou apenas vago e intuído), ao passo que "angústia" remete a um sentimento mais perene de peso e aperto no peito, um sentimento ligado ao sofrimento e à impotência do sujeito diante do sofrimento (que na filosofia se liga ao vazio, ao nada e, eventualmente, à ausência de sentido e à morte). Ora, o que Freud

queria ressaltar com a distinção gramatical entre *Angst* e *Furcht* era a autonomização do medo, que, uma vez introjetado e cronificado, coloca o sujeito em estado de prontidão ante um perigo que este não identifica e permanece sem objeto, ou que vai aderindo a objetos hostis diferentes. Entretanto, a tradição psicanalítica francesa, notada-mente a lacaniana, que trata *Angst* por *angoisse* (tradução que o próprio Freud subscrevia), lida com um afeto de outra natureza, descreve um estado ligado à ausência de sentido, ao vazio (ao real), e de cunho também filosófico, enquanto a tradução inglesa, que adota o termo *anxiety*, atualmente está ligada às tradições de influência kleiniana e dota o termo de um sentido mais ligado ao primitivismo da posição esquizo-paranóide e ao imediatismo sobressaltado tão próprio dos quadros de ansiedade.

Como se nota, o emprego de *Angst* coloca uma dificuldade bastante grande para o tradutor. Já há em português uma tradição de jargão, e soaria bastante estranho falar em “medo-de-espera”, “neurose-de-medo”, etc. Além disso, há situações em que é difícil diferenciar “medo”, “angústia” e “ansiedade”, e a ênfase de Freud na espera e na inespecificidade da *Angstneurose* muitas vezes sugere um sentimento próximo da ansiedade e de certos aspectos da angústia. Ademais, o comentário a respeito da tradução de *Angst* não significa discordância da relevância teórico-clínica do conceito de angústia; apenas ressalta que, embora possa ser “encaixado” no texto de Freud, ela de fato é da lavra de Lacan e de pensadores como Laplanche e Fédida, entre outros. Também o termo *anxiety*, apesar das restrições do próprio Strachey, prosperou na teoria e clínica psicanalíticas de influência kleiniana, winnicottiana e bioniana. De igual modo, nossa crítica à tradução de *Angst* no contexto de Freud não implica uma discordância da importância do conceito de ansiedade. Ambas as teorizações pós-freudianas não só se “encaixam” no texto de Freud, como nossas observações sobre o uso freudiano de *Angst* em nada questionam o alcance teórico-clínico dessas elaborações pós-freudianas, apenas retificam o termo e o conceito no âmbito do texto original de Freud. Assim, ainda que “ansiedade” e “angústia” sejam conceitos fundamentais na psicanálise contemporânea, no contexto do texto freudiano devemos considerar o papel do “medo” [*Angst*].

Seja qual for o termo que se opte por empregar na tradução, é importante que o leitor tenha presente que em *Angst,* mesmo quando se trata de um medo vago e antecipatório, ocorre um estado de prontidão reativa, visceral e intensa. Trata-se de um afeto vinculado à sensação de perigo e que pode transformar-se em fobia e em pavor. Todos, aspectos com implicações teóricas e clínicas de amplo alcance. Isto vale tanto para a primeira como para a segunda teoria freudiana de *Angst*. No DCAF, o leitor interessado poderá encontrar mais comentários sobre este tema, bem como em “A Teoria Pulsional na Clínica de Freud” (Hanns, 1999).

■ I

Na teoria psicanalítica, partimos do pressuposto de que os processos psíquicos são regulados automaticamente pelo princípio de prazer. Consideramos este pressuposto tão verdadeiro que nem o questionamos. Nossa premissa é a de que cada vez que uma tensão desprazerosa se acumula, ela desencadeia processos psíquicos que tomam, então, um determinado curso. Esse curso termina em uma diminuição da tensão, evitando o desprazer ou produzindo prazer. Lembremos ao leitor que, ao abordarmos os processos psíquicos levando em conta seu desencadeamento, bem como os acúmulos e diminuição de tensão, estamos introduzindo em nosso trabalho um ponto de vista econômico. Uma descrição que, ao lado dos fatores tópico e dinâmico, procure levar ainda em conta esse fator econômico é a mais completa que podemos conceber no momento, e enfatizamos sua relevância denominando-a *metapsicológica*.[SE.1]

Quanto ao princípio de prazer,[T.2] não cabe definirmos até que ponto nossa formulação nos aproxima ou filia a algum sistema filosófico já historicamente estabelecido, pois chegamos a essas hipóteses especulativas sobre o prazer e o desprazer por outro caminho: ao tentarmos fazer uma descrição e prestar contas dos fatos cotidianamente observáveis em nosso campo. No trabalho psicanalítico, não estamos preocupados com a primazia sobre a autoria e a originalidade das idéias; afinal, as observações que nos levaram à formulação desse princípio são tão evidentes que é quase impossível não vê-las. Portanto, não se trata disso, mas ficaríamos gratos a uma teoria filosófica ou psicológica que soubesse nos informar sobre os significados das sensações de prazer e desprazer tão imperativas para a psique. Contudo, infelizmente, sobre este ponto nada de útil nos é oferecido. Trata-se do território mais obscuro e inacessível da vida psíquica. Assim, uma vez que é impossível evitar travar contato com esses fenômenos, parece-me que o melhor a fazer é enfrentá-los adotando uma hipótese o menos rígida possível. Em psicanálise, relacionamos prazer e desprazer com a quantidade de excitação presente na vida psíquica — quantidade que de alguma maneira não está presa[T.3] [*gebunden*] —,

de modo que nessa relação o desprazer corresponderia a um aumento, e o prazer, a uma diminuição dessa quantidade. Não se trata, todavia, de uma relação simples entre a intensidade das sensações e as modificações às quais elas correspondem. Tampouco podemos — após todas as experiências da psicofisiologia — conceber essa relação como sendo diretamente proporcional. É provável que o fator decisivo para formar uma sensação seja a magnitude de redução ou aumento da excitação durante certo espaço de tempo. Talvez este tema exigisse a realização de determinados experimentos, mas não é aconselhável que nós, psicanalistas, nos aprofundemos nessas questões enquanto observações mais seguras não puderem nos guiar.[SE.4]

No entanto, não podemos deixar de mencionar que um pesquisador tão lúcido como G. Th. Fechner defendeu uma concepção de prazer e desprazer que coincide essencialmente com aquela que se nos impôs pelo trabalho psicanalítico. Essa concepção de Fechner encontra-se em seu breve ensaio: *Algumas Contribuições para a História da Criação e Evolução dos Organismos,* 1873 (Seção XI, Apêndice, p. 94), nos seguintes termos: “Na medida em que impulsos conscientes estão sempre relacionados com prazer e desprazer, podemos também considerar prazer e desprazer como estando psicofisicamente em relação com determinadas condições de estabilidade-instabilidade. Isto me permite estabelecer a hipótese que pretendo desenvolver detalhadamente em outra parte, a saber, que todo movimento psicofísico que atravessa o limiar da consciência está dotado de prazer, na medida em que, acima de certo nível, aproxima-se da estabilidade completa; contudo, além de certo nível, estará dotado de desprazer, na medida em que se desvia da estabilidade completa; todavia, entre esses dois limites, que podem ser caracterizados como limiares qualitativos de prazer e desprazer, subsiste certa zona de indiferença estética (…)”[SE.5].

De nosso lado, os fatos que nos levaram a crer na hegemonia do princípio de prazer na vida psíquica também remontam à suposição de que o aparelho psíquico teria uma tendência a manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou

pelo menos constante. Como se nota, esta não deixa de ser outra formulação do princípio de prazer, pois, se o trabalho do aparelho psíquico visa a manter a quantidade de excitação em nível baixo, então tudo aquilo que for suscetível de aumentá-la será necessariamente sentido como adverso ao funcionamento do aparelho, isto é, como desprazeroso. O princípio de prazer deriva do princípio de constância, embora, na realidade, o próprio princípio de constância tenha sido, ele mesmo, inferido dos fatos que nos levaram a adotar a hipótese do princípio de prazer.[SE.6] Em verdade, uma discussão mais detalhada nos mostrará que essa tendência que atribuímos ao aparelho psíquico se subordina como um caso particular ao princípio fechneriano da *tendência à estabilidade*, a qual Fechner relaciona com as sensações de prazer-desprazer.

Por outro lado, em rigor, seria incorreto falar de um domínio do princípio de prazer sobre o curso dos processos psíquicos. Se esse domínio existisse, a imensa maioria de nossos processos psíquicos deveria ser acompanhada de prazer ou conduzir-nos ao prazer; entretanto, a experiência mais comum está em flagrante contradição com essa conclusão. Portanto, somos obrigados a admitir que existe na psique uma forte tendência ao princípio de prazer, mas que certas outras forças ou circunstâncias se opõem a essa tendência, de modo que o resultado final nem sempre poderá corresponder à tendência ao prazer. Compare-se a observação de Fechner (1873, p. 90) a respeito de uma questão análoga: “Tendo em vista que a tendência a alcançar a meta ainda não significa o alcance da meta, e que, em geral, a meta só é alcançável por aproximações (…)”. Todavia, ao nos voltarmos para a questão sobre quais circunstâncias são capazes de impedir que o princípio de prazer entre em vigor, estamos pisando de novo em terreno firme e conhecido, e poderemos nos apoiar largamente em nossas experiências analíticas para formular uma resposta.

O primeiro dos gêneros de inibição do princípio de prazer nos é familiar e até ocorre com certa regularidade. Sabemos que o princípio de prazer corresponde a um modo de funcionamento primitivo do aparelho psíquico que denominamos *primário*. É preciso também lembrar que, ante as dificuldades do mundo exterior, o princípio de prazer desde o início revela-se ineficiente e um perigo

para a necessidade de o organismo impor-se ao ambiente. Assim, ao longo do desenvolvimento, as pulsões de autoconservação do Eu acabam por conseguir que o princípio de prazer seja substituído[SE.7] pelo *princípio de realidade.* Entretanto, o princípio de realidade não abandona o propósito de obtenção final de prazer, mas exige e consegue impor ao prazer um longo desvio que implica a postergação de uma satisfação imediata, bem como a renúncia às diversas possibilidades de consegui-la, e a tolerância provisória ao desprazer. No entanto, o princípio de prazer continua sendo ainda por muito tempo o modo de trabalhar próprio das pulsões sexuais, as quais são mais dificilmente "educáveis". Assim, sempre volta a ocorrer que, a partir das pulsões sexuais ou a partir do próprio Eu, o princípio de prazer consegue sobrepor-se ao princípio de realidade, prejudicando o organismo inteiro.

Contudo, a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade evidentemente não é responsável por todas as experiências de desprazer; ao contrário, ela é responsável tão-somente por uma pequena parte dessas vivências e nem mesmo pelas mais intensas. Não devemos nos esquecer de que há uma segunda fonte de liberação de desprazer que também ocorre com freqüência: origina-se dos conflitos e clivagens próprios ao processo de desenvolvimento do Eu em direção a organizações psíquicas mais complexas. Quase toda a energia que preenche o aparelho provém das moções pulsionais inatas, porém nem a todas moções é permitido percorrer as mesmas fases de desenvolvimento. Nesse trajeto, acontece repetidamente que algumas pulsões ou partes de pulsões perseguem metas ou aspirações que seriam intoleráveis [*unverträglich*][T.8] para outras pulsões cujas metas são passíveis de se compor e formar uma unidade abrangente do Eu. A solução psíquica então é separar essas pulsões cujas metas seriam intoleráveis, isolando-as dessa unidade do Eu. Utilizando-se para tal do processo de recalque, a psique as mantém em níveis inferiores do desenvolvimento psíquico. De início, essas pulsões ficam privadas da possibilidade de uma satisfação. Entretanto, caso consigam — o que acontece facilmente com as pulsões sexuais recalcadas — pelejar até chegarem por desvios diversos a obter uma satisfação direta ou ao menos uma satisfação substitutiva, esse

resultado, que normalmente teria sido uma possibilidade de sentir prazer, será sentido pelo Eu como desprazer. Vemos assim que, em conseqüência de um antigo conflito psíquico que acabou por resultar em um recalque, o princípio de prazer volta a sofrer uma nova ruptura quando certas pulsões, justamente na obediência a esse princípio, tentavam obter novamente prazer. Os detalhes do processo por meio do qual o recalque transforma uma possibilidade de prazer em uma fonte de desprazer ainda não foram bem compreendidos ou não podem ser claramente apresentados, mas não há dúvida de que todo desprazer neurótico é desta espécie: um prazer que não pode ser sentido como tal.[F.9]

Claro que as duas fontes de desprazer que descrevemos estão longe de cobrir a maioria de nossas vivências de desprazer; todavia, temos bons motivos para considerar que também o restante dessas experiências de desprazer não irá contradizer nossa hipótese da prevalência do princípio de prazer. Grande parte do desprazer que sentimos é de ordem perceptiva. Pode tratar-se da percepção de uma pressão interna [*Andrängens*][T.10] — causada por pulsões insatisfeitas — ou da percepção de elementos oriundos do mundo externo — que, ou são desagradáveis em si, ou desencadeiam expectativas desprazerosas no aparelho psíquico e são reconhecidos por ele como “perigo”. A reação a essas pressões pulsionais e às ameaças de perigo é, na verdade, a manifestação da atividade do aparelho psíquico. Essa reação poderá ser então encaminhada de maneira adequada tanto pelo princípio de prazer quanto pelo princípio de realidade, que nada mais é que a modificação deste último. Assim, para explicarmos esses fenômenos de desprazer, não parece ser necessário incluirmos em nossa teoria a hipótese de que haja mais alguma forma de limitação ao princípio de prazer. Devemos, sim, investir na investigação mais aprofundada da reação psíquica ao perigo exterior, pois acreditamos que esta poderá nos fornecer material novo, bem como novas questões ao problema aqui tratado.

■ II

Já há muito tempo foi descrito um estado psíquico que se segue após graves choques mecânicos, colisões de trens e outros acidentes que envolvem risco de vida: recebeu o nome de “neurose traumática”. Com o término da terrível guerra que acabamos de vivenciar, surgiram numerosos casos dessa espécie. Tais casos, contudo, estão pondo abaixo as tentativas de atribuir a causa dessa afecção a uma lesão orgânica do sistema nervoso devido à ação de uma violenta força mecânica.[F.11] O quadro clínico desse estado de neurose traumática aproxima-se do da histeria pela sua riqueza em sintomas motores semelhantes, mas supera-a, em geral, pelos fortes indícios de sofrimento subjetivo que apresenta — tão intenso como ocorre nos casos de hipocondria ou melancolia — além disso, apresenta evidências de que afeta de modo muito mais amplo e geral o desempenho psíquico do que ocorre nos casos de histeria. Todavia, até agora não se chegou a uma compreensão plena[SE.12] das neuroses de guerra, nem das neuroses traumáticas ocorridas em tempos de paz. No caso das neuroses de guerra, parece esclarecedor, por um lado, e desconcertante, por outro, que o mesmo quadro clínico se produza[SE.13] ocasionalmente sem a cooperação de uma força mecânica bruta. No caso da neurose traumática comum, destacam-se dois traços que poderiam ser tomados como ponto de partida para uma reflexão que nos ajude a elucidar este enigma: primeiro, que o peso principal da causação parece recair sobre o fator surpresa, o susto, e segundo, que um ferimento ou ferida concomitante geralmente impede o aparecimento da neurose. Susto [*Schreck*], receio [*Furcht*], medo [*Angst*][T.14] são usados injustamente como expressões sinônimas; podemos distingui-las de fato em sua relação com o perigo. Medo [*Angst*] denomina um certo estado, como o de expectativa diante do perigo e preparação para ele, mesmo que ele seja desconhecido; receio [*Furcht*] requer um objeto determinado do qual se tem medo [*Angst*]; susto [*Schreck*], porém, nomeia o estado em que se entra quando se corre perigo sem se estar preparado para ele, e acentua o fator da surpresa. Não acredito que o medo [*Angst*] possa provocar uma neurose traumática; no medo [*Angst*] há algo que

protege contra o susto [*Schreck*] e, portanto, também contra a neurose traumática. Voltaremos mais tarde a este ponto.[SE.15]

Lancemos agora mão de um recurso que poderá ser de grande serventia em nossa investigação. Refiro-me ao estudo dos sonhos — o caminho mais confiável para pesquisar os processos psíquicos profundos. Ora, a vida onírica da neurose traumática apresenta a característica de sempre reconduzir o doente de volta à situação de seu acidente, da qual ele desperta com um novo susto. Isto pouco surpreende as pessoas. Acredita-se que isto seja justamente uma evidência da intensidade da impressão causada pela vivência traumática, que sempre volta a impor-se ao doente, até mesmo no sono. O doente estaria, por assim dizer, psiquicamente fixado no trauma. Essas fixações na vivência que provocou o adoecimento nos são conhecidas há muito tempo também na histeria. Breuer e Freud afirmaram em 1893:[SE.16] "Os histéricos sofrem, sobretudo, de reminiscências". Também nas neuroses de guerra, observadores como Ferenczi e Simmel puderam explicar alguns sintomas motores pela fixação no momento do trauma.

Entretanto, que eu saiba, no estado de vigília, os que sofrem de neurose traumática não se ocupam muito da lembrança de seu acidente. Talvez se esforcem justamente para não pensar nele. Considerar natural que o sonho noturno os transporte de novo para a situação geradora de sua doença é desconhecer a natureza do sonho. Seria mais próprio da natureza do sonho exibir ao doente imagens da época em que tinha saúde ou imagens da cura esperada. Para que nossa hipótese a respeito da tendência inerente aos sonhos de produzirem uma realização do desejo implícito no sonho não entre em conflito com o fenômeno dos sonhos traumáticos, ainda nos resta o entendimento de que, no estado de trauma, a função do sonho, entre tantas outras, também teria sido abalada e desviada de seus propósitos. Ou então teríamos de invocar enigmáticas tendências masoquistas do Eu.[SE.17]

Entretanto, proponho que não insistamos no tema agora e abandonemos por um momento este assunto tão obscuro e sombrio da neurose traumática e estudemos o modo como o aparelho

psíquico opera em uma de suas atividades mais habituais no início de seu desenvolvimento. Estou me referindo à brincadeira infantil.

As diversas teorias sobre brincadeira infantil apenas recentemente foram reunidas e apreciadas do ponto de vista analítico por S. Pfeifer em um artigo na *Imago* (vol. 4) [1919], ao qual remeto os leitores. Essas teorias empenham-se em descobrir os motivos do brincar das crianças, mas deixam de trazer para o primeiro plano o ponto de vista econômico, pois não consideram o ganho de prazer. Sem pretender ter abarcardo a totalidade desses fenômenos, eu também abordei este tema, aproveitando uma oportunidade casual. Pude observar a primeira brincadeira de um garotinho de um ano e meio criada por ele mesmo. Entretanto, foi mais do que uma observação superficial, pois passei algumas semanas com a criança e seus pais sob o mesmo teto, e pude me debruçar nessas observações por certo tempo até que essa atividade enigmática e repetida sem cessar pela criança me revelasse seu sentido.

A criança não era de modo algum precoce em seu desenvolvimento intelectual. Com um ano e meio falava apenas algumas palavras compreensíveis e dispunha só de alguns sons significativos que eram entendidos por aqueles à sua volta. Tinha, no entanto, uma boa relação com os pais e com a única empregada da casa; além disso, era elogiada pelo seu "bom" caráter. Não perturbava os pais à noite, obedecia conscienciosamente às proibições de tocar em certos objetos e de entrar em determinados cômodos da casa. Porém, o mais importante é que nunca chorava quando a mãe a deixava por horas, apesar de estar ternamente ligada a essa mãe, que não apenas a amamentou, como também dela cuidou e a criou sem qualquer ajuda alheia. Essa boa criança passou a apresentar agora o hábito, às vezes incômodo, de atirar todos os objetos pequenos que conseguisse pegar para bem longe de si, para um canto do cômodo, para debaixo de uma cama, etc., de modo que juntar seus brinquedos não era sempre uma tarefa fácil. Ao mesmo tempo, com uma expressão de interesse e satisfação, emitia um sonoro e prolongado "*o-o-o-o*", que, segundo o julgamento da mãe e do observador, não era uma interjeição, mas significava "*fort*".[T.18] Finalmente me dei conta de que isso era uma

brincadeira, e de que a criança apenas utilizava seus brinquedos para brincar de "*fortsein*"[T.19] com eles. Um dia fiz então uma observação que confirmou minha maneira de ver. A criança estava segurando um carretel de madeira enrolado com um cordão. Nunca lhe ocorria, por exemplo, que poderia arrastá-lo no chão atrás de si para brincar de carrinho com ele, mas, ao contrário, atirava o carretel amarrado no cordão com grande destreza para o alto, de modo que caísse por cima da beirada de seu berço cortinado, onde o objeto desaparecia de sua visão, ao mesmo tempo que pronunciava seu "*o-o-o-o*" significativo; depois, puxava o carretel pelo cordão de novo para fora da cama e saudava agora seu aparecimento com um alegre "*da*".[T.20] Esta era, então, a brincadeira completa: desaparecimento e retorno. Em geral, só se via o primeiro ato, que era incansavelmente repetido como uma brincadeira em si, embora o maior prazer estivesse sem dúvida vinculado ao segundo ato.[F.21]

A interpretação da brincadeira então estava clara. Relacionava-se com uma grande aquisição cultural dessa criança: a renúncia pulsional que ela conseguiu efetuar (renúncia à satisfação pulsional), por permitir a partida [*Fortgehen*][T.22] da mãe sem manifestar oposição. A criança se ressarcia dessa perda colocando em cena o desaparecimento e o retorno, utilizando para isso os objetos ao seu alcance. Para estimar o valor afetivo dessa brincadeira, é naturalmente indiferente saber se a criança mesma a inventou ou se foi estimulada para tal. Nosso interesse volta-se para outro ponto. Não é possível que a partida da mãe fosse agradável ou mesmo apenas indiferente para a criança. Como, então, conciliar com o princípio de prazer o fato de que a criança repete como brincadeira essa experiência dolorosa para ela? Talvez se possa responder que "ir embora" precisaria ser encenado como a precondição da alegria do reaparecimento, no qual residia o verdadeiro propósito da brincadeira. Mas depõe contra isso o fato de que o primeiro ato, o "ir embora", era encenado como brincadeira em si, e na verdade com freqüência incomparavelmente maior do que a brincadeira inteira levada até o final prazeroso.

A análise de um caso isolado como esse não permite chegar a nenhuma conclusão segura: ao considerá-lo imparcialmente, temos a impressão de que a criança transformou a vivência em brincadeira por outro motivo. Ela estava passiva, foi atingida pela vivência, e eis que se engaja em um papel ativo repetindo-a como brincadeira, apesar de ter sido desprazerosa. Esse engajamento poderia ser atribuído a uma pulsão de apoderamento [*Bemächtigungstrieb*][T.23] que se autonomizou e independe de a recordação em si ter sido prazerosa ou não. Mas podemos tentar outra interpretação. Atirar o objeto para que ele desapareça poderia ser a satisfação de um impulso de vingança [*Racheimpuls*][T.24] dirigido contra a mãe e reprimido [*unterdrückt*][T.25] ao longo da vida, por esta ter deixado a criança, e teria então o significado de um desafio: “É, vá embora, eu não preciso de você, eu mesmo te mando embora”. A mesma criança que observei com um ano e meio em sua primeira brincadeira, tinha o costume, um ano mais tarde, de atirar ao chão um brinquedo que a irritava dizendo: “Vá pra gue(rr)a!” Haviam lhe contado, na época, que seu pai ausente se encontrava na guerra, e, longe de sentir sua falta, a criança manifestava da maneira mais evidente que não queria ser perturbada em sua posse exclusiva da mãe.[F.26] Sabemos também que outras crianças podem expressar impulsos [*Regungen*][T.27] hostis semelhantes, atirando para longe objetos em lugar de pessoas.[F.28] Assim, fica-se na dúvida se o ímpeto [*Drang*][T.29] de processar psiquicamente [*verarbeiten*][T.30] algo que para ela foi impressionante e de poder assenhorar-se totalmente dessa vivência poderia ter-se manifestado como um evento primário e independente do princípio de prazer. No caso aqui discutido, o garoto só poderia estar repetindo uma vivência desagradável na forma de brincadeira porque um ganho de prazer de outra ordem, porém imediato, se vincula a essa repetição.

Entretanto, mesmo que pudéssemos realizar um exame mais profundo da brincadeira infantil, este não nos ajudaria a resolver nossa dúvida entre as duas concepções. Vemos que as crianças repetem nas brincadeiras tudo aquilo que lhes causou forte impressão em sua vida, que assim ab-reagem à intensidade da impressão que sofreram e tornam-se, por assim dizer, senhoras da

situação. Mas, por outro lado, está bem claro que todo o seu brincar está sob a influência do desejo que domina esse período de sua vida: o desejo de serem adultos e de poderem fazer o que os adultos fazem. Observamos também que o caráter de desprazer da vivência nem sempre a torna inaproveitável para a brincadeira. Se o médico examina a garganta da criança ou a submete a uma pequena cirurgia, podemos estar certos de que essa vivência assustadora será o conteúdo da próxima brincadeira; mas nesses casos não há como não perceber o ganho de prazer obtido de outra fonte. Ao passar da passividade vivida naquela experiência para a atividade da brincadeira, a criança inflige a um companheiro de brincadeira todo o evento desagradável que aconteceu com ela mesma, e assim se vinga da pessoa que está fazendo o papel desse substituto.[SE.31]

Seja como for, resulta dessas discussões que não é necessário supormos a existência de uma pulsão especial de imitação [*Nachahmungstriebes*][T.32] como motivo para a brincadeira. Não podemos deixar de acrescentar ainda que, diferentemente do comportamento da criança, a encenação e a imitação artística dos adultos visam à pessoa do espectador, não o poupando, a exemplo da tragédia, nem mesmo das mais dolorosas impressões, e, ainda assim, podem ser sentidas como um elevado deleite [*Genub*].[T.33] Somos, portanto, persuadidos de que, mesmo sob o domínio do princípio de prazer, existem meios e caminhos suficientes para transformar o que é em si desprazeroso em objeto de recordação e de processamento psíquico. Todavia, devemos deixar os casos e as situações que resultam em uma obtenção de prazer para serem estudados por uma estética voltada à dimensão econômica; eles de nada servem para os nossos propósitos, pois pressupõem a existência e o domínio do princípio de prazer, e nós estamos justamente em busca da ação de tendências que estariam além do princípio de prazer, isto é, tendências que seriam mais arcaicas e que atuariam de forma independente do princípio de prazer.

■ III

Passados vinte e cinco anos de trabalho intenso, podemos hoje constatar que as metas mais imediatas da técnica psicanalítica são agora muito diferentes do que eram no início. Naquela época, o trabalho do médico analista restringia-se a decifrar o inconsciente ainda não conhecido do doente, organizar seus elementos e comunicá-los ao paciente no momento oportuno. A psicanálise era, antes de tudo, uma arte de interpretação [*Deutungskunst*].[T.34] Mas, como não se lograva atingir o objetivo terapêutico dessa maneira, recorreu-se logo a outro meio, que consistia em levar o doente — a partir de suas próprias recordações — a confirmar a construção revelada pelo trabalho analítico. Esse novo processo deslocou a ênfase do tratamento para as resistências do doente. A arte agora consistia em desvelar essas resistências o mais rápido possível, mostrá-las ao paciente e utilizar então a nossa capacidade humana de persuasão (aqui a sugestão estava então operando como "transferência") para convencê-lo a abrir mão dessas resistências.

No entanto, ficou cada vez mais evidente que o objetivo de tornar consciente o inconsciente também não poderia ser plenamente alcançado por essa via. Pois pode ocorrer que o doente não se lembre de tudo o que nele está recalcado e que aquilo que lhe escape seja justamente o mais importante, de maneira que se torna quase impossível convencê-lo da justeza da construção que lhe foi comunicada. Na verdade, ele se vê mais forçado a *repetir* o recalcado como se fosse uma vivência do presente do que — tal como naturalmente seria a intenção do médico — a *recordá-lo* como sendo um fragmento do passado.[SE.35] A reprodução que então emerge com uma fidelidade tão indesejada invariavelmente se desenrola no campo da relação transferencial com o médico e tem sempre como conteúdo um fragmento da vida sexual infantil, ou seja, do complexo de Édipo e de seus sucedâneos. Quando logramos levar o tratamento até esse ponto, podemos dizer que a neurose anterior foi substituída por uma nova neurose de transferência. Para manter o campo dessa neurose de transferência dentro de limites estreitos, é preciso que o médico force ao máximo a via da recordação do paciente e lhe permita o mínimo possível de

repetição. Porém, a relação que se estabelece entre recordação e reprodução é diferente em cada caso. De maneira geral, o médico não pode poupar o analisando dessa fase do tratamento; é preciso deixá-lo reviver um certo fragmento de sua vida esquecida e cuidar para que ele conserve algum discernimento que lhe permita distinguir entre aquilo que parece ser realidade e o que, de fato, é apenas reflexo de um passado esquecido. Se lograrmos êxito, conseguiremos a tão necessária convicção do paciente e chegaremos ao sucesso terapêutico, que dela depende.

Para melhor compreendermos essa "*compulsão à repetição*" [*Wiederholungszwang*][T.36] que se manifesta durante o tratamento psicanalítico dos neuróticos, precisamos primeiro nos livrar da idéia equivocada de que, quando combatemos as resistências do paciente, estaríamos lidando com a resistência do "inconsciente". O inconsciente, ou melhor, o "recalcado", não opõe nenhuma resistência aos esforços do tratamento. Ao contrário, ele apenas se esforça para livrar-se do peso que o oprime e tenta forçar passagem em direção à consciência ou busca escoamento [*Abfuhr*][T.37] através de uma ação real. A resistência ao tratamento provém das mesmas camadas e sistemas superiores da vida psíquica que originalmente produziram o recalcamento. Mas, como a experiência nos ensina que tanto os motivos das resistências quanto as próprias resistências são inicialmente inconscientes, temos o dever de retificar uma impropriedade de nossa terminologia. Para evitarmos essa imprecisão, não devemos colocar o consciente e o inconsciente em oposição, mas sim o *Eu* coerente[SE.38] e o *recalcado*. Com certeza, grande parte do Eu é em si mesma inconsciente, justamente o que se pode chamar de núcleo do Eu.[SE.39] Assim, a designação *pré-consciente*[SE.40] que habitualmente empregamos cobre apenas uma pequena parte do Eu. Agora que substituímos uma terminologia puramente descritiva por uma terminologia sistêmica ou dinâmica, podemos afirmar que a resistência dos analisandos provém de seu Eu,[SE.41] e então percebemos de imediato que a compulsão à repetição deve ser atribuída ao recalcado inconsciente. É provável que essa compulsão

só possa manifestar-se depois que o trabalho terapêutico tenha conseguido chegar ao recalque e afrouxá-lo.[F.42]

Não há dúvida de que a resistência consciente e pré-consciente do Eu esteja a serviço do princípio de prazer, pois ela procura evitar o desprazer que seria provocado pela liberação do recalcado. Durante o tratamento, nosso empenho é evocar o princípio de realidade para conseguir que o material recalcado possa manifestar-se. Mas então surge a questão de como se estabelece a relação do princípio de prazer com a compulsão à repetição, que é a manifestação da força do recalcado. É claro que quase tudo que a compulsão à repetição consegue fazer o paciente reviver outra vez causa muito desprazer ao Eu, pois nesse processo as atividades de moções pulsionais recalcadas são expostas. Mas, como já mostramos, trata-se de um desprazer que não contradiz o princípio de prazer, pois é ao mesmo tempo desprazer para um sistema e prazer para outro.[SE.43] O fato novo e impressionante que iremos descrever em seguida é que a compulsão à repetição também faz retornar certas experiências do passado que não incluem nenhuma possibilidade de prazer e que, de fato, em nenhum momento teriam proporcionado satisfações prazerosas, nem mesmo para moções pulsionais recalcadas naquela ocasião do passado.

Para tal, abordemos agora o desabrochar da vida sexual infantil, que estava fadado a fenecer por conter desejos infantis considerados intoleráveis e inconciliáveis com a realidade, bem como pelas insuficiências ainda presentes nessa etapa evolutiva da criança. Esse desabrochar sucumbiu nas circunstâncias mais desagradáveis, causando sensações profundamente dolorosas. A perda de amor e o fracasso legaram um dano permanente ao nosso sentimento-de-si na forma de uma cicatriz narcísica que, segundo minhas experiências, bem como as de Marcinowski (1918), constitui a mais importante contribuição ao freqüente “sentimento de inferioridade” dos neuróticos. A investigação sexual infantil, por estar limitada pelo desenvolvimento físico ainda restrito da criança, não permite que a criança chegue a nenhuma conclusão satisfatória. É daí que provém a queixa posterior: “*Não consigo terminar nada, para mim nada dá certo*”. Também o laço [*Bindung*][T.44] de ternura

que ligava a criança geralmente ao progenitor do sexo oposto sofre uma profunda decepção, ou por conta de uma espera em vão — por uma gratificação que não lhe chegou —, ou ainda devido a um ciúme suscitado pelo nascimento de um novo bebê, o que para a criança seria prova inequívoca da infidelidade da pessoa amada. De modo análogo, as próprias tentativas da criança — empreendidas com uma seriedade trágica — de gerar ela mesma um bebê fracassam de maneira humilhante. Ao mesmo tempo, também há uma redução geral da quantidade de ternura que a criança recebe, pois entram em cena as novas e crescentes exigências da educação, bem como palavras severas e uma vez ou outra um castigo, revelando para ela toda a extensão do *desdém* que recaiu sobre a sua pessoa. Estes são alguns exemplos recorrentes e típicos de como o amor desse período infantil chega ao fim.

Na transferência, todas essas ocasiões indesejadas e as situações afetivas dolorosas são repetidas e revividas pelo neurótico com especial habilidade. Esses pacientes tentam interromper o tratamento ainda em curso e sabem evocar para si novamente toda a sensação de serem desprezados. Além disso, acabam por obrigar o médico a falar duramente com eles e a tratá-los com frieza. Também são hábeis em encontrar os objetos mais adequados para provocar seu próprio ciúme. Por fim, não podendo mais ser a criança tão apaixonadamente desejada de sua infância, substituem-na pela intenção — ou pela suposta promessa — de receberem um grande presente que lhes seria dado, mas que acaba sendo tão irreal quanto a imagem da criança desejada que ficam a imaginar. Uma vez que nenhuma dessas situações que o paciente reproduz na transferência poderia, no passado, propiciar-lhe prazer, seria de supor[SE.45] que esses elementos hoje tenderiam a emergir como recordações ou em sonhos, causando um desprazer menor do que quando se atualizam na transferência como se fossem novas experiências. Afinal, poderíamos esperar que a ação dessas pulsões devesse conduzir a uma vivência de satisfação; entretanto, mesmo naquela época essas pulsões apenas trouxeram desprazer, de modo que constatamos que nada se aprendeu com a velha experiência. A ação das pulsões é repetida mesmo assim, há uma coação [*Zwang*][T.46] que obriga a essa repetição.

Os mesmos fenômenos de transferência que a psicanálise revela nos neuróticos podem ser encontrados também na vida dos não-neuróticos. Muitas pessoas nos passam a impressão de estarem sendo, por assim dizer, perseguidas por um destino maligno, isto é, de haver algo de demoníaco em suas vidas. Desde o início a psicanálise considerou que esse destino fatal era quase que inteiramente preparado por elas mesmas e determinado por influências infantis precoces. A compulsão [*Zwang*] que se manifesta nesses casos não é diferente da compulsão à repetição [*Wiederholungszwang*] encontrada nos neuróticos, ainda que essas pessoas nunca tenham apresentado sinais de um conflito neurótico que se expressa em uma formação de sintoma. Todos nós conhecemos pessoas para as quais qualquer relação com o próximo leva sempre ao mesmo desenlace. Ora se trata de benfeitores que depois de algum tempo são abandonados com rancor pelos seus protegidos — não importa quão diferentes entre si esses protegidos possam ser — e parecem destinados a vivenciar toda a amargura da ingratidão dos outros. Ora se trata de homens para os quais toda amizade termina com a traição do amigo. Em outras ocasiões, encontraremos casos em que o sujeito passa a vida a colocar outras pessoas em um pedestal, privadamente ou em público, para a seguir desban-car essas autoridades e substituí-las por novos ídolos. Há também os amantes, para os quais cada caso de amor atravessa sempre as mesmas fases e leva sempre ao mesmo final, etc. Claro que esse “eterno retorno do mesmo” surpreende muito pouco nos casos em que se trata de uma atitude *ativa* dessas pessoas ou quando percebemos um traço de caráter que nelas se mantém, manifestando-se forçosamente na repetição de experiências idênticas. O que de fato nos surpreende são os casos em que a pessoa parece vivenciar *passivamente* uma experiência sobre a qual não tem nenhuma influência, só lhe restando experimentar a repetição da mesma fatalidade. Pensemos, por exemplo, na história daquela mulher que se casou sucessivamente com três homens que adoeceram pouco depois do casamento e de quem ela teve de cuidar até a morte.[F.47] Tasso ofereceu a descrição poética mais tocante de um destino desse tipo na epopéia romântica *Jerusalém Libertada*. O herói Tancredo mata sua amada Clorinda,

sem sabê-lo, quando esta o combatia trajando a armadura de um cavaleiro inimigo. Após os funerais, ele embrenha-se pela misteriosa floresta encantada que amedrontava o exército dos cruzados. Na floresta, fere com sua espada uma grande árvore. Da ferida da árvore jorra sangue, enquanto a voz de Clorinda, cuja alma estava aprisionada nessa árvore, o acusa de novamente tê-la ferido.

Ao levarmos em conta essas observações a respeito da transferência e a fatalidade presente no destino de tantos seres humanos, vemo-nos encorajados a assumir a hipótese de que realmente existe na vida psíquica uma compulsão à repetição [*Wiederholungszwang*] que ultrapassa o princípio de prazer. Estaremos também inclinados a relacionar essa compulsão [*Zwang*] aos sonhos que ocorrem na neurose traumática, bem como ao impulso [*Antrieb*][T.48] da criança para a brincadeira. Contudo, não podemos esquecer que são raros os casos em que os efeitos da compulsão à repetição se manifestam e são observáveis em estado puro, sem a participação de outros motivos. Por exemplo, já destacamos as outras possíveis interpretações da brincadeira da criança durante a qual compulsão à repetição e satisfação pulsional prazerosa e direta parecem convergir em íntima associação. Também no caso dos fenômenos da transferência, eles encontram-se claramente a serviço da resistência que provém do Eu obstinado em manter o recalque, ao passo que a compulsão à repetição — que o tratamento pretendia colocar a seu serviço — é, por assim dizer, atraída para o lado do Eu, que quer permanecer grudado ao princípio de prazer.[SE.49] Quanto ao que poderíamos chamar de compulsão de destino [*Schicksalszwang*],[T.50] também ela em parte nos parece racionalmente compreensível, sem que tenhamos a necessidade de postular um novo e misterioso motivo, como a pulsão de morte. E penso que o caso menos duvidoso de todos é talvez o dos sonhos traumáticos, que também se deixaria explicar sem apelarmos à pulsão de morte. Todavia, em uma reflexão mais criteriosa, teremos de admitir que mesmo nos outros exemplos trazidos por nós os fatos não estarão suficientemente bem explicados se utilizarmos apenas os motivos que já nos são familiares. Enfim, ainda restam tantos aspectos sem explicação, que a formulação da hipótese da compulsão à repetição se justifica. Esta

de fato nos parece ser mais arcaica, mais elementar e mais pulsional do que o princípio de prazer, o qual ela suplanta. Mas, se essa compulsão à repetição realmente existir na vida psíquica, então gostaríamos de saber mais sobre a função que lhe corresponde, em que condições ela pode manifestar-se e qual sua relação com o princípio de prazer, pois foi a ele que até agora atribuímos o domínio sobre o curso dos processos de excitação na vida psíquica.

■ IV

O que se segue é pura especulação, que muitas vezes remonta ao passado longínquo e que cada um, de acordo com sua posição subjetiva, poderá levar em consideração ou desprezar. De resto, trata-se de uma tentativa, movida por pura curiosidade, de explorar uma idéia até o final, apenas para saber aonde ela pode nos levar.

Tratando-se de uma especulação psicanalítica, nosso ponto de partida é a constatação — feita a partir da investigação dos processos inconscientes — de que a consciência poderia não ser o atributo mais universal dos processos psíquicos, mas apenas uma função deles. Em termos metapsicológicos, dizemos que a consciência é a função de um sistema especial que denominamos *Cs.*[SE.51] A consciência fornece essencialmente percepções de excitações que provêm do exterior e sensações de prazer e desprazer que naturalmente só podem originar-se do interior do aparelho psíquico. Daí podermos atribuir ao sistema chamado *Pcp-Cs*[SE.52] uma localização espacial específica. Assim, dizemos que esse sistema teria de estar localizado na fronteira entre o exterior e o interior e que estaria voltado para o mundo exterior. Além disso, imaginamos que ele forme uma camada que recobre os outros sistemas psíquicos. Contudo, com essas hipóteses não estamos arriscando nada de novo, ao contrário, estamos apenas adotando a conhecida teoria anatômica da localização cerebral que situa a "sede" da consciência no córtex cerebral, na camada envolvente mais externa do órgão central. Todavia, se a anatomia cerebral não tem necessidade de se perguntar por que — anatomicamente falando — a consciência está localizada exatamente na superfície do cérebro, em vez de estar bem guardada no mais íntimo de seu interior, nós, com relação ao nosso sistema *Pcp-Cs,* nos colocamos esta questão e pensamos que vale a pena examinarmos mais detidamente as conseqüências decorrentes dessa localização.

Entretanto, não se deve pensar que a consciência seja a única marca distintiva que atribuímos aos processos desse sistema. Apoiados em observações feitas a partir da nossa experiência psicanalítica, podemos supor que todos os processos de excitação que ocorrem nos outros sistemas deixam atrás de si traços

duradouros que constituem o fundamento da memória. Esses traços são, portanto, restos de lembranças que nada têm a ver com o tornar-se consciente. Aliás, os traços de lembrança mais intensos e duradouros são justamente aqueles que foram impressos por um processo que nunca chegou a alcançar a consciência. Todavia, não acreditamos que esses traços duradouros provenientes da excitação também possam produzir-se no sistema *Pcp-Cs,* pois, se assumíssemos que eles se mantêm sempre conscientes, eles logo sobrecarregariam e limitariam a capacidade do sistema de receber novas excitações.[F.53] Por outro lado, se, ao contrário, imaginássemos que eles fossem inconscientes, encontrar-nos-íamos diante da obrigação paradoxal de explicar a existência de processos inconscientes em um sistema cujo funcionamento é sempre acompanhado pelo fenômeno da consciência. Em rigor, poderia parecer que a suposição de que o processo de tornar-se consciente pertença a um sistema especial nada muda e não traz ganho algum, mas, por menos precisa que seja essa suposição, ela nos permite assumir que os dois processos — o de tornar-se consciente o de deixar atrás de si um traço de memória — são inconciliáveis e não ocorrem simultaneamente em um mesmo sistema. Então, poderíamos afirmar que o processo de excitação no sistema *Cs* seria consciente, mas não deixaria atrás de si nenhum traço duradouro. Também afirmaríamos que nesse processo todos os traços em que a memória se apóia surgiriam dos sistemas internos mais próximos e se veiculariam pela propagação da excitação. Sobre este assunto, introduzi um esquema explicativo em um capítulo de natureza mais especulativa em minha *Interpretação dos Sonhos*, em 1900.[SE.54] Por outro lado, penso que, se levarmos em conta quão pouco se sabe por outras fontes de pesquisa sobre a origem da consciência, até que podemos considerar que nossa proposição de que *a consciência surge no lugar do traço de memória* bastante precisa.

O sistema *Cs* seria então caracterizado pela peculiaridade de que nele — ao contrário do que acontece em todos os outros sistemas psíquicos — o processo de excitação não deixaria atrás de si uma alteração permanente em seus elementos, mas se dissolveria, por assim dizer, no processo de tornar-se consciente. Essa exceção a

uma regra geral só poderia ser explicada por um fator que se aplicasse exclusivamente a esse sistema específico. Esse fator, que estaria ausente em todos os outros sistemas, poderia perfeitamente ser a circunstância de o sistema *Cs* estar exposto, ou seja, seu contato direto [*Anstossen*][T.55] com o mundo exterior.

Nesse sentido, se imaginarmos o organismo vivo em sua versão mais simplificada, por exemplo, como sendo uma vesícula indiferenciada de substância excitável, poderíamos pensar que a superfície voltada para o mundo exterior, devido à sua própria localização, estaria diferenciada das outras partes, tendo também a função de órgão receptor de estímulos. Ora, a embriologia, quando enfoca a repetição da história evolutiva, também nos mostra que, efetivamente, o sistema nervoso central surge do ectoderma e que a massa cinzenta do córtex continua sendo um derivado da superfície primitiva que, assim, poderia ter herdado algumas de suas propriedades essenciais. Portanto, a partir daí, seria fácil supor que o impacto incessante dos estímulos externos sobre a superfície da vesícula modificaria sua substância de maneira permanente e irreversível até uma determinada profundidade, de maneira que o processo excitatório passaria a se processar de modo diverso daquele que ocorre nas camadas mais profundas. Nessa superfície, ter-se-ia formado uma crosta, que estaria por fim tão abrasada pela ação dos estímulos que se tornaria uma camada ideal de recepção e transmissão desses estímulos, e estaria alterada de modo tão definitivo que não mais poderia sofrer qualquer modificação posterior. Aplicada ao sistema *Cs,* essa hipótese significaria que a passagem da excitação pelos elementos desse sistema não mais produziria nenhuma modificação duradoura, porque eles já teriam incorporado em definitivo as modificações dessa ação da passagem da excitação. Esses elementos agora estariam capacitados a fazer a consciência surgir. Contudo, se nos perguntarmos em que consiste essa modificação da substância e do processo de excitação em seu interior, poderemos naturalmente imaginar diversas hipóteses que, no momento, não têm como ser comprovadas. Podemos supor, por exemplo, que, ao passar de um elemento para outro, a excitação tenha de vencer uma resistência e que justamente a diminuição dessa resistência dê lugar ao traço permanente da excitação

(facilitação), portanto, que no sistema *Cs* a passagem de um elemento para outro ocorra sem nenhuma resistência dessa espécie.[SE.56] Podemos também relacionar essa suposição com a diferença estabelecida por Breuer entre energia das cargas de investimento em repouso (capturadas) e energia das cargas de investimento livremente móveis;[F.57] assim, os elementos do sistema *Cs* não transmitiriam nenhuma energia presa, apenas energia suscetível de livre escoamento. Todavia, creio que no momento é melhor falarmos sobre essas relações da maneira mais vaga possível. De qualquer modo, com essa hipótese especulativa conseguimos articular uma relação entre a origem da consciência e a localização do sistema *Cs* e as peculiaridades no processo de excitação que ocorre nesse sistema.

Contudo, ainda restam mais algumas considerações a fazer sobre a vesícula viva e sua camada cortical receptora de estímulos. Esse fragmento de substância viva flutua em meio a um mundo exterior que está carregado de energias de grande intensidade e, se não possuísse um *escudo protetor contra estímulos* [*Reizschutz*],[T.58] não tardaria a ser aniquilado pela ação desses estímulos. O escudo protetor se forma quando a superfície mais externa da vesícula perde a estrutura característica da matéria viva, isto é, quando, até certo ponto, ela se torna inorgânica e passa a funcionar como um envoltório especial ou como uma membrana destinada a amortecer os estímulos. Em outras palavras, o escudo faz com que as energias do mundo exterior só possam transmitir às próximas camadas situadas logo abaixo — e que continuaram vivas — apenas uma pequena parcela de sua intensidade. Assim, essas camadas protegidas pelo escudo podem agora se dedicar à recepção das quantidades de estímulo que o escudo deixou passar. Mas foi a camada externa que, com sua morte, salvou todas as camadas mais profundas do mesmo destino, pelo menos até o momento em que eventualmente cheguem estímulos tão intensos que rompam o escudo protetor. Para o organismo vivo, a função do escudo protetor é quase mais importante do que a própria recepção do estímulo. O organismo possui uma reserva energética própria e, acima de tudo, precisa esforçar-se para manter as formas específicas de transformação de energia que nele operam livres das

influências capazes de igualar e rebaixar as diferenças, portanto, protegidos do efeito destrutivo das energias superintensas que operam no mundo exterior. A principal função da recepção de estímulos é saber sobre a direção e a natureza dos estímulos externos, e para isso é suficiente extrair pequenas amostras do mundo exterior e prová-las em pequenas quantidades. Nos organismos mais desenvolvidos, a camada receptora cortical da antiga vesícula recolheu-se, há muito tempo, para as profundezas do corpo, mas algumas partes receptoras permaneceram na superfície logo abaixo do escudo protetor geral. São os órgãos dos sentidos, providos basicamente de dispositivos para captar estímulos específicos, mas também dotados de mecanismos especiais para proteger mais uma vez o organismo contra quantidades excessivas de estímulo, bem como para deter tipos inapropriados de estímulos.[SE.59] Sua característica é apenas processar quantidades mínimas de estímulo, isto é, só coletar amostras do mundo externo. Talvez possamos compará-los com antenas sensitivas que sondam e tateiam o mundo exterior e novamente se recolhem.

Neste ponto da discussão, permito-me abordar breve e superficialmente um assunto que, em rigor, mereceria um tratamento mais cuidadoso. Refiro-me à tese de Kant de que tempo e espaço são formas necessárias de nosso pensamento. Penso que essa idéia pode ser submetida a discussão a partir do conhecimento adquirido através de algumas descobertas psicanalíticas. Sabemos que os processos psíquicos inconscientes são “atemporais”.[SE.60] Isto significa, em primeiro lugar, que eles não podem ser dispostos em ordem temporal, que o tempo não os submete a nenhuma modificação e que a idéia de tempo não pode ser aplicada a eles. Estas são, contudo, características negativas que só poderão ser entendidas com clareza se as compararmos com os processos psíquicos conscientes. A idéia abstrata que temos do tempo parece ter sido inteiramente derivada do modo de trabalhar do nosso sistema *Pcp-Cs* e aparentemente corresponde a uma autopercepção desse modo de operar psiquicamente. Talvez esse modo de funcionamento inconsciente tenha permitido que o sistema enveredasse por outra forma de proteção contra estímulos.

Infelizmente, por ora, terei de me limitar a essas poucas alusões, muito embora saiba que essas afirmações podem parecer muito obscuras.[SE.61]

Retomemos então nosso fio da meada. Até agora afirmamos que a vesícula viva está dotada de um escudo protetor contra as excitações provenientes do mundo exterior. E antes havíamos mostrado que a sua próxima camada, a camada cortical mais interna, se diferenciou porque se tornou um órgão com a função de receber as excitações vindas de fora. Contudo, essa camada cortical sensível, que mais tarde formará o sistema *Cs*, também recebe excitações do interior. A posição desse sistema situado entre o exterior e o interior e a diversidade de condições sob as quais ele recebe influências de ambos os lados são fatores decisivos para o seu funcionamento, bem como para todo o aparelho psíquico. Do lado de fora ele está protegido pelo escudo protetor [*Reizschutz*], e, portanto, as quantidades de excitação que o atingem têm apenas um efeito reduzido; com relação ao seu interior, a situação é diversa, pois uma proteção contra estímulos internos é impossível,[SE.62] já que as excitações oriundas das camadas ainda mais profundas se transmitem diretamente a esse sistema, sem sofrer nenhuma redução. Além disso, devido a certas características de seu percurso, essas excitações internas engendram uma série de sensações de prazer-desprazer. É verdade que as excitações provenientes do interior, dependendo de sua intensidade e de outras características qualitativas (eventualmente, de sua amplitude), serão mais adequadas ao modo de operar desse sistema do que ocorre com o intenso afluxo de estímulos oriundos do mundo exterior.[SE.63] Assim, a partir dessas relações, dois aspectos determinantes irão despontar. Primeiro, as sensações de prazer-desprazer, que são um índice ou sinal da existência de processos no interior do aparelho, irão prevalecer sobre todos os estímulos exteriores. Segundo, veremos formar-se um modo específico de lidar com as excitações internas que provocam um aumento excessivo de desprazer. Neste segundo caso, trata-se de uma tendência a lidar com essas excitações internas como se elas viessem do exterior, para poder utilizar contra elas os mesmos mecanismos de defesa empregados pela camada protetora externa contra os estímulos externos. Essa é

a origem da *projeção,* que possui um papel tão importante na determinação dos processos patológicos.

Graças a estas últimas considerações, estamos agora mais próximos de compreender o domínio do princípio de prazer; contudo, ainda não conseguimos chegar a nenhuma explicação sobre os casos que parecem estar em contradição com ele. Então, tentemos dar mais um passo. Chamemos de *traumáticas* as excitações externas que possuírem força suficiente para romper o escudo protetor. Acredito que não podemos compreender o conceito de trauma sem vinculá-lo a uma ruptura na camada protetora contra estímulos, a qual sabemos sob circunstâncias normais operar de modo eficaz. Não há dúvida de que um acontecimento como o trauma exterior provoca uma grave perturbação na economia energética do organismo, além de acionar todos os mecanismos de defesa, e o princípio de prazer é, logo de início, colocado fora de ação. Já que não é possível impedir que grandes quantidades de estímulos inundam o aparelho psíquico, só resta ao organismo tentar lidar com esse excesso de estímulos capturando-o e enlaçando-o [*binden*][T.64] psiquicamente para poder então processá-lo.

É provável que o desprazer específico da dor física seja conseqüência do rompimento do escudo protetor em uma área limitada. As excitações provenientes dessa região periférica afluiriam então continuamente para o aparelho psíquico central como ocorre com as excitações vindas do interior do aparelho.[F.65] Então, que tipo de reação da psique devemos esperar diante dessa irrupção? De todos os lados é convocada a energia de investimento para que a área afetada receba uma carga de energia com uma intensidade equivalente à da invasão. Produz-se, assim, um "contra-investimento" de grande envergadura à custa do empobrecimento de todos os outros sistemas psíquicos, que sofrem uma extensa paralisia, ou à custa de uma forte redução de qualquer outra função psíquica. A partir de configurações como essa, podemos agora obter alguns modelos para elaborar nossas suposições metapsicológicas. No caso da dor física, diremos que mesmo um sistema altamente investido de cargas de energia é capaz de

receber [*aufzunehmen*][T.66] novos afluxos de energia e de transformá-los em cargas de investimento em repouso, isto é, de capturá-los e "atá-los" [*binden*] psiquicamente. Quanto mais alta for a própria carga de investimento disponível em estado de repouso, tanto maior será também sua capacidade e força para capturar [*bindende Kraft*];[T.67] e, inversamente, quanto mais baixo for seu estoque de carga de investimento em repouso, menor capacidade terá o sistema de receber os novos afluxos de energia[SE.68] e tanto mais desastrosas serão as conseqüências de um eventual rompimento do escudo protetor. Seria um erro objetar que o aumento do investimento em torno da área de irrupção poderia simplesmente ser explicado pela propagação direta dos afluxos de excitação. Se fosse assim, o aparelho psíquico sofreria apenas um aumento de seus investimentos de energia e não haveria explicação para o caráter paralisante da dor e o empobrecimento de todos os outros sistemas. No que tange aos efeitos violentos produzidos pela remoção dos estímulos durante a dor, penso que não contradizem nossa explicação, pois ocorrem de maneira reflexa, isto é, sem a mediação do aparelho psíquico. Cabe aqui comentar que, embora todas essas considerações — que chamamos de metapsicológicas — tenham um caráter algo impreciso, isto se deve ao fato de nada sabermos sobre a natureza do processo de excitação que ocorre nos elementos dos sistemas psíquicos, a ponto de não nos sentirmos autorizados a adotar nenhuma hipótese sobre ela. Sendo assim, operamos o tempo todo com uma grande incógnita, que vamos transportando para cada nova fórmula. O que podemos afirmar, sem restrições, é que esse processo se realiza com energias quantitativamente diferentes; também pensamos ser provável que ele possua mais de uma qualidade (uma espécie de amplitude, por exemplo). Mas gostaríamos de considerar como elemento novo a tese de Breuer que admite duas formas distintas de preenchimento de energia nos sistemas psíquicos (ou nos seus elementos):[SE.69] cargas de investimento que fluem livremente e que pressionam para a descarga [*Abfuhr*] e cargas de investimento em repouso. Talvez possamos supor que o que chamamos de "enlaçamento" ou "captura" [*Bindung*] da energia que flui para o

aparelho psíquico consista em uma passagem do estado de fluxo livre para o estado de repouso.

Creio que podemos então tentar conceber a neurose traumática comum como a conseqüência de uma extensa ruptura do escudo protetor. Com isso, estaríamos aparentemente valorizando a velha e ingênua teoria do choque, em oposição a uma teoria posterior e de maiores pretensões psicológicas, para a qual a importância etiológica não se deve à ação da violenta força mecânica, mas ao susto [*Schreck*] e à ameaça à vida. No entanto, essas duas vias opostas não são inconciliáveis, e tampouco a concepção psicanalítica da neurose traumática é idêntica à forma mais grosseira da teoria do choque. Enquanto esta última teoria concebe o choque como uma lesão direta da estrutura molecular ou mesmo da estrutura histológica dos elementos nervosos, nós procuramos compreender a ação do choque no aparelho psíquico a partir da ruptura do escudo protetor e de todas as conseqüências que daí resultam. É por isso que o susto [*Schreck*] também tem sua importância para nós, pois o que o caracteriza é a ausência de prontidão para o medo[SE.70] [*Angstbereitschaft*]; tal prontidão implicaria a existência de um sobreinvestimento de camadas de energia depositado nos sistemas que receberão antes dos outros os afluxos de estímulos. Entretanto, devido ao seu investimento mais baixo, esses sistemas não estão em condições de capturar e enlaçar [*binden*] os afluxos de excitação. Portanto, as conseqüências da violação do escudo protetor instalam-se nesses sistemas muito mais facilmente. Assim, constatamos que a prontidão para o medo [*Angstbereitschaft*] e o sobreinvestimento dos sistemas receptores constituem a última linha de defesa do escudo protetor. Podemos então supor que para um grande número de traumas o fator decisivo para a resolução talvez resida no fato de alguns sistemas não estarem preparados para enfrentar o medo, ao passo que outros — devido ao estoque de sobreinvestimento de cargas de energia — já estão preparados. Entretanto, é claro que, a partir de certa intensidade do trauma, essa diferença tanto faz. Voltemos agora aos sonhos nas neuroses traumáticas. Se esses sonhos com tanta freqüência remetem os doentes de volta à situação do acidente, podemos dizer que seguramente não estão a

serviço da realização de desejo. Por outro lado, sabemos que a função dos sonhos sob o domínio do princípio de prazer é a realização alucinatória do desejo. Cabe então supor que esse tipo de sonho talvez se preste a outra tarefa que deve anteceder o início da soberania do princípio de prazer. De fato, acreditamos que esses sonhos buscam resgatar a capacidade do aparelho de processar os estímulos que afluem quando do desencadeamento do medo [*Angstentwicklung*][T.71] — processamento cuja ausência no passado foi causa da neurose traumática. Dessa maneira, eles nos mostram uma função do aparelho psíquico que, sem estar em contradição com o princípio de prazer, ocorre de modo independente deste e provavelmente é anterior ao propósito de obter prazer e evitar o desprazer.

Assim, chegou o momento de admitir pela primeira vez uma exceção à nossa afirmação de que todo sonho é uma realização de desejo. Antes, porém, é preciso lembrar, como já mostrei repetidas vezes, e em detalhes, que nem os sonhos de medo [*Angstträume*] nem os "sonhos de punição" [*Strafträume*] constituem exceções, pois estes últimos apenas substituem a realização proibida de um desejo pelo castigo correspondente. Em ambos os casos, portanto, trata-se da realização do desejo da consciência de culpa [*Schuldbewusstseins*], a qual está reagindo contra uma pulsão moralmente repudiada.[F.72] Entretanto, os já mencionados sonhos da neurose traumática, assim como os sonhos que durante as análises trazem de volta a recordação dos traumas psíquicos da infância, não podem mais ser definidos do ponto de vista da realização de desejo. Esses dois tipos de sonhos obedecem muito mais à compulsão à repetição [*Wiederholungszwang*], que durante a análise é reforçada pelo desejo — que nós estimulamos por meio da "sugestão" em sessões — de fazer ressurgir aquilo que foi esquecido e recalcado.[SE.73] Portanto, diremos que a função original do sonho não é afastar as causas que poderiam interromper o sono, ou seja, não é evitar que sonhemos com a realização de desejos derivados de moções pulsionais muito perturbadoras. O sonho só poderia assumir essa função depois que o conjunto da vida psíquica tivesse incorporado [*angenommen*][T.74] o domínio do princípio de

prazer. Mas, se existir um “além do princípio de prazer”, deduz-se que logicamente também devemos supor que exista um período anterior a essa tendência de realização de desejos. Assim, não haveria contradição com a função posteriormente adquirida de proteger o sono. Mas, nos casos em que essa tendência sofre uma ruptura, surge uma nova questão: não seria possível encontrar, mesmo fora do contexto da análise, sonhos que — operando a favor de uma captura e fixação [*Bindung*][T.75] psíquica das impressões traumáticas — obedeceriam à compulsão à repetição? A resposta só pode ser afirmativa.

Expressei em outro trabalho a idéia de que as “neuroses de guerra” — na medida em que esse termo denote mais do que uma referência às circunstâncias que causaram o sofrimento — poderiam muito bem ser neuroses traumáticas que foram propiciadas por um conflito do Eu.[F.76] Mencionei à p. 139 o fato de que a chance de contrair uma neurose é reduzida quando o trauma é acompanhado por um grave ferimento físico. Esse fato torna-se compreensível se levarmos em conta dois aspectos muito enfatizados pela investigação psicanalítica. Primeiro, que os abalos mecânicos figuram entre as possíveis fontes de excitação sexual (cf. as observações sobre o efeito do balanço e das viagens de trem nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, 1905*d*);[SE.77] segundo, que as afecções dolorosas e febris, enquanto duram, exercem uma influência poderosa sobre a distribuição e alocação da libido do doente. Assim, a força [*Gewalt*][T.78] mecânica do trauma liberaria o *quantum* de excitação sexual que, em razão da falta de preparação para o medo [*Angstvorbereitung*], produziria um efeito traumático. Um ferimento físico que ocorresse simultaneamente teria a capacidade de mobilizar uma camada de sobreinvestimento narcísico sobre o órgão em sofrimento, utilizando a energia desse sobreinvestimento para capturar [*binden*] o excesso de excitação (cf. “À Guisa de Introdução ao Narcisismo” [(1914*c*), EPSI, vol. 1, p. 103]). Sabe-se também — embora a teoria da libido não o tenha valorizado suficientemente — que perturbações graves na distribuição da libido, como ocorrem, por exemplo, nos casos de melancolia, cessam temporariamente quando aparece uma

enfermidade orgânica intercorrente. O mesmo também acontece até numa *Dementia praecox* já desenvolvida, a qual, quando sobrevém uma doença orgânica, pode sofrer em algum grau uma reversão passageira.

■ V

A camada cortical receptora de estímulos não possui uma proteção capaz de resguardá-la contra os afluxos de excitações oriundas do interior do organismo. Portanto, necessariamente, essas transmissões de estímulos internos acabarão por assumir o papel de importância econômica maior; aliás, adquirirão uma magnitude econômica tão considerável que muitas vezes acarretarão perturbações econômicas apenas comparáveis às encontradas nas neuroses traumáticas. Quanto às fontes da excitação de origem interna, as principais e mais abundantes são constituídas pelas chamadas pulsões [*Triebe*][T.79] do organismo. Elas são as representantes [*Repräsentanten*][T.80] de todas as ações das forças que brotam no interior do corpo e que são transmitidas para o aparelho psíquico. Entretanto, as pulsões são o mais importante e também o mais obscuro objeto da investigação psicológica.

Talvez não seja muito ousado darmos agora mais um passo e supormos que os impulsos [*Regungen*] provenientes das pulsões não passam pelo tipo de processo nervoso que trabalha com energia fixada e presa [*gebundenen*], mas, ao contrário, que entram nos processos que operam com energia livre e móvel. Esse tipo de processo exerce pressão visando a um escoamento [*Abfuhr*], e a fonte de informações mais confiável sobre ele tem sido nosso estudo a respeito do trabalho dos sonhos. Descobrimos que os processos que ocorrem nos sistemas inconscientes são radicamente diferentes daqueles que acontecem nos sistemas (pré-)conscientes. No sistema inconsciente, as cargas de investimento podem ser facilmente transmitidas, deslocadas e condensadas de modo integral. Se o mesmo ocorresse com material pré-consciente, obviamente apareceriam resultados assaz defeituosos; isto explica por que, após os restos diurnos pré-conscientes passarem por um trabalho de processamento psíquico [*Bearbeitung*][T.81] que segue as leis do inconsciente, eles resultam nas estranhas e peculiares manifestações que observamos corriqueiramente nos sonhos manifestos. Chamei de “processo psíquico primário” esse gênero de processo que se encontra em ação no inconsciente, para distingui-lo do processo psíquico

secundário, que vigora em nossa vida normal de vigília. Como todas as moções pulsionais [*Triebregungen*] iniciam seu trabalho nos sistemas inconscientes, não seria nenhuma novidade dizer que elas obedecem ao processo primário; tampouco seria necessário fazermos um grande esforço para identificar o processo psíquico primário com as cargas de investimento livremente móveis e o processo secundário com as modificações que se produzem nas cargas de investimento presas [*gebundenen*] ou tônicas de Breuer.[F.82] Portanto, a tarefa das camadas superiores do aparelho psíquico seria justamente enlaçar e atar [*binden*] a excitação das pulsões que chegam ao processo primário. No caso de fracasso desse enlaçamento [*Bindung*], provocar-se-ia uma perturbação análoga à da neurose traumática. Só depois de ter havido um enlaçamento [*Bindung*] bem-sucedido é que poder-se-ia se estabelecer o domínio irrestrito do princípio de prazer (e de sua modificação em princípio de realidade). Enquanto isso não acontece, a tarefa do aparelho psíquico de processar [*bewältigen*[T.83]] ou enlaçar [*binden*] a excitação teria prioridade, não em oposição ao princípio de prazer, mas operando independentemente dele e, em parte, sem levá-lo em consideração.

As manifestações da compulsão à repetição [*Wiederholungszwanges*] que descrevemos como típicas das primeiras atividades da vida psíquica infantil e do curso dos tratamentos psicanalíticos, não só exibem um caráter altamente pulsional [*triebhaft*], como também — quando se opõem ao princípio de prazer — apresentam até mesmo um caráter demoníaco. No caso da brincadeira infantil, pensamos ter entendido que a criança repete a vivência, mesmo que desagradável, buscando adquirir uma maestria no controle [*Bewältigung*] da forte impressão deixada pelo episódio, algo mais difícil de a criança obter se apenas observasse o acontecimento de forma meramente passiva. Cada nova repetição da brincadeira parece aprimorar essa habilidade tão almejada, e mesmo quando se trata de vivências prazerosas, a criança não se cansa de refazê-las insistentemente para que a repetição seja idêntica à impressão deixada pela vivência original. Esse traço do caráter infantil está fadado a desaparecer mais tarde. Uma piada ouvida pela segunda vez pelo adulto não terá mais nenhum efeito;

uma apresentação teatral jamais chegará a produzir pela segunda vez a impressão que causou na primeira, e será difícil persuadir um adulto a reler em seguida o mesmo livro, ainda que o tenha apreciado muito. Para o adulto, a novidade será sempre a condição para a fruição [*Genuss*].[T.84] A criança, ao contrário, não se cansa de pedir ao adulto que repita com ela uma brincadeira que este lhe tenha ensinado, ou que tenham feito juntos, até o ponto em que o adulto, esgotado, se recuse a continuar. A criança prefere ouvir sempre a mesma bela história que lhe foi contada, em vez de uma nova, e essa repetição precisa ser idêntica, qualquer modificação feita pelo narrador será corrigida, mesmo que a modificação vise a agradar à criança.[SE.85] Nenhum desses fatos contradiz o princípio de prazer, pois fica evidente que a repetição, no sentido de reencontrar a identidade, constitui por si mesma uma fonte de prazer. Já no caso dos analisandos, fica claro que a compulsão a repetir na transferência os acontecimentos do período infantil de sua vida se sobrepõe ao princípio de prazer em *todos* os sentidos. O doente, nesse caso, age de maneira completamente infantil e assim nos revela que os traços recalcados das lembranças de suas primeiras experiências psíquicas não estão disponíveis em estado de enlaçamento e fixados [*gebundenen*]; assim, até certo ponto, esses traços estão incapacitados a operar no processo secundário. É também graças a essa ausência de enlaçamento que os traços de lembranças arcaicas têm a capacidade de aderir aos restos diurnos e formar uma fantasia de desejo a ser representada no sonho. Aliás, essa mesma compulsão à repetição sempre surgirá como um obstáculo terapêutico ao final do tratamento, justamente quando queremos conseguir que o paciente se desligue por completo do médico. De igual modo podemos supor que o medo vago e obscuro que as pessoas não familiarizadas com a análise sentem diante da perspectiva de um tratamento psicanalítico, seu temor de despertar algo que, em sua opinião, deveria permanecer em estado dormente, na realidade são manifestações do medo da emergência dessa compulsão [*Zwanges*] demoníaca.

Mas, então, qual é a natureza da relação entre o que é pulsional e a compulsão a repetir [*Zwang zur Wiederholung*]? Nesta altura, talvez estejamos na pista certa para encontrar uma característica

universal das pulsões — ou até mesmo da vida orgânica em geral — a qual creio que até hoje ainda não foi claramente reconhecida ou pelo menos não devidamente destacada.[SE.86] *Uma pulsão seria, portanto, uma força impelente [Drang][T.87] interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior* que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas. Trata-se, portanto, de uma espécie de elasticidade orgânica, ou, se preferirmos, da manifestação da inércia na vida orgânica.[F.88]

Esta concepção de pulsão pode causar algum estranhamento, pois estamos habituados a ver a pulsão como o fator que impele à mudança e ao desenvolvimento, enquanto agora temos de reconhecer nela justamente o contrário: a manifestação da natureza *conservadora* do ser vivo. Contudo, logo nos lembramos de que os exemplos encontrados na vida animal parecem confirmar que as pulsões sofrem contingências históricas. Há certos peixes que, na época da desova, empreendem difíceis migrações para depositar seus ovos em águas muito distantes de seu ambiente natural. Segundo os biólogos, eles apenas estão à procura de moradas anteriores que sua espécie, com o passar do tempo, trocou por outras. A mesma explicação valeria para as aves migratórias. Entretanto, encontramos provas ainda mais impressionantes da compulsão orgânica à repetição nos fenômenos da hereditariedade e nos fatos da embriologia. Vemos, por exemplo, como o desenvolvimento do embrião de um animal, em vez de tomar o caminho mais curto para se desenvolver em direção à sua forma definitiva, repassa obrigatoriamente o desenvolvimento — ainda que de forma ligeiramente abreviada — de cada uma das estruturas das quais o animal descende. Penso que as explicações que tentam descrever essa forma de desenvolvimento somente a partir dos fenômenos mecânicos são pouco elucidativas e que devemos considerar também a explicação histórica. Acrescente-se ainda a favor de nossa hipótese que encontraremos nas mais elevadas classes do reino animal um poder de reprodução até mesmo capaz de reconstituir um órgão perdido — por meio da formação de um novo órgão semelhante ao anterior.

Claro que não podemos nos furtar a responder à razoável objeção de que, além das pulsões conservadoras que compelem à repetição, haja outras pulsões que atuam de forma oposta e pressionam para a produção de novas formações e impelem ao progresso, mas só mais adiante essa objeção será incorporada em nossas considerações.[T.89] Antes, cederemos ainda à tentação de seguir mais um pouco e levar às últimas conseqüências nossa suposição de que todas as pulsões visam a restabelecer um estado anterior. Embora o resultado de nossas tentativas possa parecer algo com um "sentido profundo" ou mesmo soar como uma idéia mística, essas críticas não nos atingem, pois não é isso que buscamos; ao contrário, queremos que os resultados de nossas pesquisas e as hipóteses baseadas nesses resultados sejam objetivos, portanto, nosso desejo é que tenham o caráter de certeza.[F.90]

Retornemos, pois, à nossa suposição anterior: se todas as pulsões orgânicas são conservadoras, foram historicamente adquiridas e direcionam-se à regressão e ao restabelecimento de um estado anterior, então é preciso pensar que a evolução orgânica se deve à ação de forças externas perturbadoras e desviantes. Afinal, mantidas as mesmas condições ambientais, os seres vivos mais elementares não teriam querido mudar, e desde o início suas vidas estariam sempre repetindo o mesmo percurso. Assim, poderíamos supor que, em última instância, foram a história da evolução da Terra e sua relação com o Sol que efetivamente devem ter deixado suas marcas no desenvolvimento dos organismos. Portanto, as pulsões orgânicas conservadoras teriam assimilado cada uma dessas modificações impostas no percurso de vida dos organismos e as preservado para a repetição. É por isso que elas nos dão a enganosa impressão de serem forças que anseiam por mudança e progresso, quando, na verdade, continuam a buscar seu antigo objetivo, e para tal seguem tanto por caminhos antigos quanto por novos desvios. Não é difícil apontar o objetivo final dessa tendência orgânica. Se o objetivo da vida fosse chegar a um estado nunca alcançado anteriormente, isso estaria em frontal contradição com a natureza conservadora das pulsões. Portanto, esse objetivo deve ser muito mais o de alcançar um estado antigo, um estado

inicial, o qual algum dia o ser vivo deixou para trás e ao qual deseja retornar mesmo tendo de passar por todos desvios tortuosos do desenvolvimento. Se pudermos admitir como um fato sem exceção que todo ser vivo morre, ou seja, retorna ao estado inorgânico devido a razões *internas*, então podemos dizer que: *O objetivo de toda vida é a morte*, e remontando ao passado: *O inanimado já existia antes do vivo*.

Em um certo momento, as propriedades da vida devem ter sido despertadas na matéria inanimada por uma ação de forças que ainda não conseguimos imaginar. Pode ter sido um processo semelhante àquele que posteriormente fez surgir em uma determinada camada da matéria viva o que denominamos consciência. A tensão que foi gerada na substância até então inanimada buscava por todos os meios distensionar-se e desmanchar-se, e assim nasceu a primeira pulsão, a pulsão de retornar ao estado inanimado. Para essa substância viva, morrer ainda era fácil, pois a morte era provavelmente apenas um curto caminho de vida a ser percorrido e cuja direção já estava predeterminada pela estrutura química dessa jovem substância. Durante um longo período, a substância viva deve ter incessantemente brotado e morrido com facilidade, até o dia em que circunstâncias e forças externas determinantes se modificaram a tal ponto que a substância ainda sobrevivente teve de fazer desvios cada vez maiores no seu curso de vida original e percorrer caminhos cada vez mais complicados para poder alcançar o objetivo final de morrer. Esses desvios mais longos para chegar à morte foram preservados fielmente pelas pulsões conservadoras e nos permitem hoje visualizar o quadro geral de como a vida se manifesta. Portanto, se mantivermos nossa hipótese sobre a natureza exclusivamente conservadora das pulsões, necessariamente teremos de chegar a estas suposições sobre a origem e o objetivo da vida.

Abordemos agora os grandes grupos de pulsões que antes havíamos postulado estar por trás das manifestações vitais dos organismos. À luz de nossa nova hipótese sobre a pulsão de morte, veremos que o papel dessas pulsões causará certo estranhamento. Afinal, ao postularmos para todo ser vivo a existência das pulsões

de autoconservação, colocamo-nos em flagrante oposição ao pressuposto de que o conjunto da vida pulsional visa a conduzir à morte. À luz dessa hipótese sobre a morte, desaparece a importância teórica tanto das pulsões de autoconservação como das pulsões de apoderamento e de auto-afirmação. Diremos então que todas elas são apenas pulsões parciais, cuja função é assegurar ao organismo seu próprio caminho para a morte e afastá-lo de qualquer possibilidade — que não seja imanente a ele mesmo — de retornar ao inorgânico. Com essa redefinição das pulsões, também passa a ser explicável a enigmática ânsia de auto-afirmação do organismo, a qual parecia desafiar a própria pulsão de morte e que não conseguíamos inserir em nenhum contexto. Deriva-se também daí que o organismo não queira morrer por outras causas que suas próprias leis internas. Ele quer morrer à sua maneira, e, assim, também essas pulsões que preservam a vida na verdade foram originalmente serviçais da morte. Daí o paradoxo de que o organismo vivo lute tão energicamente contra as forças (os perigos) que poderiam ajudá-lo a alcançar por um atalho bem mais curto seu objetivo vital de morrer (por assim dizer, um curto-circuito). Na verdade, o que ocorre é que o comportamento de buscar a morte a seu próprio modo é algo de cunho puramente pulsional e por isso está em oposição a uma ação inteligente.[SE.91]

Mas, se pensarmos bem, isto não pode ser assim! As pulsões sexuais — às quais a teoria das neuroses atribuiu um lugar de importância especial — se nos apresentam de um modo bem diferente. Nem todos os organismos estão constrangidos a um constante desenvolvimento por meio de uma coação exterior. Muitos conseguiram conservar-se em seu estágio mais primitivo até nossos dias, e ainda hoje encontramos muitas formas de vida que nos lembram os primeiros estágios de desenvolvimento de animais e vegetais mais complexos. Da mesma forma, nem todos os organismos elementares — que fazem parte da estrutura complexa do corpo das formas superiores de vida — perfazem inteiramente o curso do desenvolvimento que conduz à morte natural. Alguns dentre eles, as células germinativas, provavelmente conservam a estrutura original da substância viva e, depois de algum tempo, separam-se e afastam-se do conjunto do organismo levando

consigo todas as disposições e tendências pulsionais herdadas, bem como as adquiridas mais recentemente. E talvez sejam justamente essas duas propriedades que possibilitam a existência autônoma das células germinativas. Sob condições favoráveis, elas começam a se desenvolver, isto é, a repetir o esquema ao qual devem seu nascimento, de maneira que novamente uma parte de sua substância consegue completar seu desenvolvimento até o final, enquanto a outra parcela acaba formando um novo resto germinativo e recomeça o desenvolvimento a partir do início. É assim que essas células germinativas trabalham contra a morte da substância viva e conseguem assegurar o que para nós pareceria ser uma imortalidade em potencial. Mas, na verdade, talvez signifique apenas um prolongamento do caminho para a morte. Contudo, é importante também ressaltar o fato de que essa capacidade da célula germinativa só pode ser reforçada ou ativada se ela se fundir com outra célula que seja ao mesmo tempo semelhante e diferente dela.

Sigamos mais alguns passos adiante. Nós denominamos grupo das pulsões sexuais o conjunto de todas aquelas pulsões que zelam pelos destinos desses organismos elementares sobreviventes e que emanam do ser individual. São elas que cuidam para que esses organismos se mantenham em segurança quando estão à mercê dos estímulos do mundo externo; propiciam seu encontro com outras células germinativas, etc. Esse grupo de pulsões é tão conservador quanto as outras pulsões, pois visam à volta a estados arcaicos da substância viva; mas, de outro ponto de vista, elas são ainda mais conservadoras, já que se mostram particularmente resistentes às forças externas. Além disso, também são conservadoras em um sentido bem mais amplo, na medida em que preservam a vida por períodos mais longos.[F.92] São elas as verdadeiras pulsões de vida, elas trabalham contra as outras pulsões que têm por função conduzir à morte, o que mostra que entre esses dois grupos há uma oposição que, aliás, a teoria das neuroses já há muito tempo reconheceu como sendo muito significativa. É como se houvesse um ritmo alternante na vida dos organismos: um grupo de pulsões precipita-se à frente, a fim de alcançar o mais breve possível o objetivo final da vida; o outro

grupo, após chegar a um determinado trecho desse caminho, apressa-se a voltar para trás, a fim de retomar esse mesmo percurso a partir de um certo ponto e assim prolongar a duração do trajeto. Então, ainda que no início da vida não tenha existido uma sexualidade e tampouco a diferença entre sexos, é possível pensarmos que essas pulsões que posteriormente podemos designar como sexuais tenham entrado em ação desde o início, em vez de só terem começado seu trabalho contra as "pulsões do Eu" em um momento mais tardio.[F.93]

Voltemos agora pela primeira vez ao início para nos perguntarmos se de fato há fundamento para todas essas especulações. Será que podemos mesmo afirmar que, *excetuando-se as pulsões sexuais*,[SE.94] não existem pulsões além daquelas que querem restabelecer um estado anterior? Que não há outras que anseiam por um estado nunca antes alcançado? Responderei que não conheço no mundo orgânico nenhum exemplo consistente que contradiga a caracterização que fizemos das pulsões. Ainda que seja indiscutível que o desenvolvimento dos seres se dirija a um desenvolvimento progressivo, não foi possível comprovar a existência de uma pulsão universal que pressione nessa direção, nem no mundo animal, nem no vegetal. Muitas vezes é uma questão de ponto de vista afirmarmos que um estágio de desenvolvimento é superior a outro; a própria biologia nos ensina que o desenvolvimento progressivo de um determinado estágio evolutivo com freqüência se paga e se compensa com uma involução em outro. Também encontramos um bom número de seres vivos cujos primeiros estágios de desenvolvimento nos mostram, ao contrário, que sua evolução assumiu um caráter retroativo. Tanto o desenvolvimento progressivo como a involução poderiam ser conseqüências da adaptação à pressão das forças exteriores, e, em ambos os casos, o papel das pulsões poderia estar limitado apenas à função de assegurar que a modificação imposta seja incorporada e preservada a partir daí. Essas modificações são internalizadas e fixadas na forma de fontes internas de prazer.[F.95]

Talvez seja difícil para muitos de nós ter de renunciar à crença de que o ser humano possua uma pulsão que busca o constante

aperfeiçoamento e que possibilitou que chegássemos ao atual nível de produção intelectual e de sublimação ética, e mais: da qual se espera que propicie a transformação do ser humano em super-homem [*Übermenschen*].[T.96] No entanto, eu não acredito em uma pulsão interna dessa espécie e não acho possível preservar essa ilusão consoladora. Não me parece que o desenvolvimento do homem até o presente momento necessite de alguma explicação diferente da que foi atribuída ao desenvolvimento dos animais. A incansável necessidade de contínuo aperfeiçoamento que se observa em uma minoria de pessoas pode ser facilmente compreendida como conseqüência do recalque pulsional sobre o qual está edificado o que há de mais valioso na civilização humana. A pulsão recalcada jamais renuncia à sua completa satisfação, a qual consiste na repetição de uma experiência primária de satisfação. Todas as formações substitutivas ou reativas, bem como as sublimações, são insuficientes para remover sua tensão contínua. É da diferença entre o prazer efetivo obtido pela satisfação e o prazer esperado que surge o fator impelente [*treibende*][T.97] que não vai permitir ao organismo estacionar em nenhuma das situações estabelecidas, mas ao contrário, nas palavras do poeta, “indomado, sempre impele para adiante” (Mefistófeles em *Fausto*, I [Cena 4], *Gabinete de Estudo*). O caminho de volta em busca de uma satisfação profunda e completa está geralmente obstruído pelas resistências que os diversos recalques mantêm ativas. Então, não resta alternativa senão tomar a outra direção do desenvolvimento que ainda está livre, contudo, sem perspectivas de poder completar o processo ou alcançar a meta. Se observarmos os processos envolvidos na formação de uma fobia neurótica — que por sua vez não é mais do que uma tentativa de fuga diante da perspectiva de obter uma satisfação pulsional —, veremos que eles nos fornecem o modelo de como surgiu essa suposta “pulsão de atingir a completude”, tendência que, aliás, não podemos atribuir a todas as pessoas. As condições dinâmicas para seu desenvolvimento estão, na verdade, presentes em todos nós, mas parece que apenas em raros casos as condições econômicas favorecem esse fenômeno.

Gostaria de mencionar, ainda, que provavelmente o anseio de Eros em agregar a substância orgânica em unidades cada vez maiores talvez funcione como um substituto para essa suposta "pulsão de atingir a completude", cuja existência de fato não há como admitir. Assim, o anseio de Eros conjugado com os efeitos do recalque poderia explicar os fenômenos que se atribuem à "pulsão de atingir a completude".[SE.98]

■ VI

Até este momento, nossa conclusão é de que há uma forte oposição entre as “pulsões do Eu”, que impelem em direção à morte, e as pulsões sexuais, que impelem para a continuidade da vida; contudo, em diversos aspectos, esse resultado nos parece pouco satisfatório e a ele se acrescenta ainda mais uma dificuldade. Se, de acordo com a nossa hipótese, as pulsões do Eu originam-se de uma vivificação da matéria inanimada e visam a restaurar de novo o estado inanimado, então, em rigor, somente a essas pulsões poderíamos atribuir o caráter conservador — ou melhor, regressivo — que havíamos afirmado derivar de uma compulsão à repetição inerente a todas as pulsões. Entretanto, no que tange às pulsões sexuais, observa-se com clareza que elas reproduzem os estados primitivos dos seres vivos, e a meta que almejam alcançar por todos os meios é a fusão de duas células germinativas já diferenciadas entre si em determinados aspectos; porém, se essa união não ocorre, a célula germinativa morre, assim como todos os outros elementos do organismo multicelular. Portanto, somente sob a condição de que essa união ocorra é que a função sexual pode prolongar a vida e conferir-lhe a aparência da imortalidade. Ou seja, no tocante às pulsões sexuais, a dificuldade adicional reside na pergunta: qual poderia ser o evento importante, outrora ocorrido no curso do desenvolvimento da substância viva, que estaria agora sendo repetido por meio da reprodução sexuada ou por meio de sua fase preliminar, que no caso dos protistas é constituída pela cópula de dois indivíduos?[SE.99] Na verdade, não sabemos responder a esta questão, e por isso seria um grande alívio se toda a nossa construção conceitual se mostrasse por fim equivocada. Nesse caso, cairia então por terra a oposição entre pulsões do Eu (de morte[SE.100]) e pulsões sexuais (de vida), e, com isso, também a compulsão à repetição perderia a importância que lhe havíamos atribuído.

Voltemos então à hipótese que havíamos introduzido antes, mas agora com a expectativa de poder refutá-la com rigor. Havíamos baseado nossa série de argumentos na premissa de que todo ser vivo deveria morrer devido a determinadas causas internas.

Fizemos essa suposição de maneira despreocupada, porque num primeiro momento ela não nos parecia ser uma suposição. Simplesmente estamos acostumados a pensar dessa forma. Também nossos poetas pensam assim. É possível que tenhamos adotado essa crença porque nela encontramos consolo. Afinal, já que estamos condenados a morrer, e antes disso ainda sofreremos a perda de alguns de nossos entes mais queridos, é preferível estarmos submetidos a uma lei implacável da natureza, à poderosa 'Ανάγκη [necessidade], a estarmos submetidos a um acaso que poderia ser evitado. Contudo, é possível que mesmo a crença nessa determinação interna e natural para a morte seja mais uma das ilusões que inventamos para "suportar o fardo da existência".[SE.101] Se ainda levarmos em conta que, além disso, essa crença não esteve presente desde o início da humanidade — os povos primitivos não conhecem a concepção de "morte natural"; eles atribuem as mortes que ocorrem entre os membros da tribo à influência de um inimigo ou de um mau espírito —, fica claro que, antes de tomarmos nossa hipótese como verdadeira, seria adequado submetermos sua validade à ciência biológica.

Se assim o fizermos, iremos nos surpreender com o fato de que entre os biólogos não há quase nenhuma unanimidade a respeito da morte natural, enfim, que o conceito de morte lhes escapa das mãos. Do ponto de vista biológico, o fato de haver um determinado tempo médio de vida — ao menos no que diz respeito aos animais superiores — naturalmente pode ser invocado a favor da hipótese de que se morre devido a uma causalidade interna. Contudo, essa impressão logo se desfaz quando nos lembramos de que alguns animais de grande porte e certas árvores imensas atingem uma idade muito avançada, que, até agora, foi impossível à ciência estimar. A esta argumentação que dá ênfase a determinantes externos alinha-se a impressionante concepção de W. Fliess [1906], de que todas as manifestações da vida — e certamente também a morte dos organismos — obedecem a certos prazos determinados, o que indicaria haver uma dependência das duas substâncias vivas, uma masculina e a outra feminina, para com o ano solar. Contudo, quando observamos a facilidade e o grau com que diversas forças externas são capazes de modificar e influenciar a temporalidade dos

processos vitais pelos quais a vida se manifesta — em especial no mundo vegetal —, antecipando ou retardando tais processos vitais, fica clara a excessiva rigidez das fórmulas de Fliess, e no mínimo passamos a duvidar de que as leis por ele formuladas sejam as únicas a serem consideradas nesta discussão sobre a morte.

Neste sentido, uma contribuição que se reveste do maior interesse é a de A. Weismann, que em seus trabalhos (1882, 1884, 1892, etc.) tratou da questão da duração da vida e da morte dos organismos. Foi desse pesquisador que se originou a idéia de que a substância viva se divide em uma metade mortal e em uma imortal: a metade mortal é o corpo em sentido estrito, o soma, esta única metade é que estaria sujeita à morte natural, ao passo que as células germinativas são *potentia* imortais, na medida em que são capazes, sob condições favoráveis, de se desenvolver até se tornarem um novo indivíduo, ou, dito de outra maneira, de se revestirem de um novo soma.[SE.102]

O que nos fascina nessa concepção é a inesperada analogia com o nosso próprio ponto de vista, ao qual chegamos por caminhos tão diferentes. Weismann, que analisa a substância viva do ponto de vista morfológico, reconhece nela um componente submetido à morte, o soma, que é o corpo — subtraindo-se dele a substância que transmite os caracteres sexuais e hereditários —, e um componente imortal, que é precisamente esse plasma germinativo a serviço da conservação da espécie e da reprodução. Nós, por outro lado, não nos detivemos na morfologia da matéria viva, mas nas forças que nela atuam e, assim, fomos levados a distinguir duas espécies de pulsões: aquelas que visam a conduzir a vida à morte e aquelas que estão continuamente almejando e realizando a renovação da vida, as pulsões sexuais. Assim, esse nosso ponto de vista poderia ser entendido como um corolário dinâmico da teoria morfológica de Weismann.

Mas essa correspondência aparentemente tão significativa se desfaz tão logo descobrimos o modo como Weismann resolve o problema da morte. Na verdade, Weismann só faz valer a distinção entre o soma mortal e o plasma germinativo imortal no caso dos organismos pluricelulares. Nos animais unicelulares, indivíduo e

célula reprodutora seriam ainda uma só coisa.[SE.103] Portanto, ele declara que os organismos unicelulares seriam potencialmente imortais e que a morte teria surgido apenas entre os metazoários, os pluricelulares. Essa morte dos seres superiores seria uma morte natural, uma morte devida a causas internas, mas ela não se apoiaria em uma característica ancestral e inicial da substância viva[SE.104] e não poderia ser entendida como uma necessidade absoluta fundada sobre a natureza essencial da vida.[SE.105] A morte seria então muito mais um recurso funcional, uma manifestação da adaptação do organismo às condições externas de vida, até porque, a partir da diferenciação das células do corpo em soma e plasma germinativo, a duração ilimitada da vida individual ter-se-ia tornado um luxo totalmente dis-funcional. Com o aparecimento dessa diferenciação nos organismos pluricelulares, a morte ter-se-ia tornado possível e funcional. Desde então, o soma dos organismos superiores morreria por razões internas em determinados períodos, enquanto os protistas permaneceriam imortais. A reprodução, ao contrário, não teria sido introduzida apenas após o surgimento da morte, mas constituiria muito mais uma propriedade primordial da matéria viva, tanto quanto o crescimento do qual ela seria o prolongamento, e, assim, a vida ter-se-ia mantido contínua desde seu começo na Terra.[SE.106]

É fácil perceber que, ao atribuir aos organismos superiores uma morte natural, a teoria de Weismann ajuda muito pouco a nossa causa. Se de fato a morte for apenas uma aquisição tardia dos seres vivos, então não haveria mais lugar para pulsões de morte que remontassem ao surgimento da vida na Terra. Além disso, se fosse verdade que os organismos pluricelulares morrem por razões internas, não faria nenhuma diferença para a questão que nos ocupa se o motivo fosse devido às insuficiências em sua diferenciação ou às imperfeições de seu metabolismo. Devemos também reconhecer que certamente uma concepção como esta sobre a origem da morte é muito mais familiar ao modo de pensar das pessoas do que a nossa desconcertante hipótese sobre as “pulsões de morte”.

Entretanto, em minha opinião, as discussões de outros autores que se seguiram às formulações de Weismann não permitiram que se chegasse a resultado algum.[F.107] Alguns autores retornaram às idéias de Goethe (1883), que via a morte como conseqüência direta da reprodução. Por exemplo, Hartmann não caracteriza a morte a partir da constatação da existência de um "cadáver", isto é, de uma parte morta da substância viva, mas a define como a "conclusão do desenvolvimento individual". Nesse sentido, os protozoários também seriam mortais, pois nesse caso a morte sempre coincidiria com a reprodução; contudo, a morte estaria, por assim dizer, disfarçada na reprodução, na medida em que toda a substância do animal progenitor poderia ser transmitida diretamente à sua prole.[F.108]

Algum tempo depois, o interesse das pesquisas dirigiu-se a outro foco, e procurou-se demonstrar, a partir de experimentos, a alegada imortalidade da substância viva dos animais unicelulares. Woodruff, um pesquisador americano, cultivou um infusório ciliado, "um animalzinho-pantufa" que se reproduz dividindo-se em dois indivíduos, e isolou, a cada reprodução, um dos produtos dessa divisão colocando-o em água fresca. Acompanhou o experimento até interrompê-lo na 3.029ª geração. Observou que o descendente mais recente do primeiro animalzinho-pantufa estava tão vitalizado quanto seu antepassado e não apresentava nenhum sinal de envelhecimento ou de degeneração. Portanto, na medida da confiabilidade desses números, a imortalidade dos protistas parecia ser experimentalmente demonstrável.[F.109]

Outros pesquisadores chegaram a resultados bem diferentes. Maupas, Calkins e outros, ao contrário das constatações feitas por Woodruff, descobriram que esses mesmos infusórios se enfraqueciam depois de um certo número de divisões: diminuíam de tamanho, perdiam uma parte de sua organização e podiam até morrer se não recebessem outras influências renovadoras. Se fosse esse o caso, era provável que, após uma fase de envelhecimento, os protozoários morressem, da mesma forma que os animais superiores, o que estaria diretamente em contradição com as afirmações de Weismann, para quem a morte é uma aquisição tardia dos organismos vivos.

Do conjunto dessas investigações ressaltamos dois fatos que nos parecem oferecer um sólido ponto de apoio. Primeiro: se acaso dois desses animaizinhos, quando ainda não apresentam nenhuma alteração da idade, conseguem fundir-se entre si, “copular” — e depois se separar —, eles são poupados do envelhecimento, ou seja, tornam-se “rejuvenescidos”. Essa cópula é, sem dúvida, o precursor da reprodução sexuada dos seres superiores; mas ela ainda não tem nada a ver com a multiplicação, pois consiste unicamente na mistura das substâncias dos dois indivíduos (*Amphimixis* de Weismann). Contudo, a influência renovadora da cópula também pode ser substituída por outros agentes estimulantes, tais como determinadas alterações na composição do líquido nutritivo, aumento da temperatura ou a exposição da cultura a sacudidelas. Lembremo-nos aqui do famoso experimento de J. Loeb, que submeteu ovos de ouriço-do-mar a determinados estímulos químicos, provocando processos de divisão celular que normalmente só se produziriam depois da fecundação.[SE.110]

O segundo fato: é bem provável que os infusórios sejam conduzidos a uma morte natural pelo seu próprio processo vital, pois a contradição entre os resultados de Woodruff e os dos outros investigadores deve-se ao fato de Woodruff ter mergulhado cada nova geração em líquido nutritivo fresco. Quando ele deixava de fazê-lo, observava no curso das gerações sucessivas os mesmos sinais de envelhecimento constatados pelos outros pesquisadores. Ele concluiu que os animaizinhos eram prejudicados pelos produtos metabólicos que eles próprios eliminavam no líquido que os envolvia. Com isso, pôde demonstrar convincentemente que somente os produtos do *próprio* metabolismo provocavam esse efeito de levar à morte uma geração inteira. Pois os mesmos animaizinhos cresciam notavelmente se fossem colocados em uma solução saturada com dejetos de uma espécie animal de parentesco mais afastado e pereciam se colocados em seu próprio líquido nutritivo. Portanto, o infusório tem morte natural se é deixado por sua própria conta, isto é, em conseqüência de uma remoção imperfeita dos produtos de seu próprio metabolismo; mas podemos pensar que talvez todos os animais superiores morram, no fundo, justamente devido à mesma incapacidade.

Neste ponto, poderia então surgir a dúvida se foi útil para os nossos propósitos procurar no estudo dos protozoários a solução para o problema da morte natural. É possível que a organização primitiva desses organismos oculte importantes relações que morfologicamente só se expressam nos animais superiores. Entretanto, quando abandonamos o ponto de vista morfológico para adotar o ponto de vista dinâmico, torna-se completamente indiferente saber se podemos ou não demonstrar a morte natural dos protozoários. Afinal, neles, a substância cuja propriedade imortal só foi reconhecida mais tarde, ainda não havia se separado da substância mortal. Ou seja, as forças pulsionais que conduzem a vida para a morte também poderiam estar operando nos protozoários desde o início e seu efeito poderia estar tão encoberto pelas forças conservadoras da vida que seria muito difícil prová-lo diretamente. Além disso, pelo que sabemos, as observações dos biólogos permitem supor que mesmo entre os protistas existam processos internos que conduzem à morte. Mas, ainda que os protistas se provassem imortais no sentido de Weismann, sua afirmação de que a morte é uma aquisição tardia seria válida apenas no que tange ao sinais visíveis de morte, e não inviabilizaria nenhuma hipótese sobre os processos inerentes que pressionam para a morte. Portanto, nossa expectativa de que a biologia refutasse a existência das pulsões de morte não se realizou, e podemos continuar nos interrogando sobre a possibilidade da existência das pulsões de morte. Nisto tudo chama a nossa atenção a notável coincidência entre a distinção estabelecida por Weismann entre soma e plasma germinativo e a divisão que propomos entre as pulsões de morte e as pulsões de vida. Detenhamo-nos um pouco nesta concepção eminentemente dualista da vida pulsional. Segundo E. Hering, há duas espécies de processos opostos que se encontram constantemente em ação na substância viva: um construtivo ou assimilatório e o outro demolidor ou dissimilatório.[SE.111] Devemos ousar identificar nessas duas orientações dos processos vitais as nossas duas moções pulsionais, as pulsões de vida e as pulsões de morte? Mas há outra coisa que não podemos ignorar: sem percebermos, aportamos na filosofia de Schopenhauer, para quem a morte seria “o resultado propriamente

dito” da vida e, neste sentido, sua finalidade,[F.112] enquanto a pulsão sexual seria a encarnação da vontade de viver.

Todavia, sigamos adiante e tentemos corajosamente dar mais um passo. De maneira geral, a reunião de um grande número de células em uma associação vital — o caráter pluricelular dos organismos — é considerada um meio para prolongar a duração de sua vida. Nesta acepção, cada célula ajudaria a preservar a vida das outras, de modo que a comunidade celular poderia continuar a viver mesmo que algumas células individuais precisassem morrer. Sabemos também que a cópula, isto é, a fusão temporária de dois organismos unicelulares, os mantém vivos e os rejuvenesce. Sendo assim, poderíamos tentar transpor a teoria psicanalítica da libido para a interação entre as células. Imaginemos então que as pulsões de vida ou pulsões sexuais atuantes em cada célula tomam as outras células como objeto e, em parte, neutralizam suas pulsões de morte, isto é, neutralizam os processos que as pulsões de morte desencadeiam nessas células, logrando assim, mantê-las vivas. Enquanto isso, outras células, por sua vez, fazem o mesmo pelas primeiras. Entretanto, algumas outras células se sacrificam para exercer essa função libidinosa. Quanto às células germinativas, estas adotariam uma conduta absolutamente “narcísica”, para utilizar a expressão que empregamos na teoria da neurose ao descrevermos um indivíduo que retém sua libido no Eu e que não gasta nenhuma porção dela em investimentos objetais. As células germinativas precisam guardar para si mesmas uma reserva de sua libido — a atividade de suas pulsões de vida — para utilizá-la posteriormente em sua grandiosa atividade de construção. Nesse aspecto, talvez devêssemos designar também como narcísicas as células das formações malignas que destroem o organismo. Ora, a própria área da patologia está disposta a admitir que as células germinativas são congênitas e que possuem propriedades embrionárias.[SE.113] Assim, a libido de nossa teoria sexual coincidiria com o Eros dos poetas e dos filósofos que mantém unido tudo o que é vivo.

Neste ponto da discussão, oferece-se nos uma oportunidade para revisitarmos o lento desenvolvimento de nossa teoria da libido. Em

um primeiro momento, a análise das neuroses de transferência nos impôs a oposição entre “pulsões sexuais” dirigidas para o objeto e outras pulsões, que só conseguimos entender de maneira muito insatisfatória e que provisoriamente chamamos de “pulsões do Eu”.[SE.114] A prioridade era destacar entre elas as pulsões que servem à conservação do indivíduo. Quanto a outras diferenciações que caberia levar em conta, naquele momento não tínhamos condições de fazê-lo. Nada teria sido mais importante para fundar uma verdadeira psicologia do que uma compreensão aproximada da natureza comum a todas as pulsões e suas eventuais peculiaridades. Entretanto, em nenhum campo da psicologia tateava-se tanto no escuro. Cada um propunha tantas pulsões ou “pulsões básicas” quanto desejasse e as manipulava como o faziam na Grécia os antigos filósofos da natureza com seus quatro elementos: a água, a terra, o fogo e o ar. A psicanálise, que não tinha como trabalhar sem formular alguma hipótese inicial sobre as pulsões, ateve-se inicialmente à popular diferenciação das pulsões que responde pela fórmula emblemática de “fome e amor”. Ao fazê-lo, estávamos ao menos evitando enveredar por mais alguma definição arbitrária qualquer; ademais, essa distinção teve fôlego para nos servir por um bom tempo e permitiu um avanço significativo na análise das psiconeuroses. Claro que o conceito de “sexualidade” e, por conseqüência, o de pulsão sexual precisaram ser ampliados e acabaram incluindo muitos aspectos que não se limitam à função de reprodução. Entretanto, essa ampliação causou bastante alvoroço nos círculos mais austeros, respeitáveis ou simplesmente hipócritas.

O passo seguinte foi dado quando a psicanálise pôde aproximar-se do Eu psicológico. Este inicialmente só lhe era conhecido como instância recalcadora e censuradora e, além disso, capaz de formar estruturas protetoras e produzir formações reativas. É verdade que espíritos críticos e de visão ampla já haviam objetado, fazia muito tempo, contra o fato de o conceito de libido estar circunscrito à energia das pulsões sexuais direcionadas ao objeto. Entretanto, eles não conseguiam fundamentar suas críticas e tampouco lograram oferecer alternativas viáveis para uma utilização em análise. Avançando de modo bem mais lento e ponderado, a investigação

psicanalítica pôde constatar com que freqüência e regularidade a libido era retirada do objeto e dirigida ao Eu (introversão); e estudando as primeiras fases do desenvolvimento da libido infantil a psicanálise concluiu que o Eu constituía o verdadeiro e original reservatório da libido.[SE.115] Para chegar até o objeto, teria de partir desse reservatório. Assim, o Eu passou a fazer parte do nosso rol de objetos sexuais e logo se percebeu que era o principal desses objetos. Passamos então a chamar de narcísica[F.116] a libido que se alojava no Eu. É claro que essa libido narcísica era também a manifestação da potência das pulsões sexuais no sentido analítico, de modo que não havia como não identificá-la também com as "pulsões de autoconservação", que desde o início assumimos estarem presentes no ser vivo. Com isso, a primeira oposição que havíamos suposto existir entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais tornou-se uma hipótese insatisfatória. Reconheceu-se que uma parte das pulsões do Eu era de natureza libidinal, e provavelmente haveria também pulsões sexuais, além de outras, agindo no interior do Eu. Todavia, ainda assim justifica-se que mantenhamos nossa antiga formulação de que a psiconeurose essencialmente consiste em um conflito entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais. Para tal basta caracterizarmos de outra maneira a distinção entre os dois tipos de pulsão: se no início a distinção foi concebida como sendo de ordem qualitativa, devemos agora entendê-la como sendo uma diferenciação de natureza *tópica.* E é especificamente nas neuroses de transferência — nosso objeto de estudo preferencial na psicanálise — que podemos constatar o adoecimento como sendo o resultado de um conflito entre o Eu e o investimento libidinal de objeto.

Portanto, agora que ousamos dar esse passo, mais do que nunca se torna necessário acentuar o caráter libidinal das pulsões de autoconservação. É preciso identificar a pulsão sexual com Eros — que tudo preserva — e concluir que a libido narcísica do Eu nasce dos estoques de libido utilizados pelas células somáticas para aderirem umas às outras. Mas, por outro lado, se seguirmos esse caminho, veremos que de imediato se nos colocará a seguinte questão: se as pulsões de autoconservação também são de natureza libidinal, talvez não exista nenhuma outra pulsão que não

seja libidinal. Ou ao menos não conseguimos imaginar nenhuma outra. E concluiremos então que temos de dar razão aos críticos, que desde o início achavam que a psicanálise explicava *tudo* pela sexualidade, bem como concordaremos com os inovadores, como Jung, que não hesitaram em utilizar o termo *libido* no sentido de "força pulsional" em geral. Ou não é este o caso?

Admitamos que certamente não era nossa intenção chegar a este resultado. Afinal, havíamos partido de uma separação radical entre pulsões do Eu = pulsões de morte e as pulsões sexuais = pulsões de vida. E, além do mais estávamos prestes a incluir[SE.117] as pretensas pulsões de autoconservação do Eu entre as pulsões de morte, o que depois[SE.118] corrigimos e retiramos. Ademais, nossa concepção desde o início sempre foi *dualista*, e hoje, quando os termos opostos não são mais designados como pulsões do Eu e pulsões sexuais, mas como pulsões de vida e pulsões de morte, ela é ainda mais rigorosamente dualista do que antes. Já a teoria da libido de Jung é, ao contrário, monista, e, ao dar à sua força pulsional unitária o nome de libido, ele criou uma confusão que não deve nos afetar.[SE.119] De nossa parte, pressupomos que outras pulsões além das pulsões libidinais de autoconservação[SE.120] estejam em ação no Eu, e deveríamos, pois, ser capazes de apontá-las. Entretanto, lamentavelmente, a análise do Eu avançou muito pouco nestes anos, a ponto de ser realmente muito difícil demonstrar a existência dessas outras pulsões. É possível também que as pulsões libidinais do Eu estejam conectadas de uma maneira peculiar a essas outras pulsões do Eu ainda desconhecidas por nós.[SE.121] Devemos neste ponto acrescentar que, antes mesmo de termos chegado a uma compreensão clara do narcisismo, a psicanálise já fazia a suposição de que as "pulsões do Eu" atraíam para si componentes libidinais. Mas essas possibilidades são todas tão incertas que dificilmente serão levadas em conta pelos nossos opositores. Portanto, devemos admitir que permanece a incômoda questão de que até agora a psicanálise só nos tenha levado até o ponto de demonstrar a existência de pulsões libidinais [do Eu]. Mas, apesar disso, não queremos compartilhar a conclusão de que não existam outras pulsões.

Assim, dada a obscuridade que até hoje envolve a teoria das pulsões, não devemos descartar logo de início novas hipóteses, caso elas nos acenem com perspectivas de maiores esclarecimentos. Ora, nós havíamos partido da grande oposição entre pulsões de vida e pulsões de morte; entretanto, há uma segunda polaridade desse gênero que merece nossa atenção: trata-se do amor objetal, o qual nos revela a polaridade entre o amor (ternura) e o ódio (agressão). Penso que poderíamos avançar um bom trecho se ao menos conseguíssemos estabelecer uma relação entre essas duas polaridades e mostrar que uma deriva da outra! Tentemos, pois, esse caminho e lembremo-nos de que desde o início havíamos reconhecido a existência de um componente sádico na pulsão sexual[F.122] e sabíamos também que ele pode assumir a forma de perversão, tornar-se independente e dominar a totalidade do empenho [*Strebung*][T.123] sexual da pessoa. Encontramos esse mesmo sadismo emergindo também como pulsão parcial predominante em uma das organizações psíquicas que chamei de "pré-genitais". Mas a questão que se coloca então é como podemos derivar de Eros, cuja meta é conservar a vida, uma pulsão sádica que visa a prejudicar o objeto. Não seria sugestiva a idéia de que em verdade esse sadismo seria a pulsão de morte que a libido narcísica logrou afastar do Eu de modo que essa pulsão só consegue manifestar-se no objeto? Se fosse assim, poderíamos prosseguir supondo que essa pulsão de morte, agora na forma de sadismo, passaria então a servir à função sexual. Sabemos que na fase de organização oral da libido o apoderamento do objeto amoroso e o aniquilamento do objeto ainda coincidem. Posteriormente, a pulsão sádica se tornaria então autônoma e, por fim, na fase em que se instala o primado genital com a finalidade de reprodução, a pulsão sádica assumiria uma função que se faz necessária para a realização do ato sexual: enfrentar e lidar com [*bewältigen*] o objeto sexual. De fato, poderíamos dizer que foi o sadismo anteriormente expulso do Eu que indicou aos componentes libidinais da pulsão sexual o caminho em direção ao objeto. Só depois disso é que esses componentes poderiam seguir em direção ao objeto. Nos casos em que o sadismo original não foi mitigado ou

fusionado a outros elementos, veremos instaurar-se na vida amorosa a conhecida ambivalência amor-ódio.[SE.124]

Se fosse possível sustentarmos uma suposição como essa, teríamos cumprido a exigência de apresentar um exemplo de pulsão de morte, muito embora se trate de um exemplo de pulsão de morte deslocada. Contudo, uma concepção como esta é pouco apreensível, além de passar uma impressão francamente mística. Além disso, pode parecer que estamos forçando uma explicação para podermos nos safar de um grande embaraço a qualquer preço. Contudo, podemos dizer a nosso favor que de fato não há nada de novo nessa suposição, pois nós já a havíamos formulado antes, num momento em que não se cogitava um embaraço teórico semelhante. Naquela época, as observações clínicas nos impuseram a conclusão de que o masoquismo, que é uma pulsão parcial complementar do sadismo, devia ser entendido como um redirecionamento [*Rückwendung*] do sadismo contra o próprio Eu.[F.125] Mas, em princípio, o que aqui se apresenta como nova questão, isto é, o movimento da pulsão a partir do Eu em direção ao objeto, não é diferente domovimento da pulsão objetal em direção ao próprio Eu. O masoquismo, ou o redirecionamento da pulsão contra o próprio Eu, seria então, na realidade, um retorno [*Rückkehr*] a uma fase anterior dessa pulsão, ou seja, uma regressão [*Regression*]. Entretanto, em um ponto a formulação sobre o masoquismo que apresentamos àquela época deveria ser corrigida por se mostrar demasiado limitadora, ou seja, além do masoquismo secundário que retorna ao Eu, poderia também existir um masoquismo primário que emana do Eu, embora naquele momento eu tenha contestado essa possibilidade.[F.126]

Mas, voltemos às pulsões sexuais que conservam a vida. As experiências com os protistas já nos mostraram que a fusão e subseqüente separação de dois indivíduos, a cópula, isto é, uma fusão não seguida de uma divisão celular, produz sobre os dois indivíduos um efeito fortalecedor e rejuvenescedor. (Cf. atrás [nono parágrafo desta seção], Lipschütz [1914].) Nas gerações sucessivas, eles não apresentam nenhum sinal de degeneração e parecem conseguir resistir por mais tempo aos efeitos nocivos

produzidos pelo seu próprio metabolismo. Penso que esse fato serve de protótipo para o efeito produzido pela união sexuada. Mas a questão é como a fusão de duas células apenas levemente diferentes pode produzir essa renovação da vida. Uma resposta mais segura advém do experimento que substituiu a cópula dos protozoários pela ação de estímulos químicos ou mesmo mecânicos:[F.127] diremos que esse resultado se produz pelo acréscimo de novas quantidades de estímulos. Isto está em perfeita sintonia com a suposição de que por razões internas o processo vital do indivíduo leva a um nivelamento das tensões químicas, isto é, à morte, ao passo que a união com uma substância viva heterogênea aumenta essas tensões, introduz outras *diferenças vitais*, que depois precisam ser *exauridas através dos processos vitais.* Para que essa heterogeneidade seja operante, deve naturalmente haver um ou diversos níveis ótimos. Nesse sentido, um dos motivos mais fortes para acreditarmos na existência das pulsões de morte reside em nossa concepção de que a tendência dominante da vida psíquica, ou talvez da vida nervosa em geral, seja, tal como o expressa o princípio de prazer, o anseio [*Streben*] por reduzir, manter constante e suspender a tensão interna provocada por estímulos (o *princípio de Nirvana*, segundo uma expressão de Barbara Low [1920, 73]).[SE.128]

Entretanto, o que ainda nos incomoda é o fato de não podermos provar, justamente no caso da pulsão sexual, a existência de um caráter de compulsão à repetição [*Wiederholungszwang*]. Afinal, foi a compulsão à repetição que inicialmente nos incitou a seguir a pista das pulsões de morte. Embora não haja dúvida de que os processos de desenvolvimento embrionário sejam ricos em repetições desse gênero — a reprodução sexuada de duas células germinativas e todo o seu desenvolvimento subseqüente não são mais que repetições da origem da vida orgânica —, devemos admitir que o fator essencial ao qual as pulsões sexuais visam é a fusão de dois corpos celulares. É somente através da fusão que se garante a imortalidade da substância viva nos seres vivos superiores.

Em outras palavras: para sustentarmos nosso argumento, precisamos de mais informações sobre o surgimento da reprodução

sexuada e sobre a origem das pulsões sexuais em geral. Esta é uma tarefa diante da qual alguém não familiarizado com esta temática provavelmente recuaria, e mesmo os especialistas até o presente momento não lograram resolver esta questão. Diante disto, podemos apenas coligir de forma resumida os dados e as várias concepções que divergem sobre o tema e apresentar aqueles que parecem permitir alguma articulação com nossa argumentação.

Uma dessas concepções tira da reprodução seu charme de mistério e propõe considerá-la meramente parte do fenômeno de crescimento (multiplicação por divisão, proliferação, gemiparidade). Segundo essa linha, o surgimento da reprodução através de células germinativas sexualmente diferenciadas poderia ser concebido do modo objetivo e racional próprio ao pensamento darwinista: a vantagem da *Amphimixis*, que um dia se produziu pela cópula casual de dois protistas, foi mantida na evolução posterior e continuou a ser utilizada daí por diante.[F.129] O "sexo" então não seria muito antigo, e as pulsões extraordinariamente intensas que buscam promover a união sexual estariam apenas repetindo algo que aconteceu uma vez acidentalmente e que se consolidou desde então por trazer vantagens.

Aqui, mais uma vez, como no caso da morte,[SE.130] perguntamo-nos se no caso dos protistas devemos supor a existência de outras características além daquelas que eles exibem e se é correto admitir que certas forças e processos hoje visíveis apenas em seres vivos superiores tenham primeiro surgido nos protistas. Ora, a concepção de sexualidade que acabamos de mencionar serve muito pouco aos nossos propósitos. Podemos objetar que ela já pressupõe a existência de pulsões de vida agindo no ser vivo mais simples; pois, se assim não fosse, a cópula — que se opõe ao curso vital e dificulta a tarefa de levar a vida ao seu fim — não teria sido mantida e aperfeiçoada, mas evitada. Então, se não quisermos abandonar a hipótese sobre as pulsões de morte, teremos de associá-las já desde o início às pulsões de vida. Mas é preciso reconhecer que estamos trabalhando com uma equação de duas incógnitas. É tão pouco o que encontramos na ciência atual sobre a origem da sexualidade que podemos comparar esse problema com uma

escuridão, na qual não penetrou nem mesmo o raio de luz de uma hipótese. Entretanto, em outro campo bem diferente, encontraremos tal hipótese, porém ela é de uma natureza tão fantástica — talvez mais próxima de um mito do que de uma explicação científica — que não ousaria mencioná-la aqui se ela não satisfizesse precisamente a condição que tanto buscamos: ela permite derivar a pulsão *da necessidade de restabelecer um estado anterior*.

Estamos falando, naturalmente, da teoria que Platão desenvolve no Simpósio por intermédio de Aristófanes e que não só trata da origem da pulsão sexual, mas também de sua mais importante variação em relação ao objeto.[F.131]

"No início, nosso corpo não era formado como agora; era totalmente diferente. De início havia três sexos, não como agora, somente masculino e feminino, mas ainda um terceiro que unia ambos o sexo masculino-feminino (…)."[T.132] Porém, tudo nesses seres humanos era duplo, eles tinham, portanto, quatro mãos e quatro pés, dois rostos, dois órgãos genitais, etc. Então, Zeus decidiu dividir cada ser humano em duas partes, "como se cortam marmelos para fazer confeito (…). Estando agora o ser inteiro cortado em dois, a saudade impeliu [*trieb*] as duas metades a se juntarem: elas se abraçaram com as mãos, enlaçaram-se uma à outra no *desejo de fundir-se em um só ser* (…)".[F.133]

Devemos seguir a indicação do filósofo-poeta e ousar supor que a substância viva, ao ser vivificada, foi rompida em pequenas partículas que desde então anseiam por reunir-se novamente através das pulsões sexuais? E que essas pulsões, nas quais se prolonga a afinidade química da matéria inanimada, superaram lentamente, ao longo de todo o reino dos protistas, as dificuldades de um meio ambiente carregado de estímulos perigosos para a vida que se opõem a esse anseio? E que esse meio obrigou as pulsões a edificarem uma camada cortical protetora? E que essas partículas dispersas de substância viva atingiriam assim o estado multicelular para afinal transferir para as células germinativas a pulsão para a reunificação, que estas últimas contêm de forma altamente concentrada? Creio que é chegado o momento de interromper esta especulação.

Entretanto, penso que ainda cabe acrescentar algumas reflexões de ordem crítica. Poderiam me perguntar se, e em que medida, eu mesmo estou convencido das hipóteses desenvolvidas aqui. Minha resposta seria a de que nem estou convencido, nem peço aos outros que acreditem nelas. Para ser mais exato, eu diria que não sei até que ponto acredito nelas. Contudo, não vejo razão por que o fator afetivo da convicção deveria ser considerado aqui. Penso que é perfeitamente lícito que o ser humano persiga o fio da meada de alguma hipótese até onde quer que seja, ou por simples curiosidade científica, ou no papel de *advocatus diaboli*, que nem por isso vendeu a alma ao diabo. Não ignoro que o terceiro passo que assumi aqui a respeito da teoria das pulsões não pode pretender o mesmo grau de certeza que os dois anteriores, a saber, a ampliação da noção da sexualidade e a tese sobre o narcisismo. Essas inovações foram traduções diretas da observação para a teoria, e se nelas houver engano, ele está na medida do habitual nesses casos. Quando afirmamos o caráter *regressivo* das pulsões, sem dúvida nos apoiamos também em material observado, a saber, nos fatos que se reportam à compulsão à repetição. Mas é possível que eu tenha superestimado a sua importância. Em todo o caso, para desenvolver essa idéia foi preciso combinar sucessivas vezes o que é da ordem dos fatos com o que é puramente especulativo, processo que, portanto, nos afasta muito da observação. Sabemos que quanto mais se procede assim durante a construção de uma teoria, menos se pode confiar no resultado final, embora não se possa determinar exatamente seu grau de incerteza. Pode-se ter sorte ou cometer um erro vergonhoso. Não me fio muito na eficácia da intuição para trabalhos deste gênero; o que dela observei me pareceu ser mais a conseqüência de certa imparcialidade do intelecto. O problema é que raramente encontramos imparcialidade quando se trata das coisas últimas, isto é, dos maiores enigmas da ciência e da vida. Nesses casos, acredito que cada um de nós seja dominado por preferências internas profundamente arraigadas que imperceptivelmente dirigem e inspiram nossa especulação. Assim, havendo tão boas razões para a desconfiança, só nos resta adotar uma fria benevolência para com os resultados de nossos próprios esforços intelectuais. Mas vale dizer que essa autocrítica de modo

algum obriga a uma tolerância especial para com as opiniões divergentes. Temos o direito de impiedosamente rejeitar teorias cujos primeiros passos estejam em contradição com a análise dos fatos observados, mesmo sabendo que a correção daquelas que defendemos é apenas provisória. Quando se trata de avaliar nossas especulações sobre as pulsões de vida e de morte, pouco nos incomoda se encontramos tantos processos estranhos e difíceis de entender, tais como a expulsão de uma pulsão por outras ou seu redirecionamento do Eu para o objeto, etc. Isto se deve apenas ao fato de ser necessário trabalharmos com os termos científicos, isto é, com a linguagem figurada própria da psicologia (melhor dizendo, da psicologia profunda). Se não fosse assim, não poderíamos nem descrever os processos em questão e, na verdade, nem sequer os teríamos percebido. Se já pudéssemos substituir os termos psicológicos pelos termos fisiológicos ou químicos, talvez desaparecessem as falhas de nossa descrição. Na verdade, estes últimos também pertencem a uma linguagem figurada, mas esta nos é familiar há muito mais tempo e talvez também seja mais simples.

Entretanto, queremos deixar bem claro que a necessidade de fazer empréstimos da ciência biológica aumentou consideravelmente o grau de insegurança de nossa especulação. A biologia é, verdadeiramente, um reino de possibilidades ilimitadas, podemos esperar dela informações as mais surpreendentes, não há como adivinhar que respostas ela dará em algumas décadas às perguntas que hoje lhe colocamos. Talvez venham justamente aquelas respostas que implodem toda a nossa construção artificial de hipóteses. Mas, se existe essa possibilidade, então alguém poderia perguntar: qual é a finalidade de empreender trabalhos como os apresentados neste capítulo, e por que torná-los públicos? Bem, somente posso responder que algumas analogias, associações e relações me pareceram suficientemente dignas de consideração para achar que valia a pena correr o risco.[F.134]

■ VII

Se realmente o esforço por restabelecer um estado anterior for um caráter universal das pulsões, não devemos nos surpreender de que haja na vida psíquica tantos processos ocorrendo à revelia do princípio de prazer. Esse caráter universal seria transmitido a cada uma das pulsões parciais, que por sua vez buscariam retornar a um determinado estágio do curso evolutivo. Entretanto, se sabemos que esses fenômenos, sobre os quais o princípio de prazer ainda não logrou obter controle, não precisam estar necessariamente em oposição a ele, ainda falta determinarmos melhor qual seria a relação entre os processos pulsionais de repetição e a soberania do princípio de prazer.

Nós já havíamos constatado que uma das mais antigas e importantes funções do aparelho psíquico é a de “capturar e atar” [*binden*] as moções pulsionais que chegam a ele, de modo a poder substituir o processo primário que prevalece nessas moções pelo processo secundário e transformar a energia livre e móvel das cargas de investimento em energia que esteja predominantemente em estado de repouso (tônico). Durante essa transformação, ocorre um aumento de desprazer, o qual não é, e não pode ser, levado em conta pelo aparelho psíquico; contudo, isso não significa que o princípio de prazer seja suspenso nesses momentos. Ao contrário, essa transformação está muito mais a serviço do princípio de prazer; na verdade, a captura e enlaçamento [*Bindung*] das moções se constituem como um ato preparatório que introduz e assegura a soberania do princípio de prazer.

Diferenciemos agora mais nitidamente os conceitos de função e de tendência. Diremos então que o princípio de prazer é uma tendência que está a serviço de uma função, a de tornar o aparelho psíquico inteiramente livre da excitação, ou de manter a quantidade de excitação constante, ou, ainda, de mantê-la tão baixa quanto possível. Ainda não podemos nos decidir com segurança por nenhuma dessas três concepções, mas percebemos que a função assim definida participaria da aspiração mais universal de todo ser vivo de retornar ao estado de repouso original do mundo inorgânico. Também sabemos que o maior prazer que podemos atingir, o do ato

sexual, está ligado a uma extinção momentânea de uma excitação que havia sido intensificada ao máximo. Igualmente, já afirmamos acima que a captura e enlaçamento [*Bindung*] da moção pulsional é uma função preparatória que visa a providenciar a eliminação definitiva da excitação no fluxo do prazer durante o processo de escoamento [*Abfuhr*] dos estímulos acumulados.

Coloca-se então a questão de se as sensações de prazer e desprazer podem ser produzidas do mesmo modo tanto pelos processos de excitação capturados e enlaçados [*gebundenen*] quanto pelos não capturados e não enlaçados [*ungebundenen*]. Parece indubitável que os processos não capturados e não enlaçados [*ungebundenen*], ou seja, os processos primários, produzem sensações muito mais intensas em ambas as direções do que os que operam com energia capturada e enlaçada [*gebundenen*], aqueles do processo secundário. Os processos primários são os mais antigos — no início da vida psíquica não existem outros —, e podemos concluir que, se o princípio de prazer já não estivesse atuante neles, não poderia fazer-se presente nos processos posteriores. Assim, chegamos a uma conclusão que no fundo não é nada simples: o anseio por prazer manifesta-se com muito mais intensadade no início da vida psíquica do que posteriormente, mas, por não ter meios para evitar freqüentes interrupções, ele só ocorre de forma limitada. Em uma fase mais madura do desenvolvimento, quando a soberania do princípio de prazer já estiver muito mais assegurada, veremos, contudo, que o princípio de prazer, tal como as outras pulsões, não terá podido escapar de ser domado [*Bändigung*].[T.135] De qualquer maneira, aquilo que no processo de excitação determina as sensações de prazer e desprazer deve estar presente no processo secundário da mesma maneira que no processo primário.

Esse ponto que acabamos de abordar permitiria diversas novas linhas de investigação. Por exemplo, nossa consciência nos transmite, desde o interior, não apenas as sensações de prazer e desprazer, mas também as sensações de uma tensão peculiar que, por sua vez, pode ser prazerosa ou desprazerosa. Será que devemos diferenciar por meio dessas sensações os processos de energia capturada e enlaçada [*gebundenen*] daqueles de energia

não capturada [*ungebundenen*]? Ou devemos relacionar a sensação de tensão com uma magnitude absoluta ou, eventualmente, com a intensidade das cargas de investimento, enquanto deveríamos considerar que a série prazer-desprazer indicaria a modificação da magnitude das cargas de investimento em certa unidade de tempo? SE.136 Também seria uma questão interessante pensar no fato de que as pulsões de vida mobilizam muito mais nossa percepção interna — pois elas se apresentam como perturbadoras da tranqüilidade, trazendo contínuas tensões, cujo alívio é sentido como prazer —, enquanto as pulsões de morte parecem realizar seu trabalho de uma maneira bem mais discreta. O princípio de prazer parece, de fato, estar a serviço das pulsões de morte. Embora lhe caiba vigiar os estímulos [*Reize*] de origem externa — que são tomados como perigos pelos dois tipos de pulsões —, ele se volta particularmente para o perigo representado pelo aumento da quantidade de estímulos [*Reize*] procedentes de dentro, os quais visam a dificultar a tarefa da vida. Por sua vez, este tema também se articula com diversas outras questões às quais no momento não temos como responder. É preciso, contudo, que sejamos pacientes e aguardemos até que tenhamos outros recursos de investigação e que se abram novas oportunidades para prosseguirmos com outros estudos. Também é importante estarmos sempre preparados para abandonar um caminho que perseguimos por algum tempo, se este afinal não mais se mostrar adequado. Somente os crédulos, os que exigem da ciência um substituto para o catecismo abandonado, repreenderão o pesquisador por este desenvolver, ou mesmo reformular, seus pontos de vista. De resto, deixemos que um poeta (Rückert, nos *Macamas de Hariri*SE.137) nos console a respeito do lento avanço de nosso conhecimento científico:

"Aquilo a que não podemos chegar voando, temos de alcançar mancando.

……

A Escritura diz que: mancar não é pecado".

NOTAS

F: notas de Freud
***SE*:** notas da *Standard Edition*
T: notas do tradutor brasileiro

■ **SE.1** [Cf. Capítulo IV de “O Inconsciente” (1915*e*), acima, pp. 31 e seguintes.]

■ **T.2** *Lustprinzip*, “princípio de prazer”; *Lust-*, “prazer”; Sign.: tem dois sentidos interligados, um sensorial e o outro motivacional: 1) sensações prazerosas iniciais que ocorrem nos e a partir dos órgãos excitados; 2) disposição, vontade, pique, ânimo; Conot.: o termo tem conotação semelhante ao termo português “tesão”, que indica a excitação prazerosa anterior ao prazer de descarga ou gozo; além disso, quando desprovido de seu caráter sexual, o termo “tesão” pode ser utilizado tanto para referir-se ao prazer inicial como ao “pique” ou “ânimo” para fazer coisas; contudo, *Lust*, não tem a conotação chula de tesão. Obs. 1: Ambos os sentidos de *Lust* remetem semanticamente ao aumento de “carga excitatória, ao estado de excitação prazerosa, ao “pique” ou “vontade”; portanto, deste ponto de vista, o princípio de prazer seria um “princípio de vontade de obter excitação”, refere-se ao que ocorre no nascedouro das sensações e difere dos sentidos de “prazer” em português (descargas contínuas e eventualmente gozo). Obs. 2: O termo *Lust* é utilizado por Freud em conexão com o prazer do órgão, isto é, com algo que ocorre ao nível da excitação e intumescimento dos órgãos ligados às zonas erógenas e voltado ao auto-erotismo. Obs. 3: Raramente *Lust* se refere ao prazer no sentido de “fruição” ou “deleite” e menos ainda na acepção de “gozo”; no entanto, é nessa acepção de “deleite” e “gozo” que o termo é em geral conceptualizado por Freud. Ele mesmo em diversos textos aborda esse descompasso entre o sentido do termo em alemão e sua descrição psicodinâmica, por exemplo, nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* [*ESB*, vol. VII, p. 127]; ver também DCAF. Obs. 4: Ocasionalmente, *Lust* em alemão é sinônimo de *Trieb*, e o

próprio Freud por vezes mescla ambos, como no texto “Pulsões e Destinos da Pulsão” [EPSI, vol. I, p. 169, nota 47]. Obs. 5: Quanto ao termo -*Prinzip*, embora se traduza por “princípio”, também tem a acepção de “pulsão” quando empregado na escala das pulsões comuns a todos os seres viventes, como a pulsão de morte e o princípio de Nirvana ou princípio de inércia; ver mais a respeito no DCAF.

■ **T.3** *Gebunden*, “presa”, do verbo *binden*; Alt.: “ligado”; Sign.: “enlaçar”, “amarrar”, “prender”, “atar”. Obs. 1: O termo é geralmente traduzido na literatura psicanalítica brasileira por “ligado”, mas é importante lembrar que não tem a acepção de “interligado”, “vinculado” ou “interconectado” e não se trata de “vínculo”, na acepção de “relacionamento afetivo”, nem de “conexão lógica”, e tampouco significa “aceso” ou “ativado”. Obs. 2: A energia pulsional ou investimento pode enlaçar-se a uma função ou a uma imagem (representação); Freud emprega o termo em diversos contextos: para descrever aglomerados em que a energia pulsional está enlaçada ou “grudada” à finalidade pulsional, ao afeto e à imagem (representação); “enlaçados” formam uma unidade dotada de um sentido básico, bem como podem formar cadeias ou redes associativas, nas quais os elementos estão *gebunden* (amarrados entre si) e dotam de sentido mais complexo uma experiência. *Binden* também está envolvido no processo de fixação, por meio da repetição de experiências e do aumento de intensidade — aqui no texto, trata-se do antônimo [*ungebunden*], energia que flui livre, e não “aprisionada” a uma representação, e que, ao contrário, vai “ocupando” (investindo, preenchendo) diferentes representações; ver DCAF. [

■ **SE.4** [Este ponto será novamente mencionado na p. 181, adiante, e desenvolvido de forma mais exaustiva no artigo “O problema econômico do masoquismo” (1924*c*). Ver também a Seção 7 (“O problema da qualidade”), na Parte I do “Projeto” de 1895 (1950*a*).]

■ **SE.5** [Cf. o “Projeto” de 1895 (1950*a*), Parte I, fim da Seção 8 (“A Consciência”). — “Estética” tem aqui o sentido antigo de “relativo à sensação ou à percepção”.].

■ **SE.6** [O “princípio de constância” remonta ao início das pesquisas psicológicas de Freud. Compare os esclarecimentos nas notas editoriais de “Pulsões e Destinos da Pulsão” (1915*c*), ESPI, vol. I, p. 146, nota 10, e p. 148, nota 18. Ver também a Introdução do Editor a *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 17-8.]

■ **SE.7** [Cf. “Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico” (1919*b*), ESPI, vol. I, pp. 66 e segs.]

■ **T.8** *Unverträglich*, “intolerável”; Alt.: “incompatível”; Conot.: Algo insuportável, que não pode ser digerido, que a pessoa não agüenta, pois lhe faz muito mal. Obs.: Habitualmente o termo é traduzido por “incompatível”; contudo, mais do que uma incompatibilidade lógica ou real, trata-se de uma insuportabilidade visceral, aspecto importante quando se pensa nas reações defensivas e sua intensidade; ver DCAF.

■ **F.9** [*Nota acrescentada em 1925*:] O essencial é, sem dúvida, que prazer e desprazer estão ligados ao Eu como sensações conscientes. [Isto será mais especificamente elucidado no início do Capítulo II de *Inibição, Sintoma e Medo* (1926*d*), *Studienausgabe*, vol. 6, pp. 237-8.]

■ **T.10** *Andrängens*, “pressão interna”. Obs.: O prefixo *an-* neste caso designa algo “que se acumula junto a”, isto é, que se amontoa ao lado de algo e exerce pressão; ver nota 29 abaixo.

■ **F.11** Cf. *Para a Psicanálise das Neuroses de Guerra*. Contribuições de Ferenczi, Abraham, Simmel e E. Jones (1919) [para as quais Freud escreveu um Prefácio (1919*d*)]. [Cf. também seu artigo postumamente publicado “Relato sobre a Eletroterapia dos Neuróticos de Guerra” (1955*c* [1920]).]

■ **SE.12** [A palavra “plena” foi acrescentada em 1921.]

■ **SE.13** [Na primeira edição constava nesta passagem “*zustande kommen konnte*”, (“podia produzir-se”).]

■ **T.14** *Angst,* “medo”; Alt.: “angústia”, “ansiedade”; cf. “Comentários do Editor Brasileiro”, pp. 125-34.

■ **SE.15** [Freud está muito longe de ter feito sempre a distinção que traça aqui. Na maioria das vezes, ele utiliza a palavra "*Angst*" (medo) para designar um estado de receio [*furcht*] sem referência alguma ao futuro. Não é improvável que nessa passagem ele esteja começando a vislumbrar a distinção que faria em *Inibição, Sintoma e Medo* (1926*d*), entre o medo como reação a uma situação traumática — algo provavelmente equivalente ao que aqui se denomina "*Schreck*" (susto) — e o medo como sinal de advertência da proximidade de um acontecimento como esse. Ver também sua utilização da expressão "*Angstbereitschaft*" (prontidão para o medo) na p. 155, adiante.]

■ **SE.16** ["Sobre o Mecanismo Psíquico de Fenômenos Histéricos: Comunicação Preliminar" (1893*a*), final do Capítulo I. Cf. também a palestra de Freud com o mesmo título (1893*b*), *Studienausgabe*, vol. 6, pp. 20 e segs.]

■ **SE.17** [As últimas dez palavras desta frase foram acrescentadas em 1921. Ver ainda *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 525 e segs.]

■ **T.18** *Fort,* "foi-se"; Alt.: "desapareceu", "foi embora".

■ **T.19** *Fortsein,* "ter ido embora"; Alt.: "estar longe".

■ **T.20** *Da,* "aí"; Alt.: "está presente", "está aí", "está aqui".

■ **F.21** Esta interpretação foi totalmente confirmada por outra observação posterior. Um dia em que a mãe esteve ausente por muitas horas, foi saudada em seu retorno com as palavras: *Nenê o-o-o-o!,* que pareceram incompreensíveis de início. Logo ficou evidente que a criança, durante essa longa solidão, havia encontrado um meio de fazer desaparecer a si mesma. Descobriu sua imagem em um espelho que chegava quase até o chão e acocorava-se, para que sua imagem "desaparecesse". [A mesma cena — trata-se de um neto de Freud — foi descrita em *A Interpretação dos Sonhos*, *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 444-5, nota.]

■ **T.22** *Fortgehen,* "partida"; Alt.: "ir embora".

■ **T.23** *Bemächtigungstrieb,* "pulsão de apoderamento"; Alt.: "pulsão de domínio", "instinto de dominação".

■ **T.24** *Racheimpuls,* “impulso de vingança”. Obs.: *Impuls* aqui é utilizado de modo impreciso como sinônimo de *Trieb*; ver nota 79 abaixo.

■ **T.25** *Unterdrückt,* “reprimido”; Alt.: “suprimido”; Conot.: reprimir, sufocar. Obs. 1: Freqüentemente adotam-se em português os termos “suprimir” para designar *unterdrücken* e “recalque” ou “repressão” para referir-se a *Verdrängung*; preferimos reservar para *unterdrücken* o termo “reprimir”, pois há uma correspondência exata entre os dois termos; portanto, não empregamos o termo “supressão”. Obs. 2: No capítulo 7 de *A Interpretação dos Sonhos* (1900) [*ESB*, vol. V, p. 549, nota 2], Freud diferencia *Unterdrückung* (que aqui designamos como “repressão”) de *Verdrängung* (“recalque”). O primeiro refere-se ao esforço consciente de reprimir um sentimento que já está consciente e é inadmissível e intolerável (algo quase como “controlar-se”), e o segundo, ao processo pré-consciente de impedir o acesso desses sentimentos à consciência (processo do qual o sujeito não tem consciência); entretanto, em geral, como neste trecho, Freud também não diferencia ambos os termos, de modo que aqui *unterdrücken* parece estar sendo utilizado como sinônimo de *verdrängen*, mecanismo que, quando fracassa, gera os deslocamentos de hostilidade descritos; ver DCAF.

■ **F.26** Quando a criança tinha cinco anos e nove meses, morreu a mãe. Agora que ela tinha realmente “desaparecido” (*o-o-o*), o garotinho não mostrava nenhum luto por ela. É verdade que nesse intervalo havia nascido uma segunda criança, que lhe despertou o mais forte ciúme.

■ **T.27** *Regungen,* “impulsos”; Alt.: “moções”; Sign.: brotamento, movimento inicial de irrupção; *Triebregung* é uma “pulsão que acaba de brotar”. Obs. 1: As moções ou impulsos são manifestações da pulsão quando esta surge ainda pouco carregada (ainda não houve uma estase que a tornasse imperativa, tal como a fome), isto é, em um estado ainda de iniciativa; o termo “impulso” não denota aqui algo súbito, ocasional, mas uma corrente inicial e, portanto, pode ainda sofrer um recalque; ver DCAF.

■ **F.28** Compare — *Uma lembrança de infância* em “Poesia e Verdade” (1917*b*).

■ **T.29** *Drang,* “pressão”; Sign.: “ânsia”, “afã”, “ímpeto”, “intenso anseio”; eventualmente é sinônimo de pulsão (*Trieb*); Conot.: força que quer sair de dentro para fora; força impelente. Obs. 1: No idioma alemão, *Drang* (“ânsia”) expressa a passagem do somático ao psíquico, refere-se à percepção de uma pressão ou incômodo geralmente sufocante e somático e a um intenso anseio por imagens de alívio; afetivamente traz uma urgência ou ímpeto intenso. Obs. 2: No contexto freudiano, é considerado a “essência” da pulsão justamente por expressar a ligação entre o psíquico e o somático e promover a ação. Obs. 3: É a medida da exigência de trabalho efetivo que o somático cobra do psíquico, e só pela co-presença do pólo impelente (percepção de incômodo) e do pólo atrator (memória de imagens de alívio) a pulsão se tranforma em movimento (trabalho) e vai ao mundo em busca dos objetos primários de satisfação; por isso *Drang* é denominado fator dinâmico. Obs. 4: Freud combina o verbo *drängen*, “forçar passagem/empurrar”, com os prefixos *ver-*, *nach-*, *an-* ou *vor-* para descrever os movimentos de “empurrar forçando” na direção do consciente ou do inconsciente; o núcleo *dräng-* (o mesmo do termo “recalque” [*Verdrängen*]), utilizado no parágrafo seguinte, remete a algo que força ou empurra para longe tudo o que é insuportável, quer pertinente ao mundo externo, quer ao interno; esse movimento psíquico de afastamento forçado do que é incômodo é constantemente enfatizado por Freud ao longo de sua obra. Obs. 5: Mais adiante, no contexto da “compulsão à repetição”, na p. 160, Freud trata os termos *Drang*, *Zwang* e *Trieb* quase como equivalentes; ver nota 87 abaixo e DCAF.

■ **T.30** *Verarbeiten*, “processamento”; Alt.: “elaboração”; Sign.: “transformação”, “digestão”, “absorção”. Obs. 1: Trata-se de um termo de suma importância para o processo de alteração e transformação do material psíquico, pois permite a remoção, a drenagem ou a dissolução da grande quantidade de energia que forma uma estase e torna a representação intolerável. Portanto, para assenhorear-se de uma vivência, é preciso processar (quebrar,

recombinar, realocar) seus conteúdos representacionais, suas conexões e significações, de modo que a carga de investimento nela depositada possa ser realocada; ver DCAF.

■ **SE.31** [Esta observação se repete em "Sobre a Sexualidade Feminina" (1931*b*), *Studienausgabe*, vol. 5, p. 285.]

■ **T.32** *Nachahmungstriebes*, "pulsão de imitação"; Alt.: "instinto de imitação". Obs.: Era comum na psicologia da época atribuir a qualquer desejo ou comportamento uma "pulsão" determinada; a "pulsão de imitação" era uma das pulsões comumente invocadas.

■ **T.33** *Genuss,* "deleite"; Alt.: "fruição"; ver nota 2 acima.

■ **T.34** *Deutungskunst,* "arte de interpretação"; Alt.: "habilidade de interpretar". A respeito dos termos *Deutung* e *Kunst* alguns comentários se fazem necessários. Obs. 1: Em alemão *deuten* é apontar ou indicar sentidos encobertos ou não evidentes, isto é, significados que se escondem por trás; ao contrário de muitos pós-freudianos mais relativistas, Freud diferenciava "traduzir" [*übersetzen*] de "interpretar" [*deuten*]: a "*Übersetzung*" era uma atividade mais objetiva (como decodificar) e constituía-se na primeira fase do processo de entendimento, e a *Deutung*, a segunda fase, consistia em buscar por trás do aparente e já decodificado os sentidos possíveis, ou seja, em tentar entender o sentido das informações já traduzidas e decodificadas. Obs. 2: Quanto a *Kunst* [arte], tal qual em português, o termo não se refere necessariamente à arte na acepção estética, mas também pode significar simplesmente "habilidade", "jeito", "virtuosismo"; portanto, há uma arte no fazer. Obs. 3: Assim, é preciso tomar cuidado no entendimento de que a psicanálise seja uma arte como antípoda da ciência. O próprio Freud compara a psicanálise com a arte da cirurgia, a qual exige a habilidade, a prática e o talento para manusear instrumentos guiado por teorias observacionais e bem fundamentadas; o mesmo pode ser dito sobre a "interpretação", que para Freud não se trata de seguir um viés subjetivo e intuitivo, mas de "interpretar" na acepção de perscrutar o que se esconde por trás dos dados aparentemente sem sentido ou cujo sentido é superficial, utilizando-se para tal, conhecimento teórico e técnico e talento,

intuição e muita experiência pessoal; ver também os comentários críticos de Freud sobre a intuição na p. 179.

■ **SE.35** “Recordar, repetir e elaborar” (1914). [*Studienausgabe*, Volume Complementar, p. 207. No mesmo trabalho há uma referência à “Compulsão à Repetição”. (Ver também “Comentários Editoriais da Standard Edition”, pp. 115-17). O termo “neurose de transferência” na acepção especial em que é usado algumas linhas adiante, também já aparece no referido trabalho de 1914.]

■ **T.36** *Wiederholungszwang,* “compulsão à repetição”; Sign.: “coerção à repetição”, “imposição à repetição” ou “coação à repetição”; *Wiederholung-*, repetição; quanto ao termo *-zwang*, alguns comentários são necessários; Conot.: *Zwang* é algo que “impõe”, “obriga” ou “força” e é originário do exterior, como a “coação”, a “obrigatoriedade”, a “coerção”. Obs. 1: Devido às tradições da terminologia médica da época, o termo *Zwang*, que aliás também compõe a palavra *Zwangsneurose*, “neurose compulsiva” ou “neurose obsessiva”, foi traduzido preferencialmente por “obsessão” em inglês e por “compulsão” em francês, eventualmente também por “obsessão” em francês; entretanto, em português, os dois termos não correspondem ao sentido alemão de *Zwang*; pois a palavra “compulsão”, em português, remete a uma vontade irrefreável, e a palavra “obsessão” refere-se a uma idéia fixa e persecutória. Obs. 2: Em alemão o *Zwang* (“coerção”) ao qual o neurótico é submetido ressalta o conflito entre a vontade do neurótico e uma força avassaladora (*Zwang*) percebida como se fosse “externa” e “alheia” que se impõe ao sujeito; portanto, ambos os termos do português não ressaltam que o *Zwang* (“coerção”) ao qual o neurótico é submetido expressa o conflito entre o que ele imagina ser sua “vontade” e uma força avassaladora coercitiva (*Zwang*) percebida como se fosse [*fremd*] “externa” e “alheia” ao sujeito e na qual ele não se reconhece. Obs. 3: No caso do termo *Wiederholungszwang*, cabe também lembrar que *Zwang* é um dos eventuais sinônimos de *Trieb* (pulsão) e *Drang* (pressão) em dicionários da época (ver em DCAF). Em rigor, os três termos diferem entre si, já que *Drang* expressa preferencialmente uma força interna que quer se expressar e manifestar (ânsia, afã), *Zwang* uma

força externa que impele rumo a certa ação e *Trieb* uma força e motivação que coloca o sujeito em movimento; entretanto, conforme o contexto, os três termos podem se equivaler, como se comenta na nota 87. De certa forma, pode-se igualmente designar o *Wiederholungszwang* como *Wiederholungsdrang* ou *Wiederholungstrieb* contudo, obviamente Freud prefere utilizar o termo *Wiederholungszwang*, pois este expressa o aspecto contraditório que obriga o sujeito a repetir algo que afinal lhe traz sofrimento; portanto, não é bem um *Drang* (ânsia) nem bem um *Trieb* (ímpeto pulsional), mas algo que o próprio sujeito se vê obrigado a fazer, embora ele mesmo o estranhe (tal como ocorre na neurose compulsivo-obsessiva).

■ **T.37** *Abfuhr*, “escoamento”; Alt.: “descarga”, “remoção” ou “retirada”; Conot.: embora a tradução consolidada em português seja “descarga”, esta enfatiza a idéia de um movimento abrupto de “rajada” ou “disparo”, geralmente ausente do termo freudiano, que evoca algo como “conduzir”, “remover”, “reencaminhar para fora”, descrevendo um movimento processual. Obs. 1: Devido à diferença de conotação, preferiu-se empregar geralmente termos como “escoamento” e “remoção”. Obs. 2: Freud costuma distinguir dois tipos de “descarga” *Abfuhr,* uma obtida pela ação muscular e controlada pelo consciente e a outra pelo afloramento descontrolado do excesso de “carga de investimento” que formou uma estase (acúmulo) e irrompe na percepção consciente; sobretudo neste segundo caso trata-se geralmente de uma descarga abrupta que provoca reações motoras e somáticas, bem como ataques de medo. Obs. 3: Freud em geral também contrapõe a remoção interna (*innere Abfuhr*), ligada ao pensamento, à remoção externa (*äussere Abfuhr*), que é motora; neste trecho, o empenho do aparelho psíquico é o de obter um escoamento empregando as duas vias, o que normalmente reflete o processo cotidiano de escoamento. Obs. 4: Outros termos empregados por Freud como equivalentes a *Abfuhr* são: *entladen*, “descarregar” na acepção de “esvaziar”; *Ableitung*, “escoamento”; *Dränierung*, “drenagem”, ressaltando que há também um importante aspecto processual e gradual da *Abfuhr* na metapsicologia; ver DCAF.

■ **SE.38** [Cf. a análise deste assunto na “Introdução do Editor” a *O Eu e o Id* (1923*b*).]

■ **SE.39** [Esta afirmação é corrigida em uma nota de rodapé em *O Eu e o Id*.]

■ **SE.40** [Em sua forma atual, esta frase data de 1921. Na primeira edição (1920), consta: “Vieles am Ich mag selbst unbewusst sein; wahrscheinlich nur einen Teil davon decken wir mit dem Namen des *Vorbewussten.”* (“Grande parte do Eu deve ser em si mesma inconsciente; é provável que com o nome de *pré-consciente* cubramos apenas uma parte dele.”)]

■ **SE.41** [No Cap. XI de *Inibição, Sintoma e Medo*, *Studienausgabe,* vol. 6, p. 295, encontramos um exame mais detalhado e um pouco diferente sobre as fontes da resistência.]

■ **F.42** [Nota acrescentada em 1923:] Eu expliquei em outro trecho [1923*c*; *Studienausgabe*, Volume Complementar, pp. 264-7] que o “efeito da sugestão” inerente ao processo da cura é que vem aqui reforçar a compulsão à repetição, ou seja: a submissão ao médico, a qual por sua vez está profundamente arraigada no complexo parental inconsciente.

■ **SE.43** [Compare o emprego alegórico que Freud faz da fábula dos três desejos, no início da 14ª de suas Conferências (1916-17), *Studienausgabe*, vol. 1, pp. 219-20 e p. 222.]

■ **T.44** *Bindung*; ver nota 3 acima.

■ **SE.45** [Na primeira edição, o final deste parágrafo está como se segue: “(…) man sollte meinen, es müsste heute die geringere Unlust bringen, wenn es als Erinnerung auftauchte, als wenn es sich zum neuen Erlebnis gestaltete. Aber ein *Zwang drängt zum letzeren*”. (“(…) poderíamos supor que isso tudo produziria hoje um desprazer menor se emergisse como recordação, em vez de se configurar como uma experiência nova. Mas uma compulsão força à última.”)]

■ **T.46** *Zwang,* “coação”; ver nota 36 acima.

■ **F.47** Cf. as pertinentes observações do artigo de C. G. Jung, "*Die Bedeutung des Vaters für das Schicksal des Einzelnen*" ("A Significação do Pai para o Destino de Cada Um") (1909).

■ **T.48** *Antrieb,* "impulso". Obs.: Em alemão, termos compostos com prefixos adquirem pequenas variantes de sentido; neste caso, ao se compor com o prefixo *an-*, *Trieb* enfatiza uma "força impelente" que atua junto ao corpo. *An-*, conforme descrito na nota 10, indica que algo se acumula junto ao objeto (neste caso, o próprio sujeito) e gera uma força para impeli-lo. Por exemplo, em alemão um motor com *elektrichen Antrieb* significa um motor "movido eletricamente".

■ **SE.49** [Nas edições anteriores a 1923, esta parte da frase estava escrita como segue: "(…) *der Wiederholungszwang wird gleichsam vom Ich, das am Lustprinzip festhalten will, zur Hilfe gerufen*". ("(…) a compulsão à repetição é, por assim dizer, chamada em auxílio pelo Eu, que quer permanecer colado ao princípio de prazer.")]

■ **T.50** *Schicksalszwang*, "compulsão de destino"; Alt.: "coerção imposta pelo destino", "coação imposta pelo destino"; ver nota 36 sobre o termo *Zwang*.

■ **SE.51** [Cf. *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), *Studienausgabe*, vol. 2. pp. 578 e segs., e *O Inconsciente* (1915*e*), Seção II, atrás, pp. 24 e segs.]

■ **SE.52** [O sistema *P* (Percepção) foi descrito por Freud pela primeira vez em *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 513 e segs. No trabalho metapsicológico posterior sobre os sonhos (1917*d*), ele declarou que o sistema *P* coincidia com o sistema *Cs*. Cf. atrás, pp. 87 e segs.]

■ **F.53** Esta afirmação está inteiramente baseada na discussão de J. Breuer, no capítulo teórico dos *Estudos sobre a Histeria* ([Breuer e Freud] 1895 [*Edição de Bolso*, pp. 149 e segs.]). [O próprio Freud examinou esse tema em *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), *Studienasugabe*, vol. 2, pp. 514 e segs.; antes já o havia abordado minuciosamente no "Projeto para uma Psicologia", de 1895 (1950*a*), Parte I, na Seção "As Barreiras de Contato". Finalmente, ele voltou a esta questão no trabalho sobre "O Bloco Mágico" (1925*a*).]

■ **SE.54** [*Studienausgabe*, vol. 2, p. 515.]

■ **T.55** *Anstossen,* "contato direto". Obs.: Literalmente significa "entrar em choque com", "trombar", "dar de encontro"; em alemão, quando se brinda chocando um copo contra o outro, *Anstossen.*

■ **SE.56** [Uma antecipação dessa versão já se encontra no "Projeto" de 1895 (1950*a*), Parte I, segunda metade da terceira seção ("As Barreiras de Contato").]

■ **F.57** *Estudos sobre a Histeria*, de J. Breuer e Freud (1895). [Cf. na Seção 2 a contribuição teórica de Breuer, particularmente a nota de rodapé no início dessa seção (*Edição de Bolso*, p. 156).]

■ **T.58** *Reizschutz*," escudo protetor contra estímulos"; Alt.: "proteção contra estímulos". Obs.: Literalmente significa "proteção contra estímulos"; no entanto, como no texto "O Inconsciente" o próprio Freud descreve o *Reizschutz* como um escudo, optou-se por mencionar o termo "escudo" para dar maior inteligibilidade em português.

■ **SE.59** [Cf. o "Projeto" de 1895 (1950*a*), Parte I, quinta e nona seções ("O Problema da Quantidade" e "O Funcionamento do Aparelho").]

■ **SE.60** [Cf. seção V de "O Inconsciente" (1915*e*), atrás, pp. 37-8.]

■ **SE.61** [Freud volta a falar da origem da representação de tempo no final de "Nota sobre o 'Bloco Mágico'" (1925*a*). Nesse trabalho encontra-se também outro exame do "escudo protetor".]

■ **SE.62** [Cf. o "Projeto", de 1895 (1950*a*), Parte I, início da décima seção, ("As Realizações ψ).]

■ **SE.63** [Cf. o "Projeto" de 1895 (1950*a*), Parte I, segunda metade da quarta seção ("O Ponto de Vista Biológico").]

■ **T.64** *Binden;* ver nota 3 acima.

■ **F.65** Cf. "Pulsões e Destinos da Pulsão" (1915*c*) [e o "Projeto" de 1895 (1950*a*), Parte I, sexta seção ("A Dor")]. [Cf. também Anexo C em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926*d*), *Studienausgabe*, vol. 6, pp. 305 e segs.]

■ **T.66** *Aufzunehmen,* “receber”; Alt.: “acolher”. Obs.: Aqui o termo se refere apenas a “recepcionar e acolher” e não assume a acepção conceitual que Monique Schneider destaca no contexto da “tomada de consciência” em seu livro *Afeto e Linguagem nos Primeiros Escritos de Freud* (São Paulo, Escuta, 1994, pp. 69-79), ver variante na nota 74.

■ **T.67** *Bindende Kraft,* “força para capturar”; Alt.: “força enlaçante”, “capacidade de ligação”; ver nota 3 sobre *binden*.

■ **SE.68** [Cf. o “princípio da inexcitabilidade de sistemas não investidos” no trabalho metapsicológico sobre o sonho (1917*d*), atrás, p. 94, nota 25.]

■ **SE.69** [Ver atrás, p. 151.]

■ **SE.70** [Cf. Atrás, p. 140, nota 15.] [

■ **T.71** *Angstentwicklung, “*desencadeamento do medo”. Obs.: Sobre medo, *Angst*, ver nota 14; quanto ao termo *-entwicklung*, literalmente significa “desenvolvimento”; no entanto, neste contexto, não se refere ao desenvolvimento na acepção de “maturação”, e sim de algo que se inicia, prossegue e se intensifica; portanto, optou-se pela tradução de “desencadeamento”.

■ **F.72** Cf. *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 531 e segs., e a Seção IX de “Observações sobre a Teoria e a Prática da Interpretação dos Sonhos” (1923*c*), *Studienausgabe*, volume complementar, pp. 267 e segs.]

■ **SE.73** [A frase “encorajado pela ‘sugestão’” substitui, desde 1923, a formulação anterior “— não inconsciente —”.]

■ **T.74** *Angenommen,* “incorporado”; Alt.: “adotado”, “acatado”, “aceito”, “abrigado”. Obs.: Aqui o termo se refere apenas a “tomar para si” e não assume a acepção conceitual que Monique Schneider destaca em nexo com a tomada de consciência em seu livro *Afeto e Linguagem nos Primeiros Escritos de Freud* (São Paulo, Escuta, 1994, pp. 69-79).

■ **T.75** *Bindung;* ver nota 3, acima.

■ **F.76** *Para a Psicanálise das Neuroses de Guerra*: Introdução (1919*d*).

■ **SE.77** [*Studienausgabe*, vol. 5, pp. 106-7.]

■ **T.78** *Gewalt,* "força"; Alt.: "violência".

■ **T.79** *Triebe*, "pulsões" (do neologismo francês *pulsion*); Alt.: "instinto"; Sign.: termo corriqueiro e polissêmico, designa genericamente uma "força impelente"; resulta da fusão de duas palavras do médio alemão — "o que impele", *trip,* e "o que é impelido", *trift* — e abrange um arco de sentidos: sua manifestação como princípio da natureza, atuante sobre moléculas e células; sua inserção como disposição ou instinto biológico nas espécies; o surgimento da necessidade; processos fisiológicos de transmissão; sua tradução para o psíquico; o processamento psíquico e as metas resultantes desses processos (incluindo-se aí os "desejos"); Conot.: algo que espicaça. Obs. 1: Em alemão, o termo descreve as diferentes esferas de circulação dessa força impelente, desde o pólo em que a ação brota e é impelida até o pólo que atrai a ação para si; *Trieb* é a força responsável pelas necessidades, vontades, impulsos e desejos (devido à sua origem como *trip*) e, ao mesmo tempo, é ela mesma a resultante desse processo, isto é, a representação psíquica da necessidade, da vontade, dos impulsos, dos desejos, etc. (devido à sua origem como *trift*); Obs. 2: Coerente com a polissemia alemã de *Trieb*, Freud emprega o termo para referir-se aos diferentes momentos desse arco de sentidos — por exemplo, para designar um "estímulo pulsional". Ele também chama a "fome" (uma sensação) de *Trieb*, e usa *Trieb* para referir-se a um "impulso" ou "intenção" agressiva, "libido", "sentimento de amor" e "vontade", entre outros tantos termos que alterna na trama enfática de "pulsão" (ver o conceito de tramas enfáticas no vol. I, pp. 17-18). Obs. 3: Embora neste texto, bem como em vários trechos de "Pulsões e Destinos da Pulsão" (1915) [EPSI, vol. 1], Freud empregue o termo também na esfera representacional, isto é, a pulsão como manifestação psíquica (por vezes designada como "representação", como "desejo" ou só como "pulsão"), neste trecho ele enfatiza tanto a natureza químico-somática das pulsões nos seres vivos emgeral — "as fontes da excitação de origem interna, principais e mais

abundantes, são constituídas pelas chamadas pulsões do organismo" — como ao mesmo tempo mantém o uso comum em alemão de "pulsão" na acepção de "vontade" e "desejo", complementando que elas são "as representantes [*Repräsentanten*] de todas as ações das forças que brotam no interior do corpo e que são transmitidas para o aparelho psíquico". Nota-se, portanto, o emprego do termo em um arco que engloba desde o surgimento somático até a representação psíquica, e cada momento desse arco é ora designado genericamente como "pulsão", ora como "fonte", "estímulo", "representante", etc. Assim, a pulsão não é fenômeno próprio do ser humano, é algo essencial a todos os seres viventes, apenas a representação psíquica da pulsão como linguagem é exclusivamente humana. Ver Comentários do Editor Brasileiro no vol. I, pp. 137-144, e DCAF.

■ **T.80** *Repräsentanten*, "representante"; Sign.: refere-se ao elemento cuja função é "estar no lugar de", ou ser um "substituto", um "enviado", ou "que tem a delegação de representar". Obs.: Freud por vezes não se refere ao elemento que está representando, mas à "função de representação", na acepção da "função de estar no lugar de", e emprega o termo *Repräsentanz*, que com freqüência é confundido nos idiomas latinos com "representação", na acepção de "figuração", "apresentação". Em alemão, "figuração" ou "apresentação" corresponde a *Vorstellung* ("imagem", "idéia", "noção", "concepção", "visualização"). Para evitar a ambigüidade dos termos latinos, as palavras *Repräsentant* e *Repräsentanz* ("função de estar no lugar de outro") foram ambas traduzidas por "representante", embora em rigor a segunda se refira a uma função, e não ao elemento que excerce a função de representar; entretanto, a diferença entre *Repräsentant* e *Repräsentanz* não é relevante no contexto freudiano, mas, em geral, o leitor será advertido de que termo se trata, neste caso, de *Repräsentant*; ver DCAF.

■ **T.81** *Bearbeitung*, "trabalho de processamento psíquico"; Alt.: "elaboração"; Sign.: trabalho aplicado sobre um material. Obs. 1: Habitualmente Freud distingue *Bearbeitung* de *Verarbeitung*; este último se refere a um "processamento" (eventualmente *transformação*, *digestão* ou *absorção*), também traduzido às vezes

por “elaboração”, enquanto a *Bearbeitung* se refere apenas a aplicar mais uma camada de trabalho sobre um material, sem significar que foi acabado, sofisticado (elaborado), ou que tenha sido transformado (digerido); somente indica que houve mais alguma intervenção sobre o material. Obs. 2: A *sekundäre Bearbeitung* consiste na segunda intervenção que o aparelho psíquico faz sobre o material oriundo do inconsciente para dar-lhe uma forma apreensível pela percepção, organizando-o e dando-lhe um mínimo de inteligibilidade, algo ligado ao processo secundário e à consciência; aqui, *Bearbeitung* está sendo empregado como uma intervenção que ocorre sobre o material na esfera inconsciente; ver DCAF.

■ **F.82** Cf. a Seção VII, “Psicologia dos Processos Oníricos”, em minha *Interpretação dos Sonhos* [(1900*a*), Capítulo VII, Seção E, *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 559 e segs.]. [Cf. também Breuer e Freud, 1895, seção 2 da contribuição teórica de Breuer (*Edição de Bolso*, pp. 155-63).]

■ **T.83** *Bewältigen*, “processar”; Alt.: “dominar”, “elaborar”; Sign.: “lidar”, “dar conta de”; Conot.: o termo se diferencia de “dominar”, pois enfatiza algo cuja resolução não é obter o domínio na acepção de controle absoluto, mas a ação de saber “enfrentar” ou “lidar com”, portanto, mais coerente com a concepção de Freud a respeito da impossibilidade de dominar algo tão avassalador como as excitações emanadas das fontes pulsionais. Obs.: Excepcionalmente neste trecho o termo foi traduzido por “processar”, que em geral utilizamos para *verarbeiten* (ver nota 81 acima), pois neste caso o sentido de ambos é próximo; ver também DCAF.]

■ **T.84** *Genuss,* “fruição”; Alt.: “deleite”; ver nota 2 acima.

■ **SE.85** [Cf. algumas observações sobre este assunto no final da sexta seção do Capítulo VII do livro de Freud sobre o *chiste* (1950*c*), *Studienaausgabe*, vol. 4, p. 210.]

■ **SE.86** [Estas últimas palavras entre travessões foram acrescentadas em 1921.]

■ **T.87** *Drang,* “força impelente”; Alt.: “pressão”, “afã”, “ânsia”, “urgência”. Obs. 1: Este trecho do texto mostra com clareza como os termos *Drang* (pressão), *Trieb* (pulsão) e *Zwang* (coerção, coação, compulsão) podem se aproximar, formando uma “trama enfática” (sobre tramas enfáticas, ESPI, vol. 1, Critérios de Tradução Adotados, p. 17). Neste trecho Freud define a relação entre o que é pulsional (*triebhaft*) com a compulsão à repetição (*Wiederholungszwang*), explicando que a pulsão (*Trieb*) é uma “ânsia” (*Drang*) de restaurar um antigo estado que habita o orgânico vivificado; ver acima nota 79, sobre *Trieb,* e nota 36, sobre *Wiederholungszwang*.

■ **F.88** Não tenho dúvida de que suposições semelhantes sobre a natureza das “pulsões” já tenham sido formuladas repetidas vezes.

■ **T.89** [A parte da frase após o ponto-e-vírgula foi acrescentada em 1921.]

■ **F.90** [*Nota acrescentada em 1925:*] Ressalto que o que se segue é o desenvolvimento ao limite de uma idéia que em rigor receberá ainda de nossa parte restrições e correções quando forem abordadas as pulsões sexuais.

■ **SE.91** [Nas edições anteriores a 1925, acompanhava esta passagem a seguinte nota: “Cf. a este respeito a correção posterior desta versão extrema das pulsões de autoconservação”.]

■ **F.92** [*Nota acrescentada em 1923:*] E, no entanto, são as únicas às quais podemos atribuir uma tendência interior ao “progresso” e ao desenvolvimento superior! (Cf. adiante [pp. 164-5].)

■ **F.93** [*Nota acrescentada em 1925:*] Deveria ser entendido do que foi exposto que o termo “pulsões do Eu” é utilizado aqui como uma denominação provisória e deriva da primeira terminologia da psicanálise. [Cf. abaixo, pp. 171-2 e p. 179, nota 134.]

■ **SE.94** [Essas quatro palavras aparecem em itálico apenas a partir de 1921.]

■ **F.95** Ferenczi chegou, por outro caminho, à possibilidade da mesma concepção (“Entwicklungsstufen des Wirklichkeitssinnes” [“Estágios de Desenvolvimento do Sentido da Realidade”, 1913*a*,

137]): “Se acompanharmos sistematicamente esse ritmo de pensamento, teremos de nos familiarizar também com a idéia de que uma tendência à obstinação, respectivamente, à regressão, domina a vida orgânica, ao passo que a tendência ao desenvolvimento posterior, à adaptação, etc., é ativada somente com os estímulos externos”.

■ **T.96** *Übermensch*, “super-homem”. Obs.: Neste caso o prefixo *über-* refere-se a uma capacidade superior, mas no contexto freudiano ele é utilizado topicamente e se refere uma posição situada espacialmente acima, embora essa localização seja mais uma analogia do que uma pretensão real de situar espacialmente as entidades psíquicas; assim, *Über-ich* foi traduzido como “supra-Eu” e *Überbesetzung* (hipercatexia ou superinvestimento) como “camada adicional de investimento” ou como “sobreinvestimento”.

■ **T.97** *Treibende*, “impelente”. Obs.: *Trieb* é em essência algo que impele; seria equivocado traduzir *treibende* por “pulsionante” ou “pulsional”. Por exemplo, em alemão os combustíveis dos veículos (gasolina, diesel, etc.) se denominam genericamente *Treibstoff*, significando “material que impele”, e não “material pulsional”.

■ **SE.98** [Este parágrafo, acrescentado em 1923, antecipa a descrição de Eros apresentada no próximo capítulo, pp. 172 e segs.]

■ **SE.99** [Parece que em seguida Freud passa a empregar indistintamente os termos “protista” e “protozoário” para designar os organismos unicelulares.]

■ **SE.100** [É a primeira vez que este termo aparece em obra publicada.])

■ **SE.101** [Schiller, *Die Braut von Messina*, Ato I, Cena 8.]

■ **SE.102** Weismann (1884).

■ **SE.103** Weismann (1882, 38).

■ **SE.104** Weismann (1884, 84).

■ **SE.105** Weismann (1882, 33).

■ **SE.106** Weismann (1884, pp. 84 e segs.).

■ **F.107** Cf. Max Hartmann (1906), Alex Lipschütz (1914), Franz Doflein (1919).

■ **F.108** Hartmann (1906, 29).

■ **SE.109** Sobre isto e o que se segue, cf. Lipschütz (1914, pp. 26 e 52 segs.).

■ **SE.110** [Esse experimento foi realizado pela primeira vez em 1899. Cf. Loeb (1909).]

■ **SE.111** [Cf. Hering (1878, pp. 77 e segs.). No anexo A de "O Inconsciente", p. 52 atrás, encontramos algumas indicações de que é possível que o fisiólogo Ewald Hering também tenha influenciado Freud em relação ao seu conceito de inconsciente.]

■ **F.112** "Sobre a aparente intencionalidade no destino de cada um" [1851], edição de Grossherzog Wilhelm Ernst, vol. IV, p. 268. [*Sämtliche Werke* (1938), vol. 5, p. 236.]

■ **SE.113** [Estas duas útimas frases foram acrescentadas em 1921.]

■ **SE.114** [Como exemplo, cf. a apresentação da referida oposição no artigo de Freud sobre a perturbação psicogênica da visão (1910*i*), *Studienausgabe*, vol. 6, pp. 209-11.]

■ **SE.115** [Esta hipótese é apresentada em pormenor no trabalho de Freud sobre o narcisismo (1914*c*), Seção I (ESPI, vol. I, pp. 97-103). Cf. também sua posterior nota de rodapé no capítulo III de *O Eu e o Isso* (1923*b*), na qual essa afirmação é corrigida, e em seu lugar o Isso é descrito como "o grande reservatório da libido".]

■ **F.116** "À Guisa de Introdução ao Narcisismo" (1914*c*) [cf. ESPI, vol. I, pp. 97 e segs.]

■ **SE.117** [Cf. pp. 160 e segs.]

■ **SE.118** [Cf. p. 173.]

■ **SE.119** [Esta frase e a anterior foram acrescentadas em 1921.]

■ **SE.120** [A palavra "libidinosas" foi acrescentada em 1921.]

■ **SE.121** [Somente na primeira edição consta a parte da frase depois da vírgula: "estejam conectadas, segundo a expressão de

Alf. Adler ‘limitadas’ de maneira particular às outras pulsões do Eu, que ainda nos são desconhecidas”.]

■ **F.122** “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, a partir da primeira edição, 1905. [*Studienasugabe*, vol. 5, pp. 67 e segs.]

■ **T.123** *Strebung,* “empenho”; Alt.: “esforço”, “vertente”, “tendência”; Sign.: derivado do verbo *streben*, “almejar”, “anelar”, “esforçar-se por alcançar”; o substantivo refere-se ou a uma “vertente”, “corrente”, “tendência” que anela ou se esforça por atingir certas metas, ou ao próprio “esforço” ou “empenho”; Conot.: contém vivacidade e autonomia mobilizadas pela volição e não expressa nem uma lei nem uma propensão, como ocorre com o termo “tendência”, o qual é muito utilizado nas traduções brasileiras. Obs. 1: O termo serve ocasionalmente de sinônimo de *Trieb*. Obs. 2: O verbo composto, *anstreben*, significa “almejar”, “aspirar a”, “visar a”; vale notar que *anstreben* e mesmo o verbo *streben* também podem ser equivalentes a *wünschen* (desejar); ver DCAF.

■ **SE.124** [Aqui é retomada a discussão de Freud sobre a “fusão pulsional” no Cap. IV de *O Eu e o Isso* (1923*b*).]

■ **F.125** Cf. *Teoria Sexual* [*Studienausgabe*, vol. 5, p. 68] e “Pulsões e Destinos da Pulsão” (1915*c*) ESPI, vol. I, pp. 152 e segs.]

■ **F.126** Em um trabalho rico em conteúdo e articulação, mas para mim, infelizmente, não de todo transparente, Sabina Spielrein antecipou uma grande parcela desta especulação. Ela caracteriza os componentes sádicos da pulsão sexual como os “destrutivos” (1912). De uma maneira ainda diferente, A. Stärke (1914) procurou identificar o próprio conceito de libido com o conceito biológico teoricamente suposto de um *impulso para a morte*. (Cf. também Rank, 1907.) Todos esses esforços, como aqueles no texto, são um testemunho da pressão [*Drang*] para se conseguir uma explicação ainda não alcançada na teoria das pulsões. [A explicação posterior do próprio Freud sobre a pulsão de destruição compõe o conteúdo do Cap. VI de *O Mal-Estar na Cultura* (1930*a*).]

■ **F.127** Lipschütz (1914).

■ **SE.128** [Cf. atrás, pp. 127 e segs. O tema é retomado no trabalho "O Problema Econômico do Masoquismo" (1924*c*).]

■ **F.129** Apesar de Weismann (1892) também negar essa vantagem: "Em nenhum caso a fecundação corresponde a um rejuvenescimento ou renovação da vida; tampouco sua ocorrência é necessária para a continuação da vida: ela não é nada além de *um dispositivo que torna possível a combinação de duas tendências hereditárias diferentes*". Ele observa, contudo, um aumento na variabilidade dos organismos vivos como efeito dessa combinação.

■ **SE.130** [Cf. parágrafo 8, acima.]

■ **F.131** Tradução de U. v. Wilamowitz-Moellendorff (*Platon*, I, pp. 366 e segs.).

■ **T.132** Pela junção e declinação das palavras *Mann* (homem) e *Weib* (fêmea/mulher), Freud compõe o termo das *Mannweibliche* que soa em alemão como um terceiro sexo misto.

■ **F.133** [*Nota acrescentada em 1921:*] Devo ao Professor Heinrich Gomperz (de Viena) as indicações seguintes sobre a origem do mito platônico, que reproduzo em parte com suas próprias palavras. Queria chamar a atenção sobre o fato de que a mesma teoria, no essencial, já se encontra nos *Upanishad*. Pois descobrimos a seguinte passagem *Brihad-Āranyaka-Upanishad*, I, 4, 3 (Deussen, *60 Upanishads des Veda*, p. 593), em que a origem do mundo a partir do Ātman (o Si-mesmo ou Eu) é assim descrita: "Mas ele (o Ātman, o Si-mesmo ou o Eu) também não tinha nenhuma alegria; ele não tinha nenhuma alegria porque estava sozinho. Por isso desejou ter um segundo. Ele era tão grande quanto uma mulher e um homem quando se abraçam. Este seu Si-mesmo ele dividiu em duas partes: daí surgiram esposo e esposa. Por isso esse corpo no Si-mesmo é igual a uma metade, explicou Yājñavalkya. Por isso esse espaço vazio aqui vai ser preenchido pela mulher".

O *Brihad-Āranyaka-Upanishad* é o mais antigo de todos os *Upanishad*, e nenhum investigador competente o situa depois do ano 800 a.C. Se fosse possível uma dependência, mesmo mediata, de Platão a esses pensamentos indianos, eu, em oposição à opinião

dominante, não gostaria necessariamente de negar a pergunta, já que possibilidade semelhante não pode ser excluída também no caso da doutrina da transmigração das almas. Mas, mesmo que uma dependência dessa espécie (através dos pitagóricos) fosse estabelecida, o valor da coincidência conceptual dificilmente seria diminuído, porque Platão não teria feito sua esta idéia que a tradição oriental lhe trazia, e menos ainda ter-lhe-ia concedido um lugar tão importante, se no seu entender ela não possuísse um elemento de verdade.

Em um meticuloso ensaio consagrado à exploração dessa idéia problemática, em um período *anterior* a Platão, K. Ziegler, "Menschen- und Weltenwerden" (1913), a faz remontar a representações babilônicas.

■ **F.134** Anexo aqui algumas palavras para esclarecer nossa terminologia que se desenvolveu em uma determinada direção no curso dessas discussões. Aprendemos o que são "pulsões sexuais" pela sua relação com os sexos e com a função de reprodução. Conservamos essa denominação depois que os resultados da psicanálise nos obrigaram a afrouxar o vínculo dessas pulsões com a reprodução. Quando instauramos a noção de libido narcísica e estendemos o conceito de libido à célula individual, a pulsão sexual se transformou para nós em Eros, que procura forçar entre si e manter unidas as partes da substância viva; e as pulsões comumente chamadas de sexuais surgiram como a parte de Eros voltada para os objetos. De acordo com a especulação, Eros atua desde o princípio da vida e aparece como uma oposição entre "pulsão de vida" e "pulsão de morte", que surgiu através da animação da substância inorgânica. A especulação procura resolver o problema do enigma da vida pela suposição de que essas duas pulsões se encontram lutando uma com a outra desde as origens. [*Nota acrescentada em 1921*:] Talvez seja mais difícil acompanhar as transformações pelas quais passou o conceito de "pulsões do Eu". Inicialmente nomeamos assim todas aquelas tendências pulsionais que nos eram menos conhecidas, e que podiam diferenciar-se das pulsões sexuais dirigidas para um objeto, e colocamos em oposição as pulsões do Eu e as pulsões sexuais,

cuja expressão é a libido. Mais tarde nos aproximamos mais da análise do Eu, e reconhecemos que também uma parte das "pulsões do Eu" é de natureza libidinal e tomou o próprio Eu como seu objeto. Essas pulsões narcísicas de autoconservação tiveram, portanto, de ser incluídas entre as pulsões sexuais libidinais. A oposição entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais transformou-se na oposição entre as pulsões do Eu e as pulsões de objeto, ambas de natureza libidinal. Mas no lugar da primeira oposição surgiu uma nova oposição entre as pulsões libidinais (do Eu e de objeto) e outras pulsões que devem estar presentes no interior do Eu e que talvez possam ser reconhecidas nas pulsões de destruição. Nossa especulação transformou essa oposição em pulsões de vida (Eros) e pulsões de morte.

■ **T.135** *Bändigung*, "domado". Obs.: O termo refere-se habitualmente a controlar, domar, domesticar, aplacar, animais selvagens, crianças travessas, forças inquietas; é etimologicamente aparentado com *binden*, "atar", "amarrar", "pôr freios"; o substantivo *Band* tem origem semelhante à da palavra "banda" e "bandagem" em português (na acepção de cordão, corda, amarra) e do verbo inglês *to bind*. Freud o emprega também no contexto das pulsões e dos estímulos pulsionais, os quais apenas podem ser freados, mas não dominados.

■ **SE.136** [Cf. atrás, pp. 135 e segs. Estas questões já haviam sido mencionadas por Freud no "Projeto" de 1895 (1950*a*), por exemplo, na Parte I, oitava seção ("A Consciência"), e no início da Parte III.]

■ **SE.137** [Últimos versos da poesia "Die beiden Gulden", da tradução de Rückert de *Die Verwandlungen des Abu Seid von Serug oder Die Makamen des Hariri* (1826 e 1837, 2 volumes), dos *Maqa-ma-t* de al-Hariri.]

Bibliografia

Observação: Títulos de livros e revistas estão em itálico e títulos de artigos em revistas ou livros, entre aspas. As abreviações correspondem à *World List of Scientific Periodicals* (Londres, 1963-65). Outras abreviações utilizadas neste volume encontram-se na *Lista de Abreviações*, na página 11. Os números entre parênteses no final dos dados bibliográficos apontam para a respectiva página ou páginas deste volume, nas quais a obra está citada. As letras minúsculas em itálico que seguem o ano dos trabalhos de Freud referem-se à bibliografia de Freud contida no último volume da *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Há também uma edição ampliada desta bibliografia no volume *Freud-Bibliographie mit Werkkonkordanz*, compilada em 1989 por Ingeborg Meyer-Palmedo e Gerhard Fichtner, S. Fischer, Frankfurt sobre o Meno. Consultar o *Índice de Autores e Assuntos* para autores não-científicos e para autores científicos, dos quais nenhuma obra em especial está citada.

ABRAHAM, K. (1908) “Die psychosexuellen Differenzen der Hysterie und der Dementia praecox”, *Zentbl. Nervenheilk.*, N.F. Vol. 19, p. 521. (45)

(1912) “Ansätze zur psychoanalytischen Erforschung und Behandlung des manisch-depressiven Irreseins und verwandter Zustände”, *Zentbl. Psychoanal.*, Vol. 2, p. 302. Neuausgabe in: K. Abraham, *Psychoanalytische Studien II*, hrg. Von J. Cremerius, *Conditio*

Humana, Frankfurt am Main, 1971, p. 146. (117)

ADLER, A. (1908) “Der Agressionstrieb im Leben und in der Neurose”, *Fortschr. Med.*, Vol. 26, p. 577. (196)

ARISTÓTELES *De somniis* e *De divinatione per somnum.* [*Tradução alemã* de Hermann Bender: “Über träume und Traumdeutung” *(De somniis)* e “Von der Traumdeutung” *(De divinatione per somnum)*, in *Langenscheidtsche Bibliothek griechischer und römischer Klassiker*, Vol. 25: *Aristoteles VI: Kleine naturwissenschaftliche Schriften (Parva Naturalia)*, Berlin und Stuttgart, 1855-97, Parte IV, pp. 60-70 e pp. 70-75.] (89)

BERNHEIM, H. (1886) *De la suggestion et de ses applications à la thérapeutique*, Paris. (2ª edição, Paris, 1887.) (64)

BLEULER, E. (1911) *Dementia praecox oder Gruppe der Schizophrenien*, Leipzig und Wien. (45-47)

(1914) “Die Kritiken der Schizophrenien”, *Z. Ges. Neurol. Psychiat.*, Vol. 22, p. 19. (64)

BREUER, J. E (1893) *cf.* Freud, S. (1893*a*)

FREUD, S. (1895) *cf.* Freud, S. (1895 *d*)

BUTLER, Samuel (1880) *Unconscious Memory*, London. (52)

DOFLEIN, F. (1919) *Das Problem des Todes und der Unsterblichkeit bei den Pflanzen und Tieren*, Jena. (195)

FECHNER, G. T. (1873) *Einige Ideen zur Schöpfungs- und Entwicklungsgechichte der Organismen*, Leipzig. (136-37)

FERENCZI, S. (1913*a*) “Entwicklungsstufen des Wirklichkeitssinnes”, *Int. Z. Ärztl. Psychoanal.*, Vol. 1, p. 124. Nova edição em: S. Ferenczi, *Schriften zur Psychoanalyse I*, publicado por M. Balint, *Conditio Humana*, Frankfurt am Main, 1970, p. 148. (194)

et al. (1919) *Zur Psychoanalyse der Kriegsneurosen*, Leipzig und Wien. *Internationale Psychoanalitische Bibliothek*, nº 1. (140, 184)

FINKELNBURG, F. C. (1870) Niederrheinische Gessellschaft, Sitzung vom 21. März 1870 in Bonn, *Berl. Klin. Wschr.*, Vol. 7, p. 449 e p. 460. (59-60, 74)

FLIESS, W. (1906) *Der Ablauf des Lebens*, Wien. (167)

FREUD, S. (1888-89) Übersetzung mit Vorwort und Anmerkungen von H. Bernheim, *De la suggestion et de ses applications à la thérapeutique*, Paris, 1886, com o título de *Die Suggestion und ihre Heilwirkung*, Wien (parte II tradução de O. Von Springer). (2ª edição revisada por M. Kahane, Wien, 1896.) Prefácio em: *G.W.*, Vol. complementar, p. 109; nota de rodapé p. 119; *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. I, p. 109, com o título de Prefácio à tradução de *De la suggestion*, de Bernheim, Rio de Janeiro: Imago, 1987. (64)

(1891*b*) *Zur Auffassung der Aphasien*, Wien. (14, 53, 55, 62, 64, 73)

(1893*a*) e Breuer, J. “Über den

psychischen Mechanismus hysterischer Phänomene"; *G. W.*, Vol. 1, p. 81, *Studien über Hysterie* (Fischer Taschenbuch Verlag), Frankfurt am Main, 1970; *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. II, com o título de: *Estudos sobre Histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (185)

(1893*c*) "Quelques considérations pour une étude comparative des paralysier motrices organiques et hystériques". *G.W.*, Vol. 1, p. 39; *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. II, p. 199, com o título de *Algumas Considerações para um Estudo Comparativo das Paralisias Motoras Orgânicas e Histéricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (63)

(1893*h*) Conferência: "Über den psychischen Mechanismus hysterischer Phänomeme", *G.W.*, Vol. complementar, p. 181; *Studienausgabe*, Vol. 6, p. 9; *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. II, p. 35, com o título de *Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Histéricos: uma Conferência*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (185)

(1895*d*) e Breuer, J., *Studien über Hysterie*, Wien; Nova edição (Fischer Taschenbuch Verlag), Frankfurt am Main, 1970. *G.W.*, Vol. 1, p. 75; Vol. complementar, p. 217, 221.; *Edição*

Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. II, com o título de *Estudos sobre Histeria*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (15, 63, 64, 68, 69, 96, 118, 190)

(1900*a*) *Die Traumdeutung*, Wien, *G.W.*, Vol. 2-3; *Sudienausgabe*, Vol. 2.; *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. IV e V, com o título de *A Interpretação dos Sonhos*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (15, 63, 64, 66, 68, 69, 71, 73, 76, 91, 95, 96, 98, 119, 184, 185, 190, 191, 193)

(1901*b*) *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, Berlin, 1904. *G.W.*, Vol. 4; *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. VI, com o título de *A Psicopatologia da Vida Cotidiana*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (67, 69)

(1905*c*) *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewuten*, Wien. *G.W.*, Vol. 6; *Studienausgabe*, Vol. 4, p. 9; *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. VIII, com o título de *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (69, 73)

(1905*d*) *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, Wien. *G.W.*, Vol. 5, p. 29; *Studienausgabe*, Vol. 5, p. 37; *Edição* Standard *Brasileira das Obras*

Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Sigmund Freud, Vol. VII, p. 119, com o título de *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (157, 183, 196)

(1909*b*) “Analyse der Phobie eines fünfjährigen Knaben”, *G.W.*, Vol. 7, p. 243; *Studienausgabe*, Vol. 8, p. 9. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. X, p. 13, com o título de *Análise de uma Fobia em um Menino de cinco anos*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (65)

(1910*g*) “Zur Selbstmord-Diskussion”, *G.W.*, Vol. 8, p. 62; *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XI, p. 243, com o título de *Contribuições para uma Discussão acerca do Suicídio*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (100)

(1910*i*) “Die psychogene Sehstörung in psychoanalytischer Auffassung”, *G.W.*, Vol. 8, p. 94; *Studienausgabe*, Vol. 6, p. 205. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XI, p. 217, com o título de *A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (195)

(1911*b*) “Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens”, *G.W.*, Vol. 8, p. 230; *Studienausgabe*, Vol. 3, p. 13. *Edição* Standard *Brasileira das*

Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Sigmund Freud, Vol. XII, p. 233, com o título de *Formulações sobre os dois Princípios do Funcionamento Mental*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (69, 70, 71, 73, 76, 125)

(1911*c*) “Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschiebenen Fall von Paranoia (Dementia paranoides)”, *G.W.*, Vol. 8, p. 240; *Studienausgabe*, Vol. 7, p. 133. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XII, p. 15, com o título de *Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia* (Dementia paranoides), Rio de Janeiro: Imago, 1996. (74)

(1912*c*) “Über neurotische Erkrankungstypen”, *G.W.*, Vol. 8, p. 322; *Studienausgabe*, Vol. 6, p. 215. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XII, p. 247, com o título de *Tipos de Desencadeamento da Neurose,* Rio de Janeiro: Imago, 1996. (72)

(1912*g*) “A note on the Unconscious in Psycho-Analysis” (em inglês), *Standard Ed.*, Vol. 12, p. 257. [*Tradução alemã* de Hanns Sachs: “Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewuten in der Psychoanalyse”, *G.W.*, Vol. 8, p. 430; *Studienausgabe*, Vol. 3, p. 25.]; *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund*

Freud: Sigmund Freud, Vol. XII, p. 275, com o título de *Uma Nota sobre o Inconsciente na Psicanálise*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (16)

(1912-13) “Totem und Tabu”, Wien 1913. *G.W.*, Vol. 9; *Studienausgabe*, Vol. 9, p. 287. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XIII, p. 13, com o título de *Totem e Tabu*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (101)

(1913*c*) “Weitere Ratschäge zur Technik der Psychoanalyse: I. Zur Einleitung der Behandlung”; *G.W.*, Vol. 8, p. 454; *Studienausgabe*, Vol. Complementar, p. 181. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XII, p. 137, com o título de *Sobre o Início do Tratamento (Novas Recomendações sobre a Técnica da Psicanálise)*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (65)

(1913*i*) “Die Disposition zur Zwangsneurose”, *G.W.*, Vol. 8, p. 442; *Studienausgabe*, Vol. 7, p. 105. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XII, p. 337, com o título de *A Disposição à Neurose Obsessiva — Uma Contribuição ao Problema da Escolha da Neurose*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (72)

(1914*c*) “Zur Einführung des Narzimus”, *G.W.*, Vol. 10, p. 138; *Studienausgabe*, Vol. 3, p. 37. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de*

Sigmund Freud: Sigmund Freud, Vol. XIV, p. 77, com o título de *Sobre o Narcisismo: uma Introdução*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (72, 100, 125, 157, 196)

(1914*g*) “Weitere Ratschäge zur Technik der Psychoanalyse: II. Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten”, *G.W.*, Vol. 10, p. 126; *Studienausgabe*, Vol. Complementar, p. 205. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XII, p. 161, com o título de *Recordar, Repetir e Elaborar* (novas recomendações sobre a Técnica da Psicanálise II), Rio de Janeiro: Imago, 1996. (187)

(1915*c*) “Triebe und Triebschicksale”, *G.W.*, Vol. 10, p. 210; *Studienausgabe*, Vol. 3, p. 75. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XIV, p. 117, com o título de *Os Instintos e suas Vicissitudes,* Rio de Janeiro: Imago, 1996. (119, 125, 184, 191, 196)

(1915*d*) “Die Verdrängung”, *G.W.*, Vol. 10, p. 248; *Studienausgabe*, Vol. 3, p. 103. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XIV, p. 147, com o título de *Repressão*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (71)

(1915*e*) “Das Unbewute”, *G.W.*, Vol. 10, p. 264; *Studienausgabe*, Vol. 3, p. 119. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XIV, p. 165,

com o título de *O Inconsciente*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (93, 96, 121,183, 190, 191)

(1916-17 [1915-17]) *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, Wien. *G.W.*, Vol. 11; *Studienausgabe*, Vol. 1, p. 33. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XV, com o título de *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (63, 66, 72, 91, 95, 189)

(1917*b*) “Eine Kindheitserinnerung aus *Dichtung und Wahrheit”*, *G.W.*, Vol. 12, p. 15; *Studienausgabe*, Vol. 10, p. 255. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XVII, p. 157, com o título de *Uma Recordação de Infância de Dichtung und Wahrheit*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (186)

(1917*d* [1915]) “Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre”, *G.W.*, Vol. 10, p. 412; *Studienausgabe*, Vol. 3, p. 175. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XIV, p. 225, com o título de *Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (68, 72, 73, 75, 190, 191)

(1917*e* [1915]) “Trauer und Melancholie”, *G.W.*, Vol. 10, p. 428; *Studienausgabe*, Vol. 3, p. 193. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XIV,

p. 245, com o título de *Luto e Melancolia*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (73, 75, 99)

(1918*b* [1914]) “Aus der Geschichte einer infantilen Neurose”, *G.W.*, Vol. 12, p. 29; *Studienausgabe*, Vol. 8, p. 125. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XIV, p. 15, com o título de *História de uma Neurose Infantil,* Rio de Janeiro: Imago, 1996. (101)

(1919*d*) Einleitung zu *Zur Psychoanalyse der Kriegsneurosen*, Wien. *G.W.*, Vol. 12, p. 321. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XVII, p. 221, com o título de Introdução à *A Psicanálise e as Neuroses de Guerra*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (184, 192)

(1919*h*) “Das Unheimliche”, *G.W.*, Vol. 12, p. 229; *Studienausgabe*, Vol. 4, p. 241. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XVII, p. 235, com o título de *O “Estranho”*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (123)

(1920*g*) *Jenseits des Lustprinzips*, Wien. *G.W.*, Vol. 13, p. 3; *Studienausgabe*, Vol. 3, p. 213. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XVIII, p. 13, com o título de *Além do Princípio de Prazer*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (69, 74, 94)

(1921*c*) *Massenpsychologie und Ich-*

Analyse, Wien. *G.W.*, Vol. 13, p. 73; *Studienausgabe*, Vol. 9, p. 61. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XVIII, p. 79, com o título de *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (76, 100, 101, 119, 122)

(1923*b*) *Das Ich und das Es*, Wien. *G.W.*, Vol. 13, p. 237; *Studienausgabe*, Vol. 3, p. 273. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XIX, p. 15, com o título de *O Ego e o Id,* Rio de Janeiro: Imago, 1996. (16, 66, 72, 73, 76, 100, 101, 119, 120, 125, 189, 196)

(1923*c*) [1922]) "Bemerkungen zur Theorie und Praxis der Traumdeutung", *G.W.*, Vol. 13, p. 301; *Studienausgabe*, Vol. Complementar, p. 257. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XIX, p. 123, com o título de *Observações sobre a Teoria e a Prática da Interpretação de Sonhos*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (189, 191)

(1924*b* [1923]) "Neurose und Psychose", *G.W.*, Vol. 13, p. 387; *Studienausgabe*, Vol. 3, p. 331. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XIX, p. 165, com o título de *Neurose e Psicose*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (77)

(1924*c*) "Das Ökonomische Problem des Masochismus", *G.W.*, Vol. 13, p. 371;

Studienausgabe, Vol. 3, p. 339. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XIX, p. 175, com o título de *O Problema Econômico do Masoquismo*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (120, 184, 197)

(1924*e*) “Der Realitätsverlust bei Neurose und Psychose”, *G.W.*, Vol. 13, p. 363; *Studienausgabe*, Vol. 3, p. 355. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XIX, p. 203, com o título de *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (77)

(1925*a* [1924]) “Notiz über den ‘Wunderblock’”, *G.W.*, Vol. 14, p. 3; *Studienausgabe*, Vol. 3, p. 363. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XIX, p. 253, com o título de *Uma Nota sobre o “Bloco Mágico”*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (70, 76, 95, 190, 191)

(1925*h*) “Die Verneinung”, *G.W.*, Vol. 14, p. 11; *Studienausgabe*, Vol. 3, p. 371. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XIX, p. 263, com o título de *A Negativa*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (76, 97)

(1926*d*) *Hemmung, Symptom und Angst*, Wien. *G.W.*, Vol. 14, p. 113; *Studienausgabe*, Vol. 6, p. 227. *Edição* Standard *Brasileira das Obras*

Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Sigmund Freud, Vol. XX, p. 81, com o título de *Inibições, Sintomas e Ansiedade*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (66, 68, 184, 185, 191)

(1926*e*) *Die Frage der Laienanalyse*, Wien. *G.W.*, Vol. 14, p. 209; *Studienausgabe*, Vol. Complementar, p. 271. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XX, p. 175, com o título de *A Questão da Análise Leiga*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (63)

(1926*g*) Tradução com nota de rodapé da Parte I, § 13: "Samuel Butler", em I. Levine, *The Unconscious*, London, 1923, traduzido por Ana Freud com o título de *Das Unbewute*, Wien. [*Edição alemã*: nota de rodapé sobre Hering, *G.W.*, Vol. Complementar, p. 770; em (1915*e*) inserido em: *Studienausgabe*, Vol. 3, p. 163.] (52)

(1930*a* [1929]) *Das Unbehagen in der Kultur*, Wien. *G.W.*, Vol. 14, p. 421; *Studienausgabe*, Vol. 9, p. 191. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XXI, p. 67, com o título de *O Mal-Estar na Civilização*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (97, 196)

(1931*b*) "*Über die weibliche Sexualität*", *G.W.*, Vol. 14, p. 517; *Studienausgabe*, Vol. 5, p. 273. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XXI,

p. 231, com o título de *Sexualidade Feminina*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (187)

(1933*a* [1932]) *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in dis Psychoanalyse*, Wien. *G.W.*, Vol. 15; *Studienausgabe*, Vol. 1, p. 447. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XXII p. 13, com o título de *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (16, 69)

(1940*a* [1938]) *Abri der Psychoanalyse, G.W.*, Vol. 17, p. 63; o prefácio em: *G.W.*, Vol. Complementar, p. 749; Capítulo VI em: *Studienausgabe*, Vol. Complementar, p. 407. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XXIII, p. 153 com o título de *Esboço de Psicanálise*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (71, 77)

(1940*b* [1938]) “Some Elementary Lessons in Psycho-Analysis” [Título em inglês: Texto em alemão], *G.W.*, Vol. 17, p. 141. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XXIII p. 301 com o título de *Algumas Lições Elementares de Psicanálise*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (14, 63)

(1950*a* [1887-1902]) *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*, London; Frankfurt am Main, 1962. (Contém: “Entwurf einer Psychologie”, 1895 [esta obra encontra-se

com em 1950*c* em: *G.W.*, Vol. Complementar, p. 375].) *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. I, p. 335 com o título de *Projeto para uma Psicologia Científica*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (15, 64, 67, 68, 71, 73, 75, 95, 97, 99, 121, 125, 184, 190, 191, 198))

(1955*c* [1920]) "Gutachten über die elektrische Behandlung der Kriegsneurotiker", *G.W.*, Vol. Complementar, p. 704. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Sigmund Freud, Vol. XVII, p. 227 com o título de *Apêndice: Memorandum sobre o Tratamento Elétrico dos Neuróticos de Guerra*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (184)

(1960*a*) *Briefe 1873-1939* (publicado por E. e L. Freud), Frankfurt am Main (2ª edição ampliada, 1968, edição corrigida, 1980). (70).

(1965*a*) *Sigmund Freud / Karl Abraham. Briefe 1907 bis 1926* (publicado por H.C. Abraham e E.L. Freud), Frankfurt am Main (2ª edição corrigida, 1980). (119)

GOETTE, A. (1883) *Über den Ursprung des Todes*, Hamburg. (169)

HARTMANN, M. (1906) *Tod und Fortpflanzung*, München. (169)

HERING, E. (1870) Über das Gedächtnis als eine allgemeine Function der organisierten Materie, Vortag vor der K. K. Akad. Wiss.

Wien, 30. Mai. In Broschüreform, Wien, 1870. (Tradução inglesa em Butler, S., *Unconscious Memory*, London, 1880.) (52)

(1878) *Zur Lehre vom Lichtsinne*, Wien. (195)

HOLLÓS, S. e FERENCZI, S. — *vide* Ferenczi, S., e Hollós, S. (1922)

JACKSON, J. HUGHLINGS — (1878) “On Affections of Speech from Disease of the Brain”, *Brain*, Vol. 1, p. 304. (53)

JONES, E. — (1960) *Das Leben und Werk von Sigmund Freud*, Vol. 1, Bern und Stuttgart. (14, 52)

(1962*a*) *Das Leben und Werk von Sigmund Freud*, Vol. 2, Bern und Stuttgart. (99)

JUNG, C. J. — (1909) “Die Bedeutung des Vaters für das Schicksal des Einzelnen”, *Jb. Psychoanalyt. Psychopath. Forsch.*, Vol. 1, p. 155. (189)

KANT, I — (1781)*Kritik der reinen Vernunft*, Riga. 2ª edição [B], 1787. (152)

KRIS, E. — (1956) “Freud in the History of Science”, *The Listener*, Vol. 55, n. 1416 (17 Mai.), p. 631. (52)

LANDAUER, K. — (1914) “Spontanheilung einer Katatonie”, *Int. Z. Ärztl Psychoanal.*, Vol. 2, p. 441. (109)

LEVINE, I. — (1923) *The Unconscious*, London. [*Tradução alemã* de Ana Freud: *Das Unbewute*, Leipzig, Wien, Zürich, 1926. Internationale Psychoanalytische Bibliothek, n. 20.] (52)

LIPSCHÜTZ, A. (1914) *Warum wir sterben*, Stuttgart. (176, 195, 197)

LOEB, Jacques (1909) *Die chemische Entwicklungserregung des tierischen Eies; künstliche Parthenogenese*, Berlin. (170)

LOW, B. (1920) *Psycho-Analysis*, London und New York. (176)

MARCINOWSKI, J. (1918) “Erotische Quellen der Minderwertigkeitsgefühle”, *Z. SexWiss. Bonn*, Vol. 4, p. 313. (146)

MILL, J. S. (1843) *A System of Logic*, London. (59)

(1865) *An Examination of Sir William Hamilton’s Philosophy*, London. (59)

PFEIFER, S. (1919) “Äuerungen infantil-erotischer Triebe im Spiele”, *Imago*, Vol. 5, p. 243. (140)

PLATÃO *Symposion.* (197)

RANK, O. (1907) *Der Künstler, Ansätze zu einer Sexualpsychologie*, Leipzig und Wien. (196)

SILBERER, H. (1914) *Probleme der Mystic und ihre Symbolik*, Leipzig und Wien. (95)

SPIELREIN, S. (1912) “Die Destruktions als Ursache des Werdens”, *Jb. Psychoanalyt. Psychopath. Forsch.*, Vol. 4, p. 465. (196)

STÄRCKE, A. (1914) Einleitung zur holländischen Übersetzung von S. Freud, “Die ‘kulturelle’ Sexualmoral und die moderne Nervosität”, Leyden. (196)

TAUSK, V. (1913) “Entwertung des Verdrängungsmotivs durch Rekompense”, *Int. Z. Ärztl. Psychoanal.*, Vol. 1, p. 230. (121)

(1919) “Über die Entstehung des ‘Beeinflussungsapparates’ in der Schizophrenie”, *Int. Z. Ärztl. Psychoanal.*, Vol. 5, p. 1. (46-8, 72)

WEISMANN, A. (1882) *Über die Dauer des Lebens*, Jena. (167-8)

(1884) *Über Leben und Tod*, Jena. (167-9)

(1892) *Das Keimplasma*, Jena. (167, 171)

ZIEGLER, K. (1913) “Menschen- und Weltwerden”, *Neue Jb. Klass. Altert.*, Vol. 31, p. 529. (197)

Índice de Autores e Assuntos

Neste índice constam diversos autores não-científicos e científicos dos quais Freud menciona apenas o nome, sem referir-se a uma obra. Para obter referências a obras específicas de autores científicos, o leitor deve consultar a bibliografia. As notações “segs.” (seguintes) ou “até” não remetem necessariamente a uma abordagem coerente do tema, mas significam que o conceito pode ter sido novamente mencionado nessas páginas. O leitor encontrará a indicação de “nota” apenas quando o próprio texto não indicar a nota. Conforme indica o título este índice refere-se a assuntos, portanto, eventualmente alguns termos poderão não constar de forma literal na página indicada, mas sim o assunto. O índice foi adaptado da *Standard Edition*, bem como do trabalho de Ingeborg Meyer-Palmedo para a *Studienausgabe.*

A

Abraham, Karl (*cf.* Bibliografia) 99, 101, 109, 184n-11
Ab-reação 143
Abstrações 95n-33, 103
Ação capaz de atingir uma meta 38, 167, 177
Ação da violenta força mecânica 139, 155, 157
Ações dos músculos (*cf.* motricidade) 30, 38, 88
Acidentes / sonhos traumáticos 139 segs., 148 segs., 156 segs.
Acaso 21, 177
  e necessidade 166
Acusações / recriminações (do melancólico) (*cf.* autocrítica; auto-recriminação) 107

Adaptação (*cf.* princípio de realidade) 168
Adler, Alfred (*cf.* Bibliografia) 196n-121
Afasia motora 57
Afasias 14 segs., 62n-10, 53, 55-56, 58 segs.
Afecções febris (influência na distribuição e alocação da libido) 157
Afecções narcísicas 80, 89 segs., 103, 109
Afecções somáticas / enfermidades orgânicas 103, 157
Afetividade 30, 67n-45
Afeto(s) (*cf.* sensações, sentimentos) 29 segs., 38
  alegria 113
  inconsciente 29 segs.
  relação com a representação (*cf.* quantidade de afeto) 28-31
  repetição do. 144, 146
Afeto de medo 33
Afetos inconscientes 28 segs.
Agnosia 60
Agressão 174
Água como um dos quatro elementos 172
Alegria 113
Al-Hariri, Abu Muhammed al-Quasim 182
Alterações na fala dos esquizofrênicos 45-47
Alucinação / alucinose 75, 85-87, 89
  tóxica 98n-53
Alucinoses tóxicas 98n-53
Ambivalência 110, 114 segs., 175
Ambivalência constitutiva 110
Ameaça de castração 48
Amência 85, 87, 88 segs.
Amor 110
  e ódio 110, 115, 174 segs.
  fome e. 172
Amor objetal / amor depositado no objeto 108, 110, 174

Amortecimento / isolamento dos estímulos 35, 151, 154
no sonho 79
Amphimixis 170, 177
Análise do Eu 174, 198n-134
Ananke (necessidade) 166
Anatomia
relação com o aparelho psíquico 26, 53-55, 149, 151-152
Anatomia cerebral (*cf.* córtex) 27, 53-54, 149
Animais (animal que provoca o medo) 22
consciência nos. 22
e homem 40, 44, 165
metapsicologia dos. 40
Animal que provoca o medo 34
Animismo 24
Anseio de Eros em agregar a substância orgânica em unidades cada vez maiores 165, 178 segs., 198 n-134
Apaixonamento 79
Aparelho da linguagem 55, 58
Aparelho psíquico 16, 88, 89, 136-138, 149, 154-156, 159, 180
modos de trabalho 137, 140, 152 segs., 159
relação com a anatomia 26, 53-54, 149, 151-152
tendências 137, 176
consciência localizada na superfície do cérebro 149, 151-152
Aparência (em sentido filosófico) 59
Apatia 45
Apresentações teatrais 159
Aquisição cultural (*cf.* sociedade; social) 142
Ar como um dos quatro elementos 172
Aristophanes 177
Arrependimento 106
Arte da poesia 166, 171, 182

Artigos sobre Metapsicologia de *Freud* 13-17, 91n-1, 101 rodapé, 123 segs., 190n-52
Assimilação (*cf.* metabolismo) 171 segs.
Associações 59, 85, 115
  na fala, leitura e escrita 56-59
Atemporalidade no inconsciente 37 segs., 152
Atenção 41, 57, 76 segs.
Atenção como emissão de energia móvel de investimento 71n-93, 76 segs.
Atirar os objetos para longe de si 141
Atitude infantil na análise 159
Atividade consciente de pensamento 20, 49, 51
Atividade psíquica
  atributos da. 25 segs., 42, 149
  mudanças de estado da. 27 segs., 31, 49
  registros da. 26-29, 31, 39, 41, 49
  relações funcionais da. 42, 180
Atividade psíquica consciente 21, 89, 136
Ativo /Atividade (*cf.* pulsões, ativas) e passivo / passividade 143 segs., 148, 159
Atos / estados latentes da vida psíquica 21, 23, 24
Atos falhos 19, 21
Ato sexual 175-176, 180
Atração
  do inconsciente 42, 86
Aumento das tensões 176
Aumento da quantidade de estímulos 35, 176, 181
Autocrítica 105 segs., 179
Autodepreciação 104, 106-107, 115, 146
Autodestruição (tendência que se volta contra a própria pessoa) 111
Autoflagelação / tortura 110
Automatismos 135

Autopercepção 152
Autopunição 110
Auto-recriminações na neurose obsessiva 110
Auto-respeito 106
Autoridade 147
Avaliação de si mesmo / auto-conhecimento 106
Aves migratórias 160

B

Balanço 157
Biologia (*cf.* anatomia; órgão) 160, 165, 171, 179 segs.
Bleuler, Eugen (*cf.* Bibliografia) 45
Breuer, Josef (*cf.* Bibliografia) 15
Brincar de médico 143
Brinquedo, atirar (o) para bem longe 141
Brücke, Ernst Wilhelm Ritter von 52

C

Cadáver (como caracterização da morte) 169
Cadeia de pensamentos (*cf.* associações; conexões entre idéias, representações) 47
Calcar *a posteriori* 31 segs.
Calkins, *G. J.* 169
Camada protetora contra afluxos de excitações 150-152, 155, 157
Capacidade de tornar-se consciente 25, 38, 41
Capacidade do inconsciente / pré-consciente de continuar a produzir efeitos sobre a psique 19
Capacidade inicial de orientação no mundo a partir da diferenciação entre interno e externo do sistema *Pcp-Cs* (*cf.* fora e dentro) 88
Características de uma “coisa” (no sentido filosófico) 59
Caráter / traços de caráter 102, 147 segs.
Caráter regressivo das pulsões 161, 166, 178

Caráter repetitivo da pulsão sexual 147, 166, 176-178
Caráter visual do sonho 46, 84, 95n-31
Carga de investimento
comparada com a libido 32, 33, 89
condensação da. 36 segs., 39, 47, 84, 158
consciente /inconsciente 31-34
do inconsciente 31, 33, 36, 45,51, 82, 84, 158
princípio da não-excitabilidade de sistemas não-investidos 83 segs., 94 n-25, 98n-54, 154 segs.
remoção / retirada da. (*cf.* fuga; retirada da libido; investimento de carga no objeto) 31 segs., 50, 80-82, 89 segs. 111
transferência, transformação da. (*cf.* quantidades de investimento, deslocamento de.; deslocamento de libido) 155, 158, 160, 180
Cargas de investimento depositadas em coisas 84
Carga de investimento libidinal 33-36, 85
Carga de investimento pulsional 36 segs.
Cargas de investimento(s) que ocupam pensamentos 81
Castigo 146
Células das formações malignas 172
Células germinativas 163 segs., 166-167, 171, 176 segs., 178
Censura 27, 39, 41, 84, 107
entre os sistemas psíquicos 26, 27, 37, 41, 42, 81-82, 84 segs., 89
rebaixamento da. no sonho 81-82, 84
Censura da consciência 25, 84, 107
Censura do sonho 81-82
Censuras 100, 104, 106-107, 109, 116
Chiste 85, 159
Cicatriz narcísica 146
Ciência 179
como substituto da religião 182
como substituto para o catecismo abandonado 182
Cisão de consciência (*Double conscience*) 24

Cisão do Eu 89 segs., 107, 108, 138
Citações 164, 167, 171, 182
Ciúme 146 segs., 186n-26
Clorinda (em *Gerusalemme liberata* de *Tasso*) 147
Coisa (*cf.* palavra e coisa) 59
  em si 24
Comparações:
  Abrir mão das aquisições psíquicas 79
  Amostras do mundo externo 152
  Antenas sensitivas dos órgãos dos sentidos 152
  Curto-circuito 162
  Equação de duas incógnitas 177
  Escuridão na qual nenhum raio de luz penetrou 177
  Ferida aberta / dolorosa 111, 116
  Mestiços das raças humanas 40 segs.
  Percepção do mundo exterior através dos órgãos sensoriais 24 segs.
  População psíquica ancestral 44
  Ritmo alternante 164
  Substituir por imagens o artigo de fundo de um jornal político 95n-33
Complexo de castração 47
Complexo de Édipo 144
Complexo melancólico 111 segs.
Complexo parental 189n-42
Componentes libidinais da pulsão 174-175, 198n-134
Comportamento delirante 104, 105
Compulsão / coação à repetição 123, 145-148, 156, 159-160, 179, 187n-35
  orgânica 161
  relação com a pulsão 160 segs., 166, 176

relação com o princípio de prazer 123, 145, 148, 156, 159 segs., 180
Compulsão de destino 148
Compulsão demoníaca 147, 160
Compulsão orgânica à repetição 160
Comunicação
dos sistemas psíquicos (*cf.* trânsito entre os sistemas psíquicos) 43
entre os conteúdos ideacionais (*cf.* conexões entre as representações) 39
Comunicação da construção em análise 144
Condensação 36 segs., 39, 47, 84, 158
Condições de excitação (*cf.* princípio da não-excitabilidade de sistemas não-investidos) 89 segs.
Condições encontradas no ventre da mãe (*cf.* situação psíquica original) 79
Conexões de palavras, associações 49-50, 85
Conflito de ambivalência (*cf.* conflito psíquico) 110 segs., 114 segs.
Conflito neurótico 116, 146, 157
Conflito psíquico 108, 138, 173
Confusão alucinatória 85
Conhecimento consciente 20
em estado de latência 20
Consciência (como fenômeno) 19, 21-24, 50 acesso à. (*cf.* tornar consciente) 30 segs. 34-36, 38, 41-42, 81, 83, 89, 115, 145
conteúdo psíquico da. / extensão da. 19 segs.
do inanimado 22
funções da. 149-153, 181
impedimento de tornar-se consciente (*cf.* recalque) 19, 30, 33, 42, 50
inconsciente 23
nos animais e plantas 22
origem da. 150-151, 162

relação com o Eu 42
tópica da. 149, 151-152
Consciência 25, 41
Consciência inconsciente 23
Consciência inconsciente de culpa 29
Consciência localizada na superfície do cérebro (*cf.* camada cortical receptora de estímulos) 149, 151-152
Consciência moral 107
Consciente (o)
distinção de inconsciente
psiquicamente idêntico / não idêntico 14, 20, 149
relação com o pré-consciente 25, 37, 40-44, 51, 158
relação com o recalque 42
Conservação da espécie (*cf.* indivíduo e espécie) 168
Constituição 22
Constituição do Eu (*cf.* resistência do Eu; fraqueza do Eu; força do Eu) 107, 110, 115
Conteúdos das idéias 27 segs., 39
trânsito entre os. 39
Conteúdo manifesto do sonho 84, 158
Continuidades psíquicas 21
Contra-investimento de carga 33-36, 41, 82, 111, 113, 116, 154
Convenções 20
Conversão 48
Cópula 166, 169, 171, 176 segs.
Corpo 167 segs.
Córtex cerebral 53, 54, 59, 149, 150
Curiosidade científica 178
Cravos 47 segs.
Crédulos 182
Crença na realidade 86 segs.
Crescimento biológico 177

D

Darwin, Charles 177
Decepção 108, 110, 146
Defesa 35, 77
  relação com o recalque 35 segs.
Deformações 42
Degeneração 169, 176
Delírio alcoólico 98n-53
Delírio de insignificância 105
Delírio de perseguição 100
Dementia praecox 45, 50, 81, 89, 157
Dependência infantil (*cf.* desamparo infantil) 71n-86
Depressão 99, 109, 113
Depressões neuróticas obsessivas 110
Derivados
  do inconsciente 40-44
  do pré-consciente 42
Desamparo infantil (*cf.* dependência) 88
Descarga / escoamento / remoção 30 segs., 36, 37-38, 112, 155, 158
  ausência de. (*cf.* impedimento) 36
Descarga motora (*cf.* descarga, remoção, escoamento) 67n-45, 83, 94n-25
Desconfiança patológica de governantes e monarcas 100
Desdém 146
Desejo 37
  de ser a criança apaixonadamente desejada da infância 147
  inconsciente 37, 86, 156
  pré-consciente 83
Desejo de dormir 80 segs., 89, 111-112
Desejo de morte dos pais 100

Desejos inconscientes 37, 86, 156
Desejos infantis (*cf.* desejo / desejos) 143, 146
Desejo pré-consciente do sonho 83 segs., 85
Desencadeamento, manifestação / liberação do afeto 29 segs., 38, 82
Desencadeamento / liberação do medo inibição do. 34 segs.
Desenvolvimento, curso evolutivo 160-161, 180
Desenvolvimento da fala na criança 56
Desenvolvimento da libido
  etapa evolutiva da criança 146, 172
  fase de organização oral da libido 99-101, 109 segs., 175
  fase sádico-anal 174 segs.
  organização pré-genital do 174
  primado genital 175
Desenvolvimento da vida sexual infantil 146
Desenvolvimento do embrião 150, 160, 171, 176 segs.
Desenvolvimento do Eu 44, 138
  retrocesso / regressão no. 77 segs., 83
Desenvolvimento individual (*cf.* desenvolvimento) 39, 42, 160, 163 segs., 167 segs.
Desenvolvimento orgânico progressivo 151 segs., 163-171, 176, 178
Desenvolvimento psíquico 87, 138
Deslocamento 37, 47
  no sonho 84
Deslocamento da libido 108 segs., 115
Despertar 89
Desprazer, 135-139, 143, 145 segs., 149, 154, 180
  como motivo do recalque 145
  evitação do. 135, 146, 153, 156
  força do. 35
  fontes do. 136, 138 segs., 146 segs., 149, 153
Desprazer doloroso 105

Desprazer neurótico 138
Destinos da pulsão 29, 33, 40, 83, 178
Destino maligno 147 segs.
Determinismo na vida psíquica (*cf.* dependência infantil para desenvolvimentos posteriores) 147
Deus / Deuses 178
Deussen, Paul 197n-133
Devaneio 85
Devorar (*cf.* fase oral / canibalística do desenvolvimento da libido) 101 segs., 109
Dialeto 57
Diferenças entre raças 40 segs.
Diferença entre sexos 164, 177 segs.
Diferenças vitais 176
Dispêndio de energia, esforço, escoamento (*cf.* esforço psíquico) 32, 36, 105, 112-113
Distinção do recalque 77
Distribuição da libido 157
Distúrbios da fala (afasias) 55 segs., 59
Doença como tentativa de cura / reconstituição 51, 85, 89, 104
Domesticar / domar as exigências pulsionais (*cf.* atar / ligar) 181
Dor 116
  física 116, 154 segs., 157
Doutrina da transmigração das almas 197n-133
Duplos sentidos das palavras 85
Dúvida 37

E

Ectoderme 150
Educação / formação (*cf.* educação sexual) 146
Efeito cômico 37
Efeitos da remoção da dor 154

Egoísmo dos sonhos 80
Elaboração secundária 85
Elasticidade orgânica 160
Elementos acústicos da palavra 55-60
Elementos da fala / linguagem (palavras) acústicos, sinestésicos e visuais 55-60
Elementos do sonho 85
Elementos (quatro) dos filósofos da natureza 172
Elementos sinestésicos da palavra 55-60
Elementos visuais da palavra 55-60
Elisabeth von R. (paciente) 118n-9
Emmy von N. (paciente) 15
Empobrecimento do Eu 105, 107, 111
Encenação artística dos adultos 143
Energia (*cf.* carga de investimento; energia das pulsões do Eu; energia sexual; energia suscetível de deslocamento) 15, 151
  psíquica 39, 76, 138
Energia das cargas de investimento (atada, fixada, em repouso, capturada, presa (tônica) / livremente móvel) 37-38, 135, 151 segs., 154 segs., 157-159, 180 segs., 183n-3
Energia química 15
Energia sexual 172
Enfermidades / doenças (*cf.* doença orgânica) versões normais / modelos prototípicos / protótipo das. 79, 103, 112
  como tentativa de restituição 51, 85, 104
Enfermidades orgânicas intercorrentes (*cf.* doenças orgânicas) 157
Enigma biológico fundamental 163, 198n-134
Enlaçamento, amarração, fixação (de investimentos / excitações / moções pulsionais) 37-38, 135 segs., 151 segs., 155 segs., 157-159, 180 segs., 183n-3
Eros 123, 174
  comparado com a libido / a pulsão sexual / a pulsão de vida 172, 173, 198n-134

Erotismo anal 111
Escolha de um novo objeto (*cf.* deslocamento da libido) 104 segs., 108 segs., 113, 115 segs.
Escolha / seleção do objeto 104, 108
  narcísica (*cf.* libido narcísica) 109 segs., 111
Escrever / aprender a escrever 58
Esforço / dispêndio psíquico
  suspensão / liberação do. 112 segs., 116
Esforço de punição (autopunição) 36
Esforço do sistema para sustentar o recalque 36 segs., 82, 113
Espaço e tempo 152
Esquizofrenia 44-51, 84 segs., 89, 109
  comparação com o sonho 46 segs., 84 segs.
Estados (série de) de consciência desconhecidos entre si 23
Estado de narcisismo primitivo 45, 79 segs., 110, 171
Estados psíquicos primitivos 79, 87
Estado de vigília 80, 82, 140, 158
Estar doente, característica do. (*cf.* pessoas doentes) 43
Estética 143
Estímulos / excitações
  externas 80 segs., 151-153, 163 segs., 181
  internas 80 segs., 153 segs., 181
  relação com a pulsão 158
Estímulos externos 80 segs., 151-153, 163 segs., 178, 181
Estímulos mecânicos 176
Estímulos químicos 170, 176
Estrutura química dos organismos 162, 178
Etapa evolutiva da criança 146
Etapas evolutivas (*cf.* manifestação da libido) 146
Ética (*cf.* moral) 164
Etiologia das neuroses 45, 139 segs., 154, 155 segs.
Eu (o) (*cf.* Eu-corporal; Eu-prazer; Eu-real) 197n-133

cerne do. 145
como reservatório da libido 173 segs.
elementos inconscientes do. 42, 145
função inibidora e retardadora (*cf.* prorrogação / adiamento) 76
hegemonia / domínio do. 82
instituições do. 88 segs., 107
relação com a consciência 42
relação com a percepção (*cf.* sistema *Cs*, relação com a percepção) 76
relação com o Id 71n-86
relação com o mundo externo (*cf.* Eu como representante do princípio de realidade) 77, 111
relação com o recalcado 145
resistência do. 145 segs., 148
sobreposição do. 137
Evitações 35 segs.
Evolução orgânica / história evolutiva 150 segs., 160-171, 177, 178
Excitação sexual 157
fontes de 157
Excitações (*cf.* estímulo, sexual) 34 segs., 54, 148
endógenas (*cf.* excitações internas) 35, 149, 153
enlaçadas / não enlaçadas (*cf.* energia de investimento enlaçada) 135, 151 segs., 157, 158, 180 segs.
exógenas (*cf.* excitações externas) 35, 149, 153
processamento das. (*cf.* escoamento, descarga; processamento das excitações) 180
traumáticas 153
Excitações / estímulos endógenos 153 segs., 157
Excitações internas 80 segs., 153 segs., 176, 181
Expectativa de ser punido 104, 105
Experiências / vivências de satisfação, primárias 165
Experiência (como material básico da ciência) 20

anseio de agregar a substância orgânica. 165, 178 segs., 198n-134
Experiências científicas 21, 136, 169 segs.
Experiências, vivências, circunstâncias, ocasiões desagradáveis, indesejadas, dolorosas 138, 142, 146 segs.
Experimentos científicos 21, 136, 169 segs.

F

Fábula (dos três desejos) 189n-43
Facilitação 151
Falas
na esquizofrenia 46-47, 84
no sonho 84 segs.
Falta de resposta à terapia 45
Fantasia 41
e realidade 45, 75 segs., 86 segs., 147
Fantasia que realiza o desejo 83, 85 segs. 89, 160
Fase oral-canibalista do desenvolvimento da libido (*cf.* desenvolvimento da libido) 101 segs.
Fase oral do desenvolvimento libidinal 99-101, 108 segs., 175
Fatores temporais
na vida psíquica 39, 104, 181
da vida pulsional 136, 181
Fatores tóxicos 112 segs.
Faust (de *Goethe*) 165
Fecundação (*cf.* ato sexual) 170, 197n-129
Ferenczi, Sándor (*cf.* Bibliografia) 184n-11, 140
Filosofia 14, 24, 59, 89, 135, 153, 171, 178 segs.
Filosofia da natureza 172
Fisiologia 14, 21, 54
Fixação 108, 116
Fixação traumática 140

Fliess, Wilhelm (*cf.* Bibliografia) 15, 64n-26, 67n-54
Fobia (de animais) 34-35, 81, 165
  fuga fóbica 35, 81, 165
Fobia de algum animal 34
Fogo como um dos quatro elementos 172
Fome e amor 172
Fontes de excitação (*cf.* fontes de estímulos) 158
Fontes de prazer 143, 149, 153, 159, 164
Fontes do estímulo 157
Fontes pulsionais 34
Fora / externo / exterior
  e dentro / interno / interior 80 segs., 88, 149, 153 segs.
  deslocamento de dentro para. 80 segs., 87
Forças psíquicas jogo de. 30 segs., 111
Formação de sintomas 36 segs., 41, 147
  mecanismos da 109
Formação de sintomas na histeria (*cf.* sintoma) 36 segs.
Formações de palavras na esquizofrenia 46-47, 84
Formação do sonho 41, 81-84, 89
Formações reativas 36, 165, 172
Formações substitutivas 30 segs., 34, 41, 42, 46, 48 segs., 108, 144, 164
  na esquizofrenia 46, 47 segs.
  no trauma 140
  relação com o recalcado 46
Formas de expressão dos esquizofrênicos 45-47, 84
Freud, Anna 52
Fruição / deleite, novidade como condição da. 159
Fuga / refúgio
  diante de estímulos externos 35
  na enfermidade 110
  para o interior do Eu 115 segs.

típica da evitação fóbica 35, 80, 165
Função da linguagem (falar) 55-58, 59
Função de reprodução 166, 168-169, 172, 175-176, 198n-134
Função do sonho 140, 156 segs.
Funções do Eu 76 segs., 172

G

Genital (*cf.* pênis)
primado 175
feminino 47 segs.
Gerusalemme liberata (de *Tasso*) 147
Gomperz, Heinrich 197n-133
Gráfico da representação-de-palavra (*Afasias*) 59
Gregos, antigos 172
Groddeck, Georg (*cf.* Bibliografia) 70n-75

H

Hamilton, Sir William 74n-126
Hamlet (de *Shakespeare*) 106
Herança / hereditariedade 138, 151, 160, 163, 171
formações psíquicas herdadas 44
Herbart, Johann Friedrich (*cf.* Bibliografia) 14
Hipnose 21
Hipocondria 46 segs., 139
Histeria (*cf.* histeria de angústia; histeria de conversão; neurose; fobia) 15, 46, 48, 109, 139 segs.
Histeria de angústia 33-36, 45
Histeria de conversão 36 segs. 45, 48
Histérico (*cf.* neurótico) 46 segs., 140
História evolutiva (*cf.* desenvolvimento orgânico) 150, 162
da Terra 161
Horda primordial 101

Homem e animal 39, 44, 164
“Homem dos Lobos” (Paciente) 101

I

Ideal (*cf.* Ideal-de-Eu; ideal sexual; ideal social) 103
  perda do. 103
Idéias / representações 27 segs., 30
  conscientes 21, 27-28, 31, 39, 49-51
  impressões isoladas das. 114
  inconscientes 19, 27-29, 31 segs., 36, 39, 49-51, 114
  localização das. no sistema nervoso 26
  pré-conscientes 81
  recalcadas 27, 29 segs., 32, 33-36, 49
  representação sensorial simples 53-54
  relação com as percepções 76, 85, 87
  relação com a quota de afeto 28-31
Idéia / representação abstrata do tempo 152
Idéia / representação substitutiva 33-35
Idéia que ocorre súbita e espontaneamente 20
Idéia inconsciente 19, 28-31, 32 segs., 36, 39, 50-51, 114
Idéia que representa a pulsão na psique 19, 28 segs., 36
Idéias / representações conscientes 21, 27-28, 31, 39, 49-51
Idéias / representações recalcadas 27, 29 segs., 31, 33-36, 49
Idéia delirante 83
Idéia do tempo
  abstrata 152
  origem da. 152
Idéias obsessivas 100 segs.
Identificação 22, 47, 101 segs., 108-110, 114
  histérica 100, 109
  narcísica 108-110
  regressiva 102, 110

Identificação com os pais 101
Identificação histérica 100, 109
Identificação narcísica 108-110
Ilusões 164, 167
Imagem motora da escrita 56
Imagem sonora da palavra 55-60
Imagens de lembranças / imagens mnêmicas visuais 53 segs., 86 segs.
Imagens oníricas 47, 83
Imortalidade / substância imortal 163, 166-171, 177
Impedimento 45
Impressões da infância / vivências infantis 142 segs., 160
Impulso de desejo 37
Impulso homicida 111
Impulsos provenientes das pulsões 158
Impulsos pulsionais inconscientes 28 segs., 40, 81-82, 86
Impulsos pulsionais recalcados 28-30, 35, 86, 146, 165
Incapacidade de amar 104, 106
Inconsciente (o) 19-24, 37-39, 44, 50
  atemporalidade do. 37 segs., 152
  ausência de contradição no. 37 segs. 48
  caráter irracional do. 37, 83
  continua existindo no 30, 31, 45
  derivados do. 40-44
  força de atração do. 42, 86
  negação 37
  no sentido descritivo 16, 25
  no sentido dinâmico 16 segs.
  núcleo / cerne do. 37, 44
  reação ao *Ics* de outra pessoa 43
  reforço do. 36, 44, 81 segs., 83, 115
  relação do. com a percepção 43

relação do. com a pulsão 28 segs., 42
resistência do. 145
substituição da realidade externa no. 38
Inconsciente dinâmico 16 segs.
Inconsciente no sentido descritivo 16, 25
Inconsciente, relação com o consciente 34-35, 39, 42-44, 46, 50-52, 83, 105, 145, 150, 152, 158
Indiferença 136
Indivíduo 167
Inervação motora 88
Inervações (*cf.* inervação motora) 36, 38, 46 segs., 56-57, 109
Inferioridade social 107
Influência / efeito da sugestão (na Psicanálise) 20, 43, 112, 144, 146, 156, 189n-42
Infusórios 169-170
Inibição 76 segs., 104
Inibição do Eu 104 segs.
Inibição do desencadeamento do afeto/ impedir o afeto 29
Inibição geral das capacidades de realizar tarefas 103, 106
Inibição na melancolia 105, 113
Inorgânico 22, 151, 161-162, 178, 180, 198n-134
Insanidade cíclica 112
Insanidade maníaco-depressiva 112
Instância censuradora 172
Instâncias do Eu
críticas (*cf.* auto-crítica; auto-recriminações; instância julgadora) 100, 107, 108, 115
conflito do Eu 108, 115, 157, 173
Instinto 44
Insultos a si mesmo 104, 106, 108
Inteligência 53, 164
relação com a pulsão 163, 164

Intensidade
excitações internas 153
do processo primário 181
Interesse 81, 89
Interligações que as palavras promovem 48, 85
Interpretação dos Sonhos 85, 95n-33
anagógica / analítica 95n-33
Introjeção 101 rodapé
Introversão da libido 45, 173
Intuição 179
Investigação sexual infantil 146
Investimento de carga de energia (*cf.* carga de investimento; investimento de libido) 154
Investimentos de carga inconscientes 31, 33, 36, 45, 51, 82, 84, 158
Investimento de carga no objeto 45, 50, 51, 101, 110 segs., 116, 171, 173
abandono do 45 segs., 49, 108-109, 114, 116
resistência do (*cf.* resistência) 108
transformação em / relação com a identificação 100 segs., 108, 116
Investimentos depositados nas palavras 84, 115
Involuções biológicas 164 segs.

J

Jackson, J. Hughlings (*cf.* Bibliografia) 14, 53
Jogo / brincadeira
dos adultos 143
das crianças 140-143, 148, 159
motivos para a. 140, 142 segs., 148
Jones, Ernest (*cf.* Bibliografia) 184n-11
Jung, C. G. (*cf.* Bibliografia) 47, 173 segs.
Juízo 76, 86

K

Kant, Immanuel (*cf.* Bibliografia) 24
Kraepelin, Emil 45

L

Lamentos dos pacientes (*cf.* acusações; auto-recriminações) 46-48, 108, 114segs., 146
Lei biogenética fundamental 151, 161, 176 segs.
Lembrança-de-coisa 84, 86, 115
Lembrança inconsciente 27, 86 segs.
Lembranças recalcadas de experiências 86, 159
Lento avanço do conhecimento científico 182
Ler / aprender a ler 56-58
Lesões orgânicas 56-57, 139, 155
Libido (*cf.* Eros; libido do Eu; libido narcísica; libido de objeto; libido sexual) 33, 173, 198n-134
  comparada com energia sexual 172
  comparada com Eros 172, 173
  comparada com investimento de carga 32, 33
  introversão da. 45, 173
  recalcada 33
  regressão da. 79, 115
  reservatório da. 173 segs.
Libido do Eu (*cf.* investimentos no Eu; libido; libido narcísica do Eu) 112, 173
Libido narcísica 111, 173 segs., 198n-134
  transformação em libido objetal 173
  transformação da libido objetal em libido narcísica 45, 80
Libido objetal
  transformação em libido narcísica (*cf.* introversão; carga de investimento no objeto, transformação em identificação) 45 segs., 80

Lidar com os estímulos 151-155
Limitação da pulsão 196n-121
Linguagem dos órgãos 46
Linguagem escrita 57
Localização de elementos psíquicos 53-54
Luto 79, 100, 103-105, 110, 111, 113-116, 186n-26

M

Mãe (*cf.* pais)
  relação com a criança 141 segs.
Maqamat (de *al-Hariri*) 182
Mania 112 segs., 116 segs.
Manifestação da inércia na vida orgânica 160 segs.
Manifestações obsessivas 20
Marcas, traços de excitação 149 segs.
Marcas / traços / vestígios de memória / de lembrança 27, 30, 39, 49, 115, 150
  inconscientes 160
Marcadores / indicadores de realidade 76, 88
Masoquismo 175
  primário 175
  relação com o sadismo 175
Masturbação 47 segs.
Material do trabalho do sonho 85, 95n-33
Maupas, E. 169
Mecanismos de defesa 35, 80, 154
Medo 110
  distinção do receio 139 segs.
  relação com o perigo 139 segs.
  desencadeamento / fonte do. 34
  como sinal (*cf.* prontidão / preparação para o medo) 34, 185n-15
  transformação em / passagem para o. 29 segs., 34 segs.

inconsciente 29
Medo de empobrecer 111
Medo inconsciente 29
Melancolia 99-116, 139, 157
comparação com sentimento de culpa 100
Melancólico (o) 106-107, 110, 116
Memória 64n-26
consciente (*cf.* recordação, lembrança consciente) 39
fundamentos da 54, 149
origem da 39 segs.
Memória consciente 27, 39
Metas / aspirações pulsionais 37, 138, 162, 165
Metabolismo 168-170, 176
Metapsicologia 33, 39, 42, 135, 149, 154
na vida psíquica dos animais 39
Meta sexual
a ser alcançada por todos os meios 166
Metazoários (*cf.* pluricelulares) 168 segs. 171
Método terapêutico catártico 15
Meynert, Theodor 14, 53n-**43**
Migrações dos animais 160
Migrações dos peixes 160
Misticismo 22, 161, 175
Mito da origem do mundo 197n-133
Mitologia 177 segs.
Moção de amor recalcada 34
Modificações do Eu 107
Moral 105 segs. 140
Morrer (imortalidade) 152, 162 segs., 165-170
Morte 167-170
dos pais 100
de entes queridos 110 segs., 115 segs., 166

como objetivo da vida 160-164, 166-167, 171 segs., 180 segs.
natural 166-170, 176
desvios tortuosos para a. 161-163
Morte como objetivo da vida (*cf.* pulsão de morte) 160-164, 166-167, 171 segs., 180 segs.
Motivos
inconscientes 145
participação de outros motivos 148 segs.
Motricidade
vias de acesso à 30, 38, 82, 83
Mudança funcionais de estado no trânsito entre os sistemas psíquicos 26 segs., 31, 49
Mundo exterior 67n-45, 87
retirada / recolhimento / suspensão do interesse do. 79 segs., 89, 104-105, 111
importância / influência do. 51, 76, 137, 151 segs., 163-164, 178
relação do Eu com o. *cf. Eu, relação com o mundo exterior*
sondagem periódica do. 76, 151 segs.
Mundo psíquico alheio 23
Mundo vegetal 22, 163 segs., 167
Multiplicação 170
sexuada 170, 177
não-sexuada 177

N

Narcisismo 45 segs. 80, 100, 109, 116, 171, 174, 178
das células germinais 171
inerente ao estado do sono 79-82, 89
primitivo 45, 79, 108-110
relação com o egoísmo 80
Nascimento (de um irmão) 146, 186n-26

Natureza conservadora do ser vivo 160-164, 166-167, 171 segs., 180 segs.
Necessidade 166 segs.
Necessidade de restabelecer um estado anterior 177, 180
Negação (*cf.* renegação)
no inconsciente 37
relação com o recalque 37
Neurônios 15, 94n-25
Neurose traumática 140
Neuroses traumáticas 139-140, 155-156, 157 segs.
Neuroses 29 segs, 38, 51
características da 45, 79, 99 segs.
comparação com as psicoses 30
narcísica 45, 50
relação com a realidade 47, 77
Neuroses (do tempo) de guerra 139-140, 157
Neurose de transferência 32, 35 segs., 44 segs., 48-50, 89, 109, 111, 144, 172 segs.
Neuroses narcísicas 44, 50
Neurose obsessiva 36, 45 segs., 47, 110
tendência para a. 110
Neurótico (o) (*cf.* histérico; pessoas doentes; neuróticos obsessivos) 41, 110 segs., 140, 147-148, 155 segs.
características do. 146, 158 segs.
Neurótico obsessivo 48

O

Obediência das manifestações da vida a certos prazos determinados (Teoria de *Fliess*) 167
Ódio / odiar (*cf.* amor e ódio) 29, 110
Ofensa / mágoa 110
narcísica 108, 112

real 108, 110
Objeto 171
incorporação do. 100 segs., 109
real e da fantasia (*cf.* realidade e fantasia) 45
relação da pulsão com o. 171
relação com o Eu 45 segs., 51, 111-115, 175, 179
Objeto como substituto do investimento amoroso 108, 110 segs., 114
Objeto de amor 108 segs.
Objeto que nos satisfaz (*cf.* objeto de amor; objeto sexual) 87
alucinação do. *cf.* satisfação alucinatória de desejo
Objeto sexual 173, 175
Observação (*cf.* auto-observação) como fundamento da ciência 40, 135 segs., 175, 178 segs.
Obtenção de prazer 138, 141-143, 147 segs., 156, 159
Olho(s) 46 segs.
Orgânico (o)
e inorgânico 152, 161-162, 166, 178, 180, 198n-134
estrutura química 162, 178
Organismo (*cf.* organismos primitivos)
necessidade do organismo impor-se ao ambiente 137, 162 segs.
Organismos pluricelulares 168 segs., 171, 178
Organismos primitivos 88, 151-152, 161, 166, 168-171, 176 segs., 178
Organização do Eu 138
Organização genital 175
Organização psíquica
mais elevada 39, 40 segs., 43-44, 49, 145, 159
Organizações psíquicas pré-genitais 174
Órgãos (*cf.* órgãos sensoriais)
reconstituição de. 160
Órgãos sensoriais 24, 76, 152 segs.

Orientação dualista da pulsão 171-174
Origem do mundo 197n-133

P

Pai (*cf.* pais)
relação com a criança 34
Palavra 50, 55 segs., 58
objeto 46, 49 segs., 50, 55, 59, 73n-111, 84
no sonho 84 segs.
Parafasia 56
Paralelismo psicofísico 14, 21 segs., 24, 27, 52-54, 136, 149-152, 168, 171
Paralisias histéricas 63n-14
Paranóia 100
Partes de pulsões 138
Passividade
redirecionamento para a atividade 143 segs., 159
Patologia 172
Pensamento reflexivo 86
Pensamentos (*cf.* pensar; intelectual; inteligência; pensamentos do sonho; idéias, representações)
conscientes 47
expressos em palavras (*cf.* processos de pensamento; ligação com palavras) 84-85
transformação em imagens visuais 84, 95n-33
Pensamentos oníricos, latentes / pré-conscientes 47, 81, 83, 84-85
Pensar, pensamento
consciente 20, 49, 51
de forma abstrata (*cf.* abstrato) 51
desenvolvimento do. 49
formas necessárias do. 152
inconsciente 49

relações como parte essencial do processo do. 50
Pensar de forma abstrata 51
Percepção 84-86
consciente 52, 87
do mundo externo 24 segs., 43, 88, 138, 149
externa, equivalência com a realidade 24, 88
interna 24, 88, 138, 149, 181
relação com o Eu 76
relação com o sistema *Cs* 43
relação com o sistema *Ics* 43
relação com o sistema *Pcs* 43
relação com as representações 75, 85, 86
Percepção consciente (*cf.* percepção que a consciência tem dos processos psíquicos) 52, 87
Percepção da consciência (no sentido filosófico) 22 segs.
Percepção interna (*cf.* autopercepção) 24, 88, 138, 149, 181
Percepção que a consciência tem dos processos psíquicos 24 segs., 84, 181
Percepção que os órgãos sensoriais têm do mundo exterior 24 segs., 49, 58 segs.
Percursos da excitação / processos de excitação 84, 150-154, 158, 180
Perda 88, 103-104, 109 segs., 114
Perda da pátria 103
Perda de amor (*cf.* não ser amado; perda do objeto) 108, 146 segs.
Perda de liberdade 103
Perda do objeto (*cf.* perda do amor) 88, 103-104, 107-111, 113-115
Perda no Eu 107, 108, 112
Perda real do objeto 105, 115
Perigo (*cf.* perigo oriundo do mundo externo; risco de vida) 138-139, 162, 178
Perigo / ameaça externa 35, 80, 138, 181

Perigo pulsional 35, 82, 138
Perturbações econômicas 157 segs.
Perturbações do sono 80 segs., 106, 111
Perversão sexual 174
Pessoas doentes (*cf.* lamentos dos pacientes; melancólicos; pessoas normais) 19, 105, 107, 114
Pessoas sadias 19, 21, 30
  comparação com pessoas doentes 19, 41, 103-106, 147
Perturbação na economia energética do organismo 154
Pitagóricos 197n-133
Plasma germinal 168
Polaridades na vida psíquica 174
Posição fetal ao dormir 79
Postergação / demora da descarga / da satisfação 76, 138
Prazer de escoamento / descarga 180
Prazer obtido pela satisfação 165
Prazer / sensações de prazer) 135 segs., 149, 180 segs.
Prazer sexual 180
Pré-consciente (o) 145
  derivados do. 42
  distinção / relação com o consciente 26, 37, 40-44, 51, 158
  relação com a percepção 43
  relação com o inconsciente 31, 34, 37-39, 43 segs., 46, 50-51, 158
  sistema *Pcs* 26, 31-36, 37-39, 41 segs., 49 segs., 81 segs., 87, 115
Pré-disposição, tendência (*cf*. constituição)
  para a afecção melancólica 103, 109
  para a neurose obsessiva 110
Pré-disposição / tendência para a neurose 109
Presente 146
Primeira guerra mundial 139, 142

Princípio de constância (*cf.* tendência à obstinação; anseio por reduzir, manter constante e suspender a tensão interna) 136, 176, 180
forças perturbadoras do. 161, 164, 181
relação com o princípio de prazer 136, 180
Princípio de prazer 38, 136, 138, 142-143, 145, 176, 180 segs.
hegemonia do. 135-139, 143, 145, 148, 153, 156 segs., 158, 180
relação com o princípio de constância 136, 180
relação com o princípio do nirvana 180
relação com a pulsão de morte 180 segs.
relação com a compulsão à repetição 123, 145, 148, 157, 159 segs., 180
substituição do. pelo princípio de realidade 137 segs., 158
tendências além do. 123, 143, 148 segs., 153, 159 segs., 180 segs.
Princípio de não-excitabilidade de sistemas não-investidos 83 segs., 94n-25, 98n-54, 155 segs.
Princípio de realidade 39, 104, 137 segs., 146
execução passo a passo do. 104 segs., 111
Princípio do Nirvana (*cf.* Princípio de Constância) 176
Processo / procedimento dedutivo 22 segs.
Processos de investimento (*cf.* investimento no Eu; carga de investimento libidinal; investimento no objeto) 30, 32-33, 37, 39, 49-51, 82 segs., 88
elevação de nível em. 49 segs.
Processos de pensamento 49 segs., 100
ausência de qualidade dos. 49 segs.
ligação através de palavras (*cf.* pensamentos, transformação dos. em palavras) 49 segs.
Processos de pensamento inconscientes 49
Processo dissimilatório (*cf.* metabolismo) 171 segs.
Processos fisiológicos 14, 54
Processos químicos 21, 178

Processos neurológicos materiais 14, 52-54, 176
relação entre psique e. 26, 52-54
Processo objetivo de julgar (*cf.* teste de realidade) 76
Processo primário 37-38, 47, 49, 75, 84, 158 segs., 180
Processo secundário 37, 49, 76 segs., 158, 160, 180 segs.
Processos psíquicos inconscientes 14-15, 19-24, 27, 29, 38, 52 segs., 114 segs., 150
força dos 38
Processos psíquicos recalcados 25 segs.
Proibições 35
Progresso (*cf.* desenvolvimento progressivo; pulsões que impelem ao progresso, que precipitam para a frente) 161 segs., 165
científico 182
Projeção 80 segs., 153
como exteriorização de um processo interno 36, 80, 88, 153
Prontidão / preparação para o medo 155, 157, 185n-15
Proteção / estruturas protetoras como função do Eu 172
Proteção contra excitações 151-155, 157, 178
Protistas 166, 168 segs., 171, 175 segs., 178
Protozoários 168-170, 176, 195n-99
Prova de atualidade 97n-50
Psicanálise 112, 144, 160
relação com a psicologia 21, 26, 135
Psicologia 15 segs., 21, 27, 52-54, 55, 89, 172
relação com a fisiologia 53-54
relação com a psicanálise 21, 26, 135
Psicologia da consciência 21
Psicologia do Eu 77
Psicologia profunda 179
Psiconeuroses 44, 173
Psique
quadros estruturais da 16, 124

Psíquico
equivalência / não equivalência com a consciência 14, 21, 149
Psicose 30
relação com a realidade 45 segs., 77, 87, 89, 104
tentativa de restituição na. 51, 85
comparação com a neurose 30
comparação com o sonho 85-86, 89
Psicose alucinatória de desejo 85-86, 89, 104
Puberdade 44
Pulsão de apoderamento 142, 162
Pulsão de auto-afirmação 162
Pulsão de autoconservação 137, 162 segs., 173-174, 198n-134
Pulsões conservadoras 160-163, 166, 178
Pulsão de destruição 124, 175 segs., 196n-126, 198n-134
Pulsões do Eu (*cf.* pulsão de autoconservação) 164, 165, 174, 198n-134
relação com a pulsão sexual 165, 172-174, 198n-134
comparada com pulsão de morte 166, 174
Pulsão de imitação 143
Pulsões de objeto 198n-134
Pulsão de morte 162-163, 166, 168 segs., 171 segs., 174-176, 179, 198n-134
igualada com pulsão do Eu 166, 173-174
relação com princípio de prazer 180 segs.
relação com sadismo 175
Pulsão de vida (*cf.* pulsão de autoconservação) 106, 163, 166, 171 segs., 174, 177 segs., 179, 181
relação com a pulsão de morte 181
comparada com Eros / libido / pulsão sexual 106, 163, 166, 171, 174, 198n-134
Pulsões libidinais 80, 173-175, 198n-134
Pulsões parciais 162, 174 segs., 180

Pulsão sádica 175 segs.
Pulsão sexual 33, 137, 163, 165, 168, 171, 174-176, 194n-90, 198n-134
relação com pulsão do Eu 165, 172-174, 198n-134
igualada com Eros / libido 172 segs., 198n-134
origem da. 177-178
componentes da. 174 segs.
igualada com pulsão de vida 106, 163, 166, 171, 174
resistência da. 164
caráter de repetição da. 147, 166, 176-178
Pulsões 158, 164, 172
caráter regressivo das. 166, 178
conservadoras 160-163, 166, 178
essência / característica das. 29, 158, 160, 166, 172, 178, 180
não-libidinais 173 segs.
que impelem para a mudança e desenvolvimento 160, 165, 173 segs.
que impelem ao progresso / que se precipitam para a frente 160-161, 164-165
pulsões básicas 172
relação com o afeto 30 segs.
relação com o objeto 171
relação com os sistemas psíquicos 25, 28 segs., 43 segs.
relação com o inconsciente 28 segs., 42
relação com a compulsão / coação à repetição 160 segs. 166, 176
relação das. com a inteligência 163, 164
relação das. com o estímulo 158
ver também:
Pulsão de agressão
Pulsão de apoderamento
Pulsão de destruição
Pulsões eróticas

Pulsão de auto-afirmação
Pulsão de sociabilidade
Pulsões do Eu
Pulsão de vida
Pulsões libidinais
Libido
Pulsão pelo poder
Pulsão de imitação
Pulsões objetais
Pulsões parciais
Sadismo
Prazer de olhar
Pulsão de autoconservação
Pulsão sexual
Pulsão lúdica
Pulsão de morte
Representante da pulsão
Moções pulsionais inconscientes
Pulsão primeva
Moções pulsionais recalcadas
Pulsão de atingir a completude
Pulsão por reunificar
Pulsão de atingir a completude 165
Pulsão de unificação 165, 178 segs., 198n-134

Q

Quantidade na condição de fluxo 15
Quantidades de energia (*cf.* intensidade; pontos de vista econômicos; pontos de vista quantitativos) 152, 155 segs.
Quantidades de estímulos 152 segs., 176
Quantidade(s) de excitação 32, 152-154, 157
manutenção em nível baixo das. 136, 180

Quantidade(s) de investimentos / intensidade de carga de investimento 34, 36 segs., 41, 42, 50, 81 segs., 154 segs., 181
deslocamento da. (*cf.* carga de investimento, transferência de; atar / ligar; deslocamento de carga de investimento; deslocamento da libido) 37, 39, 47, 84, 158
partes da. (*cf.* energia de carga de investimento, atada / livremente móvel; distribuição da libido) 39
Qualidade
do investimento 50 segs.
e quantidade 30 segs., 136, 154 segs.
Quota de afeto 29

R

Raças humanas
diferenças das. 40 segs.
Rank, Otto (*cf.* Bibliografia) 95n-33, 108
Realidade
alteração da. 67n-45
e aparência 24, 59
e fantasia 45, 75 segs., 86 segs.
equivalência com percepção do mundo externo 24, 88
psíquica 38, 45, 87
relação da psique com a. 38, 76 segs., 87, 106 segs.
Realidade interior (psíquica) 38, 45, 87, 88
Realidade psíquica 38, 45, 87, 88, 105
Realização / satisfação alucinatória do desejo 79, 84, 87, 156
Realização do desejo 83, 86
no sonho 83 segs., 85-86, 140 segs., 156 segs., 160
Recalcado (o) (*cf.* recalque original) 42, 145
relação com as formações substitutivas 46
continua existindo no inconsciente 29, 45
suposição tópica e funcional do. 27 segs.

inconsciente 145 segs
relação com o Eu 145
relação com o inconsciente 19, 25, 31, 42
oposição dos impulsos recalcados 82 segs.
resistência do. 145
Recalque (*cf.* calcar *a posteriori*) 29 segs., 32, 35 segs., 40 segs., 44, 45, 49-51, 76, 82, 89, 138, 145, 148, 172
da quota de afeto 28-31
objetivo do. 29, 35
suspensão / levantamento do. 27, 42, 145
manutenção da atividade / do esforço do. 32, 82
propriamente dito 31 segs.
etapa preparatória do. 42, 50
força do. 36
tópica e dinâmica do. 31-36, 89
relação com o mecanismo de defesa 35 segs.
relação com a consciência 42
relação com a sublimação 164
relação com a negação 37
da idéia que representa a pulsão na psique 28-31
característica / essência do. 19, 32
Recalque original 32 segs.
Receio 139, 185n-15
Reconstituição biológica de um órgão 160
Reconstituição / reprodução
de estados primitivos dos seres vivos 166
de órgãos 160
de um fragmento da vida sexual infantil 144-146, 156, 160
Recordações / lembranças (*cf.* memória; lembrança-de-coisa) 54, 140, 144
conscientes 27, 39
fixação das 140

latentes 20, 53-54
reprodução de. (*cf.* reprodução de fragmentos da vida sexual infantil) 114, 144-146, 160
inconscientes 27, 86 segs.
Re-direcionamento / volta
contra a própria pessoa 108, 110 segs., 116, 175, 179
da passividade para a atividade 142 segs., 159
Redução das excitações 176
Registros / *locus* das idéias / representações nos sistemas psíquicos 26-27, 31, 39, 41, 49
Regressão 38, 83-88, 109-111, 175
do desenvolvimento da libido 79, 115 segs.
do desenvolvimento do Eu 79 segs., 83
temporal 79, 83
tópica 83-84
Regressão à identificação 101, 110
Regressão às coisas 85
Regressões temporais 79, 83
Regressões tópicas 83-84
Reitler, Rudolf 48
Reivindicações / demandas / exigências / pressões pulsionais 36, 80 segs., 83, 88, 138 segs.
domação / domesticação das. 181
Rejuvenescimento 169, 171, 176, 197n-129
Relação / ligação pais-criança (*cf.* complexo de Édipo) 145
Relação médico-paciente (*cf.* transferência na psicanálise) 45, 144-146, 160
Relação prazer-desprazer 135-137, 143 segs., 145, 153 segs., 159, 180 segs.
Relações como parte essencial dos processos de pensamento 50
Relações de funcionalidade entre as atividades psíquicas 42, 180
Relações entre irmãos 146, 186n-26

Relações entre representações 29, 33 segs., 48-51, 54, 55-60, 85
Relatos de casos de doentes, exemplos (*cf.* Bibliografia) 46-48
Remoção dos estímulos de maneira reflexa 38, 154
Renegação (*cf.* negação) 76
  na psicose 88
  da realidade 76, 88
Renúncia à satisfação pulsional 142, 165
Renúncia ao objeto (*cf.* renúncia) 45, 116
Renúncia
  como sintoma neurótico 35, 45
Renúncia pulsional 138, 142
Repetição 146 segs., 166, 177
  idêntica de uma história contada 159
  das primeiras experiências psíquicas 159 segs. 164 segs.
  da brincadeira 141 segs., 159
Repetir em vez de recordar 144 segs., 147
Representação-de-coisa 49-51, 55
Representações-de-objeto (*cf.* representação da coisa do objeto; representação-de-coisa; representação-de-palavra) 55, 58 segs., 85, 114
  conscientes / inconscientes / pré-conscientes 49-50, 81
Representação-de-objeto inconsciente 50 segs., 81
Representação-de-palavra 49-51, 53, 55 segs., 58 segs., 84 segs., 96n-38
Representação inconsciente da coisa do objeto (*cf.* representação-de-objeto; representação-de-coisa; representação-de-palavra) 73n-111, 114
Representação motora da fala 56 segs.
Representações motoras de palavras 56 segs.
Representações sensoriais, localização das 53-54
Representante pulsional 28 segs., 36, 37
  continua existindo no inconsciente 30

idéia que representa a pulsão 28 segs., 36
inconsciente 28 segs., 86
recalcado 86
Reprodução sexuada (*cf.* reprodução) 166, 170, 176 segs.
Reserva energética 152
Reservatório da libido 173 segs.
Resíduos da lembrança-do-objeto (*cf.* imagens visuais) 86
Resíduos de palavras 46-51
pré-conscientes 50
Resíduos frescos e atualizados das percepções 84
Resistência 19
a serviço do princípio de prazer 145
do Eu 145 segs., 148
do inconsciente / do recalcado 145
nas análises 144
nos processos excitatórios 151
superação da. 19, 27, 42, 144 segs.
Resquícios / restos diurnos 81-84, 158, 160
Retirada da libido 32, 45 segs., 48, 89, 104 segs., 108 segs., 110 segs., 114 segs., 173
Retorno
do mesmo 147 segs.
retirada minuciosa da libido 104 segs., 111, 114-115
Risco de vida / ameaça à vida (*cf.* perigo) 139, 155
Ritmo 164
Rückert, Friedrich 182

S

Sadismo 110, 174 segs.
relação com o masoquismo 175
Satisfação
postergação / retardamento da. 137

não ocorrência da. 87, 138, 146 segs.
anseio / aspiração a obter (*cf.* princípio de prazer) 165
Satisfação narcísica 114
Satisfação pulsional 165 segs.
Satisfação substitutiva 138
Schiller, Friedrich 195n-101
Schreber, Daniel Paul, Presidente do Senado 74n-117
Seleção / escolha narcísica de objeto 108, 111
Sensação de inervação da palavra 56 segs.
Sensação de triunfo 112-113
Sensações (*cf.* afetos; sentimentos; prazer; desprazer) 30
intensidade das. 181
Sentimentos (*cf.* afetos; sensações) 28 segs.
inconscientes 28 segs.
Sentimento de culpa / consciência de culpa 101, 156
relação com a melancolia 101
Sentimentos de inferioridade 146
Sentimento-de-si 146
Sentimentos de ternura 146 segs.
Sexualidade 164
noção da 172, 178
Sexualidade, surgimento da 176 segs.
Significado da palavra 57, 58
Significado das conexões psíquicas (*cf.* Interpretação dos sonhos) 22
confirmação da. na psicanálise 144
Simbolismo sexual 48 segs.
Símbolo do pênis 48
Simmel, Ernst 140, 184n-11
Si-mesmo (o) 197n-133
Síntese do Eu 138
Sintoma 19, 42

Sintomas motores 139 segs.
Sintomas obsessivos 44
Sintonia do inconsciente com o Eu 44
Sistema *Cs* (*cf.* sistema da percepção *P-Cs*) 25-27, 30-31, 33, 35 segs., 38-40, 87 segs., 149-153
relação com a atenção 72n-95, 75 segs.
relação com a percepção (*cf.* percepção-consciência; percepção; relação com o Eu; sistema percepção) 43
como superfície do aparelho psíquico 149, 150-153
Sistema *Ics* 16, 25 segs., 27, 30-31, 33-40, 44 segs., 49, 81, 88, 158
relação com o recalcado 19, 25, 32, 42
relação com o pré-consciente 31, 33, 37-39, 42, 46, 49-51, 158
Sistemas psíquicos 25 segs., 41-42, 75, 82 segs., 87, 88 segs., 111, 114, 145, 149-150, 155
relação com a pulsão 25, 28 segs., 42 segs.
trânsito entre os. 23, 24-28, 31 segs., 40 segs., 43-44, 49, 51, 82-84, 89, 115
Sistema *Pcp* 87 segs., 190n-52
relação com a atenção 72n-95, 76
Sistema *Pcp-Cs* 87-88, 149 segs., 152
Sistema nervoso 15, 151
lesão orgânica do. 59, 139, 155
Sistema nervoso central 150
Sobre-Eu 102
cerne núcleo do. 102
Sobre-investimento de carga / sobreposição de camada adicional de carga de investimento 43, 46, 49, 104, 155, 157
Sobre-investimento narcísico 157
Sociedade psicanalítica de Viena 48, 99 segs.
Sociedade de Pesquisas Psíquicas 16
Sofrimentos subjetivos 139
Sol (importância na história da evolução da Terra) 161, 167

Soletrar 56, 58
Soma 167 segs., 170, 173
Somático e psíquico 14, 20 segs., 70n-75, 154 segs., 160 segs., 171
Sonambulismo 83
Sondagem periódica e prova das amostras do mundo externo 76, 152 segs.
Sonho(s) 20, 21, 38, 45, 79 segs., 89, 103, 140
  capacidade “diagnóstica” do. 80
  caráter visual do. 47, 84
  como projeção 80
  como protetor do sono 80, 156
  comparação com esquizofrenia 47 segs., 84 segs.
  comparação com a psicose 85-86, 89
  condensação no. 84
  deslocamento no. 84
  durante as análises 84, 156
  egoísmo do. 80
  elaboração secundária no. 85
  enormemente aumentado 80
  falas novas e palavras no. 84 segs.
  figurabilidade no. 84 segs. 159
  incitadores do. 81
  na neurose traumática 140, 148 segs., 156
  natureza hipocondríaca do. 80
  personagens das cenas do. 80
  realização do desejo no. 83 segs., 85-86, 140 segs., 156 segs., 159
Sonhos nas neuroses traumáticas 156 segs.
Sonhos de punição 156
Sono 75, 79-82, 89 segs., 111, 156
  redução da censura no. 80-82, 84
Subconsciente 23, 63n-14

Subjetividade e objetividade 24
Sublimação 165
relação com o recalque 165
Substituição da realidade 38, 45
Substituição por deslocamento 33 segs.
Sugestão na psicanálise 144, 156
Sugestão pós-hipnótica 21
Suicídio 100, 111 segs.
Superfície primitiva (proteção contra afluxos de excitações) 150 segs.
Super-homem 164
Susto 139 segs., 155

T

Tancred (em *Gerusalemme liberata de Tasso*) 147
Tasso, Torquato 147
Tausk, Viktor (cf. Bibliografia) 48
Técnica psicanalítica 144
Tempo e espaço 152
Tempo médio de vida / duração da vida (cf. imortalidade) 167-169, 171
Tendências / impulsos hostis (cf. de agressão; de destruição; componentes pulsionais destrutivos) 100 segs., 110 segs., 142
Tendência à estabilidade 137 segs.
Tendência à obstinação 194n-95
Tendência de descarga 38
Tensão 162, 181
processamento da. 154, 165, 176, 181
prazerosa 181
anseio por reduzir, manter constante e suspender a. 135, 162, 176
Tensão desprazerosa 135
Tensão provocada por estímulos 176

Tensões que precisam ser exauridas 176 e segs.
Tentativa de fuga
  realizada pelo Eu 50
  das reivindicações pulsionais 34-35, 80 segs., 165
Teorias científicas 14, 20 segs., 32, 53 segs., 178, 179 segs., 182
Teoria da formação do sonho 81, 89
Teoria da libido 157, 171-174
  transferência de processos biológicos para a. 171, 196n-126, 198n-134
Teoria das pulsões 172, 174, 178 segs., 196n-126
  dualista 52, 171-174
  monista 174
Teoria do choque 155
Teorias especulativas / especulações 135, 149, 152, 164, 179
Teoria monista das pulsões 174
Teoria psicanalítica 19-24, 32, 40, 103, 109, 135, 149, 152, 161, 172-173, 175, 178-179, 182 (*cf.* também os comentários dos editores 13-17, 75 segs., 99-102, 123 segs.)
Teorias sexuais 172, 178
Termos psicológicos 20 segs., 53, 55, 75, 99
Termos fisiológicos 21, 179
Termos neurológicos 15 segs., 75, 94n-25, 99
Termos químicos 179
Terra como um dos quatro elementos 172
  história evolutiva da. 161
  surgimento da vida na. (*cf.* vida) 168
Teste de realidade 39, 75 segs., 86-89, 104, 107, 111
Tópica
  do sistema *Pcp-Cs* 149, 151-152
  do recalque 31-36, 89
Tornar-se (o) consciente 150
  condições necessárias para o. 41 segs., 50, 87

processos psíquicos inconscientes / representações 19, 27, 30, 42, 114-115, 144
dos atos psíquicos pré-conscientes 25, 40-41
Tornar-se (o) consciente (como qualidade) 42
Tornar-se (o) consciente dos processos psíquicos 19, 21, 27, 83, 86, 144
Traços de memória (*cf.* traços de lembrança) 149
Traços duradouros provenientes das excitações 149 segs.
Trabalho do luto 104-105, 114, 115
Trabalho / elaboração do sonho 30, 84, 158
Trabalho interior do melancólico, comparação com o trabalho do luto 105, 114-115
Trabalho psicanalítico 20, 43, 45, 112
objetivo terapêutico / metas do. 144-145
sucessos / insucessos / dificuldades do. 20, 27 segs., 45 segs., 112, 144 segs., 146, 160
Tragédia 143
Transferência 45, 144, 148 segs. na psicanálise 144, 147
Transferência a serviço da resistência 148
Transformação de energia 152, 155
Transformação dos pensamentos em imagens visuais 84, 86, 95n-31
Transformação do afeto 29
Trauma/experiências traumáticas 115, 139 segs., 153, 156-157

U

Unicelular (*cf.* organismos primitivos) 168-169, 171, 195n-99
Upanishads 197n-133

V

Vagina 48 segs.
Vergonha 106

Versões normais / modelos prototípicos das afecções patológicas 79, 103-106, 109, 112, 115
Vestígios de representações 114
Viagens de trem 157
Vida 161
  origem da 162-163, 166, 176 segs., 178
  tendência à estabilidade (*cf.* princípio de constância) 136 segs.
  manifestação da inércia 160 segs.
  características ancestrais e iniciais da substância viva 168 segs.
Vida amorosa (*cf.* sexual) 107 segs.
Vida animal 160 segs., 163-164, 167
Vida orgânica 160-163, 166-171, 176 segs., 180
  elasticidade 160
  natureza conservadora da. (*cf.* princípio de constância) 160-165, 166 segs., 170 segs., 180 segs.
  tendência à inércia 160 segs.
Vida psíquica
  relação com o orgânico 159
  polaridades da. 174
  tendências da. 137, 176, 180
Vida psíquica infantil (*cf.* impressões da infância) 159
Vida sexual infantil 146 segs.
Vingança 110, 142 segs.
Vontade 53

W

Weismann, August (cf. Bibliografia) 169 segs.
Wernicke, Carl 53
Wilamowitz-Moellendorff, U. de 197n-131
Woodruff, L. L. 169 segs.

Y

Yajnavalkya 197n-133

Z

Zeus 178

Preencha uma ficha de cadastro no
www.imagoeditora.com.br
e acompanhe o lançamento dos próximos volumes das
OBRAS PSICOLÓGICAS DE SIGMUND FREUD

Composto e impresso nas oficinas gráficas da
IMAGO EDITORA